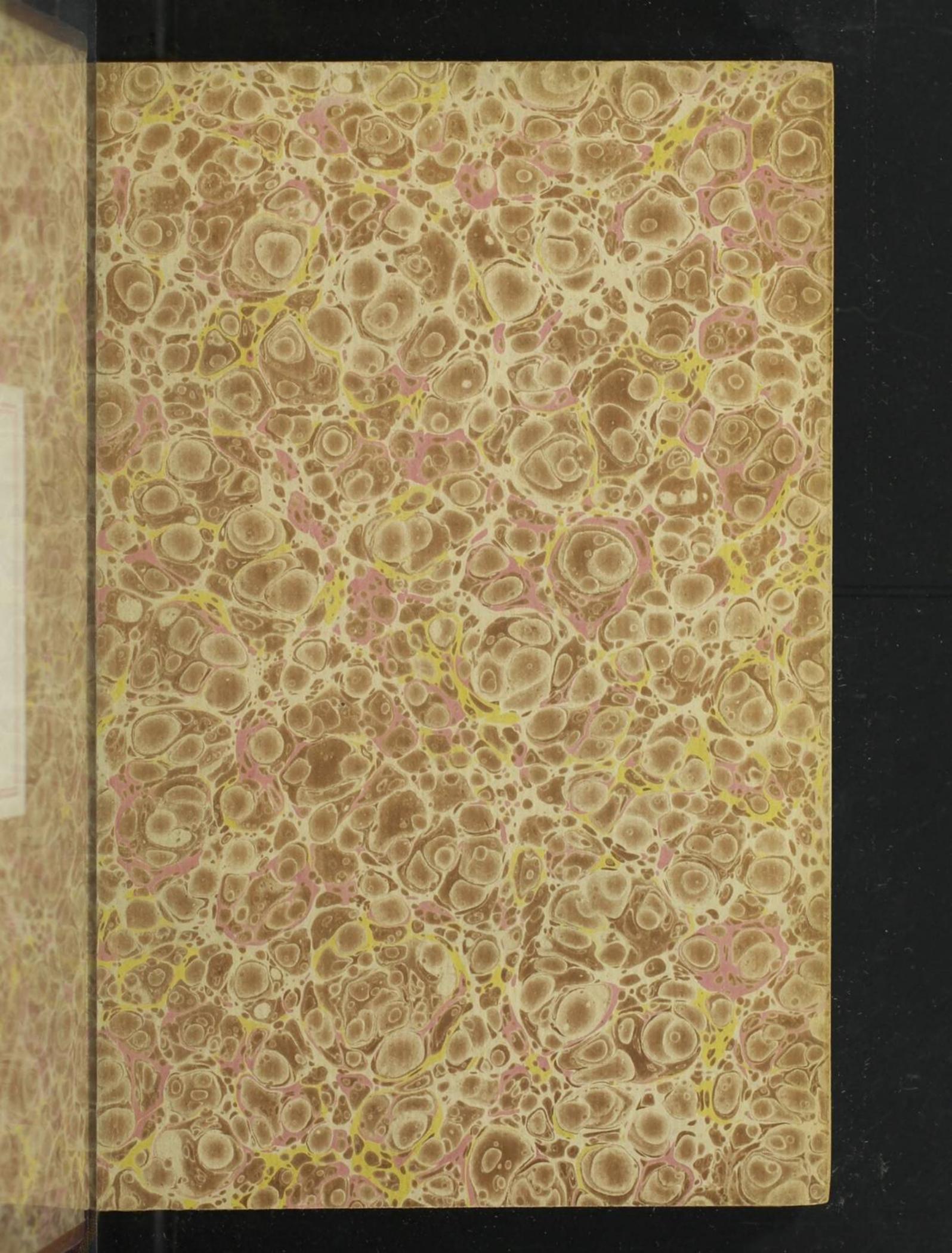




Le ne fay rien
sans
Gayeté

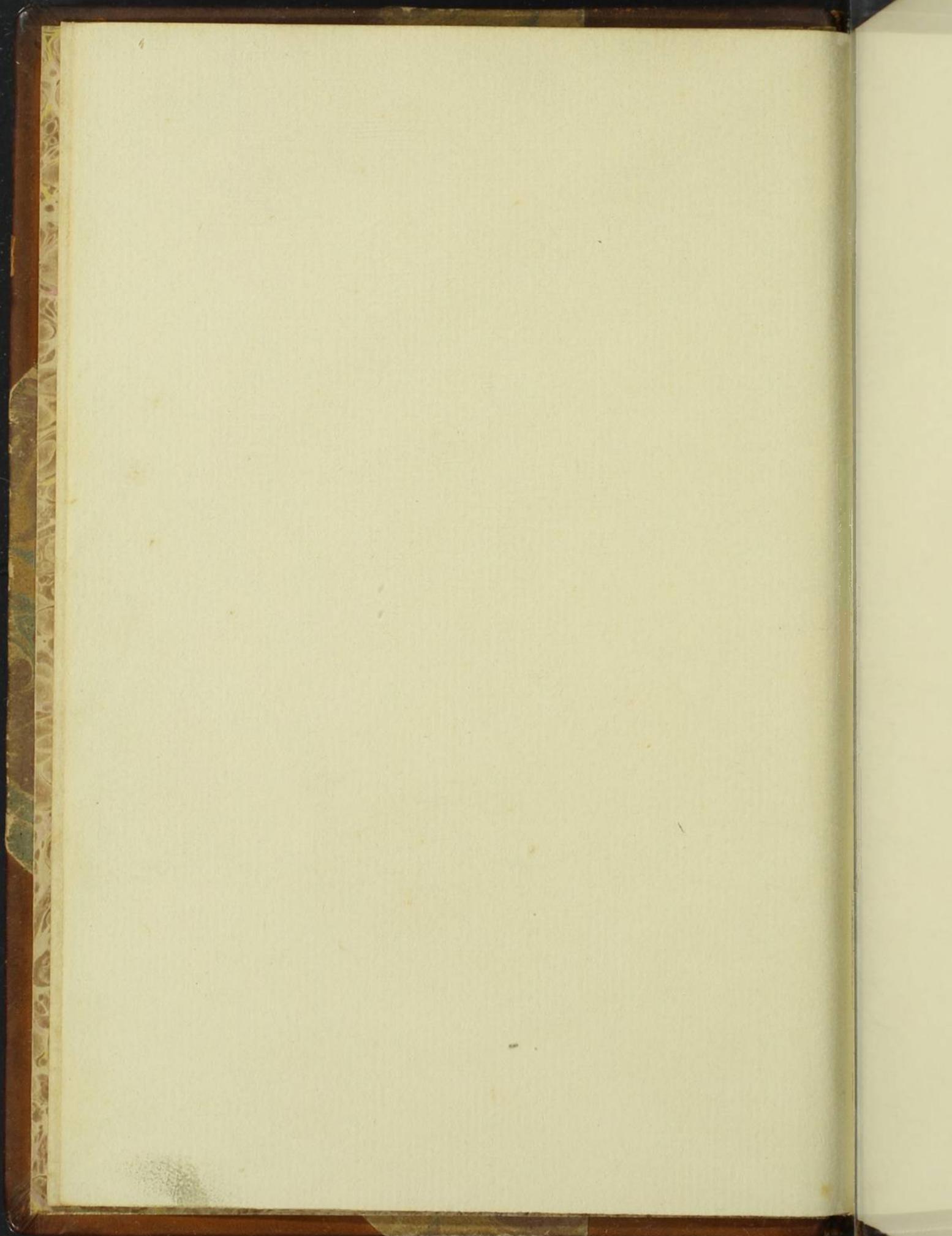
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

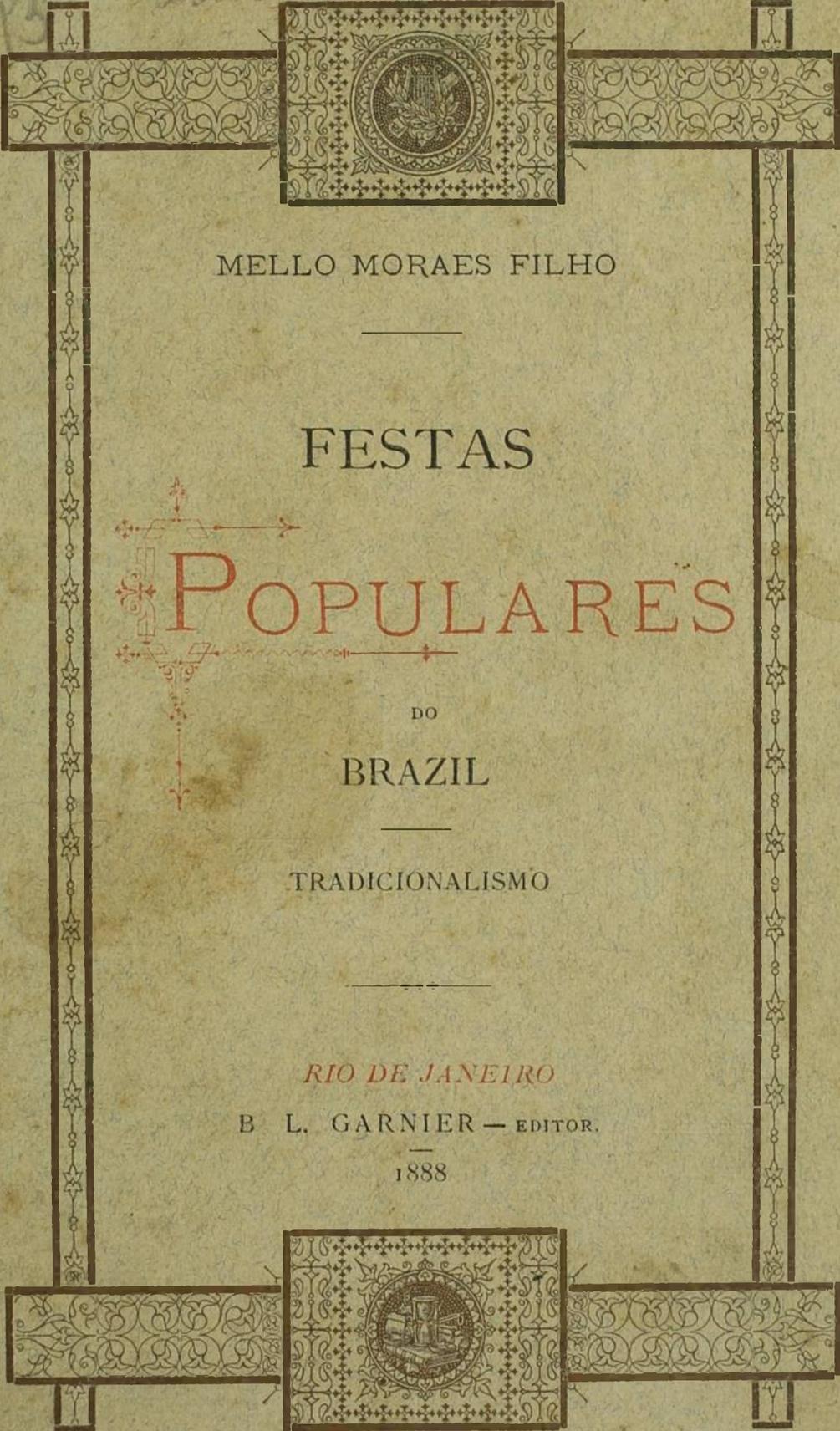


L. PROULLEZ

P
9974

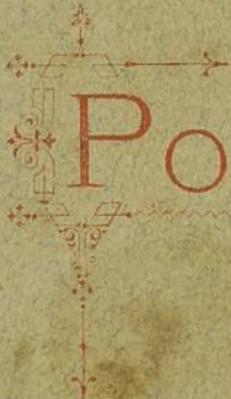


A de Hottel



MELLO MORAES FILHO

FESTAS



POPULARES

DO

BRAZIL

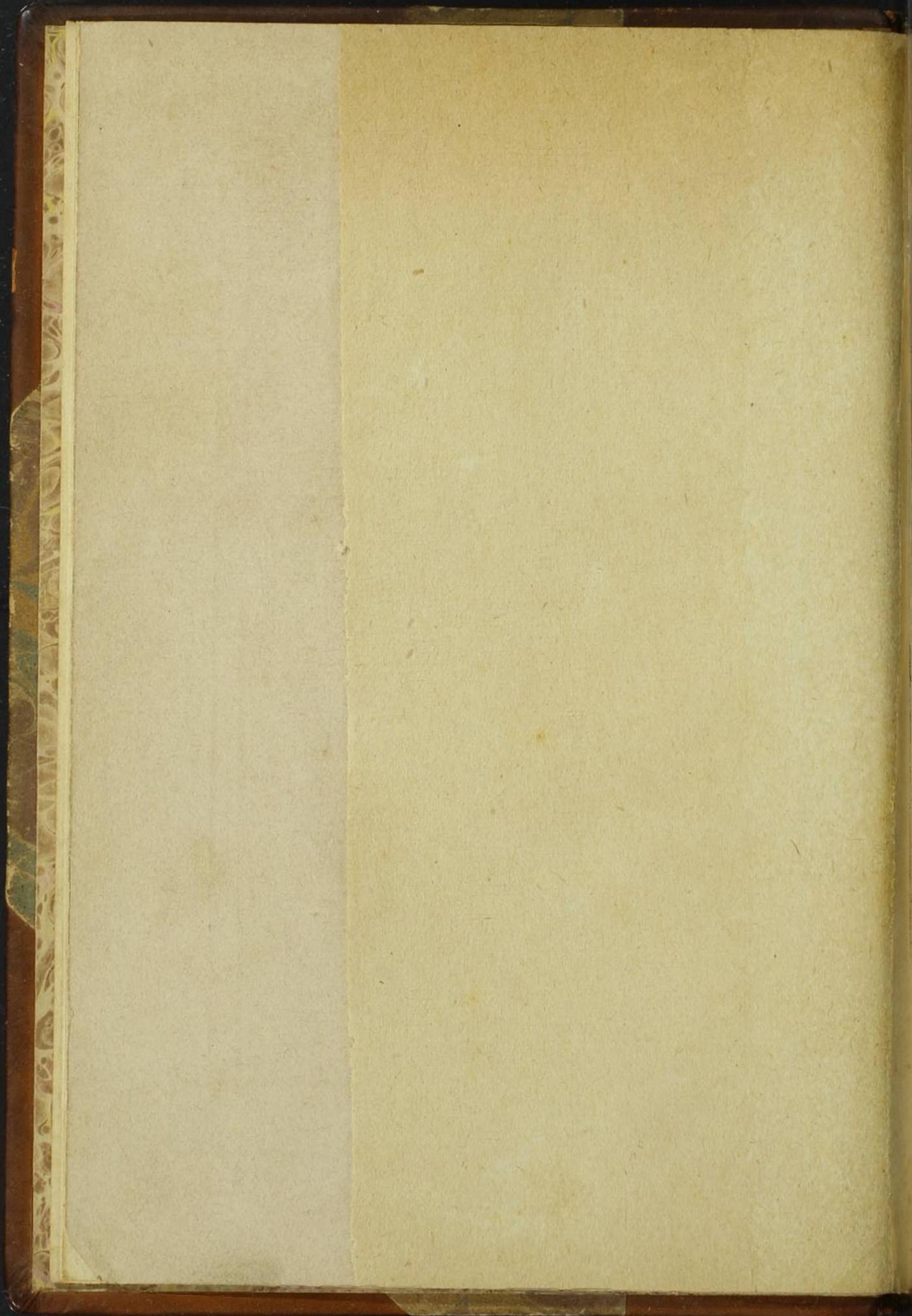
TRADICIONALISMO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER — EDITOR.

1888





POPUL

A' Illustrada Redacção do "Jornal
do Commercio."

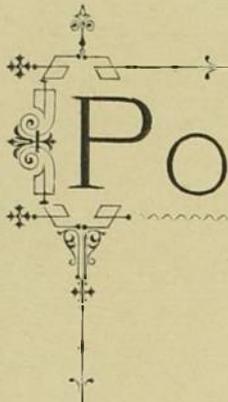
M -

Mello de Souza Filho

FESTAS
POPULARES
DO
BRAZIL

MELLO MORAES FILHO

FESTAS



POPULARES

DO

BRAZIL

TRADICIONALISMO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER — EDITOR.

—
1888

BARÃO DE C

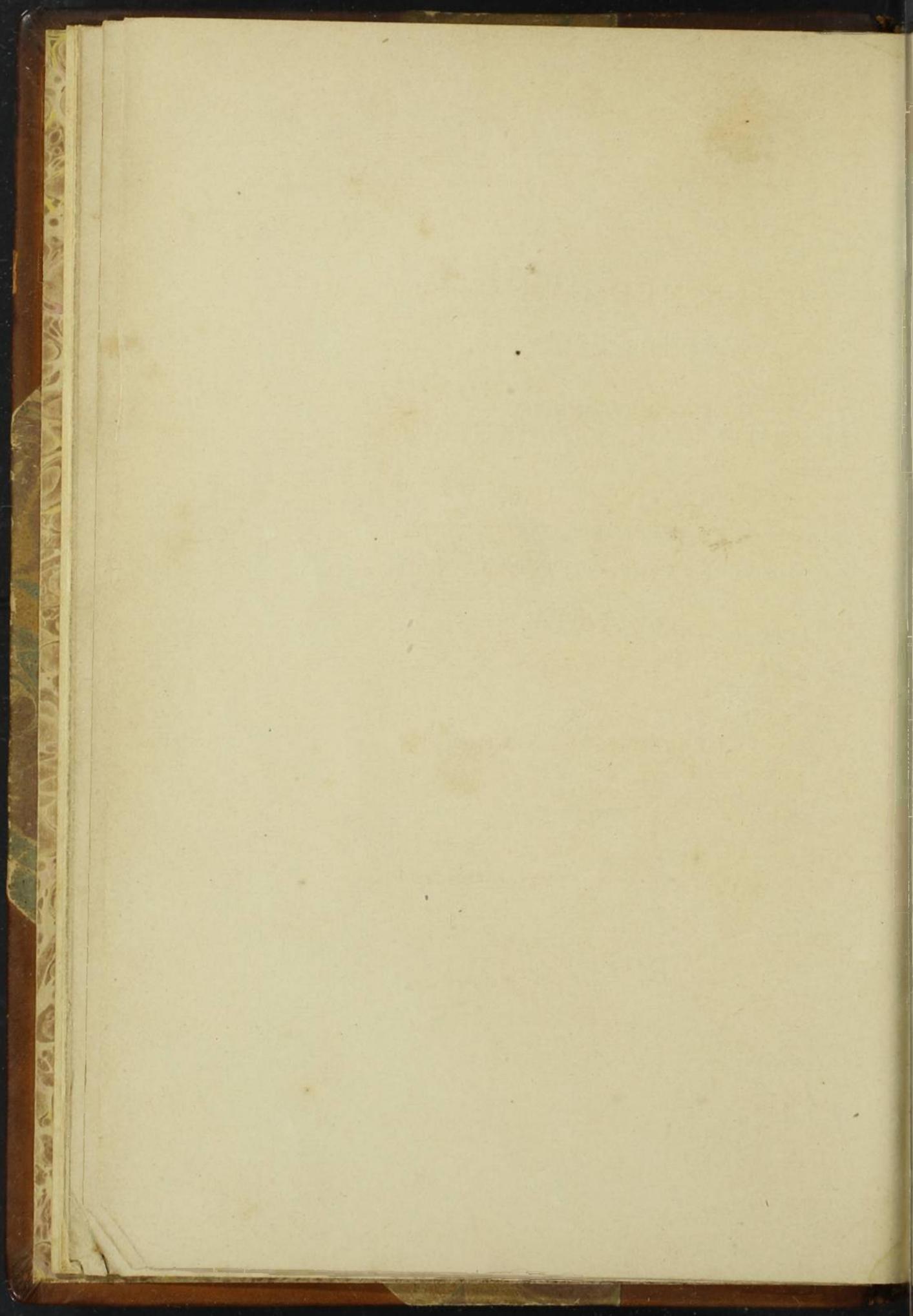
O paratudo supradito
Ex. a corte de Brazil de
politicas, e o governo
qualidade de estadista
deste pais.

Ao Excellentissimo Senhor

BARÃO DE COTEGIPE

*O passado suspende sobre a fronte de V.
Ex. a corôa de bronze das immortalidades
políticas, e o presente apregoa as levantadas
qualidades do estadista á reedificação moral
deste paiz.*

MELLO MORAES FILHO.



LOS ANGELES

FRANCIS

L. J. P...

L. J. P...

FRANCIS

AOS MEUS AMIGOS

OS

Notaveis escriptores

FRANKLIN TAVORA

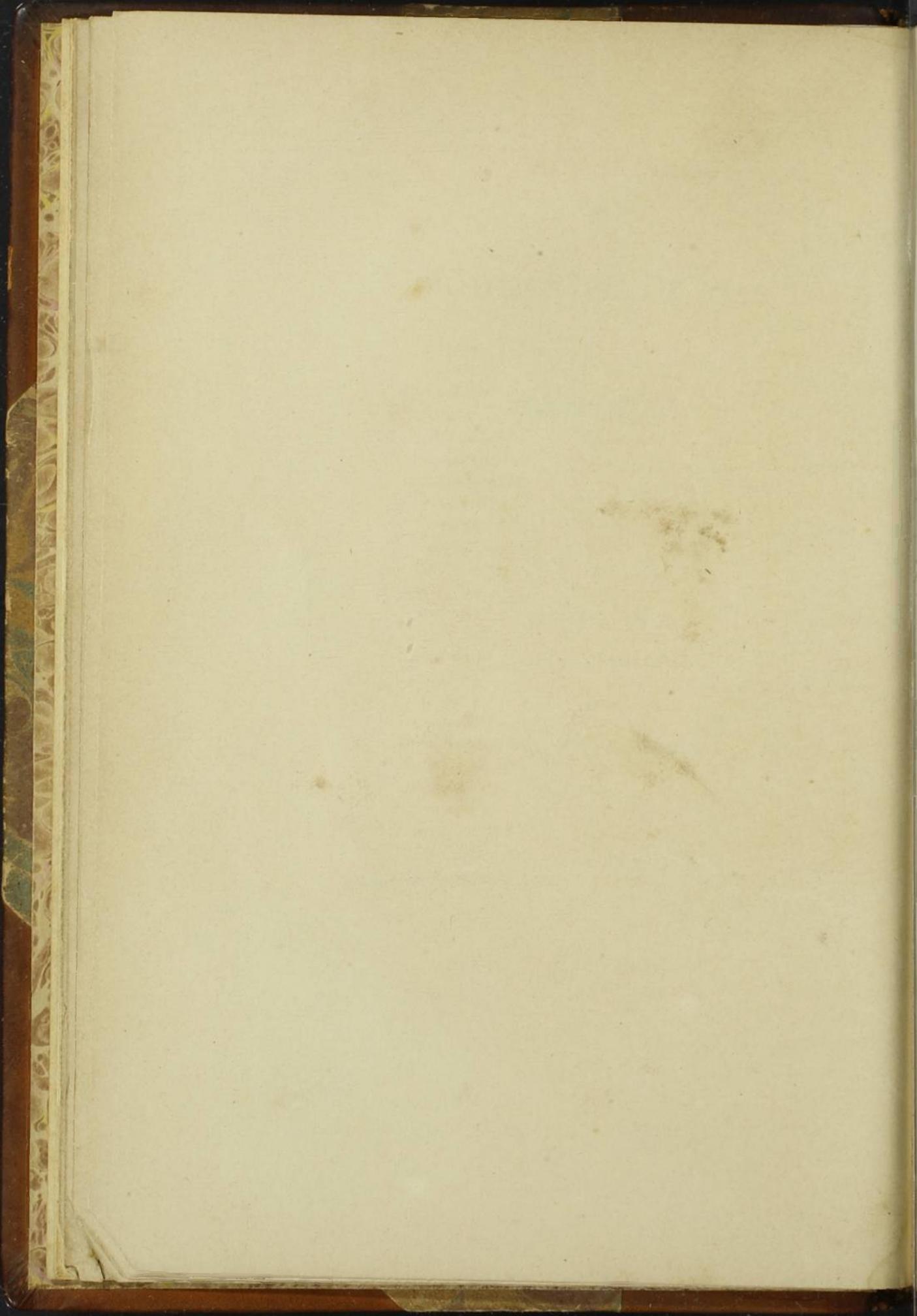
J. SERRA

L. J. PEREIRA DA SILVA

E

FERREIRA DE ARAUJO

MELLO MORAES FILHO.



1
 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 11
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100

CORRIGENDA

<i>Pag.</i>	<i>linha</i>	<i>erro</i>	<i>emenda</i>
7	19	portico de	portico do
7	33	baihano	bahiano
15	1	Termiaando	Terminando
19	3	a arvore	da arvore
22	23	chegando no	chegando ao
45	4	antropophago	anthropophago
53	25	semilhante	semelhante
54	25	seguiam	seguia
57	32	empalledecidos	empallidecidos
58	5	alvoraçaram	alvoroçaram
59	6	da Saturnaes	das Saturnaes
63	26	manigfico	magnifico
65	6	Souza	Fonseca
67	28	saracuteando	saracoteando
69	1	Troin	Trouin,
79	6	bruxoleavam	broxoleavam
80	8	trazdas	traz das
80	31	sachristias	sacristias
80	33	confessionarios	confissionarios
106	29	estravagante	extravagante
117	18	á musica	a musica
118	20	levanta-se,	levantou-se,
126	24	penachos,	pennachos,
132	22	criança,	crianças,

I - A ...
II - A ...
III - S ...
IV - O ...
V - O ...
VI - Q ...
VII - S ...
VIII - A ...
IX - C ...
X - A ...
XI - O ...
XII - O ...
XIII - O ...

INDICE

I — A noite de Natal (Bahia).....	I
II — A vespera de Reis (Bahia).....	17
III — S. Sebastião (Fundação da cidade do Rio de Janeiro).....	37
IV — O Entrudo (Bahia).....	49
V — O Carnaval (Rio de Janeiro).....	59
VI — Quinta-feira Santa.....	79
VII — Sexta-feira da Paixão (A procissão do Enterro).....	89
VIII — A festa do Divino.....	99
IX — Corpus-Christi (A procissão de S.Jorge)	119
X — A vespera de S. João	129
XI — O Dous de Julho (Bahia)	141
XII — O Sete de Setembro.....	155
XIII — O dia de Finados (Rio de Janeiro)....	165



I

A noite de Natal

(BAHIA)



As canções populares, apropriadas ás festas e ceremonias da Igreja, a começar do seculo XIII, desenvolveram-se em esphera mais ampla e com attitude mais autonómica.

Distanciando-se dos cantos puramente liturgicos, encontra-se todavia n'esse genero de composições, de character religioso, a adaptação de sentimentos profanos; de sorte que o pensa-

mento profano e o pensamento religioso n'ellas se alternam, não apagando de todo, porém, o relevo artistico de seu typo de origem.

Poesia de collaboração anonyma, o seu valor é consideravel como contribuição ao estudo de phases poeticas e do ideal religioso, que, não ha negar, é a atmosphaera physiologica da razão popular.

Os autos e *cheganças* da noite de Natal remontam-se ao alvorecer da idade média, época em que os *nataes* — producções em verso destinadas a celebrar o nascimento de Jesus, confundiam-se com as composições sagradas: e que os trovadores e menestreis, seguindo as procissões solemnes, os iam exhibir nas *lapi-nhas*, em visita ao Messias no presepe de Bethlém.

Então esses personagens, vestidos de pastores e reis Magos, dedilhando as cordas de seus instrumentos, dansavam e cantavam as suas dansas e canções, representavam os seus *mysterios* diante do berço de palhas do Messias das nações.

No meio d'essas scenas pittorescas, d'esses dramas infantis, a poesia imitativa tocava ao seu apogêo, por isso que a grande nova emprestava no lyrismo voz aos animaes, *que expandiam as suas alegrias* pelo nascimento do Deus Menino.

Em seus louvores, o cõro era unisono, os tocadores de cythara partiam nos arpejos cordas vibrantes, e os poetas entregavam-se ao fervor piedoso de suas innocentes inspirações.

Mais tarde os Bretões adoptaram esses usos, que se generalisaram na Europa, variando na fôrma, mas conservando o fundo da tradição.

Taes costumes, até a primeira metade d'este seculo, reflectiram seu caracter antigo na musa popular da Hespanha e Portugal, passando-se d'este ultimo paiz para o Brasil com as primitivas lévas colonisadoras.

As *janeiras* dos campos, aldêas e cidades da metropole, essas usanças tão gratas aos nossos maiores, essas noites de Natal da nossa terra, que o vulto das invasões estrangeiras, descravando dos horizontes a derradeira estrellá, entenebreceará em breve, arquejam para morrer nas provincias do norte; e os seus écos, de geraes que eram, apenas se fazem ouvir n'aquelles centros, felizmente improfanados, ou nos céos da Bahia — o lar classico das tradições nacionaes

Ahi a noite de Natal ainda é uma reminiscencia que consola; um sonho de quem adormece em sua patria, ao perfume inebriante e selvagem das mangueiras em flor!...

Os sinos da freguezia repicam, annunciando a missa; o Terreiro alveja nos torços de cassa das mulatas e crioulas chibantes; os adros do Collegio, de S. Domingos e S. Francisco, apinhados de devotos, são os apriscos d'aquellas ovelhas despertas.

Os tocadores de violão preludiam chulas e toadas; os cantadores, que acompanham os concertistas ambulantes, cantam quadras apropriadas, versos opportunos.

Os escravos de bons senhores enchem espaços circumscriptos, das algazarras dos batuques, das matinadas dos *canzás*, das dissonancias atroadoras de seus *tabaques* grosseiros.

Aqui e alli, uma porta range nos gonzos e fecha-se: são as familias que, precedidas do chefe, encaminham-se ás igrejas, vagarosas, rusguentas, interminaveis...

A cidade e os arrabaldes ostentam-se magníficos pelo movimento que os anima, pelas musicas que se executam de varias casas, pelos presepes floridos que se avistam de fóra.

Como uma cadêa de prata, cujos élos partidos encontram-se nos ares, assim são os tinidos tremulos dos pandeiros; como as vibrações de uma gargalhada convulsiva, que cresce e decresce para recommençar de novo, assim são os estalos gradativos das castanholas.

Os bailes pastoris, que desenham com mais firmeza os traços physionomicos da noite de Natal na Bahia, executam-se nas habitações remediadas e pobres, e nos palacios dourados da opulencia.

E' que n'esta noite a sorte diffunde igualmente os seus risos pela trilha afanosa do proletariado e pelas alamedas em que a fortuna espalha os seus bens!

Atravez das grades de páo dos postigos esburacados, os clarões que coam, parecem as chrysalidas de ouro, de onde se desatam as melodias que voam...

Os bordões argenteos dos violões, contrastando com os dedos negros dos tocadores

crioulos; as pastoras bronzeadas e da côr do ebano, dansando, cantando e dialogando em frente de um presepe de galhos de pitanga; aquellas mulheres de turbantes vistosos, adornadas de colares, braceletes e pedrarias, delectam e transportam melhor a imaginação ás regiões do Oriente, á patria do sol.

Dir-se-hia que aquelles bustos fundidos de trévas e de crepusculos morenos, fizeram parte da comitiva dos reis de Sabá, da Persia e da Babylonia á mensagem de Bethlém; que aquelles clamores, erguidos por um povo de raças diversas, nada mais eram do que o éco enfraquecido, por quasi dous mil annos, do rumor das caravanas dos Magos com o seu sequito de reis vencidos, odaliscas e captivos, com seus camelos que se ajoelhavam ao peso das resinas e do ouro, dos amuletos e dos diademas de cem dynastias, para offertarem ao Deus nascido — A'quelle que tinha de fazer desaparecer os brilhos das noites do Oriente e levantar em esplendores as manhans frias e orvalhadas do Occidente!

Na noite de hoje, os bailados mais ou menos ricos, os presepes mais ou menos caracteristicos, falam ao ideal das classes diferenciadas: as trovas incultas são descantadas, os *autos* ineditos desempenham-se á porfia, e a Missa do Gallo constitue o objectivo de algumas familias que se retrahem, e dos individuos que observam os ritos do Natal.

A partir de 8 horas, nas casas de tratamento, as polkas e valsas estuam nos salões; as luzes

profusas dardejам raios de ambar ; as encantadoras bahianas deslumbram, gyrando nas dansas elegantes, e os repentistas laureados glosam mottes aos applausos justissimos.

Em quadra mais remota, esses grandes mestres de toda a poesia do improviso chamavam-se Moniz Barretto, Dr. Symphronio O. Alvares Coelho, Laurindo Rabello, A. de Mendonça, João Freitas, Dr. Luiz Alvares dos Santos e tantos outros, que eram os poetas da religião, da patria e da familia.

D'estes apenas existe o Dr. Symphronio, que, quasi estranho á geração actual, ahi vive ignorado, mas nunca na admiração expansiva de quem, como Franklin Doria e o obscuro escriptor d'este livro, inclinam-se ante o prestigio glorioso de seu nome e á superioridade resplandecente de seu talento.

No salão repleto de rosas e fantasias, alentado ao sopro dos cantos dos dias nacionaes, o presepe alteia-se magestoso, com suas arcadas vegetaes e aromaticas, seu horizonte largo e azul, sua lua transparente e sua estrella legendaria.

Adiante de uma paizagem sem arte, de arvoredos de pinho pintado, fileiras de casinhas brancas estendem-se, confinando com duas fortificações encimadas por tropas francezas, guardadas de peças de artilheria, tendo aos angulos atiradores, que disparam espingardas ou calam bayonetas.

As ruas são na generalidade pouco populosas, a menos que algumas figuras, fornecidas pela quinquilharia franceza e allemã, não se

lobriguem salteadas, mais vulgarmente zuavos e mouros.

O chão é sulcado de pastagens e espelhos fingindo lagos, sobre esses lagos patinhos e peixes de vidro, cordeirinhos e cabras, tudo sem nexo, disparatado.

A' direita estão S. José e a Virgem, que apresenta o Menino aos tres reis Magos, seguidos de aldeões e lavadeiras com trouxas de roupa á cabeça, e de pastores tocando gaitas e sanfonas.

Pequenos lampeões de gaz, repuxos, pharóes e moinhos de vento, completam a vista geral d'essa cidade, onde a imaginação pouco exigente dos festeiros colloca o berço de Jesus.

De instante a instante, os convidados que dansaram e os convidados que chegam, aproximam-se ; dos que entram, alguns suspendem ás folhagens, que se abraçam no apice, formando o portico de presepe, flores nativas, fructos sazonados, ou depõem na superficie plana dadas de primor

De repente, um arrufar de pandeiros e adufos, um estalar ardente de castanholas, um planger de violões e guitarras, um respirar macio de frautas, cahem como uma vaga no feerico recinto, envolvendo n'uma nuvem sonora o animo predisposto da assembléa

Os circumstantes, afastando-se para os lados, deixam um claro á passagem dos figurantes dos bailes pastoris — dramas que, apesar de não serem feitos por poetas de profissão, conservam-se, com a sua melodia musical, nos archivos oraes do povo baihano, por isso que

exprimem crenças e sentimentos que primitivamente o embalaram.

Sem aviso prévio, como saber-se quantos se representam e suas denominações?

Será o *Baile da Liberdade*, o do *Filho prodigo*, o de *Um marujo*, o da *Lavadeira*, o de *Cupido*, o de *Oito pastores e um guia*?...

Será um ou mais, visto como podem executar-se até tres, elevando-se o seu numero a cincoenta, com certeza, todos com motivos diferentes, musicas especiaes, protogonistas distinctos?...

E a frauta, preludiando accórdes conhecidos, dá signal de entrada ao *Baile das quatro partes do mundo*...

N'este auto, como em todos os outros de que temos noticia, o rythmo assemelha-se ao dos psalmos e canticos da liturgia romana, pela maneira por que a expressão faz resaltar as palavras, notando-se devéras a entoação e disposição melódicas apropriadas aos textos.

E os pandeiros tinem .. As moças, vestidas de branco, chegam-se mais perto; os que conversavam ás janellas, voltam-se rapidos, e, de costas para a rua, encruzam os braços, traçam a perna, attentos, calados.

Nas praças e nas ruas a multidão passeia tumultuaria: nas azas d'aquelle borborinho, d'aquelles tropeis nas calçadas, o grito imitativo do canto do gallo sóbe e esvae-se, no meio de algazarras insensatas, de tumultos ephemeros.

E os pandeiros arrufam, e a orchestra ensaiada dos bailes é mais estridente...

A' guisa de prologo, como preparo do drama, a Europa vai começar a peça.

Fantasiada com esmero, sacudindo a poeira da alvorada de seus cabellos louros, parecendo não ter mais de onze annos, uma menina, em terceiro passo de dança, apparece, quebrando alternativamente os flancos, inclina-se diante do Menino Deus, desviando-se após, bailando, parando, cantando :

Eu venho adorar contente
Ao Menino Deus nascido,
Sacrificar o meu peito
Aos seus amores rendido.

E, virando-se para o presepe e para o auditorio, declama graciosa a lôa obrigatoria :

Europa toda vos rende
As grandezas que em si tem,
Pois só a vós reconhece
Ser um Deus e Summo Bem.

Respeitando as *rubricas*, tendo as vestiduras características, correctamente ensaiados os cantos que precedem a recitação das lôas, apresentam-se successivamente a Africa, a Asia e a America, que, aos triumphos espontaneos cantam e declamam :

AFRICA

Como senhora do universo
Vos tributo humilhação,
As potencias de minh'alma
De todo o meu coração.

Lôa

Africa, terror do mundo,
Soberba e vangloriosa,
Para adorar ao Messias
E' humilde, é amorosa.

AMERICA

Com profunda adoração
Adorar venho ao Messias,
Filho do Eterno Padre
E da bemdita Maria.

Lôa

As bellas preciosidades
Que em si a America cria,
Todas vos entrego, Senhor,
Com grandeza e bizarria.

ASIA

Com humilde reverencia
Os pés te venho beijar,
A minh'alma e o meu corpo
Nas tuas mãos entregar.

Lôa

Asia fiel te offerece
Todos os seus cabedaes,
E maior offerta faria
Se possuisse inda mais.

Depois d'esta lôa, empenha-se um debate
entre as Quatro Partes do Mundo, que disputam
entre si preferencias de logar, de força, de anti-

guidade, sabedoria e riqueza, no acolhimento de suas oblações á embaixada de Bethlém.

Esse dialogo é de uma simplicidade tocante, de uma religiosidade que faz reviver as flores das crenças mortas da infancia, que mirraram-se ao entardecer da vida.

As luzes tremem nas vestimentas de pennas e veludo, nas pulseiras e nas lentejoulas que faiscam...

A melopéa inicia-se agradável, pouco variada, sem estylos correctos...

Ao ouvir-se as notas d'essa musica monotona e um tanto solemne, essa accentuação de quem tem na garganta o gorgueio de todas as aves, a modo que se sonha, ao balanço quieto da rêde, ás margens de algum rio das nossas florestas virgens!

Os assistentes nem fallam; compenetrados da scena que se desenrola esplendida, parece que contemplam absortos o frontispicio chromatico da epopéa da Redempção.

O dono da casa, com sua roupa de brim branco e gravata vermelha, e a senhora, com seu vestido de musselina, lencinho de seda ao pescoço, obsequiosa, folgazan e boa, procuram a companhia das moças e das pessoas mais velhas, com as quaes distribuem finezas em abundancia.

As crias de estimação e as mucamas postam-se nos corredores; emmoldurados nos caixilhos da alcova fechada, arregalando uns olhos pasmados, comprimindo o nariz chato e a boca vermelha contra o vidro que embaciam com o

halito, os moleques e as negrinhas espiam o espectáculo e somem-se, avistando o senhor.

Quasi meia-noite, os sinos repicam a miudo, as igrejas abrem-se aos fieis, a Missa do Gallo não tarda no altar.

O povo tumultúa; na varanda, o barulho dos pratos denuncia os preparativos da lauta ceia.

O drama das Quatro Partes do Mundo tende á catastrophe. A Asia, a Africa e a America, não se conciliando, intervem um arbitro para decidir do pleito.

E' um personagem, de longa tunica cinzenta, decrepito, empunhando uma fouce, encaminha-se lento e alquebrado para a scena: — E' o Tempo.

Seu gesto é grave e a sua palavra energica.

O TEMPO (*falando*)

N'aquelle ponto escondido
Estive ouvindo o vosso enfado,
Asia tem muita razão
No seu falar apressado.

EUROPA, AMERICA E AFRICA

Quem és tu, meu velho honrado,
Que tanto a Asia defendes?

TEMPO

Sou o Tempo estragador,
Creio que agora me entendes.

TEMPO

O que for de vosso gosto
Sujeito á vossa vontade ;
Prompto estamos, haja pois
União e amizade.

TODOS

Agora formemos baile
Das Quatro Partes do Mundo.

TEMPO

Eu alacaiando a elle
Serei o Tempo jocundo.

TODOS

Com prazer, com alegria,
Todos com voz sonora,
Tributem hymnos a Jesus,
E á Virgem Nossa Senhora.

O TEMPO (*cantando*)

Eu, como o Tempo que sou,
Me prostro mais reverente,
Pois nasceste n'este mundo
Para salvação da gente.

TODOS (*cantando e dansando*)

Reconheço a vós
Um Deus das alturas,
Senhor do universo
E das creaturas.

E um estrondo de palmas faz estremecer o salão... e uma chuva de flores, como um banho de perfumes, desaba sobre os actores, inundando o palco, que se transforma em um tapete iriado e de vaporosos aromas.

Esgotado o intervalo de uma hora, em que a sala esvasia-se, porque a ceia estava servida, a ouvertura do *Baile da Lavadeira* convida os espectadores do auto anterior para esta segunda representação.

E correm todos ao recinto deixado, que se modificára com accessorios multiplos: montanhas, a horta de Benta, etc.

As pastoras ajustam costumes bonitos e singelós, fluctuam-lhes ao chapéo de palha fitas estreitas e de colorido vivissimo: nos arregaços da saia curta pequenos topes de flores vicejam mimosos; do braço de cada uma pende uma cestinha com as offerendas ao Menino.

Os pastores, com trajes no mesmo gosto, agitam nodosos cajados, á voz da primeira Lavadeira, que, descansando n'um cepo, arriando uma gamelinha de roupa, modula suave, ao tom dos violões transportados, o verso de introduccão :

Antes que o sol saia
Hei de madrugar,
Nas margens do rio
Onde eu vou lavar.

.....
.....

Termiaando o baile, uma nuvem de passaros, como um bando de ciganos, emigrava, ás opalescencias do amanhecer.

E os pastores e lavadeiras, tocando em retirada com as suas dadivas e seus louvores, a harmonias rythmadas, cantavam, desaparecendo :

A barra do dia
Já vem clareando...
Que bello Menino
Na lapa chorando...

E nos braços d'essas cantilenas adormecera por mais um anno a noite de Natal da minha terra — o lar classico do individualismo patrio e das tradições nacionaes !...





II

A vespera de Reis

(BAHIA)

HA dias no anno em que o povo precisa fazer-se criança. Contrariar esta lei, é tornal-o triste, desgraçado.

Essa bemaventurança popular, esse esquecimento momentaneo das lutas pela vida, só a religião largamente proporciona, visto como exclusivamente ella algema as dores que as sociedades desencadeiam nas contingencias immediatas, nos acontecimentos decisivos.

Festas populares

A politica, que, não sendo exercida por individualidades culminantes, é officio de vadios, não absorve esse gigante de cem faces, que vive porque combate, que não morre porque é de uma complexidade que se regenera no tempo, no clima e na acção.

Em qualquer dos estados, a crença tem para o povo estrellas que o illuminam, horizontes que abrem-se em alas, grinaldas de primavera que lhe perfumam e ensombram a frente nas calmarias da existencia.

Dos dias de que falamos são succedaneos aquelles em que a patria commemora os seus feitos, relembra as suas glorias.

Viajámos sete annos e fomos hospede da Inglaterra, da França e da Belgica: n'esses paizes, quanto amor á obra do passado, quanta fidelidade á tradições seculares!

E serão estas, por ventura, mais bellas ou menos ridiculas do que as que recebemos de Portugal, que associou-se com desgarre á evolução produzida pelo christianismo, na poesia, na sciencia e nas artes, desde os primeiros vagidos da idade média, influindo-lhe no progresso, fecundando-lhe as legendas, nobilitando-se na antiguidade de seus costumes?

Entretanto a Europa conserva e affaga o que possui, e nós nos envergonhamos do que nos honra e define!

Dos acontecimentos ensanguentados de nossa historia politica e dos periodos brilhantes de nossa litteratura, nem mais nos lembramos; perdemos as nossas tradições e as nossas festas,

ficámos sem ellas e sem outras que as suppram!

E' que vamos sendo pacificamente reconquistados.. E a arvore das nossas tradições, cuja sombra alongava-se por todo o paiz, sopro de inverno prematuro despe-lhe as folhas e a impelle para o aniquilamento...

Ainda um instante amparando-a na sua quéda, assistamos a uma vespera de Reis em nossa provincia.

A vespera de Reis na Bahia é um corollario da noite de Natal. São irmãs quanto á origem, differindo na vida de relação.

Para os homens que estudam, o interesse de differenciação entre as festas do Natal no Brazil e suas congeneres no estrangeiro, é enorme. Na Europa ha um unico factor, que é o elemento nacional; entre nós ha tres: o elemento branco ou portuguez, o africano, e a resultante de ambos — o mestiço.

Do modo por que elles contribuíram e se consubstanciam; do caldeamento esthetico que dá o colorido local a costumes que se foram modificando desde a colonia, resalta o encantamento ethnographico, a feição nacional.

Da noite de Natal, que se passa nos templos e nos domicilios; dos bailes pastoris — a poesia popular erudita — e dos salões soberbos; desçamos ás praças e ruas, e observemos o povo que se diverte em ranchos nomadas, presenciemos as *cheganças* ao ar livre, e o singular espectáculo do *Bumba-meu-boi*, auto inculto, que se representa mais vulgarmente nas humildes e francas habitações dos arrabaldes.

Na Bahia, os presepes, os bailes de pastoras e os descantes de Reis, prolongam-se até o carnaval. — E' o tempo das mangas, das musicas e das mulatas!

Da noite de hoje em diante, os cantadores de Reis percorrem a cidade, cantando versos de memoria e de longa data.

Esses ranchos compoem-se de moças e rapazes de distincção; de negros e pardos que se extremam, ás vezes, e se confundem commumente.

Os trajés são simples e iguaes: calça, paletó e colete branco, chapéo de palha ornado de fitas estreitas e compridas, muitas flores em torno, etc.; as moças, de vestidos bem feitos e alvos, de chapéos de pastoras; precedendo-os na excursão habilissimos tocadores de serenatas.

Levando-lhes talvez vantagem pelas ondulações do andar, pelo arredondado das fórmulas lascivas, pelos dentes de perolas em bocas de onix, ou orvalhos matinaes nas rosas do amanhecer, as crioulas e mulatas acompanham os seus pares, tremendo-lhes o seio por baixo de um nevoeiro de rendas finissimas, estalando a chinelinha preta e lustrosa, atirando com negligencia o panno da Costa, matizado e carissimo.

Mulheres e homens, meninos e meninas, batem, ao compasso da musica, leves pandeiros, ou tocam, nas mãos entreabertas e suspensas, castanholas que atroam.

Destoando do concerto magnifico, lá cresce o rancho dos *cucumbis*, que são negros e negras

vestidos de pennas, rosmando toadas africanas e fazendo barbaro rumor com seus instrumentos rudés.

Dos *cucumbis* não sabemos o rumo.

Os ranchos, ao fogo dos archotes, ao som das frautas e violões, dos cavaquinhos e pandeiros, das cantorias e castanholas, dirigem-se: ao presepe da Lapinha, a casas conhecidas em que se festeja o Natal, ou tiram Reis á aventura do acaso.

A partir de nove horas começam a desfilar os primeiros bandos. Embora prevenidas, as casas que os têm de receber conservam a porta fechada, não obstante os dramas pastoris e as dansas estarem em actividade.

Chegando um delles ao ponto convencio-nado, á casa em que deve entrar, a musica preludia o canto, que rompe, seguido de córos:

O' de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis,
Lá das bandas do Oriente
São chegados os tres Reis.

Do lethargo em que cahistes,
Acordai, nobres senhores,
Vinde ouvir noticias bellas
Que vos trazem os pastores.

Nesta noite tão ditosa
E' bom que vós não durmais,
Porque tão alta ventura
Não é justo que percais.

Vinde ouvir simples cantigas
De grosseiros camponeses,
Das aldeias conduzindo
Cordeiros e mansas rezes.

As serranas enfeitadas,
De prazeres vêm saltando;
Os mancebos e os velhinhos,
Todos, todos vêm chegando.

O' senhor dono da casa,
Quer que lhe diga quem é?
E' um cravo de amarantho
Com sua açucena ao pé.

Senhora dona da casa,
Mande entrar, faça favor,
Que dos céos estão cahido
Pinguinhos d'agua de flor.

Inda bem,
Ha de vir!
Que somos de longe
Queremos nos ir...

Depois destas e de muitas outras trovas classicas, a porta abre-se, o rancho entra, e, chegando no presepe, entôa novas canções a novos acompanhamentos:

Bravo, bravo, bravo!
Hoje é quem brilha,
O Verbo Humanado
Deus de maravilha.

E ficam ou seguem, depois de comer e beber do que se lhes offerece.

Emquanto na cidade baila-se e tira-se Reis, em remoto povoado executa-se uma *chegança*.

E' um largo espaçoso. Junto á matriz ha um palanque, uma especie de coreto, sanefado e agalado, com muitas arandelas, de dimensões desaffrontadas, realmente bonito.

A' luz das *cabeças de alcatrão*, que fumam, fincadas aqui e alli, os espectadores, em bancos e cadeiras; em esteiras, no chão, algumas familias mais modestas, com suas escravas e crias.

A musica entretem o povo em multidão, tocando peças faceis, chulas, fandangos.

O vigario, o juiz de paz, o mestre-escola e as altas influencias do logar conversam sobre eleições, discutem politica geral e local.

Nesse interim o palanque adquire um aspecto attrahente e encantador: da caixa desse theatro de improviso vêm ao proscenio *Christãos* e *Mouros*, que começam a *chegança*.

As *cheganças*, no norte, são autos de numero restricto, em que toma parte certa classe popular de pequena elevação.

Os *Marujos* e os *Mouros* intitulam-se os de que temos noticia; constantemente reproduzidos por occasião das festas de Reis, na Bahia, Pernambuco e Alagôas.

Na dos *Mouros* os interlocutores são muitos, as musicas distinctamente variadas, sendo o entrecho da composição um combate de abordagem entre christãos e turcos.

Depois que termina a ouvertura e serenam as palmas com que o auditorio acolhe os artistas, o espectáculo principia, acompanhado de gestos, de versos cantados, de dansas bamboleadas.

Destaquemos dos *Mouros* um trecho.

PILOTO

Entrega-te, rei mouro,
A essa nossa religião,
Aqui dentro desta não
Ha um padre capellão.

REI MOURO

Entregar-me não pretendo
Em meio de tanta gente;
Eu sou filho da Turquia,
Tenho fama de valente.

Brigam os dous, e o Rei mouro, vencido, cahe aos pés do Piloto e canta :

REI MOURO

Mande-me chamar um padre,
Que quero me confessar ;
Esta ferida é mortal,
Della não posso escapar.

O Piloto dá neste sentido as suas ordens, e o padre se aproxima.

O Rei mouro, vendo-o, põe-se de joelhos, e entôa com graça e malicia :

REI MOURO

Senhor padre, me confesse,
Que sou filho do peccado ;
Eu sou como *chamechuga*,
Quando péga, estou pegado.

E logo, fingindo desmaio, dá um tombo, correndo em seu auxilio o contra-mestre.

CONTRA-MESTRE

Vinde cá, Laurindo,
Vai depressa na botica,
Traga lá a medicina
E vê bem como se applica.

As scenas succedem se interessantes e instrumentadas, concluindo-se o auto com esta quadra do piloto :

PILOTO

O' não-fragata, ó não-fragata,
Eu vou te perguntar,
Se este bregeirinho
Sabe commandar...

a que todos respondem em côro, retirando-se :

Gentes, que terra é aquella,
Terra de tanta alegria ?
E' o largo do Bomfim,
Vamos adorar Maria.

Emquanto os actores e o povo dispersam-se em lufa-lufa, ao clarão dos fogaréos, em Itapa-

gipe, Rio Vermelho, Nazareth, etc., o *Bumba-meu-boi* e a *Burrinha* constituem as delicias de nucleos festivos.

O *Bumba-meu-boi* é o divertimento da canzoada, da gente de pé rapado.

Tirai da vespera de Reis o *Bumba-meu-boi*, e estai certos de que roubareis á noite da festa o que ella tem de mais popular em todo o norte do Brazil, e de mais nosso, como assimilação de producto elaborado.

Este auto de character grotesco, em duas scenas, entremeiado de chulas, de dialogos patuoscos, e desempenhado por personagens extravagantes, é tudo quanto ha de mais curioso no tempo de Natal.

Contaram-nos que no Ceará e Piauhy, terras de gado e vaqueiros, a originalidade desse drama, que tem por protagonista um boi, é extraordinaria.

No geral, as peripecias são animadas, o cortejo do boi é apropriado, e em quasi todas as localidades esses espectaculos são dados em casa; excepcionalmente, o boi dança nas praças publicas.

A distribuição da peça é a seguinte: O Boi, o Tio Matheus, a Tia Catharina, o Surjão, o Doutor, o Padre, o Vaqueiro e o Amo; na Bahia e Alagôas, accrescem — o Secretario de Sala, o Rei, e Figuras, que dansam, jogam espada e fazem de Côro.

Cada interlocutor tem o vestuario mais esquiatico: é uma mascarada.

O Rei, o Secretario de Sala e as Figuras, envergam capa e calção, trazem na cabeça corôa

e capacetes prateados, meneiam espadas de páo, tocando, tres ou quatro, violas e raramente outros instrumentos.

O Boi é um arcabouço feito de laminas de pinho, coberto com uma colcha de chita, implantada no pescoço curto e um tanto triangular a cabeça pintada, com os competentes chifres.

Essa armação é levada ás costas de um individuo, que, deixando-a cahir, esconde-se de baixo, durante a representação.

E' para as bandas da Boa Viagem... Os lampeões reflectem luzes vivas nas ruas extensas, e as casas de humilde apparencia conservam a porta escancarada até tarde, até muito tarde.

Na sala, ao balanço da rede, o pai de familia julga-se feliz, acercado da mulher e da prole, que, á flamma do candieiro, escutam de uma velha escrava os contos da *Madrasta*, do *Pedro Malas-Artes*, da *Moura Torta*, etc.

Outras ha em que o Menino Deus, já de pé no presepe, mostra-se com sua camisinha de cambraia e cajadinho de ouro.

Nestas, as cantigas de Reis correm á porfia e sempre sonoras.

De subito, interrompendo as historias do tempo antigo, quebrando os descantes dos alegres pastores, um grito estridulo, como o da locomotiva em distancia, prolonga-se nos ares, parando com estrondo :

— Eh!... boi!

E todos chegam ás janellas e ás portas, dando com os olhos em um vulto que ergue um ar-

chote e descansa ao hombro uma vara de agulhão.

E, ao granizo da chamma, segundo grito fende o espaço, partido da boca pintada de vermelho de um cabra, tatuado de preto, de carapuça encarnada:

— Eh!... Airoso!

E' o Tio Matheus, que, adiante do *Bumba-meu boi*, previne a redondeza da aproximação do rancho.

De feito, minutos depois passa elle com a sua musica tradicional, seu boi galhardamente aranjado, e seu pessoal escothido e completo.

No fim da rua param a uma porta, afinam as violas e cantam:

Aqui estou em vossa porta
Com figura de raposa,
Eu não venho pedir nada,
Mas o dar é grande cousa.

Senhora dona da casa,
Bote azeite na candeia;
Me perdõe a confiança
De mandar na casa *aêia*.

Abri a porta,
Se quereis abrir,
Que somos de longe
Queremos nos ir.

A porta abre-se, e a casa é invadida pelos foliões, á excepção do Matheus, o Boi e o Vaqueiro, que aguardam ordens.

A VESPERA DE REIS

A familia e os vizinhos, que acodem pressurosos, fazem roda ; accendem-se mais velas, as violas tinem e o negocio principia :

O SECRETARIO DE SALA, *dansando e cantando*

Oi ! da prata e do ouro
Se faz o metal !
Oi ! a sala dos Reis
E' p'ra nós festejar !

CÔRO

Oi ! a sala dos Reis
E' p'ra nós festejar. .

O REI, *sentando-se em uma cadeira*

O' meu secretario de sala !

SECRETARIO

Sou humilde para attender ao vosso chamado.

REI

E' preciso ver se não se acha aqui no nosso reinado uma peça para alegrar o coração desta gente, que está piáo-piáo, como a mandioca lavada em nove aguas.

SECRETARIO

Vossa... vôla!...

E o Secretario canta e dança ao côro das Figuras.

SECRETARIO

Moça que está na janella,

CÔRO

Olha bamba, bambirá;

SECRETARIO

Namorando o que não viu,

CÔRO

Olha bamba, bambirá;

SECRETARIO

Olha a querem maltratar,

CÔRO

Olha bamba, bambirá;

O SECRETARIO

Olha o filho que não parece,

CÔRO

Olha bamba, bambirá...

SECRETARIO

Oh! meu S. Benedicto,
Que do mar vieste...

CÔRO

Lê, lê, lê!...

SECRETARIO

A canôa virou
Lá no fundo do mar,

CÔRO

O diabo da negra
Não soube remar.

Ahi, em tons accelerados e fortes, cantam e esgrimem espadas, o Rei com o Secretario, e as Figuras entre si, vindo sorrateiramente o Tio Matheus occupar a cadeira do Rei.

SECRETARIO

Olha fogo, olha guerra;

CÔRO

Fogos em terra;

SECRETARIO

Olha fogo no mar;

CÔRO

E' p'ra nos guerrear;

SECRETARIO

Fogo faz o Secretario;

CÔRO

Fogos em terra;

SECRETARIO

Olha fogo em nosso Rei;

CÔRO

Fogos em terra;

SECRETARIO

Olha fogo nas Figuras;

CÔRO

Fogos em terra...

Finda esta scena, o Secretario de Sala manda Matheus buscar o Boi; Matheus dá um pino, gritando:

— Eh!... vem cá, Estrella!

SECRETARIO

Está ahi o boi, Matheus?

MATHEUS

Sim, meu sinhô.

SECRETARIO

Quem me empresta um vintem
Que amanhã dou dois,
P'ra comprar uma fita
E laçar o meu boi?

Guiando o *Bumba-meu-boi*, que faz as evoluções mais gaitas, entra o Vaqueiro, a cuja voz

obedece o Boi, servindo-lhe de guarda de honra as Figuras, que, ao compasso da musica, marcham, erguem e abaixam as espadas, continuando no seu papel de cõro.

VAQUEIRO

Ora, entra, Airoso,
Ora, faz cortezia!

CÔRO

Eh! bumba!

VAQUEIRO

Ora, ao dono da casa
E á senhora tambem...

CÔRO

Eh! bumba!

VAQUEIRO

Ora, *estrova* bonito;
Ora, dá uma pontada...

CÔRO

Eh! bumba!

VAQUEIRO

Ora, aqui no Matheus,
Ora, brinca bonito!

CÔRO

Eh! bumba!

N'isso que o boi dança, ás gargalhadas e palmas dos circumstantes, Matheus dá-lhe uma pancada, e elle revira, esperneando.

O Vaqueiro assusta-se, encolerisa-se, e recommçam:

VAQUEIRO

O meu boi morreu,
Quem matou foi Matheus.

CÔRO

Eh ! bumba !

MATHEUS

Não, senhor, quem matou foi o dono da casa.

VAQUEIRO

Senhor dono da casa,
Mé pague o meu boi.

CÔRO

Eh ! bumba !

VAQUEIRO

Vá chamar o doutor.

CÔRO

Eh ! bumba !

O Doutor chega, conduzido por Matheus, examina o Boi, prognostica molestia grave, receita e pede a Matheus uma viola.

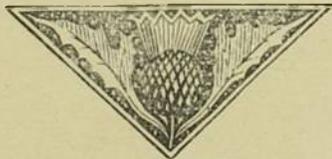
O Doutor toca e Matheus dança, dando tempo a que, em um lenço que atiram, as Figuras recolham o dinheiro.

Depois de muito toque e de muito fado, o Matheus agarra em um menino para com elle dar uma ajuda no Boi, que levanta-se, terminando o auto pela cantiga de retirada :

Oi ! da prata e do ouro
Se faz o metal !
Oi ! a vesp'ra de Reis
E' p'ra nós festejar !

.....

E assim se passa a Vespera de Reis na minha terra — o lar classico do individualismo patrio e das tradições nacionaes !...





Per...

Et per...
artista...
concepção...
sentença...
dos espíritos...



III

S. Sebastião

(FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO)



' das solidões das chronicas que o pensamento das gerações mortas resurge, envolvido no manto luminoso de suas azas.

E para o poeta e o erudito, o philosopho e o artista, nenhuma outra fonte se lhes depara de concepções mais grandiosas do que aquelles sanctuarios silenciosos, de onde os povos passam aos espaldares de bronze da historia.

Remontando-nos aos nossos monumentos historicos, encontramol-os encimados por tantos nevoeiros fabulosos, que, sem a lenda, fôra incorreto o desenho dos caracteres, e de lineamentos confusos a embryogenia das grandes empresas e das lutas sobrehumanas, a que se lançaram os primitivos colonisadores d'este paiz.

O dia de S. Sebastião, que relembra o da fundação da cidade do Rio de Janeiro, nos leva direito á pesquisa de factos reaes, embora desabrochados sob a influencia do maravilhoso e rescentes de odores mysticos.

Era no anno de 1563. A' rainha D. Catharina, de Portugal, Anchieta e Nobrega fazem chegar noticias de pazes celebradas com os Tamoyos, indios cannibae e guerreiros que dominavam a costa do Brazil, desde Cabo Frio até á provincia de S. Paulo.

Prevenindo sublevações futuras, apressou-se aquella soberana em fazer expedir para este porto Estacio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, que foi ter á Bahia, com duas galeras armadas, devendo ahi receber ordens de seu tio e partir sem delongas a senhorear o Rio.

Mem de Sá, de posse de instrucções escriptas, não vacilla, fal-o acompanhar por uma frota, com guarnição de terra e mar, seguindo elle viagem para este porto.

Consolidar as pazes com os Tamoyos e rechazar os francezes, era o ideal do governador e de Estacio de Sá, que, ao entrar da barra em 1565, alterou este plano, á vista das revelações

que lhe fizeram em terra, de que os mesmos indios haviam violado o pacto e accommettido os aldêamentos portuguezes.

A esquadra, á mingua de embarcações pequenas, conservava-se fóra da barra; não obstante algumas sortidas, frustadas pela disciplina dos francezes e seus alliados Tamoyos, Estacio de Sá resolve-se, antes de atacal-os, ir a S. Vicente, que se achava em guerra, calculando que d'isso resultaria prover-se de mantimentos que lhe faltavam, e de canôas armadas que dessem desembarque á sua gente.

Sem recursos para corresponder ás represalias do inimigo, que lhe aprisionára alguns bateis, flechando-lhe soldados, fez-se de vela e foi largar ancoras no porto de Santos.

Os guerreiros gentios, entesando o arco no semi-circulo das praias, escureciam com a sombra a transparencia azulada das aguas...

Nas montanhas estrugiam os buzios e buzinas de guerra, enquanto que o mar, á semelhança da pelle mosqueada das onças, era marchetado de canoas balouçantes.

A' noite, as fogueiras accendiam-se fumantes, os *pagés* consultavam os oraculos; e as feiticeiras, evocando os genios de suas cabanas, espumavam epilepticas nas suas dansas diabolicas.

Apezar de manterem-se relações amistosas com os Tamoyos de Iperig, missionados por Anchieta e Nobrega, frequentes sobresaltos aquebrantavam o animo esforçado de Estacio de Sá, visto como, por circumstancias de séria gravidade, considerava a guerra que devera de-

clarar aos exercitos confederados, uma lucta na qual, com probabilidades irrecusaveis, seria vencido.

Nobrega e Anchieta, porém, amparando-lhe o espirito abatido, vaticinaram-lhe exito feliz, entendendo Anchieta que *era servido o céo que d'esta vez se fundasse a cidade real do Rio de Janeiro.*

E o jesuita das Canarias que, a julgarmos pela phrase citada de Simão de Vasconcellos, representa o principal papel n'este acontecimento, incorpora-se á frota de Estacio de Sá, e a 20 de janeiro, dia de S. Sebastião, a quem tomam por padroeiro da empreza, parte para S. Vicente, arriando ferros no Rio de Janeiro, no mez de março, ao açoute das vagas empoladas e ventos contrarios.

Chegados que foram, a infantaria desembarca, formam-se trincheiras, cavam-se fossos estrategicos em Villa Velha, junto ao Pão de Assucar.

Fitando a immensidade, o olhar penetrante de Anchieta destaca nas serras e nas praias os Tamoyos emplumados e aguerridos; nos mares que o circumdam, as canôas innumeras dos adversarios que subiam á tona d'agua, como o vomito negro do inferno sobre aquella superficie que vozeava nos gritos selvagens dos incolas ferocissimos.

E elle fallava em nome de Deus aos soldados e flecheiros barbaros, accendendo-lhes o valor, relembrando-lhes as glorias de seus pais, e as tradições de sua terra.

O sibilo das settas de parte a parte, a troca de projectis de arcabuzaria, a abordagem dos navios e o aprisionamento das canôas, entretinham indecisas a sorte da guerra, a decisão da contenda.

Entretanto das pelejas, os inimigos deixavam os mares coalhados de cadaveres e as fileiras victoriosas dos portuguezes opulentas de captivos.

Anchieta, porém, reclamado pelo superior da Bahia, teve de separar-se da acção e obedecer.

N'essa viagem, tocando ao Espirito-Santo, levou palavras de consolação áquellas aldêas, assistiu ao enterramento do padre Diogo Jacome, e providenciou com referencia ás forças militares existentes, preocupado com os successos do momento.

Aportando á Bahia, sem perda de tempo, conferenciou com o governador Mem de Sá, narrou-lhe os heroicos feitos de Estacio de Sá e dos seus soldados, ponderando-lhe que, para tornar-se definitiva a victoria dos portuguezes e construir as fortificações maritimas, tornavam-se imprescindiveis mais reforços de embarcações e tropas.

O governador, de ouvil-o, dispôz-se a vir pessoalmente commandar a esquadra em evoluções; para o que determinou que apparelhassem os melhores navios, bem tripolados e artilhados.

Por essa época o bispo D. Pedro Leitão confere ordens sacras a Anchieta, que, ao lado de

Mem de Sá, vinha compartilhar de suas provações, perseguindo igualmente o seu objectivo— a fundação da cidade.

Emquanto a frota navegava e dramas ignorados desenrolavam-se no seio das náus e brigues veleiros, luctas titanicas e episodios lendarios encenavam-se na deslumbrante e colossal bahia do Rio de Janeiro.

Aos tiroteios sem tregoa, ás canôas mettidas a pique, aos gemidos dos selvagens acollados aos troncos das arvores pelas flechas que os traspassavam, a fé antiga ia colher no milagre as promessas da victoria.

S. Sebastião, que escudara com o dia de seu nome a iniciação da guerra, manifesta-se propicio nas aparições tangiveis e nas invocações irrevocaveis...

São as trevas illuminadas que toucam as chronicas !

*

— Era em julho de 1556. Estacio de Sá, firme no seu posto, batia-se com denodo : aquella alma de combatente era uma sentinella perdida nos arraiaes da defesa e da lealdade.

Os francezes e Tamoyos o observavam, com as cautelas que inspiram os grandes desastres, com os receios que geram persistentes azares.

Imaginando um ardil, armam elles cento e oitenta canôas de guerra e as occultam n'um

braço de mar, legoa e meia distante do acampamento inimigo.

A' frente, na mais agil e guarnecida de quarenta remeiros por banda, Guixará, indio antropophago e senhor de Cabo-Frio, campeava como chefe, adornando-lhe o peito amplos collares de dentes de cem tribus vencidas. O seu corpo é listrado de genipapo e urucú, e o seu cocar é de plumas variadas e magnificas.

E o que significava isso? Uma cilada: mandarem pela madrugada quatro d'aquellas ligeiras embarcações offerecer combate aos portuguezes, chamal-os ao largo e, quando elles viessem, affluirem as da reserva, cahindo dest'arte prisioneiros ou mortos os que de improviso acudissem em socorro dos primeiros accommettidos.

Assim combinados, eis que recorta as ondas a jangada de Francisco Velho, mordomo de S. Sebastião, que ia buscar madeira para a construcção de uma igreja consagrada ao Santo.

Ao perceber-a, tres das referidas canôas dobram de uma ponta de pedra, indo-lhe ao encalço.

Estacio de Sà, descortinando o incidente, dá pressa a que soltem quatro canôas com escolhida guarnição, entra em uma d'ellas e corre a salvar o lenhador devoto.

Apenas dispara alguns tiros, os inimigos fingem retirada, indo juntar-se ás outras que lhes vêm ao encontro, empenhan lo-se desde logo uma briga violenta e desesperada.

E uma floresta de remos afunda-se e relampeia nos mares... E uma nuvem de settas, formando

no espaço uma aza escura e compacta, aninha os alaridos barbaros d'aquelle povo que julgava antecipar-se á victoria.

O fogo dos arcabuzes, o sibilo das flechas voadoras, e os golpes pesados e surdos das maças dos selvagens inquietam a superficie do mar, que entôa um canto funebre, tranportando no esquife ensanguentado de suas vagas os cadaveres que tombam ..

No ardor que os anima, os belligerantes são insensiveis a tudo que se passa em torno de si. Entretanto, nunca mais isolados se sentiram de tudo que lhes tenta o viver.

E' que entre o céo e o mar é preciso escolher: vencer ou morrer.

Emquanto os indios e os Portuguezes, com a sua natural bravura, combatem sem medida, sem disciplina, alguém, cahindo de joelhos e de mãos postas, á detonação de uma roqueira que dispara e incendeia um punhado de polvora, exclama :

— Valha-me o martyr S. Sebastião !

E a mulher de um chefe Tamoyo, assombrada, enfiando os de los nos cabellos hirtos, brada aos seus que fujam, ou serão vencidos.

Os Tamoyos, amedrontados, desertam com as suas canôas, deixando algumas aprisionadas e muitos captivos.

Depois d'este ataque, os guerreiros victoriosos, adornados de flôres e no meio de hymnos de festa, dirigiram-se ao templo, a render graças a S. Sebastião ; ficando, como lembrança do memoravel feito, instituida a celebre festa

das canôas, de que dão noticia os chronistas de nota, e que durou até os ultimos tempos da colonia, como se póde verificar nos archivos da nossa municipalidade.

E' da lenda que os alliados dos francezes, recordando-se d'aquella hora fatal, perguntavam aos portuguezes :

— Quem era aquelle gentil-homem que andava armado durante o conflicto, e saltando em nossas canôas?

Ao que elles respondiam, na convicção inabalavel de suas crenças :

— O gentil-homem que vistes, era S. Sebastião, o nosso padroeiro.

O segredo da lenda existe na sua propria natureza. Este quadro é a psychologia do intrepido marinheiro portuguez, todo entregue ás suas idéas mysticas e aos prejuizos religiosos das raças antigas.

Das peripecias e occurrencias durante a travessia de Mem de Sá, nada poderemos assignalar; que elle trouxera comsigo o bispo D. Pedro Leitão, Anchieta e outros padres, vindo aqui fundear em 1576, é o que nos demonstram as chronicas.

E Estacio de Sá e seus soldados sustentavam refregas valorosas, conquistando em cada uma d'ellas um laurel á sua apotheose.

O inimigo, porém, era avultado como os grãos de arêa nas nossas plagas; e em cada embate as rêdes dormiam vacias, porque as vedas entulhavam-se de selvagens álerta.

A fadiga, a escassez de viveres e a morte começavam a passar revista aos batalhões teme-

rarios, que sentiam já o arcabuz pesar-lhes no hombro, e o arco de ipê desobedecer-lhes ao braço outr'ora fortissimo.

N'essa conjunctura, aos 18 de janeiro, as velas da esquadra de Mem de Sá alvejam no horizonte.

Aproximando-se, o convés da capitanea transmuda-se n'um escarpamento de luz, por onde dous vultos gigantes — Anchieta e o governador — sobem e devassam a immortalidade.

Mem de Sá, homem de fé viva, estacionado na entrada da barra, resolve-se a assediar as aldêas e baluartes inimigos no dia de S. Sebastião, a quem intercede e toma por patrono do audaz commettimento.

Desembarcando com armas e munições, confiando o commando da infantaria a Estacio de Sá, no amanhecer do dia 20, assalta a inexpugnável fortificação de Uruçumirá, sendo ahi flechado Estacio de Sá, e de cujo ferimento veiu a fallecer um mez mais tarde.

Arrasados os reductos, incendiadas as aldêas e desbaratados os francezes, novas graças foram dadas ao divino Martyr, a quem o governador e os seus bravos attribuiram o successo da batalha.

Terminada a guerra, parte Anchieta para S. Vicente, regressando opportunamente com o illustre Nobrega e mais padres da Companhia.

Apenas á flôr da terra branqueavam os muros da cidade, o silencio e a tristeza rendiam as derradeiras homenagens ao cadaver de Estacio de Sá.

A sua inhumação foi simples e rápida como a dos heróes de Homero !

O governador demarcava limites, activava a construção das muralhas e fortificações, escolhendo os jesuitas logar para edificação de um collegio, ao qual o rei D. Sebastião cedeu patrimonio.

E Anchieta assiste á fundação da cidade nascente que, devido ao nome do rei de Portugal e á protecção do milagroso Santo na trilha das victorias alcançadas, denominou-se — cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Das chronicas religiosas do seculo XVI foi esta a superstição tradicional que produziu mais gloriosos effeitos.





...a ...
...
...
do quinto de ...
...
Seria elle ...
pelo ...
de ...
...
...
...



IV

O Entrudo

(BAHIA)

QUAL a origem do entrudo?

E' esta uma questão de evidencia difficilissima, e de cuja discussão não viria grande luz a destacar os planos do quadro de costumes, que intentamos descrever.

Seria elle importado da India nos Açores, pelos navegantes portuguezes, quando o reino de Pegú, hoje provincia birmanica, constituia além Ganges estado independente?

Festas populares

4

Adiantando, todavia, uma reflexão parece-nos que a genesis d'esse folguedo deve remontar-se ás abluções, immersões e aspersões, tão intimas ao povo judeu, de quem a Europa assimilou tradições e ritos.

Do mesmo modo porque se encontram adaptados pelo christianismo os velhos cerimoniaes do Levitico, é possível que d'aquellas formulas purificadoras nascesse o entrudo, degenerado na sua indole e na sua feição historica.

Como quer que seja, é um costume especial que recebemos da antiga metropole, com toda a sua bagagem de desmandos nocivos e alegres.

Dando conta d'esse divertimento publico, que precede os tres dias immediatos á quaresma, é ainda na Bahia que encontramos o typo menos brutal, pelo amestiçamento brasileiro.

O jogo do entrudo, outr'ora generalisado no paiz, perdura no seu apogêo em quasi todo o norte, e nas provincias do sul onde o elemento estrangeiro tem pouco que ver.

E em que consiste elle fóra da côrte, isto é, em outras capitaes, villas e sertões? Como se fazia na Bahia, ha bons quinze annos?

Deixando o trabalho de discriminação do que é geral ao leitor, apreciemos no complexo das scenas invariaveis, o que existia de distincto em usanças locaes.

Na Bahia, os preparativos da folia, começavam um a dous mezes antes.

N'esse decurso, as familias conhecidas e as pessoas da amizade preveniam-se mutuamente,

que iriam em casa «brincar o entrudo.»

Os rapazes, especialmente os estudantes de medicina, faziam economias das mezadas, reservando para as *laranginhas* o que disputavam ao luxo, aos passeios e aos theatros.

Emquanto o exterior da cidade almejava pelo domingo gordo, no lar domestico a industria dos *limões de cheiro* era florescente e promettedora de lucros compensadores.

Em algumas casas, quem entrasse, notaria estranho movimento. Moças e velhas, meninas e *raparigas*, entregues a descostumado labor, sopravam achas de fogo, grazinavam, contavam de um até doze.

N'aquelles circulos, a ociosidade era ignorada e os arremessos communs.

Em volta de um fogareiro, sobre brasas a miudo ateadas, fumava n'um *caboré* meio d'agua, espessa camada de cêra fundida. As fabricantes de *laranginhas* espetavam, em ponteiros, *limões* naturaes, de tamanho irregular.

Uma das velhas dispunha o carmin, o anil e o verdete, para o colorido da massa: as moças tomavam de um canivettino, com que incisavam a delgada pellicula das espheras translucidas que esfriavam; as meninas folheavam livrinhos de pão-de-ouro; e as *raparigas* arranjavam os taboleiros e bandejas, no chão da sala.

Logo que a cêra estava no ponto, desenvolvia-se o trabalho successivo das operarias afanosas, trabalho por vezes distribuido com methodo pelas industriaes.

Retirado do fogo o caboré, afim de abaixar a fervura, mettiam no lastro oleoso e colorido os limões, previamente untados de sabão. Sobre uma cadeira havia uma tigela com cêra morna, que servia para soldar as bandas separadas e embutir o orificio deixado pelo cabo por onde os seguravam.

Findo esse processo, enchiam as delicadas capsulas com aguas aromatisadas de essencias de canella, rosas, cravo, etc., servindo de conducto ao liquido um pequeno funil de folha de Flandres.

Depois, tapavam-as, encobrindo a saliencia resultante com um pouco de pão-de-ouro ou de prata, que deixava de ser um recurso de arte, para ser um enfeite de bom gosto.

A' proporção que as laranginhas ficavam promptas, uma rapariga arrastava um taboleiro para junto da sinhá-velha, que as contava, tirando-as de entre os dedos, e as enfileirando por duzias.

E as encommendas choviam... As mulatas e creoulas importunavam as senhoras-moças, pedindo rendas e babados; da Cidade Baixa traziam presentes de pannos de *alacá* e cordões de ouro, coraes e chinellas, — conquistas de seus reservados carinhos ao grosso commercio da terra, que sempre as exalçou com entusiasmo sentido e generosidade provada.

Vendedeiras de limões de cheiro, cantadeiras afinadas das trovas populares do entrudo, fazia-se mister que tudo fosse condigno—das senhoras e das escravas.

Uma outra especulação de familia eram os *sonhos*, com os quaes as bellas yáyás cuculavam douradas sopeiras collocadas sobre toalhas de cambraia e de crivo, que forravam os taboleiros envernizados das creoulas de *béca* e de *pencas* de chaves.

No centro d'estes, uma garrafa branca de crystal, que continha a calda, exhalava o perfume das flôres de lorangeira na madrugada dos vergeis.

Um palito fincado em cada um dos sonhos e um pires em que os serviam aos compradores, revelavam a bôa ordem da quitanda e o gosto artistico das gentis doceiras, cujo capricho retribuïam immediatos proventos.

No domingo de entrudo, desde muito cedo, via-se correndo, de uma para outra porta, um creoulo agil, uma negra risonha e patusca.

O creoulo, sustendo entre as duas mãos enormeseringa, fazia pontaria, empurrando uma rotula; a negra, desviando a um lado uma bacia d'agua, invadia uma casa ..

Momentos depois, ouvia-se o baque do liquido, uma algazarra infernal, alguma cousa de semelhante a uma briga.

E os dous saham...

Nas vendas, os taverneiros recolhiam as amostras penduradas, e os foliões da ralé formigavam aos balcões.

Eram os preludios da festa.

E ao compasso accelerado ou tardio das chinellinhas, que batiam nas pedras como o estalo dos bilros nas rendas das almofadas, uma voz

feria o ar, e uma figura esbelta e graciosa descia uma ladeira, cantando:

Ahi vai, ahi vai
Laranginhas de *primó*;
Compre, yáyá, laranginhas,
Para *entrudá* seu *amó*.

E' de yáyá, é de yôyô,
Quem *qué entrudá* seu *amó*!...

E a vendedeira de sonhos, mercando faceira:

Sonhos, yáyá, *está* sonhos
Feitos por mão de sinhá,
Vem *comprá* á sua negra
P'ra sinhá não se *çangá*.

Com suas mãos delicadas
Bateu ovos e farinha;
Compre, yôyô, esses sonhos,
Foi feitos por sinhasinha.

E' de yáyá, é de yôyô,
Quem *qué sonhá* com seu *amó*!...

E muitos *psius*! repetidos das janellas, faziam-n'as mais deligentes, servindo á freguezia.

Depois das duas horas, o folguedo crescia. Bacias e quartinhas d'agua inundavam os passantes; e o polvilho e o vermelhão mascaravam o escravo ou o homem da plebe, que seguiam seu caminho.

Sorprehendido por turbulentos que o perseguiam ás gargalhadas, um individuo, juntando as pernas e aos pulinhos, com o chapéo de sol

aberto, protegendo-se dos limões e seringas, implorava aborrecido:

— Não joguem!... não posso me molhar, que estou doente!

Esta phrase era correspondida por uma sa-raivada de laranginhas e esguichos, que o desconcertavam.

Descompusturas e vaias estrondavam em outros logares. — Eram os pretos e pretas velhas, que se debatiam nas esquinas ou nos chafarizes, com parte da cabeça e do rosto empastada de alvaiade e vermelhão, que os tornavam irrisorios.

As moças mudavam de vestido, e raros projectis, vibrados á distancia, partiam um vidro, resvalavam n'uma porta, entravam por uma janella.

E a mulata descantava :

Quem entruda seu *amó*
E' signal de intimidade ;
Yáyá, entrude a yôyô,
Para lhe ter amizade.

E' de yáyá, é de yôyô,
Quem *qué* *entrudá* seu *amó*...

E todos preveniam-se para o combate, que travava-se depois do jantar, esvasiando taboleiros e taboleiros de assetinados limões.

Nas casas de gente pobre, as gamellas transbordavam d'agua limpida e cheirosa, em que sentavam á força pessoas da convivencia ou os incautos que agarravam.

Durante os tres dias, o entrudo tocava ao seu auge, das quatro para as cinco horas.

E os meninos, seduzidos pelas pregoeiras dos sonhos, choramingavam até obter o necessario para compral-os.

As familias, chegando ás janellas, pediam licença, e o brinquedo rompia.

Um projectil, sibilando nos ares, esborrachava-se dentro do arraial contrario. As hostilidades declaravam-se.

Os rapazes atiravam para o seio das moças bonitas que lhes deslumbavam os sentidos; as moças procuravam o peito engommado da camiza d'aquelles que as impressionavam, ou de um futuro noivo.

E as laranginhas, batendo no alto, quebravam-se; quebrando-se na parede, desfolhavam-se matisadas como ramalhetes de flôres e aromas humidos, sobre o busto correcto e faceiro das jogadeiras de entrudo.

Ensopado d'agua, acoçado por tiroteios incessantes, um estudante dirigia-se á casa onde morava o seu coração, a sua alma. Acompanhava-o a mulata das laranginhas, que não as mercava, porque elle as comprára todas.

E — cousa singular! — nas guerras do entrudo, as vendedeiras de limões eram os embaixadores incolumes dos partidos belligerantes. Ninguem as molhava, ninguem as offendia.

No calor da acção, no fervor da contenda, um rancho de moças e rapazes, atropellando-se nas escadas com balainhos de laranginhas, barafustavam pelo salão.

Então, limões e aguas cheirosas prodigalisavam-se em diluvios; as immersões do estylo tornavam-se inevitaveis; e a essa luta, a esse alarma, succedia a quietação exigida pela fadiga e cuidados aos feridos, isto é, aos que se haviam machucado no conflicto.

N'esses dias, os namorados encontravam-se, trocavam-se a furto idyllios de amor, e alguns casamentos ajustavam-se.

Os incidentes que realisavam a prevenção de « ir brincar o entrudo » não arrefeciam o phrenesi das demais familias que dos sobrados, frente a frente, batiam-se, do povo baixo, que nas praças, nas ruas, nos chafarizes, tatuava-se de vermelhão e polvilho, despejava bacias d'agua, e ria a mais não poder, vendo saltar da gamella que se entornava, o vizinho ou o desconhecido, recrutado de improviso para o banho.

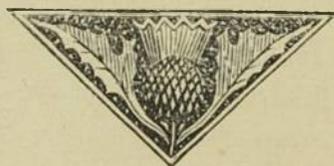
A essa bacchanal asiatica jamais faltaram desastres, acontecimentos fataes.

Ao anoitecer, os *Cucumbys*, especie de mascarada africana, dansavam e cantavam em barbara passeiata, agitando chocalhos, tocando marimbas, batendo com os punhos em rudes zabumbas.

Na manhã de quarta-feira, o olhar somnolento dos foliões contemplava fragmentos amontoados de cêra, destroços de moveis, objectos estragados...

E a Razão, adiantando-se penitente por entre ruinas, marcava com uma *cruz de cinzas* as fontes empalledecidas pelos desvarios da vespera.

E assim perdura o entrudo em varias provincias do Brazil, e brincava-se na Bahia, de onde os echos não nos trazem, ha longos annos, um hymno das suas festas e o som de uma d'aquellas cantigas que outr'ora alvoraçaram a nossa alma infantil.





V

O Carnaval

(RIO DE JANEIRO)



ão é de hoje a historia das vesanias humanas.

O carnaval, que é uma phrenopathia, filia-se as mais altas civilisações, exhibindo-se rudimentario entre os povos selvagens. A senha dos Cherubins egypcios, da Saturnaes romanas, das Bacchanaes gregas, da festa dos Innocentes e dos Loucos, de que fallam as chronicas da idade média, é a mesma do car-

naval de Veneza, de Roma, de Pariz, do Rio de Janeiro e das tribus amazonicas.

Entre todos os povos encontram-se as mascaradas — desde o Hindo — que, como pensa Volney, desfigurava o céo, o metamorphoseava, até os nossos Tucunas, que tomavam mascaras de folhas e de cascas de arvores, de terra e de cabeças de animaes, para as festas do *Buianté*.

S. João Chrysostomo condemnava os deboches e as mascaradas nas igrejas; e o papa Innocencio III as verberava por meio de uma Decretal — « Dão-se algumas vezes nas Igrejas espectaculos e divertimentos de theatro, e não sómente introduzem n'esses espectaculos e n'esses divertimentos monstros mascarados, mas ainda em certas festas os diaconos, os padres e os sub-diaconos permittem-se a liberdade de fazer toda a casta de loucuras e palhaçadas...

« Eu vos conjuro a exterminar este costume... »

O carnaval implica o uso da mascara e dos disfarces; e a mascara era usada pelos tragicos gregos e romanos.

Nas Bacchanaes e nos espectaculos havia mascaras que exprimiam o odio, a lubricidade, a satyra...

Em França, desde o seculo XIV, diz o bibliophilo Jacob, as mascaras foram adoptadas: Felippe o Bello tinha o carnaval como o folguedo de sua predilecção.

Segundo o redactor do *Journal de Paris*, citado pelo romancista dos *Nouveaux romans de Paris*, « uma singular mascarada teve logar no

reinado de Carlos vi, no cemiterio dos Innocentes. Em uma acção phantastica, chamada *Dansa Macabre*, individuos de ambos os sexos, disfarçados em gente de todas as condições, desfilavam ante a Morte, que impassivel lhes ouvia as queixas. Pediam-lhe a prolongação da vida ; uns para realisarem projectos de ambição, outros para gozarem de sua nova fortuna, todos para alguma chimera. A Morte, depois de chasquear em verso com os supplicantes, descarregava-lhes a fouce.

A mascarada da *Dansa Macabre* esteve muito em voga na Allemanha e na Suissa.

Henrique iii dispensava calorosa animação a esse regosijo publico. A' semelhança dos validos do rei, os nobres e as senhoras do tom mascaravam-se.

Accrescenta o historiador Lestoile que aquelle soberano gostava tanto de fantasiar-se, que deitava-se de mascara, interiormente unctuosa e pintada.

No *Beppo* de lord Byron, o poeta encarece o carnaval de Veneza ; Gœthe no *Faust* não é menos entusiasta pelo carnaval de Roma.

No tempo de Luiz xiv as cortezãs e as mulheres da moda tatuavam-se exageradamente, e usavam de *signaes* pretos no rosto para fazerem-se mais lindas ; muitas havia que sobre a alvura da face assentavam estrellas e meias luas de tafetá, que concorriam para transformal-as.

A revolução acabou com as mascaradas em França, reaparecendo ellas mais tarde nas ruas e theatros.

Uma coincidência : o carnaval francez agonisava, quando nascia o carnaval brasileiro.

O carnaval do Rio de Janeiro começou após a prohibição do jogo do entrudo pelo desembargador Siqueira, unico dos nossos chefes de policia de quem a tradição repete o nome com segurança e respeito.

Muito antes, inauguraram-se os bailes mascarados, devidos os primeiros á iniciativa da cantora Delmastro, que para aqui viera com a companhia lyrica de Mme. Lagrange.

Esses bailes tiveram logar onde é hoje o theatro da Phenix Dramatica, que comprehendia a grande chacara da Floresta.

Succederam-se a estes os do Angelo, na chacara da rua do Conde, da Cidade Nova, e os do Nicola, no largo do Rocio.

Ao crescente e inesperado favor do publico corresponderam os theatros de S. Januario, Lyrico Fluminense, S. Pedro e Gymnasio, que para o mesmo fim abriram as suas portas, acompanhando-os o Club Fluminense, que só admittia os socios, e o Paraiso que aceitava a todos.

Em que consistia o nosso primitivo carnaval ao ar livre? E' facil de cogitar : em pequenos grupos de mascaras errantes, um *princez* desgarrado, e assim por diante.

Em 1854, já alguns carros com mascaras appareceram e das janellas atiraram-lhes flores. O *Jornal do Commercio*, noticiando o facto, aconselhou que para o anno futuro se reunissem, o que daria mais relevo ao festejo.

Até então a loucura descobria o prazer ao som da musica escolhida, inundava-se da luz dos lustres e candelabros, mitigava a sede provocada pelas dansas ardentes nas taças de *champagne*, e requintava de goso n'aquelles abrigos resguardados e idéaes como as scismas voluptuosas dos crentes de Mahomet.

Era á noite que n'aquellas Lupercaes esplendidas as mulheres coroavam-se de fascinações, que os moços de qualificação distincta dissipavam-se attrahidos.

No Club, especialmente, quanta perdição no langor morno da belleza aristocrata, no roçar de um corpo de neve, n'um scismar vago, ao terraço ou á janella, tendo por testemunhas o olhar pestanejante das estrellas e o céu profundo e escuro como as marés incertas do destino !...

Mas a luz do dia tivera inveja da luz dos candelabros ; a voz do jornalista é o *fiat* das sociedades ; e a Loucura, no seu despertar de somnambula, emboca as fanfarras no meio das praças, com o seu sequito de cem escravas e de milhares de captivos.

Em janeiro de 1855 já as folhas diarias annunciavam que o carnaval seria manigfico : as familias mais consideradas, a mocidade mais dinheirosa e illustre, associavam-se á empreza do dia.

Jurisconsultos, medicos, jornalistas, militares, altos funcionarios publicos, negociantes, fazendeiros, emfim tudo quanto a sociedade fluminense possuia de selecto absorvia-se n'uma só idéa, n'um só pensamento.

No largo do Rocio e em muitissimas ruas, as casas de vender e alugar vestimentas multiplicavam-se. Nas casas particulares viam-se o veludo e a seda, as espiguilhas e os bordados a ouro; nos alfaiates os costumes especiaes; nos ourives adereços finissimos.

Decoravam-se sumptuosamente os theatros. Nos scenarios, subindo até as bambolinas, os espelhos scintillavam, como vagas descendo de fantasticas muralhas: palmeiras á entrada de grutas, cascatas artificiaes, flôres e perfumes, faziam suppôr que n'aquelles salões enormes se iriam asylar as fadas dos contos das *Mil e uma Noites*.

Cá fóra o commercio abria pesada bolsa ao artista mais habil no enfeite das ruas, ao jardineiro mais zeloso no cultivo das palmeiras e arbustos de ornamentação, a quem mais deslumbrantes erguesse as arcarias illuminadas, ao pintor de mais imaginação e espirito no acabado dos escudos implantados de trophéos onde se liam epigrammas e quadras chistosas.

Nos coretos em profusão pregavam-se bancos para a musica e collocavam-se figuras que symbolisavam personagens e acontecimentos ridiculos.

Nos primitivos carnavaes a influencia era tamanha, que póde dizer-se que um terço da população mascarava-se.

E tanto é verdade, que os directores de theatros advertiam ao publico que seria vedado o ingresso nos bailes a quem não se apresentasse fantasiado.

Em 1855 fazia a sua primeira passeiata o Congresso das Summidades Carnavalescas.

Antes do dia 23 de fevereiro, em que cahira o entrudo, uma commissão composta do Dr. Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, coronel Polydoro de Souza Quintanilha Jordão e o Dr. José Martiniano de Alencar, dirigiu-se a S. Christovão, pedindo a S. M. o Imperador que viesse com as princezas para o paço da cidade, honrar com a sua presença o carnaval do anno e assistir á passagem do Congresso.

D'esta sociedade tiveram a iniciativa homens de letras e jovens escriptores, cujo talento impunha-se pelo brilho progressivo.

Esses leaes companheiros de tantas glórias, que resplandecem do passado, faziam parte da redacção do *Correio Mercantil* e chamavam-se Henrique Cesar Muzzio, Pinheiro Guimarães, Manuel Antonio de Almeida, J. de Alencar, Augusto de Castro, Ramon de Azevedo e outros, que saudavam o futuro entre um artigo de fundo, uma poesia, um folhetim, e o desabrochar das esperanças nas alamedas sempre encantadoras da primeira mocidade.

Felizes tempos aquelles em que Alves Branco, F. Octaviano, Firmino Rodrigues Silva e Paranhos regiam os moços, porque elles viam a penna de ouro na mão do mestre e do amigo!

Afastados d'esse grúpo, mas conhecidos de bonito nome, a elles reuniram-se Joaquim de Mello, Francisco Augusto de Sá, os dous Faros, Palhares, Christiano Stockmeyer, Horacio Urpia

e mais, que fortaleceram o empreendimento como fôrma e como idéa.

Na tarde do domingo as bandas marciaes tocavam; os *chicards*, os *titis*, os *flambarás*, os *pierrots*, os *debardeurs*, os *dominós*, os *Zés Peireiras*, os *D. Nunos* e os cavalleiros de capa e espada percorriam a cidade. Os carros de mascarados não tinham conta. Dos sobrados desdobravam colchas de damasco e entornavam flores; os estalos fulminantes imitavam as crepitações das fogueiras e a multidão acudia a varios logares, curiosa e festiva.

No anno a que nos referimos, os mascaras de espirito tornaram-se salientes. Um francez houve, que no Provisorio intrigou a toda a gente. Este mascara envergava um costume metade preto e metade branco.

Muitas pessoas ainda se recordam de um individuo que, trepado n'uma saia-balão de proporções collossaes, distribuia pelas janellas poesias, trocando pilherias.

Consecutivo este carnaval á illuminação a gaz d'esta capital, junto a um *Mineiro* que montava n'um boi, conquistou gostosas gargalhadas um sujeito enfesadinho, escanchado n'uma jumenta branca, tendo em toda a exotica vestimenta escadas e lampeões de panno, recortados e cosidos.

Pisava-se sobre folhas de canella e mangueira, sacudia-se do chapéo rosas e jasmims, corava-se á indiscrição de um mascara que segredava (em voz alta) o que vira e o que não vira.

Na Petalogica do largo do Rocio, Paula Brito, Teixeira e Souza, Constantino Gomes de Souza, Laurindo Rabello, Zaluar, o bacharel Gonçalves, Castro Lopes, José Antonio, Bracarense e Machado de Assis, atropelavam os *princezes* que entravam e os desenchabidos que passavam.

Quanta lembrança original, quanto desapontamento engraçado, quanta corrida de vencido !

Uma vez Laurindo Rabello estava na porta. Um mascarado, vestido de capim, aproxima-se. O poeta fal-o parar e diz-lhe, torcendo o bigode :

— Meu amigo, o senhor, depois de divertir-se, come a roupa, não é assim ?

Ao que o seu interlocutor nada respondeu, perturbado, por certo.

O Imperador, a Imperatriz e as Princezas observavam do passadiço do palacio a animação dos festejos, esperando um pouco retirados pelas Summidades, cuja tardança os impacientava.

Por volta das 5 horas da tarde, a turba toma as sahidias de onde o clangor dos clarins e o tropel dos cavallos avisinhavam-se.

O povo abria-se em fileiras defronte do paço; de envolta com a multidão os *velhos cabeçudos*, de cajado e luneta, suspendiam no ar as enormes mascaras de papelão, saracuteando; os *diabinhos* barbudos reviravam a mascara, enrolando á cinta a cauda vermelha... A expectativa era inexcedivel !

E os sons se escutam de perto, de muito perto...

A familia imperial chega ás sacadas, e os «vivas» e *hurrahs*, como uma pyramide sonora, que enfiasse a grimpa na immensidade, tinham por base ondulante o pasmo de toda aquella população.

Logo após, transpunha o largo do Paço a banda marcial do Congresso das Summidades Carnavalescas, vestida com o pittoresco costume dos cossacos da Ukrania.

Os clarins escocezes do regimento dos *highlandes* formam-lhe a retaguarda, antecedendo ao carro de D. Quixote, o cavalleiro da Mancha, que fazia tremular, com a galhardia de um heróe de Cervantes, o pendão admiravelmente trabalhado das Summidades.

Todos os caleches — e deviam ser mais de dose — eram puchados a duas parelhas lindissimas, ajaezadas com grandeza. Sobre cada carro desenrolava-se rica colcha de damasco coberta de rendas alvissimas; e, em cima das almofadas, ou aos pés dos personagens, cestas com pequenos *bouquets*, caixinhas com estalos fulminantes, grãos de bico e feijões confeitados, que cada um atirava aos espectadores das janellas e á gente aglomerada nas ruas.

No meio de bravos e flôres, o primeiro grupo de cavalleiros foi de um successo maravilhoso. Era um grupo historico, reproduzido com tanta propriedade e luxo de trajar, que não ha quem o tivesse visto que d'elle não se recorde deslumbrado. Esses cavalleiros eram Nicoláu I, imperador de todas as Russias, Abdul-Metijid, o senhor de Stambul, um Grego, o almirante

Duguay Troin, Marco Spada e um Dragão prussiano da Morte.

Parando a instantes, refreando os ginetes ariscos, jogavam ás senhoras, durante o trajecto, ramos de flores, dentro dos quaes mettiam um cartão de visita, que tinha por fim declarar o nome dos personagens que representavam. Por exemplo :

« Nicoláu I comprimenta a V. Ex., por quem morre de amores. »

Caleches com Bayaderas, Mandarins, Nobres do Caucaso, Benvenuto Cellini, Fernando o Catholico, o duque de Guise ; grupos a cavallo, caracterisados como o duque d'Alba, Carlos v, o conde de Provença, Thadeu Kôsciusco ; phaetontes em que se repimpavam o Dr. Dulcamara, pregoeiros, etc., constituiam o pomposo prestito do Congresso que, em sua marcha triumphal por uma estrada de folhas verdes e aromaticas, ao dardejar das luzes que semelhavam abobadas de fogo, ás acclamações populares e ás catadupas de flores e harmonias, entrava victoriosamente no grande carnaval.

Impossivel fôra descrever o entusiasmo das multidões ! Para caminhar no passado, só a imaginação esclarece a treva !

Na noite antecedente, o baile das Summidades marcara notavel acontecimento, por isso que, como baile á fantasia, ainda nenhum outro enlaçou com tanto brilho e formosura, a nobreza e o talento.

O Club Fluminense, adornado com o maior esplendor, era o palacio das representações fi-

dalgas. As moças mais bellas, membros do ministerio, do senado, do corpo diplomatico, generaes, poetas, litteratos, jornalistas, funcionarios publicos, etc., ahi se achavam dando mais realce á grandiosa festa.

Sem roteiro determinado, a passeiata d'aquelle anno realisou-se ao acaso; e depois de percorrerem o Cattete, voltaram á chacara da Floresta, de onde sahiram, dispersando-se afinal.

Na terça-feira fizeram o enterramento do carnaval. As pompas funerarias do deus Mom não podiam ser mais solemnes. O prestito seguiu a pé; carregado por *dominós*, o feretro symbolico foi deposto n'um catafalco erguido debaixo das arcarias illuminadas da rua das Violas. A banda militar toucou a marcha fúnebre, um membro da commissão dos festejos recitou um discurso, terminado o que, foi transportado o ataúde, escoltado pelo Congresso, ao theatro Provisorio.

Durante o trajecto, as estrondosas demonstrações excediam do enthusiasmo. Vivas, poesias, allocuções burlescas na Petalogica, illuminação das ruas e do edificio do club, bandeiras e musicas, assignalavam-lhe os triumphos.

A' entrada no Lyrico, as saudações da platéa e dos camarotes não foram menos significativas.

Quando o Congresso das Summidades Carnavalescas banquetear-se nos salões, as polkas, os galopes, as quadrilhas e as valsas respiravam apenas, suffocados pelos sons dos guizos e das trompas, dos gritos estridulos, da vozeria con-

fusa e do bater dos pés de um louco em delirio
— o Baile Mascarado !

D'est'arte inaugurada a festa, fôra de balde
querer detel-a nas suas celebrações annuaes.

As Summidades erguendo arcos triumphaes,
prepararam o caminho até hoje trilhado pelo
carnaval do Rio de Janeiro, em busca do tem-
plo do deus Momo, uma das mais palpitantes
individualisações das bizarras do espirito hu-
mano.

E a União Veneziana, que apparecera mais
tarde, chama o Congresso de irmão, e dispu-
tam-se a primazia. Ambos têm nas mãos a taça
dos tres dias, que ferve de risos e de esqueci-
mento.

Com a fronte engrinaldada das rosas pallidas
da folia, como as mulheres da Babylonia, o
Congresso e a União antecipam-se ao requinte
do prazer.

A Euterpe Commercial, sociedade de musica,
transforma-se em Zuavos, e, anno por anno, o
carnaval adianta-se nas suas jornadas ruidosas.

Entretanto, o Congresso, durante o seu rei-
nado, campeou absoluto ; os seus bailes e os
seus prestitos ficaram unicos.

Até 1877, a physionomia do carnaval era
mais expansiva, mais popular. Todos os thea-
tros davam bailes ; as ruas e praças decoravam-
se com amplitude e profusão ; carros de mas-

caras percorriam as ruas ; os grupos fantasiados eram innumerados ; e os mascarados faziam rir, pela originalidade das idéas, destacando-se pelo espirito.

Emquanto um prestito desfilava e um ou outro grupo mais avultado exhibia-se vistoso pelas ruas principaes, os mascarados de todas as categorias entretinham, em quantidade prodigiosa, todas as atenções.

Sentia-se que a cidade sahia fóra de sua vida habitual, e que seu aspecto exterior era um reflexo pallido da alegria publica.

Os theatros embandeirados, o commercio das vestimentas, coretos, musicas e rumores generalizados, constituíam o clima do domingo, que, desde as duas horas, transmittia o contagio da loucura á população inteira.

Durante os tres dias havia o carnaval das ruas, dos theatros, do Club. dos salões. Muitos grupos organisaram-se, cada qual com mais elegancia e accentuada caracteristica.

A Bohemia, precedendo os Chromaticos, apresentou-se nos theatros com estranho luzimento. O vestuario era o seguinte : blusa de seda, de mangas curtas, franjada de ouro, manoplas de verniz, calção camurça e justo, botas á Fernando, facha de côres vivas, argolões de metal ás orelhas, cabelleira crespa, distinguindo-se pelos capacetes encimados por passaros, lanternas, *chimeras*, etc., cujo effeito era admiravel.

Recordamo-nos de um desses *chicards*, que sobre o capacete de couraceiro prussiano osten-

tava um pennacho escarlate e branco, de mais de um metro de altura.

Esses *bohemios* annunciavam-se pelo grito especial, de que falla Henri Murger.

O Club X, do qual ainda se falla com saudades, compunha-se igualmente de riquissimos e espirituosos *chicards*, iniciadores dos *carros de idéas*, que com tanta vantagem foram apropriados pelas sociedades ulteriores. As damas do Club X fantasiavam-se com esmero e primavam pelo conjuncto das fórmulas. Da passeiata que fez o club, acompanhado de camellos, ha muito quem se lembre.

O distinctivo dos socios era um C e um X no alto do capacete e nos escudos.

Não nos preocupando de grupos vulgares, fallemos de uma antiga sociedade, que retirou-se das folias carnavalescas, porque já não tinha mais louros a colher — os Estudantes de Heidelberg.

E quem eram esses *estudantes*?

Na primitiva, rapazes do curso medico, alguns empregados publicos, e poucos, mas de boa collocação, do commercio.

Esta sociedade não fazia passeiatas: dava seus bailes, ou concorria aos do Lyrico, Gymnasio e S. Pedro.

Pelo pessoal escolhido, percebe-se o successo de sua existencia.

Quando os Estudantes de Heidelberg entravam nos salões, a fina critica, a *intriga* espirituosa, a pilheria inoffensiva, entravam em contribuição. As familias nos camarotes, e os mas-

caras que flanavam nos intervallos da dança, punham-se em guarda para o riso e para o desapontamento.

O seu trajar era especial, segundo o estylo universitario. Eis o uniforme: sobrecasaca curta abotoada, calção-camurça, botas de montar, facha, espada, bonet sem aba, mas circulado por larga fita, em que realçavam as côres da bandeira do paiz ao qual cada um apparentava pertencer.

O rei destoava, porque substituiu o bonet pelo chapéo armado e vestia irreprehensivel casaca.

Todos traziam porta-voz, com que atroavam céo e terra.

As mulheres que os seguiam, vestidas a capricho e interessantes, ajudavam-lhes a atravessar a noite, no meio das dansas e das gargalhadas argentinas.

Em qualquer das tardes, mascaras avulsos faziam-se celebres pela originalidade das lembranças.

Uma vez appareceu um *gallo* bastante vistoso, que cantava, abrindo as azas, junto a um figurão, que sobre o abdomen deixava lêr o seguinte letreiro: *Aqui dentro ha alguma cousa.*

No S. Pedro, no Provisorio, depois de ter debicado nas ruas a todo o mundo, apresentou-se um individuo, correctamente trajado, vestido á côrte, como vulgarmente se diz, de oculos, cabelleira e nariz postiços, de um espirito sorprehendente, fallando francez, inglez, allemão, italiano e portuguez.

Não houve quem não o admirasse, já pelo chiste, já pela pureza da pronuncia nas linguas em que se exprimia.

Por baixo dos arcos pintados e de luzes ; ao açoite das bandeiras suspensas, abalroando-se nos coretos ; e, á noite, ao fogo dos archotes, os *Zés Pereiras*, a *morte*, de campainha e fouce, os *princezes* de mascara de arame e de papelão, os ranchos com tocatas e os *diabinhos* de rabos e chifres, agitavam-se, moviam-se, dando a esses quadros um aspecto verdadeiramente encantado.

De subito, uma banda de musica assomava, precedida de fogos de bengala e da multidão dando vivas.

Eram as Summidades, a União Veneziana, os Zuavos, ou qualquer outra sociedade, conforme os tempos, que na terça-feira enterrava o carnaval...

Nos esquifes, com rodellas de limão, ouriçados de palitos, guarnecidos de archotes, carregados ao hombro, os leitões assados, os perús, as gallinhas e o fiambre para as ceias no theatro.

O feretro parava em determinados logares, entoava-se um *De profundis*, tocavam-se marchas funebres, recitavam-se discursos comicos, poesias disparatadas, em honra do carnaval e da comesaina.

Estas festas foram mais ou menos assim até o anno de sessenta e tantos, em que a Paulicéa Vagabunda compareceu nos festejos.

Foi esse o ultimo carnaval classico, estrondoso. O Imperador desceu, na ultima tarde, ao paço da cidade.

A' excepção do Congresso e da União Veneziana, as mais sociedades existiam: parte da população mascarava-se, e os theatros e clubs eram paraizos arteficiaes.

Sem podermos firmar as datas da fundação das sociedades de hoje, recordamo-nos de um facto que determinou o renascimento do carnaval, que ia em decadencia: o incendio de uma pharmacia ou drogaria da rua Direita, no anno de 1861.

Os theatros estavam cheios, e a noticia espalhou-se.

Os Zuavos, suppondo que o fogo se havia declarado em casa de um dos socios, para lá correram, e, com o seu uniforme carnavalesco, auxiliando o corpo de bombeiros, portaram-se com a maior valentia.

Extincto o incendio, levantaram-se para elles as labaredas do prestigio. Novos socios entraram; o enthusiasmo aviventou-se, e não longe d'esse baptismo de fogo, que lhes consagrou o nome, receberam no chrisma de Momo o de Tenentes do Diabo.

Nos carnavaes posteriores a 1869, uma outra geração, trazendo consigo novas idéas, veio occupar o scenario pouco povoado do passado e assistir á agonia das derradeiras associações que falleciam.

Da altura de suas aspirações, recolheu o que lhe pareceu util, accumulando os cabedaes de que presentemente dispõe.

Os Fenianos, grupo dissidente dos Tenentes do Diabo, exemplificam o que dizemos.

A partir de 1870, o carnaval concentrou-se nas grandes sociedades, absorvendo os mascarados.

Pequenos ranchos, foliões dispersos e de pontos distantes, para verem o desfilar de um prestito sumptuoso, affluam aos lugares indicados no itinerario, abandonando assim seus passeios, seus centros, seu meio; mas como tanto gosavam fantasiados como sem disfarce, opinaram pela conveniencia, e o mascarado de hontem tornou-se o curioso de hoje.

Não sabemos se com isso ganhou ou perdeu o carnaval; como regosijo popular, não é mais o que era.

Os theatros, ficando vasilios, porque as *cavernas* e as casas proprias locupletavam-se, apagaram seus lustres, fecharam suas portas; e os curiosos, depois que as sociedades passam, voltam aos seus lares, como nos dias communs.

Entretanto, cumpre confessar que os Democraticos, Fenianos e Tenentessão justamente dignos da gloriosa reputação que lhes dispensa o publico, reputação adquirida pelo espirito subtil de suas *idéas*, pelo apparatus grandioso de seus prestitos.

Margeando as correntes modernas, substituiram as cavalgadas numerosas, os carros de mascarados, os personagens disfarçados, a mascarada geral, pelas suas custosas bandas de musica, pelas allegorias do Porta-estandarte, pelos *carros de idéas*, cada qual mais espirituoso e original, ou mais rico.

Debaixo das rodas d'esses carros ficaram esmagados os arlequins, os polichinellos e outros typos, que outr'ora tanto nos divertiram.

E a allusão deixou de ser pessoal para abranger, as mais das vezes, um circulo, um facto, uma acção. Applaudidas muitas das suas criticas pela felicidade das reproducções, os acontecimentos mais ridiculos e frisantes do anno são transportados para aquelles scenarios ambulantes, como para um baixo-relevo executado por mestre. O povo ri-se a bom rir, porque, conhecendo o assumpto, póde dar aos personagens os nomes authenticos.

Depois das ruidosas Allegorias em que todas as sociedades se empenham por exceder-se, seguem-se os *carros de idéas*, em que os Fenianos, Democraticos e Tenentes têm ao mesmo tempo, ou em annos diversos, se coroados de laureis, na realidade deslumbrantes. A *passagem de Venus*, em que apparecia um *celebre astronomo* armado de telescopio; A *mancha de Jupiter*, allusão magnifica á escravidão; *Braços á lavoura*, *As barraquinhas*, a *Questão dos bispos*, etc, conquistaram tão vivas manifestações que a impressão produzida restou inapagavel na memoria publica.

Os Fenianos, os Tenentes e os Democraticos, empunhando o sceptro da tradição, representam actualmente o carnaval do Rio de Janeiro.





VI

Quinta-feira Santa



começar da vespera, o luto obscurecia o esplendor das igrejas.

A pyramide ardente do altar-mór em dias de festa havia desaparecido; e a physionomia consternada dos templos, em que luzes isoladas broxoleavam funebres, convidava os fieis á penitencia e á contricção.

Em épocas que a nossa lembrança descobre, a Quinta-feira Santa era um dos maiores dias

do povo; dia exclusivamente consagrado á expiação das faltas, aos sacrificios propiciatorios.

Durante a semana os templos regorgitavam de devotos que iam desobrigar-se; a voz eloquente do orador sagrado retumbava nas naves como um paroxismo prophético da eternidade; e os santos, nos seus nichos dourados, occultavam-se por trazdas cortinas rôxas, apenas o sacerdote levantava a antiphona das *Trevas*.

E quanto fervor! e de quanta poesia a imaginação popular não exornava esses actos, esses deveres!...

As superstições succediam-se ás praticas religiosas, o recolhimento da consciencia serenava as paixões, e as *endoenças* como que collocavam a população na presença de um Deus agonizante.

O que se passava na Quinta e Sexta-feira Santa no seio das familias era de uma simplicidade primitiva e tocante. « Porque Nosso Senhor estava doente », a casa não se varria, os escravos não trabalhavam, os meninos não faziam bulha. Não se cantava, não se dansava, não se tocava. As correcções corporaes eram abolidas: fallava-se baixinho, jejuava-se, resava-se...

As donas de casa emprazavam para quando rompesse a Alleluia certo ajuste de contas com as escravas delinquentes e filhos traquinas.

No corpo das igrejas e nos corredores, nas sachristias e nos claustros, gente de toda a classe buscava os confessionarios, desde o sabio

e o alto funcionario publico, até o homem obscuro e o captivo humilde, cuja metaphysica limitava-se a crer e orar.

O jejum, não obstante ser obrigatorio, soffria restricções: eram excluidos os doentes e enfermos, as senhoras gravidas e as crianças, os velhos e as mulheres que amamentavam.

A abstinencia de toda a casta de jogo e divertimentos e a continencia, em qualquer condição, constituíam uma lei.

Durante a *semana final* commungava-se. O padre adiantava-se no silencio glacial das igrejas, acompanhado dos acolitos; e, diante da toalha immaculada, os fieis, de joelhos, recebiam a particula sagrada.

E ao brilho do ciborio maginifico e dos citorios accesos, um calix de prata, repleto d'agua, circulava na dextra de um irmão de confraria, bebendo um gole cada um dos penitentes, absolvidos dos erros dos dias implacaveis.

O officio da Paixão, na Capella Imperial e no Carmo, era concorrido não só pela multidão anonyma, porém ainda pelo que havia de mais elevado e distincto entre a nobreza e povo.

Especialmente na primeira d'essas igrejas, o pontifical do bispo, o comparecimento do Imperador e dos seus ministros, do mundo official enfim, adquiriam mais deslumbramento ao faiscar das gemmas brilhantes sobre o reflexo negro dos velludos e sedas das ricas damas que, das tribunas e do interior das grades lateraes, aguardavam, piedosas e bellas, a cerimonia da Paixão e do Lava-pés.

Depois da missa, da sagração dos oleos mysticos e de desnudados os altares, arriavam-se os sinos, a hostia era depositada no *cofre* ou *tumulo*; a musica a vozes executava arrebatadoras composições de José Mauricio e outros mestres, seguindo-se após as Lamentações — tudo o que ha de mais inspirado na poetica sonora do christianismo.

A's notas repassadas de imprecações e angustias do doloroso e pathetico drama das Lamentações, a multidão como que via, na serie de plangentes antiphonas, os prophetas da antiga lei resurgirem nas suas proporções incommensuraveis; mas, no meio das apostrophes, entornando a segurança e a fé nos corações desolados.

E o côro, respondendo ás arguições solemníssimas, parecia o écho de uma ruina que desabava.

A esthetica d'aquelle tempo tinha como fórmula de arte a beatitude d'alma e a crystalisação eucharistica das lagrimas!

Absorvida no luctuoso ideal, a reunião dos fieis tornava-se respeitosa e sentida. E aos reflexos lividos do sanctuario, aquella especie de viajantes das terras austraes descobria o aspecto calmo e sereno do céu.

E a matraca, que desde a vespera substituiria nas Trevas o sino, atroa a sacristia...

A archibancada para o Lava-pésahi estava sobre o marmore sagrado da igreja para o *mandato* commemorativo.

O bispo, na magestade do seu porte, avultava com os seus sacerdotes e comitiva; e doze pa-

dres, alinhando-se, sentados nos logares determinados, indicavam o complemento do rito, emquanto aos officiantes.

O venerando imitador do Christo, identificado com o seu papel, patenteava toda a humildade do divino Mestre quando, interrompendo a ceia, lavara os pés aos seus discipulos, presentindo já na face pallida como as nuvens do inverno, o beijo frio e viscoso da traição de Judas.

Durante a loção, o côro da Capella entoava umas harmonias de José Mauricio, tão inspiradas, que enlaçavam em sua sublimidade maravilhosa, o grandioso, o mysterio, o amor e a prece.

Quando esta cerimonia findava, celebravam-se as Trevas.

O altar do Sacramento, guardado por sentinellas com as armas em funeral, ficava illuminado como uma montanha de fogo; e, dividindo os quartos da noite, os irmãos velavam a hostia consagrada.

Alli estava a luz; — no resto da igreja rolavam as trevas.

O effeito conveniente dos accessorios destacava todo o *Intermedio* de tristeza que ia desempenhar-se. No sanctuario, occupava o centro um candieiro triangular, com quinze velas de cêra amarella que queimavam crepitando e fundiam-se em grossos fios.

E o conto das visões propheticas, os lamentos e as orações échoavam lugubrememente no recinto e nos altares despidos dos adereços de outr'ora.

O symbolismo é o transcendente dos cultos. O candieiro das trevas tinha essa expressão e esse character.

A' medida que findavam os psalmos, a modo que a morte, aninhada em algum turbante de sombras, alongava a aza por sobre cada uma d'aquellas luzes... um acolyto as apagava.

Adiantando-se o Officio, mais se adiantava a negridão que se peneirava no templo, até que o cirio do apice do referido triangulo ficava unico como um pensamento que não morre, como um santelmo de naufrago aos fremitos da tempestade.

Um corista, porém, o retirava, e, levando-o para traz do altar-mór, ahi o escondia.

Entre Deus e o sol ha um ponto de contacto: não é necessario que elles se mostrem para que sua luz illumine os horizontes e o mundo.

— Aquella veia symbolisava o Christo morto, rasgando com ondas de esplendores o ar nocturno do sepulchro!

E os padres, como uma legião de sombras resvalando no cahos, murmuravam o *Miserere*.

Então, o cirio mysterioso reaparecia, o silencio era substituido pelo alvoroço, pelo bater de livros nos bancos e o estalar ensurdecador das matracas.

Emquanto a Capella Imperial retinia dos ultimos rumores das Trevas, no paço o Imperador humilhava a sua fronte coroada, diante de onze pobres e um sacerdote, na cerimonia do Lava-pés.

Semelhando á Victima divina, e a exemplo dos papas, dos reis, dos mais imperadores, dos arcebispos e bispos, dos abbades e provinciaes, Sua Magestade mantinha esses estylos, empanados presentemente por halitos hereticos.

Esse acto era concluido pelas esmolas de moedas de ouro aos pobres, e a offerta de um ramo de flôres ao padre que os acompanhava.

Desde o meio-dia o exercito cingia de crepe as bandeiras, as musicas calavam-se, as armas ficavam em funeral.

A' tarde, as consoadas nos conventos e domicilios privados...

Na Quinta-feira Santa, a partir de seis horas, a população, vestida de lucto, comprava amen-doas e visitava as igrejas.

*

Da multidão silenciosa ouvia-se nas ruas o borborinho confuso e cadenciado.

O farfalhar das sedas, o ruido da turba em caminho, palavras ao acaso, condensavam-se em certa altura, n'uma ondulação unica, mas larga e igual.

A visitação, depois da desobriga, tornava-se como que um respiradouro áquella gente, enlevada no mysticismo dos crepusculos christãos.

As igrejas soturnas attrahiam n'esta noite todas as classes populares; por isso que os paineis da Paixão ou os *Passos*, e a exposição do Senhor Morto se haviam preparado e disposto segundo a letra da tradição.

Ao transpor-se o limiar de um templo, deparava-se, ao olhar, o santuario quasi ermo de luzes e coberto de panejamentos negros.

Habituando-se á escuridão, quem se aproximasse descortinaria a scena mortuaria preparada no fundo, scena commovente e destinada a impressionar os espiritos piedosos.

Na Lampadosa, por exemplo, armavam com folhagens um Horto verdadeiramente tetrico, esclarecido com escassez, no meio do qual a imagem do Christo morto, envolvido no lençol do jazigo, era guardada por irmãos do Santissimo, com tochas accesas, de opa vermelha, tendo a um lado uma grande salva de prata, onde cada visitante depunha o seu obulo.

Na generalidade, os *Passos* do Rozario e os Hortos eram pouco communs.

Simplificando o apparatus, a exposição, na pluralidade das igrejas, resumia-se em collocar o Senhor Morto embaixo do altar-mór, do qual retiravam a face esculpida, ficando sobre o altar a Virgem das Dores, nas solidões interminaveis de sua agonia sem termo.

Os irmãos de confraria — e mais orthodoxamente os do Santissimo Sacramento — velavam alternativamente com as suas tochas ardentes, o simulacro do tumulo do cadaver de um Deus.

Os fieis, que deviam visitar, pelo menos, sete igrejas, dobravam o joelho no topo dos degraus, inclinavam o corpo, abaixavam a fronte, beijando de preferencia os dedos do pé ou o dorso da mão ensanguentada da imagem estendida.

E, erguendo-se compungidos, sacudindo a poeira dos vestidos, deixavam na salva a esmola espontanea, sahindo em seguida.

Entre familias, entre as pessoas mais chegadas, entre o povo finalmente, a phrase: — « me perdoe alguns agravos » —, era propria do dia.

E esse dizer tão simples, que authenticava a desobriga da quaresma, abrangia os derradeiros temores de uma alma purificada pela religião e pela penitencia.

A exposição das baixellas de prata e de ouro, do paço da cidade, disputava a concurrencia com as mais esplendidas igrejas.

Até á meia-noite, que durava a visitação, magotes de povo empreteciavam as ruas.

O commercio de amendoas estava no seu auge, as confeitarias repletas de compradores, e o luxo offuscava.

Ninguem havia que resistisse á tentação de comprar um presente de festas, um objecto qualquer, para uma offerta.

Os estabelecimentos especiaes, como as confeitarias do Deroche, Castellões, João Guimarães, Carceller, Castanin, do Felippe, do largo da Carioca, e do Neves, do largo do Capim, ostentavam-se caprichosos, com as suas cortinas de cassa nas portas da entrada, com suas galerias feitas em columnas e forradas de seda, e com seus candelabros e arandelas de gosto e preço.

O povo formigava n'essas casas, escolhendo á vontade caixinhas e cartuchos de amendoas, deliciosas empadas, cestinhas com azas, enfei-

tadas com fitas e papeis, confeitos de amendoas, cravo, canella, etc.

Por entre as soberbas jarras com flôres das escadarias, a classe fina da sociedade, as familias importantes e ricas chegavam aos salões luxuosos do João Guimarães, em que os gelados, os doces saborosissimos e os sorvetes eram servidos por empregados luzidos e attenciosos.

A esse movimento incessante presidia a boa ordem das nossas festas populares.

Felizes tempos aquelles em que o povo tinha crenças e expansões intimas !

Mas esses tempos passaram !...





VII

Sexta-feira da Paixão

A PROCISSÃO DO ENTERRO



perdão das injurias, o bem pelo mal, eram, no dia de hoje, os orvalhos que reverdeciam as flôres que se fanavam da fé.

A morte do Christo dissipava o horror da immortalidade e fazia scintillar a esperança nas plagas nebulosas da vida eterna.

A crença publica immobilisava-se nas raias contemplativas, onde as acções boas conferenciavam entre si.

Como uma repercussão das palavras que o filho de Deus deixara cair dos lábios no alto do Golgotha, o Imperador perdoava a criminosos. Inimigos vinham de longe reconciliar-se; as famílias reatavam relações partidas; o filho rebelde inclinava diante do pai a fronte obediente; e o escravo fugido comparecia indultado perante o senhor.

Nas fazendas, o eito e o tronco não gotejavam sangue, as gargalheiras não maceravam as victimas, as correntes do cêpo não mordiam o pé do captivo nas torturas das senzalas.

Era o reinado da paz e do perdão; o unico dia talvez em que se considerassem bemaventurados aquelles que choravam!

E a penitencia e a devoção encaminhavam á casa de Deus a turba pacifica.

Na Capella Imperial, as velas gastas na vigilia ao Santissimo fumavam, avivando o lume dos morrões esbrazeados e longos...

A igreja conservava as portas cerradas em signal de dó, o interior era sombrio, e os sacerdotes, apparecendo da sacristia, tomavam o altar-mór: o officio da Paixão começava abrupto.

A adoração da cruz deitada ao longo no chão do presbyterio, o bispo e cabido faziam prosternados, findo o que, a communhão derradeira da semana celebrava-se solemne.

A Paixão, que iniciava-se por uma prophecia, era o Evangelho dialogado em canto gregoriano. Os Judeus, o Christo, Pilatos e os apóstolos exhibiam-se na scena sagrada, tendo por

interpretes o côro e tres padres, que, de dous pulpitos e da lage do templo, entretinham a acção, combinando trechos biblicos com as cadencias sublimes de antiguidade remota.

No desempenho da tragedia divina, os padres, elevando os braços, alteavam a voz. Eram os bradados.

A Paixão concluia-se pelo officio de Trevas, que, em tempos afastados, precedia de pouco a sahida da procissão do enterro.

Das oito para as nove horas da noite, duas d'essas procissões percorriam as ruas da cidade: a do Carmo e a de S. Francisco de Paula.

Escolhendo como typo a do Carmo, a sua descripção é curiosa, resistindo severa a confrontos remotos.

Na primitiva, os personagens do cortejo eram menos numerosos; porém uma especie de prologo, de intermedio dramatico, n'uma ensenação de effeito, dava a conhecer os principaes caracteres.

Em 1831, por volta das quatro horas da tarde, a procissão do Enterro estava na rua, sendo utilizados, para se encarregarem de diversos papeis, cantores e musicos do officio de Trevas.

Esgotadas as praticas de sexta-feira, na Capella Imperial, o Carmo enchia-se de povo para observar uma verdadeira scena de theatro. A um signal convencionado, abriam-se as cortinas de damasco do côro, e as figuras que tinham de formar o prestito funebre, appareciam agrupadas, causando grande sensação.

Minutos depois cerrava-se o panno, e aquelles personagens encorporavam-se nas ruas populosas ao cortejo admiravel.

A procissão do Enterro, como se fazia mais recentemente, supprimira essa scena historica, accrescentando, como compensação, novas figuras e mais avultados accessorios.

A procissão do Carmo sahia ás oito horas da noite. A multidão, apinhada no largo do Paço, defronte da igreja e na rua Direita, movia-se em massa, aqui e alli, como uma onda de asphalto fervente, negra e espelhante.

O luar batia ao longe no mar e polia as paredes brancas e as saccadas dos edificios, de onde centenas de familias debruçavam-se sofregas.

As luminarias douravam das janellas e saccadas as colchas fluctuantes ao vento, produzindo os reflexos iriados uma perspectiva brilhante.

Com os tambores forrados de preto, a bandeira enlaçada de crepe, e as armas em funeral, um batalhão da guarda nacional postava-se a um lado da praça, para as honras funebres do sahimento.

A um momento inesperado, subito clarão golfejava da porta principal da igreja que se abria. A gente que occupava o adro, descia; o povo separava-se em alas na rua Direita; os sineiros, no alto da torre, despencavam o corpo, abraçando a cabeça dos sinos; e todos voltavam o rosto, estirando o pescoço, para o alpendre do templo.

As pessoas mais sisudas e discretas collocavam-se a maior distancia, o que devéras convinha á apreciação do apparatuso acto.

Bem como enorme pedaço de velludo negro, cortado por dois galões de fogo, assim era aquella trilha, serpeada pelas luzes das tochas em profusão.

A procissão havia sahido. De ha tantos annos passados, fallemos do prestito, revivendo recordações.

Rompendo a marcha, e levando adiante de si a multidão que se atropellava, seis soldados de cavallaria de policia, com espadas desembainhadas, alinhavam o povo.

As mulheres suspendiam nos braços as criancinhas somnolentas, o chefe de familia dispunha, segundo a idade e tamanho, os filhos e as senhoras, para que bem vissem; e nas portas escuras, trepados em mochos, os escravos procuravam, da melhor fórma, espiar o que se passava.

O reboiço e os arremessos eram infalliveis, como se póde deduzir.

E a matraca, batida por um individuo vestido de balandrão, troava...

Equilibrado por um irmão do Carmo, o *labaro* romano campeava nas alturas com a vistosa inscripção em letras de ouro: S. P. Q. R.

A' sua sombra, o Farricôco, envergando uma tunica escura, com capuz sobre a cabeça e mascara aberta para os olhos e bocca symbolisando os Novissimos do Homem, tocava uma trombeta, sustendo na mão esquerda uma com-

prida e fina vela de cêra, de que a instantes sacudia os pingos.

Com este personagem bizarro começavam a passar os Terceiros da confraria, com seus habitos proprios, empunhando grossas e pesadas tochas, conduzindo alguns, pela mão, um anginho, ca la qual com um instrumento da Paixão

N'essa procissão, como nas demais, os commerciantes portuguezes, que representavam as riquissimas irmandades, adornavam-se de suas condecorações nacionaes, cravejadas de finissimas pedras e de brilhantes de raro valor.

Póde-se dizer que a confraria do Carmo comparecia toda, preenchendo os irmãos os grandes claros, os intervallos prolongados, entre a aparição dos personagens que a crença d'aquellas épocas suppunha haverem acompanhado o enterro do Christo.

O prestito parava a miudo ; os anginhos, fatigados, iam quasi de rastos ; e o *guião*, com o seu sequito de irmãos da Misericordia, com castiças de páo e velas accesas, obscurecia os ares, azuladamente transparentes pelos brilhos da lua cheia.

E nem mais se ouvia a matraca ; o Farricôco perdera-se de vista.

A este, porém, vinte minutos mais tarde, seguiam-se os quatro Prophetas maiores, em costumes de mouros, perfilando ao hombro escadinhas de pinho, marchando imperturbaveis.

Este grupo barbado e de cabellos cacheados não passava isento de motejos.

E os irmãos proseguiam, os anginhos mais desenvolvidos marchavam, balançando a perninha, e os Prophetas lá iam . . .

Um destacamento da guarda romana, com alabardas, lanças e escudos raiantes, assomava após, capitaneado por um Centurião, homem colossal e resoluto.

De viseira e capacete de couraceiro, com sua banda deseda, franjada de ouro, levantava o passo graduado, deixando assentar a pesada e enorme alabarda nas pedras, que estrondavam á pancada.

Os rapazes gostavam d'esta figura e applaudiam o desgarre.

Os anginhos, portadores da *columna*, da *canna* e da *corôa de espinhos*, indicavam que o sarcophago do Senhor passaria em breve.

Então, as tres Marias, que eram musicos vestidos de *dominós* pretos e de mascara, avi-sinhavam-se, com as suas aureolas em volta da cabeça, fazendo leves mesuras, e murmurando lugubrememente : — *Behú! Behú!*

A esses figurantes, que tornavam-se as vezes ridiculos a espiritos imprudentes e pouco reflectidos, succedia o côro dos musicos da Capella e o anjo cantor.

O anjo-cantor era uma belleza de dezeseis a dezoito annos, ricamente vestida e cingindo um diadema de ouro e brilhantes.

Subindo n'uma escada de degráus largos, quando entoava, desenrolando o sudario ensanguentado, a antiphôna — *O' vos omnes qui transitis per viam* — sentia-se que por alli ia passar alguma cousa de divino.

As flôres, atiradas das janellas, forravam-lhe o caminho ; o esquife do Senhor apparecia.

A' semelhança de um lago de estrellas frias, o sarcophago de prata massiça oscillava ao hombro de frades do Carmo, de alva e estola atravessada, coroados de espinhos.

O religioso silencio que dominava as multidões, era apenas quebrado pelos rufos abafados de tambores, e pela marcha funebre que se executava longinqua.

Em seguida, vinha o andor de Nossa Senhora, carregado por irmãos do Carmo. Como o esquife, este andor era todo de prata esculpida, mas guarnecido nas quatro faces por estreitas cortinas côr de violeta e douradas, que se terminavam em ricas franjas de ouro.

A sagrada imagem, no seu pedestal rodeado de cyprestes, impunha-se como santa, como virgem e como mãe !

Esse cortejo era fechado pelo batalhão, cuja musica tocava, durante o tracto, marchas funebres.

Só depois das onze horas a procissão recolhia-se á igreja de onde sahira, ficando por mais algum tempo as imagens expostas á adoração do publico.

Pouco depois, o sermão de lagrimas, outr'ora verdadeiros primores de eloquencia, era declamado pelo orador mais celebre, aos fieis reunidos n'aquelle sacrario de dôr.

Muita gente do povo percorria os *Passos* n'essa noite, visitava os Hortos, ficava estacionada nos adros das igrejas expostas ao publico.

Igual procissão, que sahia de S. Francisco de Paula, tinha seus partidarios, seus devotos, mas itinerario diverso.

Sentadas nas calçadas, ao longo das ruas, nos degrãos das igrejas, as vendedeiras de doces e confeitos arriavam os taboleiros, dentro dos quaes uma lanterninha de folha de Flandres, com uma vela accesa, alumiaava os mostradores ambulantes.

A' distancia, essa myriade de luzes move-danças dava a idéa de uma noite clara dos tropicos, com as suas moitas cheias de luz e suas campinas choviscadas de vagalumes.

Da Semana Santa, cujo livro de costumes o nacionalismo brasileiro atirou no olvido, salvese ao menos esta lauda da tradição.





A festa de...

ri e uma de...
pala no ho...
trabalho ma...
geral.
Nate em tempo de...
dirto fora com...
sua Santa Insi...
decreto, tem...
a sua Juizem de...
Nô abandonou...
mas sempre em...



VIII

A festa do Divino

ATÉ o anno de 1855, nenhuma festa popular no Rio de Janeiro foi mais atrahente, mais alentada de satisfação geral.

Referem antigos chronistas, que as festas do Divino foram instituidas em Portugal pela rainha Santa Isabel, e escriptores do seculo xvi as descrevem, bem como Heitor Mendes Pinto na sua *Imagem da vida Christã*.

Não abandonando nunca as suas terras natalicias, mas viajando em nossos climas, esses

folguedos impregnaram-se aqui de aromas sub-
tis, expandiram-se em manifestações mais va-
riadas, tendo como figurantes troncos primi-
tivos ou seus descendentes immediatos, que
deviam entrar por alguma cousa na metamor-
phose do molde metropolitano, sempre uni-
forme e monotono nos Açores, Coimbra, etc.

E' que não só a linguagem, porém os usos e
costumes europeus, passando-se para a Ame-
rica, adquiriram mais suavidade e riqueza.

Na época em que fazemos passar essa festa
(1853 — 1855), em tres freguezias d'esta capital
armavam-se *imperios* e *coretos*: — na do Espi-
rito Santo de Mataporcos, na de Sant'Anna,
no campo do mesmo nome, e na Lapa do
Desterro, que representava a freguezia da
Gloria.

As musicas de barbeiros, que eram compostas
de escravos negros, recebendo convites para as
folias, ensaiavam dobrados, quadrilhas, fan-
dangos...

O povo, prelibando delicias infalliveis, pas-
seiava no campo, assistindo á edificação das
barracas, á construcção do imperio e dos co-
retos, á collocação das bandeiras e das aran-
delas, e ao orlamento de copinhos de côres,
com que fantasticamente illuminava-se a frente
da igreja de Sant'Anna, mais tarde demolida
para fazer-se a estação da estrada de ferro de
Pedro II.

Quarenta dias antes do domingo do Espirito
Santo, a banda dos pretinhos, precedendo rui-
dosa turma, parava no largo da Lapa, de-

fron­te de um im­pe­rio de pe­dra e cal, que exis­tia no lu­gar onde ac­tu­al­men­te levanta-se um pre­dio de dous an­dares — e ahi to­cava es­colhi­das pe­ças de seu re­sumido re­per­to­rio.

Ao pas­so que a mu­sic­a ex­ta­siava os cir­cum­stan­tes e re­unia toda a gen­te, dous ne­gros pos­san­tes per­fu­ravam o chão com alavan­cas pesadas e pon­tu­das. Fin­do esse tra­balho, fin­ca­va-se o clas­si­co mas­tro, en­ci­mado por uma pom­ba de ma­deira re­cen­temen­te pre­teada, flu­ctuando um pou­co aba­ixo a ban­deira do Di­vino, com as suas dourad­uras bril­han­tes e seus ma­tiz­es vi­vissi­mos.

E a fo­guetaria es­tourava, re­picavam os si­nos, os bar­beiros fe­riam os seus in­stru­men­tos, e os foliões, que até en­ção con­servavam-se qui­etos, mis­tu­ravam aos sons da in­stru­men­tação mar­cial o rufo ac­cel­erado dos tambores, os tinidos dos *ferrinhos*, o tropel das castanholas e o cho­calhar dos pandeiros, com que acom­panhavam as suas can­ti­gas :

A pombinha vai voando,
A lua a cobriu de um véo,
O Divino Espirito Santo
Pois assim desceu do céu

Os foliões eram rapazes de nove a dezoito annos, trajavam igualmente, cantavam quadri­nhas ajustadas ao religioso motivo, pedindo pelas ruas da cidade esmolas para as despezas do culto.

Dous irmãos da confraria os acompanhavam, vestidos de ópa: um conduzia pela mão o imperador, que era um menino de oito a doze annos, vestido de casaca vermelha, calção e chapéo armado; e o outro, com uma especie de custodia, no centro da qual havia uma pomba esculpida, adiantava-se para as pessoas que a beijavam, e, apresentando uma sacola de belbutina encarnada, recolhia as esmolas dos devotos.

Nos ranchos, um rapazola ia com a bandeira, sendo as vestimentas de todos casaca e calção escarlates com galões de ouro, collete de seda branca debruado de côres, sapatos baixos de fivellas, chapéo de feltro de cópa afunilada e abas largas, ornado de fitas, distinguindo-se o porta-estandarte por vestuario mais pomposo e pelo grande tope de flôres, pregado no chapéo, de fórma differente.

E a folia dobrada, pulando, brincando, dançando, cantava:

O Divino pede esmolas
Mas não é por carecer,
Pede para exp'riantar
Quem seu devoto quer ser.

Meu Divino Esp'rito Santo,
Divino celestial,
Vós na terra sois pombinha,
No céo pessoa real.

A folia de Mataporicos, reproduzindo ceremonial identico, tomava para outras bandas,

aguçando a curiosidade dos habitantes do bairro, que chegavam á porta e ás janellas para vel-os e ouvil-os :

Andamos de porta em porta
De todos os moradores,
P'ra festejar o Divino,
Cobril-o todo de flôres.

O Divino Esp'rito Santo
Hoje vos vem visitar,
Vem pedir-vos uma esmola
P'ra seu imperio enfeitar.

Depois destes e de um sem numero de versos, o irmão de ópa, erguendo a bolsa em que os devotos osculavam a imagem symbolica, a retirava, ao tinir das moedas de prata ou de cobre, que cahiam, dos contribuintes piedosos e francos.

Diariamente sahiam esses alegres e festivos grupos, visitando cada qual a sua parochia.

Os foliões de Sant'Anna eram mais avultados, descreviam mais amplo itinerario, recolhiam maiores donativos.

Antecedidos sempre pela musica de barbeiros, acompanhando com instrumentos multiplos as suas tradicionaes canções, a colheita das esmolas estabelecia relações directas com as maravilhas dos festejos.

E os foliões, contentes da lida, arrufavam, correndo com o dedo, os leves pandeiros, ba-

tiam *ferrinhos*, rufavam tambores, bailando em infantis descantes :

O Divino Esp'rito Santo
E' pobre, não tem dinheiro,
Quer forrar o seu imperio
Com folhas de cajueiro.

Rua abaixo, rua acima,
Ruas de cantos a canto,
Rua que por ella passa
O Divino Esp'rito Santo.

Os imperios e coretos, fabricados de sarrafos e lona pintada, estavam a concluir-se ; nas barracas do campo, os carpinteiros e pintores, trepados em escadas, pregavam taboas, estendiam disticos, miravam os paineis que reproduziam grosseiramente as representações do interior ; e, por entre os galhardetes, as bambinellas, trophéos e bandeiras, avistavam-se, em desenho flammante e incorrecto, scenas acrobaticas, um bezerro de cinco pernas, trabalhos de equilibrio, exercicios equestres, etc.

O campo de Sant'Anna synthetisava o grosso da funcção. Na direcção da rua de S. Pedro, em frente ao quartel, alongava-se uma linha de barracas com as suas cumieiras, que semelhavam á noite pyramides de fogo ou tectos incendiados ; e nos portaes da rua e aos balcões, os vendedores de sortes, de entradas e de comidas, estendiam o braço, gesticulavam, gritavam como possessos, ensurdecendo os transeuntes.

As musicas estrondavam de dentro, as familias e o povo formigavam defronte, e como uma chuva de pyrilampos que se abatesse dos ares, as lanterninhas de folha com vela de vintem das quitandeiras sentadas faiscavam ao largo, allumiando nos taboleiros e bandejas os louros *manaués*, as cocadinhas brancas e os bolinhos de aipim, feitos com esmero e aceio pelas laboriosas e inestimaveis doceiras d'aquelle tempo

Desde o escurecer, era realmente deslumbrante aquelle scenario. N'aquella praça enorme, a fileira de barracas parecia um muro alvo lavrado pelas chammas; a multidão com suas vestimentas pittorescas, apinhada no chafariz que ahi existia, ou movendo-se em grupos, lembrava um quadro de mestre da escola veneziana; ao hombro das montanhas descançava a abobada do firmamento, e a igreja de Sant'Anna, com a sua torre caiada, destacava-se ao fundo, n'um céu calmo e estrellado.

O famoso imperio, o coreto e o palanque do leilão, ao lado do templo, fascinavam de luzes, agitavam os bambolins.

Os espectaculos nas barracas constituiam o divertimento predilecto de metade do publico, que os frequentava com assiduidade.

A cavalgada de um dos circos de cavallinhos preludiava, ao mesmo tempo que as folias, a festa do Divino.

Todas as manhãs, a partir de 11 horas, a *troupe* exhibia-se nas ruas, com seus cavallo de raça, seus artistas adestrados.

O pessoal completo da companhia, em garbosos ginetes enfeitados de fitas, passeava pela cidade, annunciando o espectáculo da noite.

Precedido por dous clarins, o bando entrava ordinariamente pela rua de S. Pedro, caminhando a passo e avivando a attenção.

Airosamente inclinadas em sellins de banda, duas dansarinas de corda, fantasiadas com luxo, refreavam cavallos fogosos, fustigando-os opportunamente.

A estas succediam-se varios artistas, vestidos como nos circos, tendo por sellins o acolchoado especial adoptado para os exercicios equestres.

D'entre elles gosavam de merecida celebridade o portuguez Jacintho, que pulava por dentro de arcos, e seu irmão, vulgarmente conhecido por *Bem-te-vi*, gymnasta assombroso e incessantemente victoriado nos saltos mortaes por sobre sete e nove cavallos.

Fechando o prestito, vinham dous macacos banzando de um lado para outro em dous lindos pequiras, o director da companhia, e o palhaço Joaquim, por antonomasia — o Faceirice.

Vestido de *clown*, de costas para o pescoço de uma égua baia, de pé e fazendo tregeitos, o gracioso palhaço arrastava após si uma ranchada de moleques, que, tumultuosos, batendo palmas compassadas, estabeleciam com elle estravagante dialogo e formavam còro.

E o Faceirice, dominando de toda a altura o seu numeroso sequito, erguendo as mãos,

arregalando os olhos, escancarando a boca pintada de vermelho, ao soar dos guizos de suas mangas de bicões e de seu chapéu de *pierrot*, principiava:

— Moleque !...

— Sinhô!

— A moça é bonita?

— E', sim sinhô...

— Tem vestido de babado?

— Tem, sim sinhô...

— Rapadura é cousa dura?

— E', sim sinhô...

E assim por diante, terminando isso pelo invariavel estribilho:

— Ora, bate, moleque! ora, bate, coió!

Com o fim de manter a ordem, um ou mais pedestres, munidos de grossas chibatas, guarneciam a onda, distribuindo ás vezes perdidas lambadas, que moderavam os excessos de entusiasmo dos *dilettantes* em alarido.

Quando as luminarias accendiam-se, o campo regorgitava de curiosos e de gente que comprava sortes, cejava nas barracas, caminhava ao acaso e recebia entradas.

Na sua tribuna aerea, o Chico-Gostoso apregoava offertas, improvisava versos patuscos, com a sua ópa escarlata, com a sua salva de prata:

Quem tiver o seu segredo,
Não conte á mulher casada,
Que a mulher conta ao marido,
O marido á camarada...

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres, dou-lhe tudo desta vez! — Eram as palavras que os écos espalhavam pelo espaço, com as gargalhadas da multidão, que applaudia-lhe as lembranças felizes e o logro dos segredos.

As bandas de musica faziam-se ouvir por toda a parte. Os saltimbancos, aos gritos nos circos, provocavam « bravos » e palmas dos espectadores em delirio.

Na barraca de MM. Bertheaux e Maurin, a gymnastica e os quadros ao vivo, de reproduções historicas, tornavam-se tentação irresistivel para as pessoas que, depois de apreciarem as magistraes execuções da banda de fuzileiros, que tocava na varanda, iam deleitar-se a mais não poder, em presença dos proclamados quadros impressionistas.

Não menos frequentada era a barraca de M. Foureaux, com as suas scenas mimicas, suas Pyramides humanas, seus volteios equestres, onde os artistas Carlos Varin e Baptista Foreaux executavam exercicios de bolas, equilibravam-se em garratas, desempenhando igualmente admiraveis evoluções em argolas volantes.

Essa companhia contava em seu gremio duas *estrellas* de consideravel grandeza—Mlles. Jenny e Serafina.

Muitas corôas lhes foram atiradas aos pés, muitos amores adejaram timidos por sobre as suas fórmãs cinzeladas, muito poeta inspirou-se no seu olhar encantador.

E' de boa fonte esta quadra, que lhes enca-
recia o merito :

A Jenny, sempre applaudida,
Fará passos graciosos ;
Serafina, sobre a corda,
Seus saltos difficultosos.

Não obstante todos esses successos, a BAR-
RACA DAS TRES CIDRAS DO AMOR levava de ven-
cida a todas as outras, não só pela originalidade
das representações, mas ainda pela variedade
e distincção de seus frequentadores.

E quem a frequentava ?

A plebe e a burguezia, o escravo e a familia,
o aristocrata e o homem de lettras.

Nos annaes das nossas festas populares, a
barraca do Telles ficará solitaria no merecido
renome.

A barraca das Tres Cidras do Amor, ou bar-
raca do Telles, campeava em ultimo lugar,
quasi fronteira do imperio.

O seu aspecto era modesto, o letreiro que a
entesteirava era illustrado de tres cidras mons-
truosas, pintadas a oleo nas duas extremidades,
e um triangulo de pequenas bandeiras, enfiadas
n'uma corda, formava-lhe o frontão simples e
aligero.

No salão regular e pouco confortavel, em
longos bancos fixos e toscas varandas, installa-
vam-se, nas noites de recita, centenas de es-
pectadores, avidos de emoções agradaveis.

Por occasião d'essa festa comprehende-se
que todos procuravam divertir-se, entrando os

espectaculos do Telles no numero de suas procuradas distracções.

O scenario da barraca não era extenso: proporcionalmente dividido, sómente uma quarta parte destinava-se ao celebre theatrinho de bonecos, restando as demais para as representações de comedias, cantorias de duettos, magicas e gymnastica.

Na companhia não havia damas: para desempenhar taes papeis, dous ou tres rapazolas imberbes vestiam-se de mulher, salvando com habilidade a illusão scenica.

O que é verdade, é que o galan Pimentel, o Monclar e Pinheiro Junior tiveram como seu primeiro mestre o empresario das Tres Cidras do Amor, e quando de lá sahiram foi para entrarem no caminho da arte, das lettras e da gloria.

O Telles era um homeni de estatura regular, moreno, cheio de corpo e de pernas inchadas. Gozando dos favores publicos, sympathisado geralmente, engraçado a fazer rir as pedras, os seus espectaculos arrastavam a maior concurrencia.

Muitas noites, José Antonio, o bacharel Gonçalves, Paula Brito, a Petalogica em peso iam apreciar-o, corôal-o em scena, no debique o mais inoffensivo.

A João Caetano chamava elle de collega, consultava a respeito da comprehensão da arte, sobre os trajes dos personagens e interpretação das partes.

Uma vez o impagavel Telles, assistindo á representação da *Nova Castro*, depois de felicitar

o immortal actor que desempenhara o papel de D. Pedro, disse-lhe no camarim, no intervallo de um dos actos:

— O senhor agradou-me tanto, que deu-me vontade de imital-o. Mas, como vestir-me para disfarçar o defeito das pernas?

— Collega, de botas e batina; respondeu-lhe João Caetano.

A' noite, a feira do campo excedia-se em marés de povo no fluxo e refluxo, em vozerias de pregoeiros, em luzes, musicas e divertimentos.

O estalo dos chicotes nos circos, o repique dos sinos de Sant'Anna ao terminar o *Te-Deum*, as pachuchadas do Chico-Gostoso apregoando um pão-de-lot ou uma galinha, e a multidão em tropel que acompanhava ao imperio o imperador do Divino, o Porta-estoque e os foliões no centro de quatro varas encarnadas, imprimiam a essa festa um cunho de relevo brilhante, como as esculpturas architectonicas da idade média.

O theatro do Telles era illuminado a velas e a azeite, pagava-se 500 rs. de entrada, incluindo n'esse preço o bilhete da rifa; tinha, além da orchestra para a grande divisão do scenario, uma outra de violão, flauta e cavaquinho, que tocava occulta, quando dansavam os bonecos.

Depois da ouvertura — uma valsa ou uma polka — subia o panno. Como introducção á noite artistica, o Telles esquipaticamente vestido, apparecia, engolia espadas, comia fogo, fazia magicas...

E nem lhe faltavam applausos e muitos agradados.

Descendo o panno e subindo de novo, representava-se *O Judas em sabbado de Alleluia*, por exemplo: havia gymnastica, cantava-se a aria do capitão Matamouros ou cousa semelhante, como conclusão da primeira parte da recita.

O Telles nas comedias do sublime Penna tinha seu valor, por isso que era um homem totalmente inculto e gracioso, como os protogonistas das comedias de costumes do Molière cá da terra.

A maior somma de seus triumphos não consistia propriamente n'essas scenas de sobra originaes do nosso theatro nacional, porém no duetto *O Meirinho e a Pobre*, *O Muquinho* e na dança de bonecos, entremeada por elle de chulas lascivas, de repentes petulantes, de saracoteios inimitaveis.

Quando o Telles transpunha o palco, encasgado de meirinho, e que começava, desenrolando uma corda, ao avistar a pobre :

Tanta pobre na cidade
Não 'stá má vadiação...

o auditorio enchia com uma gargalhada o recinto, a rapaziada acclamava o artista, e João Caetano batia palmas *victoriando-o*.

Isso devéras o animava, pois retribuindo com o seu esforço a generosidade publica, desplicava-se no fado do fim do acto, bambaleando, cantando, requebrando-se, puchando a fieira, ondulando as nadegas a extenuar-se,

aos — Bravo do Telles! — Corta jaca! — Mette tudo! — Bota a baixo! — da multidão calorosa, que ria-se, gritava, batia com as mãos até os derradeiros rumores d'esse dansado tradicional e electrizante do povo brasileiro.

Em um d'esses momentos, coroou por pandega o genio de nossa scena dramatica ao saudoso histrião, de quem tão vivas recordações ainda persistem na lembrança de tantos contemporaneos que o conheceram e apreciaram.

Com a inconstancia das bandeiras ao vento, as peças na barraca variavam, e com ellas todo o espectáculo. Era immutavel, porém, a representação dos bonecos, que constituia a segunda parte do espectáculo.

Justamente n'isso brilhava o nosso Telles por seu espirito e mostrava real habilidade. O povo, que retirava-se nos intervallos, precipitava-se na occasião do signal para o espectáculo dos bonecos. Amainado o tumulto, o Manésinho arpejava lá dentro no seu violão, o Zuzú feria com a palheta as cordas do cavaquinho, e o Ferreira soprava na sua flauta macia...

Levantava-se o panno, e ao som de plangente melodia, cantava o Telles:

Abra-se o céo,
Rasguem-se as nuvens!
Appareça a scena
Cheia de luzes!...

E' inutil descrever a impressão produzida entre os espectadores, desde que se erguia a

cortina, desde que retalhavam o ar, a desaparecer nas bambolinas, os cordões motores das saltitantes figuras.

Iniciava quasi sempre essas recitas *A roda de Fiar*, dialogo entretido pela Fiandeira e o Caboclo, personagem forçado a todas as representações.

O Caboclo, que era o fiel reproductor das pachuchadas do Telles, crescia do tablado, vestido de calça branca, camisa arregaçada, collete encarnado, pulando-lhe á cinta uma cabacinha e munido de um facão, que agitava continuamente, nas dansas, nas ameaças, nas investidas, conforme as situações.

Na *Roda de Fiar* elle entrava, irritando a pequena boneca em seu trabalho.

A FIANDEIRA, *cantando* :

Não bula com a roda
Que ella é de fiar...

O CABOCLO

Não seja teimosa
Que ha de apanhar.

— *En... en!* minha dona!... bradava elle, perseguindo a interlocutora, que se punha de pé :
— 'Stou todo *arrispiado*!!

E muito dito chistoso e muito verso de sentido equivoco acudiam em turbilhão ao Caboclo e á Fiandeira, que acabavam brigando e fazendo as pazes, aos requebros da chula, ás ovações da plateia.

Em seguida á *Roda de Fiar* vinha *A Creação do Mundo*, drama de enredo complicado e riquissimo em disparates. Os protogonistas denominavam-se: O Caboclo, o Padre Eterno, Adão, Eva, Caim, Abel, o Sacristão e sinhá Rosa.

Por esta distribuição pôde-se calcular o idéal do autor. Apanhando reminiscencias, apenas archivamos na memoria um ou outro lance, que nos ficou por causa dos versos.

As figuras bailavam desde o começo, o dialogo corria pouco interrompido, o Caboclo enthusiasmava com os seus repentes.

Com o imprescindivel facão, traquinas e sempre disposto, arreliava elle as suas *donas*, e, no *paraiço*, recostado a uma arvore, implorava por sinhá Rosa, quando ella sumia-se nos bastidores:

Rosinha da saia curta,
Barra de salta-riacho,
Trepa aqui n'este coqueiro,
Bota estes côcos abaixo!

Então, Eva queixava-se a Adão, revelando-lhe a tentação da serpente, ao que este soltava:

Grande pinheiro tão arto,
Que dá páo para *cuié*,
Quem *quizé vê* mexerico
Vá na bocca de *muié*.

A historia intrincava-se, Caim matava a Abel, havia desaguizado, e o Padre Eterno, n'uma apothose de nuvens de pasta de algodão, descia

do céo, intervinha beneficemente no conflicto, finalizando o drama por um catêretê, em que o Padre Eterno dansava com sinhá Rosa, aos peneirados do Caboclo, que, dando umbigadas, sapateando, bradava :

— Quebra, sinhá Rosa!... Rebola, minha Malmequeres!...

E palmas repetidas, bulha incessante, bravos e risadas, partiam ardentes. Arriava-se o panno, succedendo após minutos um jongo de automatos negros, vestidos de riscado e carapuça encarnada, que, ao ferver de um batuque rasgado e licencioso, cantavam o estribilho, que ainda é popular :

Dá de comê!

Dá de bebê!

Santa Casa é que paga

A você!

— A' scena o Telles!—Bravo do Telles!—A' scena!—partiam da platéa, ao que elle attendia, e, reverentemente commovido, murmurava, adiantando-se e inclinando a cabeça :

— Obrigado, meu povo; obrigado. .

D'esta vez não fiz pechincha,
Descobriu-se a ladroeira! ..

Assim exclamava o Chico-Gostoso da grade do seu tablado dos leilões, sendo sorprendido n'uma escamotagem de prendas.

E uma trovada de risos e uma pateada geral antepunham-se á imperturbabilidade do capadocio leiloeiro.

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres...
Scio! Scio!!

O POVO

Bravo! bravissimo!...

CHICO-GOSTOSO

Toca a musica!

O POVO

Ainda não! ainda não!...

CHICO-GOSTOSO

Tenho dous mil réis pelo porquinho... quem dá mais?

UM HOMEM

Dou mais meia pataca.

CHICO-GOSTOSO

Pois o coré é seu... Toca á musica!...

O POVO

Bravo! bravo do Gostoso!

No imperio, o imperador, com o seu manto verde e sua corôa dourada, cochilava no meio

de sua côrte, o que a actualidade tem demonstrado que não acontecia unicamente aos imperadores do Divino.

Nas noites de fogo, a affluencia augmentava, as familias aguardavam, sentadas em esteiras, por essa radiante conclusão dos festejos, e magnificas ceias, trazidas de casa, as congregavam expansivas

Depois da meia-noite queimava-se a primeira roda: formavam-se partidos para saber-se quem venceria, se a *fortaleza* ou as *fragatas*: as moças gostavam dos *gyra-sóes* e da *lua*, os meninos da *mulher que mija fogo* e do *barbeiro*, e a rapasiada tinha como o melhor as *vaias* e os «*fóras*» ao *fogueteiro*, que andava em verdadeira roda-viva.

Ao arder a derradeira peça, quando lia-se no transparente em cifras cambiantes — *Gloria ao Divino* — a turba sahia das barracas, os sinos repicavam, o acampamento levanta-se, os applausos redobravam, e a multidão pouco a pouco dispersava-se.

Não faltavam commentarios divertidos, ao toque das serenatas, aos ultimos episodios da funcção.

Eis o que era n'aquelle tempo a festa popular do Divino, quando a nossa sociedade não tinha a pretensão de querer impor-se pela decadencia de seus costumes e pelo enervamento de seu senso religioso.



IX

Corpus-Christi

A PROCISSÃO DE S. JORGE

DATA do reinado de D. João II a mais antiga noticia historica das festas publicas, que celebravam em Portugal a instituição da Eucharistia, festas ás quaes aquelle soberano permittiu que se acrescentasse a procissão de S. Jorge, com o seu cortejo de tres reis Magos, a Serpente, S. Sebastião, uma Donzella, o Dragão, S. Miguel, Santa Clara e mais uma infinidade de persona-

gens do martyrologio e do symbolismo christão, que, no dia do Corpo de Deus, percorriam enfileirados as ruas lendarias da lusa metropole.

De 1412 em diante é que a tradição, amortalhada nas cartas régias, resplandece, tendo como testemunhas de igual valor os documentos das municipalidades insulanas e coimbrã, espalhados por sopros seculares sobre a mesa de trabalho do erudito Th. Braga, que os tem estudado e divulgado com lucido criterio e alevantado saber.

A procissão de Corpus-Christi, isoladamente, é do ritual romano: em todos os paizes catholicos ella existiu e existe, limitando o seu giro ás circumvizinhanças dos templos, ou aos proprios templos.

Como tradição patria, como legado dos tempos coloniaes, é mais particularmente da procissão de S. Jorge que vamos tratar, e que destôa da de Corpus-Christi da liturgia christã, constituindo um todo independente, cu uma parte cuja ligação idéal é o fio delgado uma lenda.

Lê-se nas chronicas mediévas que S. Jorge, indo ferir uma batalha, encontrara-se em caminho com o sagrado Viatico e o acompanhara com as suas tropas.

D'ahi a base do religioso cortejo e o que naturalmente determinou a sua primitiva e singular organização, nas eras credulas em que acima vimol-o apparecer.

Pouco adiantado em relação ás suas pompas remotissimas, desconhecedor de sua evolução

até o período actual no velho reino, é ao turbilhão enfraquecido das nascentes historicas que passaremos a descrever essa procissão no Rio de Janeiro, ha mais de vinte e cinco annos, quando ella não havia perdido a sua realza hereditaria e seu apparatus magnifico.

De todas as procissões do anno, a de S. Jorge era a que melhor concretisava elementos nossos; a que com mais largueza apresentava em painel vigoroso o povo brasileiro, definido em sua religião, em seu regimen politico, em seus troncos capitaes e em alguns de seus costumes.

Apezar de não a havermos assistido senão no declinio de seu esplendor, o commercio com os narradores do tempo facilita-nos o perlustrar veredas deixadas, em que dia por dia o esquecimento enche de sombras.

Em 1850 via-se ainda na rua de S. Jorge, murando a um lado a rua da Lampadosa, a modesta capellinha de S. Jorge, que fôra abattida annos depois e em seu logar elevado um prostibulo !

Ao amanhecer, a voz garrida do sino annunciava a festa do padroeiro do templo: como um tapete, aos seus degrãos baixinhos, estendiam-se arêas e flores, e os irmãos, com a ópa da irmandade, começavam no seu labor annual.

Passava-se sob um tecto de bandeiras, ouvia-se o bater dos martellos pregando nas janellas

e sacadas de pão arandelas, globos e colchas; e os sachristães, nos angulos do adro, sopravam morrões, escorvavam foguetes, os arremeçavam ao ar, sibilando já e estourando após.

A imagem de S. Jorge lá estava no corpo da capella, exposta á adoração do publico, á espera do cavallo branco, em que sahiria montada, e de muitos outros que a seguiriam com os seus *thesouros*, vindo um e outros da Quinta de S. Christovão, com a criadagem em grande uniforme.

A's nove horas o concurso avolumava-se. Os transeutes e os espectadores curiosos tomavam as sahidias, agrupavam-se no caminho; os negros de ganho, com o cesto enfiado na cabeça, paravam boquiabertos; as vendedeiras de quitanda sentiam-se como que chumbadas ao sólo; e os moleques, descalços e em mangas de camisa, olhavam ariscos para o Homem de Ferro, andando no adro, e para os pedestres, que surdiam de improviso dispersando-os a juncadas.

A's janellas enfeitadas installavam-se mulheres de má vida, formando uma galeria de faces afogueadas e inchadas, de semblantes vulgarissimos e ás vezes macilentos, ensombrados por negras *pastas* de cabellos unctuosos, reluzindo ao collo nú e ás orelhas d'aquelles bustos estupidos, cordões de ouro e pesados brincos, que tombavam-lhes no hombro.

Esparralhadas fóra dos batentes, com as mãos gordas e cruzadas, mostrando em todos os dedos anneis de ouro com pedras falsas, as dis-

solutas Magdalenas da ralé estiravam o pescoço, debruçavam-se, a qualquer estrondo de bombas, a qualquer movimento subito.

Emquanto isso se passava, os irmãos de S. Jorge chegavam á porta, desciam á rua, desesperados da tardança da musica e do acompanhamento do santo.

Eis senão quando o povo atropelava-se, os moleques corriam em bando até o largo do Rocio, e na embocadura da rua dos Ciganos, assoviando, gingando, apontando, diziam: *E' vem! E' vem! ..*

E a multidão recuava, o cavallo e a comitiva official de S. Jorge passavam, o prestito preliminar apromptava-se e, ás 10 horas marcadas, S. Jorge deixava a sua capellinha para ir no largo do Paço reunir-se ao Corpo de Deus, em procissão solemníssima.

De muito cedo, o movimento de tropas, o rodar de carretas de artilharia, os toques de clarins, os sons de musicas marciaes propagavam-se em direcções multiplas, fazendo lembrar uma cidade invadida por exercitos triumphadores ..

Era a guarda nacional que marchava toda, eram os batalhões dos suburbios que compa-reciam a tomar posição na lustrosa revista passada pelo General no seu dia glorioso.

Estendidos em linha pelas ruas Direita, Pescadores, Quitanda, Assembléa e largo do Paço, os batalhões da freguezia do Sacramento, por alcunha *Chinello velho*, de Santa Rita *Tainhas*, de Sant'Anna *Caranguejos*, de S. José

Gaturamos, da Candelaria *Gallo sem crista*, o 6º do Engenho Velho *Samburá sem fundo*, o 1º de artilharia *Carroceiros*, e os corpos da roça esperavam o chefe militar para fazerem-lhe as honras no seu transitio...

E S. Jorge chegava á rua da Misericórdia ; na Capella Imperial os officios religiosos tocavam ao termo, e da igreja e immediações o cortejo ordenava-se.

A um signal de dezenas de girandolas encaminhava-se a procissão.

As fortalezas salvavam...

Precedida de uma columna de povo, de ca-poeiras de diversos bairros e de soldados de policia a cavallo ; entre muralhas de tropa e de gente postada nas calçadas, iniciava ella o seu percurso, ao espelhante das colchas de damasco das janellas e sacadas, á expansão das familias que de lá as is'iam, vestidas de sedas e velludos, toucadas de perolas e brilhantes.

Era além da rua Direita que se podia melhor apreciar o effeito d'essa scena ambulante e pittoresca, fertil em detalhes e completa.

Serenado o tumulto, espriada mais longe a espuma da onda popular, a procissão seguia o seu itinerario habitual, por entre o scintillar de bayonetas, ao rufo de tambores, á queda de um diluvio de flôres e ao estrugir da foguetaria, á curtos intervallos.

Nas calçadas, por traz dos soldados em alas, a gente de todas as classes perfilava-se, suspendia acima da frente as crianças, afim de verem á vontade o Ferreiro de S. Jorge...

E a irmandade do santo General rompia a marcha do religioso e militar cortejo.

Depois d'esta, a banda de escravos da Quinta avultava, executando soberbos dobrados e trechos escolhidos.

Estes artistas — e d'entre elles alguns havia afamados, como o celebre mestre Joaquim Maria, — trajavam calção azul com galões brancos, paletó cinzento e comprido, meias de algodão e sapatos de fivella. O chapéu era de feltro, côr de flôr de alecrim, e na larga aba revirada na frente, prendia-se um lindo tope verde e amarelo.

Atraz da musica dos pretos apparecia o Ferreiro ou o Homem de Ferro, personagem estranho, montado n'um cavallo negro, coberto de vasta manta de camurça, aberta para as pernas, as narinas, os olhos e as orelhas.

Esse personagem, vestido de malhas, peito de aço, capacete bronzeado e viseira descida, secundava a banda, empunhando com a manopla de escamas enorme lança, e tendo no braço esquerdo pesado escudo.

A côr de ferro de todo o seu uniforme guerreiro bem explicava a denominação que lhe dava o povo.

Em seguida, aprumada n'um cavallo branco, com um criado do paço a cada lado da brida, vinha a imagem de S. Jorge, envergando polida cóta de malhas, peito de aço, capacete com bordaduras douradas, e capa de velludo carmesim bordada a ouro. Dous outros criados o

acompanhavam, pegando nos estribos e fixando-lhe os joelhos.

A' proporção que a imagem adiantava-se, raiava-lhe o escudo ao pino do sol e um estandarte tremia-lhe na dextra, tremulando ao vento.

A' pequena distancia vinha o Escudeiro em fogoso ginete. De casaca e calção vermelhos, de collete branco de seda, de botas e esporas, sobraçando um chapéu de pasta, tinia-lhe á cinta grossa corrente de prata, que prendia um copo do mesmo metal.

Este figurão trazia a barba rapada, o rosto polvilhado e pintado de carmim, e cahia-lhe ás costas o rabicho de uma cabelleira branca, frisada, de tres pontas.

Fazendo parte do sequito, vinte e quatro cavallos fornecidos pelas cavallariças da Quinta levavam os *thesouros* de S. Jorge, que consistiam em grandes charneiras de prata sobre as mantas de panno verde, quasi arrastantes, agaloadas de amarello e guarnecidas nos cantos com as armas imperiaes.

Meneando vistosos penachos, com as crines trançadas de fitas e lindos laços de extensas dobras á cauda agitante, a *cavalgada* caminhava a passo, conduzida pelos criados da casa imperial, de libré e calção.

Fechando o sequito, formava a retaguarda um piquete de cavallaria de linha, de espadas desembainhadas, o Estado de S. Jorge.

Então o ar escurecia-se de uma floresta de guiões das irmandades, reunidos em grupo.

Os irmãos sentiam-se embaraçados na roda dos habitos, olhavam para cima equilibrando os pendões, suavam em bicas, com a cabeça ao sol.

Aos guiões succediam-se todas as irmandades. A's ordens terceiras precedia o clero regular; o cura da Capella aos padres da diocese. Comparciam os escrivães do corpo ecclesiastico, de calção e capa romana, a cruz do cabido e o pessoal da capella; e, entre as ordens terceiras e o clero, a camara municipal, representada pelos vereadores.

Os anjinhos eram em numero prodigioso, os confrades de tochas accesas bufavam de calor e protegiam-se da insolação, suspendendo á calva lenços de tabaco, e a musica do 1º da guarda nacional já se fazia ouvir.

N'isso passava o pallio, que abrigava o bispo com o Santissimo, monsenhores, conegos e sacristas, tendo as varas o imperador com o manto de Christo e os ministros fardados em grande gala.

Os grandes do imperio, os cavalleiros do cruzeiro e de Christo com os distinctivos da ordem, a nobreza e os archeiros ultimavam o cortejo.

As fortalezas salvavam, e quebravam-se ao longe os écos das descargas: eram os batalhões em alas que faziam as honras ao Santo General, incorporando-se um a um ao prestito, depois da passagem do Viatico.

Quando a procissão entrava, seguida de toda a tropa, as fortalezas davam as derradeiras salvas, os batalhões formavam no largo e debandavam.

S. Jorge, o Escudeiro e o Ferreiro demoravam-se ainda um pouco; e, tomando para a thesouraria do paço, lá recebia o Escudeiro no copo de prata 1:000\$000, em moedas de ouro, o soldo de S. Jorge.

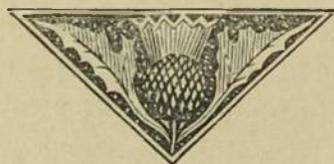
Isso succedia por volta das duas horas, ro-dando nas ruas, até ao escurecer, luxuosas equipagens que reconduziam as pessoas da côrte e as familias importantes.

A imagem ficava exposta, até ás onze horas ou meia-noite, em sua capellinha da rua de S. Jorge, onde os devotos iam em romaria tributar-lhe adorações e offerecer-lhe esmolas.

Mas tudo se foi !

O Santo perdeu a sua igreja, o governo supprimiu-lhe o soldo, não obstante S. Jorge ser o unico dos nossos generaes que jámais se envolveu em *questão militar*...

Miserias de quem nos governa !





X

A vespera de S. João

POR que pedirmos aos mythos dos astros, de que se tem occupado a critica moderna, a corporisação de lendas christãs? Por que descobrirmos analogias em celebrações divergentes por sua indole, quando entre ellas cava-se um abysmo, elevam-se muralhas que separam crenças e raças?

Estas interrogações formulavamos nós, folheando paginas de uma erudição pedantesca, que ajustava por phenomenos solares a com-

memoração do Precursor evangelico, festa liturgica em toda a christandade, e do calendario popular em Portugal e no Brazil.

Retrogradando, porém, ao luar que amarellece as chronicas do seculo xv, vimos desfilar as primeiras *cavalladas de S. João* nas ilhas dos Açores, aos fogos de artificio e rufos de tambores.

Com o tempo, essas festas enriqueceram-se de superstições que desceram de suas religiosas origens, tendo para esclarecer-lhes a marcha os fachos de resina e o luzir incendiado da polvora em detonações fulminantes.

Qual a genesis d'esse folguedo publico nas terras de além mar, onde ainda perdura com suas formulas auguraes e encantamentos, fomos vedado descobrir. O mesmo não succede no Brazil que, aceitando o legado na sua castidade primitiva, creou-lhe uma lenda, accrescentou-a na parte mythica, e o ampliou em relação ao concurso de novas raças e diversos meios

Entre nós a revolução foi rapida e pertence toda ao passado...

O estrangeirismo, que nos esmaga, tudo que é nosso vai levando comsigo!...

E quasi nada nos resta!

E', pois, abrindo uma janella ás tradições e a porta á gente antiga, que suspenderemos ás ruinas da casa paterna mais este quadro que trouxemos da infancia, emmoldurado dos espectros das rosas da nossa primeira mocidade.

Para as festas de S. João eram multiplos os costumados introitos. Recebiam-se convites dos grandes senhores, dos fazendeiros riquissimos, da burguezia abastada e do proletario arranjado. No Rio de Janeiro, logares havia em que se festejava o Baptista do modo mais estrondoso e fidalgo. Em Inhaúma, em Paquetá, em Campo Grande, na ilha do Governador, etc., o mastro plantado com a boneca, enfeitado com espigas de milho, laranjas e mais fructas, indicava o festejo no sitio, as proximidades do dia.

Nos arrabaldes, as chacaras e palacetes, com o mesmo signal, chamavam a attenção dos vizinhos que propalavam indiscretos os nomes dos donos, commentando livremente a lista, ás vezes imaginaria dos convidados.

Antecipadamente, viam-se nas ruas pretos de ganho com cestos carregados de foguetes e fogos de todo genero, de cannas e batatas doces, de carás e milhos verdes, de gallinhas, ovos e perús; de tudo, emfim que dizia respeito á folia da noite e aos lautos jantares e ceias que então se davam.

Os fazendeiros despendiam largas sommas, vestiam de novo a escravatura, matavam rezes em obsequio aos convidados da côrte. Em casa da baroneza de Sorocaba, do barão de Merity, do Amaral, e do marquez de Abrantes, preludiavam-se os regosijos da noite desejada; no palacio de S. Christovão, as princezas recommendavam ás suas companheiras de infancia que comparecessem bem cedo; em varios pontos da cidade, os pais de familia dispunham da lenha para

as fogueiras, collocavam sobre a mesa os livros de sortes, encordoavam-se os violões para os descantes.

As rodinhas, as pistolas, os foguetes, busca-pés, chuveiros, rojões, cartas de bichas, gyra-sóes, traques de sete estouros, bombas, e uma diversidade enfadonha de fogos, alastravam as mesas, entupiam as mangas de vidro, atravancavam as gavetas.

De par com tudo isso, as donas de casa atropellavam as escravas, arrumando as provisões, ralando o milho verde e o côco para a cangica, fazendo os deliciosos bolos de S. João.

Nas ante-vesperas, na intimidade do lar, as moças reuniam-se á luz do candieiro, e os meninos, descendo aos pulos do sofá da sala, acercavam-se da avó, que, tremendo com os labios, rolando nos dedos as contas do rosario, narrava, sentada n'uma esteira, a lenda do Baptista e das fogueiras.

E as moças, accomodando as crianças, e as criança, bugalhando os olhos, fitavam-n'a, que, uma vez resolvida, assim começava :

— Vou contar-vos, meus netinhos, uma historia do principio do mundo. « Um dia, Nossa Senhora, que trazia a Nosso Senhor Jesus Christo, foi visitar a sua prima Santa Isabel, que tambem trazia em seu bemdito seio a S. João Baptista. Apenas as duas sagradas primas se avistaram, o divino Baptista, que não tardava a nascer, se ajoelhara em adoração a Jesus. Santa Isabel, que isto sentira, não tardou em communicar o milagre á Virgem, que, exul-

tando, perguntou-lhe:—« Que signal me dareis, quando nascer vosso filho? » — « Mandarei plantar n'esta montanha um mastro com uma boneca e accender em torno uma grande fogueira ; respondeu-lhe.

« E de feito : na vespera de S. João, a Mãe de Deus, vendo de sua morada uma fumacinha, labaredas e o mastro, partiu, indo visitar Santa Isabel.

« Desde então, concluiu a boa velha, é que se festeja o santo com mastros e fogueiras. »

— Oh !... Que historia tão bonita ! !... interrompeu um dos ouvintes.

— Já agora, escutem outra, meus filhinhos ; tem o mesmo motivo e é da mesma data : é do tempo em que nem eu nem vocês sonhávamos de nascer, e que a terra estava toda coberta d'agua.

— Conte, vóvó, conte ! Tão bonito ! !...

E a velhinha, alisando os cachos de cabellos brancos, deixando pender os braços sobre as pernas cruzadas, sorveu um pequeno ronco, abriu a boca desdentada, proseguindo :

— E' o resto da historia. « Mezes depois, quando Santa Isabel cantava, ninando o seu bento filho, este lhe perguntou : — « Minha mãe, quando é o meu dia ? » — « Dorme, meu filhinho, dorme ; logo que elle fôr, eu te direi ». E S. João dormiu. Acordando, porém, na noite de S. Pedro, e ouvindo foguetes e vendo fogueiras accessas, insistiu : — « Minha mãe, quando é o meu dia ? » — « O teu dia já passou ; acudiu-lhe ella. » — « Ora, minha mãe, por que

não me disse, que eu queria ir brincar na terra?»

— Sim, por que não disse? retorquiram pezarosos os meninos.

— Santa Isabel teve razão, meus netinhos; se S. João descesse do céu, o mundo se arrasaria em fogo!

Essas tradicionaes historias eram correntes em toda a parte, dando-lhes inteiro credito gerações que se foram e gerações que ainda existem.

Diariamente, encontravam-se aqui e ali grupos de familias constituindo pequenas tribus. Adiante iam as crianças, logo após as moças e os rapazes, depois os pais e os velhões, emigrando para fóra da cidade ou para fóra da côrte.

A estes acompanhavam, em gradação opposta, os pretos e pretas idosos, carregando latas de folha com roupa de uso; as mucamas, leves cestos de junco e embrulhos com objectos pertencentes ás sinhás-moças; e, na retaguarda, iam os molequinhos com o chapéo de sol e a bengala do sinhô-velho, um cachorrinho de estimação, um sagui, um papagaio, uma bugiganga qualquer.

Os que vinham pelo cáes da Gloria descortinavam o mar sulcado de botes e canôas entrados n'agua ao peso dos passageiros, sentados e de pé, que os enchiam, acenando com lenços e em alegres vozerias.

Pendurado á prôa dos barcos, um escravo ou um rapagão riscava um phosphoro, mordia o papel de um foguete, e, aprumando ao longo

do corpo, atacava-o, estourando no alto, ás repercussões do éco.

Ao amanhecer, tudo se achava ordenado e previsto : a população distribuida, as bandejas de fogos sobre os aparadores e cama do quarto de dormir ; as cannas, os côcos, os carás e os milhos empilhados na cozinha ; a fogueira abraçava o mastro ; e *Os dados da Fortuna*, *A roda do Destino*, *O Cigano*, e outros livros de sortes, fornecidos pela livraria Garnier, ficavam é escolha dos consultantes de oráculos.

Apenas escurecia, as *machinas* boiavam no ether humido e transparente ; *cabeças de alcatrão* fumavam rubras nas ruas ; e os buscapedes largavam-se atraz dos passantes, rabeando, rolando, serpeando, em fulgidos estouros.

E uma preta, perseguida, corria d'aqui ; e um individuo, livrando-se, pulando, encostando-se a um muro, avultava acolá ; e os rapazes, no ardor do brinquedo, riam-se a bom rir, do expediente das victimas e das descomposturas consecutivas.

A's badaladas do *aragão*, o ar mostrava-se marchetado das zonas luminosas das fogueiras que ardiam nos quintaes e chacaras ; e, dos sobrados, os combates a pistolas, ao mesmo tempo que formavam das janellas ás calçadas cachoeiras de fogo, adquiriam maravilhoso aspecto, á proporção dos *tiros* de cores, que, pontuando iriados as paredes, cahiam em gemmas fumegantes no chão dos lagedos.

Ao longo dos caminhos, com estranho e equivoco ruido, escutavam-se descargas de

cartas de bichas, que estouravam em potes de barro e barricas cobertas, collocados á distancia pelos habitantes do quarteirão.

Fazendo singular contraste com esta scena de apotheose theatral, á rotula de páo da casa terrea, uma mulher embiocada segurava na mão de uma criança, sacudindo, na extremidade da flecha, indefluxada rodinha.

Na totalidade das habitações e nas fazendas, o throno de S. João deslumbrava de luzes e viçosas flores, ornado de sanefas carissimas, e elevando-se de uma toalha da côr das neblinas, pregada aos cantos do altar com laços de fita e prateados alfinetes.

Na roça, as fogueiras tinham no centro, ora o mastro, ora uma arvore, que estalava minada pelas chammas, arriando-se com fragor.

Os escravos, de calça de algodão cortada ao joelho, de camisa branca do mesmo panno e aberta no peito, batucavam com as escravas á roda do fogo, assando carás e batatas, tirando os do norte os seus côcos, dansa e canto popular d'aquelles sertões :

Lá vai amor, lá se vai!
O amor lá se vai!
Pelas paredes a riba
Ninguem vai!

Onde vai, lavadeira?
— Vou lavar.
E eu vou aprender
A nadar.

Este João é um ?
— Será ou não.
Tatú no matto
Com seu gibão,
Um pé calçado,
Outro no chão.

'Stava na praia escrevendo
Quando o vapor atirou,
Foi os olhos mais bonitos
Que as ondas do mar levou.

Lá vai amor, lá se vai!
O amor lá se vai!
Pelas paredes a riba
Ninguem vai!

A' porteira das fazendas e esclarecendo a entrada, as *cabeças de alcatrão* queimavam toda a noite. Os fazendeiros, de rodague de brim e de chapéo do Chile, folgavam no terreiro, obsequiando os hospedes, que atacavam fogos á discrição, que faziam guerra a busca-pés, facheados na mão calçada de luva de couro, e cuja bomba era lançada aos arraiaes contrarios.

A fazendeira, attenciosa e distincta, mandava servir aos convidados pires de cangica, manjar, roletes de canna assada e bolos de S. João.

As moças da côrte, na elegante varanda, suspendiam acima da fronte pistolas de lagrimas, craveiros de chuva de ouro, que illuminavam, com os seus projectis e faiscas, os tectos longinquos das senzalas vasias. Outras, grupadas á mesa de jantar, deitavam dados, liam as

quadrinhas da sorte, prorompiam em gargalhadas, ás predições do destino :

Um velho torto e pançudo,
De nariz de palmo e meio,
Ha de ser o teu consorte,
Mui breve, segundo creio.

E' ocioso dizer, que n'essas occasiões confraternisavam-se os coroneis e tenente-coroneis do logar, todas as forças dos partidos, desde o mais influente chefe eleitoral da Formiga até o mestre de escola de Vassouras, ou de não importa que villa.

E as fogueiras do terreiro vomitavam grossas labaredas ; as machinas sumiam-se na noite ou desfaziam-se em gottas de fogo; e as gyrandolas, as bombas, as roqueiras estrugiam aos — Viva S. João ! — cujos écos iam morrer na floresta.

Os negros despejavam nos brazeiros carros de milho e carás, verdes cannas e tenras espigas ; e os moços e moleques, pulando as fogueiras, appareciam no alto d'aquella atmosphaera ignea, abrindo a bocca e gritando :

— Acorda, João!...

Ao que muitos dos festejantes respondiam cantando :

S. João 'stá dormindo,
Não acorda, não!
Dê-lhe cravos e rosas
E mangericão !

N'essa noite, dentro e fóra das grandes cidades, um pouco antes de meia noite, resva-

lava, aos clarões das fogueiras, o carro silencioso das superstições nacionaes.

Fosse debaixo dos tectos de estuque ou da telha-vã da pobreza, essas crenças abrigavam-se sem constrangimento, exercendo poderosa influencia sobre as mulheres e pessoas simples.

Assim, ao estampido dos fogos, ao brilho decrescente das enormes lavas, o movimento supersticioso iniciava suas praticas, cujos dogmas constituiam no seguinte, sempre executado ao toque fatidico da meia noite :

Em louvor de S. João, plantava-se um alho ; se amanhecia gelado, obtinha-se o que se desejava.

Deixava-se ao sereno uma bacia d'agua e ia-se, antes do nascer do sol, mirar o rosto ; se o individuo não via a sua sombra, era signal que não chegaria ao outro S. João.

Passava-se, em cruz, um copo cheio d'agua por sobre a fogueira, e quebrava-se dentro do liquido um ovo com a clara e gemma. De manhã, se appareciam os lineamentos de um navio, significava viagem ; se a fórma de uma igreja, casamento ; se um caixão, enterro.

De um outro copo, que tambem passava-se na fogueira, em louvor de S. João, tomavam as moças solteiras um bochecho, e ficavam atraz da porta da rua. O primeiro nome de homem que ouvissem pronunciar, seria o d'aquelle que lhes estava reservado para marido.

Antes da meia-noite, devia-se ir ao quintal ou terreiro onde houvesse plantado um pé de arruda com flôres. Estendia-se no chão uma

toalha e accendia-se nas pontas duas velas de cêra.

O fim d'este sortilegio era aparar as sementes que cahiriam á meia-noite, sementes essas que ninguem conseguia obter, por isso que o Diabo era quem n'aquelle momento as recolhia, assombrando o individuo que ouzasse disputal-as.

Um dos prejuizos mais arraigados entre o povo era que as brazas da fogueira ficavam bentas; e muitas pessoas as guardavam ou enviavam aos parentes ausentes, acreditando que quem as possuísse viveria mais um anno.

Aos primeiros raios do sol — porque depois as aguas perderiam de sua virtude — tomava-se o banho de S. João, que gosava de propriedades preservativas e miraculosas.

Esses brinquedos prolongavam-se, ás vezes, até S. Pedro, com o mesmo apparatus e lentejoulado de abusões.

Por agora fechamos a janella ás tradições e nos despedimos saudosos da gente antiga, não nos importando de ser acoimado de *nativismo*, sentimento sublime que herdei de meu pai, e que bebi no seio materno, que são as taças do bem e as fontes da vida.





XI

O Dous de Julho

(BAHIA)

NADA existe de mais lugubre do que o frontispicio da Liberdade.

Ao fital-o, a vista maravilha-se diante de resistencias desesperadas, de corpos baleados que se erguem a meio e tombam no chão ensanguentado, de membros mutilados sob a roda pesada das carretas, de corceis que pulam sem dono por sobre montões de cadaveres, até que, lá na extrema, ao mar-

che-marche dos batalhões, ao disparar da fuzilaria, uma bandeira rota fluctúa em sinistra muralha ou negra fortificação, arvorada pelo vencedor que, tendo na mão a espada, agita, aos quatro ventos, o estandarte victorioso, parecendo, na animação feroz, levantar vivas á Patria e á Liberdade.

Aqui e além, clarins partidos ao toque das investidas, tambores despedaçados, lanças e bayonetas reluzindo como o olhar do anjo do destino salvando das estancias da morte o nome e a gloria dos bravos.

Eis mais ou menos o aspecto geral da Bahia, quando os terriveis granadeiros do general Madeira já haviam entrechocado no reconcavo as suas armas com as dos exercitos de Labatut, a quem deve a campanha da Independencia d'aquella provincia as fanfarras triumphantes com que entra na historia...

E em Itaparica, no Cabrito, em Pirajá, feriam-se luctas titanicas, pelejas encarniçadas, em que os bahianos conquistavam palmo a palmo o territorio patrio ao poderio luso que o disputava.

Funebre, porém, desceu a noite do 1º de julho sobre a cidade. Aproveitando a cinza densa das trévas, e rantes vultos cresciam vagando na ruas desertas e sahiam cautelosos das casas ermas.

Aos archotes inflammados, as padiolas transportavam os soldados feridos, as carretas ba-

gagens escoltadas, enquanto os batalhões marchavam humilhados ao caes do embarque.

O saque, a pilhagem nos templos, a profanação das sagradas imagens eram a senha das tropas vencidas.

As sentinellas perdidas attentavam o imprevisito, e a esquadra que levaria a seu bordo os lusitanos, desenhava-se nas aguas da bahia, sinistra como esses monstros que nos opprimem no clima asphyxiante dos pesadelos.

O momento chegara em que uma ou outra luz accesa nas barracas extingui-se, o silencio amordaçara os écos, percebendo-se apenas das ribanceiras o resono do mar, carregando tardo os vencidos com os seus despojos de destreços.

A's primeiras rutilações do crepusculo, Madeira e suas tropas faziam-se de vela, perseguidos pela esquadra imperial até o Tejo.

No dia 2 de julho de 1823, á 1 hora da tarde, o exercito pacificador, tendo por chefe Lima e Silva, fez a sua entrada na cidade, aos repiques de sinos, ás acclamações do povo, ao som de hymnos marciaes.

Batalhões havia que marchavam quasi nús; outros, vestidos de folhas verdes; trazendo muitos dos soldados pedaços de carne enfiados nas armas, aves e caça morta batendo-lhes aos joelhos, fructos e mais provisões, por isso que nada encontrariam na cidade faminta e devastada.

Quando, por baixo de um arco de triumpho desfilava o exercito, e as freiras da Soledade

desceram, trazendo grinaldas para a frente dos heróes, Lima e Silva foi corôado, todos os generaes foram corôados, só não o foi Labatut — porque se achava preso !

Mas a intriga, e a perfidia, tiveram justa expiação.

Da guerra da Independencia apenas dous nomes a Bahia recommendou á memoria e figuram nos seus cantos populares :

— Labatut e Madeira.

Como commemoração dos seus feitos bellicos, a Bahia reproduzia annualmente esse epilogo brilhante — a entrada do exercito libertador — no dia 2 de Julho.

Para que as festas tivessem mais relevo, oito dias antes o *bando annunciador* prevenia a população, convicta de sua nova soberania, que o prestito symbolico apparelhava-se, que as arcarias triumphaes e os palanques vistosos erguer-se-iam na praça do Palacio e no Terreiro com deslumbramentos indiziveis, cumprindo aos habitantes da cidade a illuminação e adornos das fachadas de suas casas, durante as tres noites de patrio regosijo.

Moços da mais alta nomeada, formando o bando, sahiam montados em lindos cavallo de crinas e cauda tramadas de fitas verdes e amarellas, soando, aos peitoraes de velludo e cabeçadas, chocalhantes guizos.

Os cavalleiros vestiam de branco, traziam folhas de fumo e café enlaçadas ao chapéo de palha, de vintem ; pendiam-lhes do hombro capellas de viçosas flôres, e ostentavam a tiracollo larga fita achamalotada, de côres brazileiras.

Em duas longas filas marchavam dous a dous, alteando nos ares profunda e verdejante abobada, constituída por arcos de folhas e flôres, sustentados nas extremidades pelos successivos pares.

O porta-estandarte ia no centro. Aos vivas repetidos ao Dous de Julho, á Independencia, ao Imperador, a Labatut e seus generaes, ao povo bahiano, etc. ; ás acclamações que partiam dos sobrados com o perfume das flôres que cahiam, a lustrosa passeiata distribuía proclamações e poesias, aviventadas pela grande alma da patria :

Vai de novo surgir, ó bahianos,
Vosso dia de gloria sem par ;
Nuvem d'ouro parou no horizonte,
Já vem perto, não tarda a raiar...

Na vespera do Dous de Julho, o povo, á meia-noite, levava o *carro* para a Lapinha, ao clarão de archotes, em festivos clamores.

Pode-se assegurar que n'essa noite toda a cidade ficava desperta ; nas ruas por onde passava o cortejo, pendiam das janellas globos e lanternas accesas, e nos cantos das sacadas de páo ou de ferro grandes mangas de vidro protegiam a chamma das velas, que ardiam desde o escurecer.

A crioulada e a mulataria, aos magotes, cantando quadrinhas patrioticas e em serenatas locais, desfructavam a noite, prelibando os prazeres da festança.

A começar da vespera, o commercio portuguez fechava as portas, em razão dos ataques e violencias das turbas, não escapando dos desvarios populares as tavernas, onde a capadoçada infrene embriagava-se, zombando dos direitos do taverneiro amedrontado, que tudo franqueava, comtanto que o deixassem vivo.

N'esses dias eram communs os *fecha-fecha*, os *mata-marotos*, de que resultavam reprovadas correrias e frequentes assassinatos.

Desde ás 6 horas, as fortalezas salvavam, as ruas embandeiradas coaxavam de folhas aromaticas, os batalhões patrioticos cruzavam-se com bandas de musica; e numeroso povo, tendo como distinctivos do dia laços de fita, e folhas das côres nacionaes na abotoadura e nos vestidos, agglomerava-se nas praças, nas esquinas, em tumultos inquietos.

Um anno houve, segundo o testemunho de minha mãe, em que armaram-se em diversos pontos *fortalezas*, que davam salvas victoriosas á passagem de uma *fragata* puxada por marinheiros, a qual se incorporava ao popular cortejo.

A' 1 hora da tarde, desfilava pelo Terreiro o colossal prestito, vindo da Lapinha.

Ninguem imagina a effusão patriotica dos bahianos no maior dia de sua provincia; é incalculavel o grandioso espectáculo offerecido

pela raça authentica dos pelejadores da Liberdade no tablado immorredouro das consagrações patrias.

Apenas as primeiras levas de povo transpunham o Terreiro, os sinos do Collegio, de S. Francisco, de S. Domingos e da Sé repicavam garridos, e centenas de gyrandolas disparavam, estourando prolongadas; o ar enfumaçado retinha de hymnos, de vivas, de cantos populares, em que a consciencia anonyma celebrava a gloria dos heróes e a passada luta.

O arcebispo e o cabido, o presidente da provincia e a nobreza, lá estavam no templo, armado de galas para a acção de graças.

E o prestito avançava...

As moças, as crianças, as familias, debruçavam-se das janellas, agitavam lenços, acclamando o Dous de Julho, e as escravas, com cestas de flôres, aguardavam, um pouco retiradas, as ordens das senhoras.

E o tumulto crescia ..

De repente, o *carro triumphal* assomava, puxado por cidadãos vestidos de branco e com chapéos e enfeites caracteristicos.

Em épocas primitivas, este carro conduzia uma cabocla com os seus adornos selvagens, pisando um dragão, acercada de caboclinhos igualmente vestidos de pennas. Era elle enorme e pesado, tinha as rodas douradas e comprehendia uma allegoria: — Paraguassú calcando aos pés o Despotismo. Mais tarde essa cabocla foi substituida por uma figura de indigena, sem a mesma pompa, nem o mesmo sequito.

Quando o carro apparecia, as janellas estrondavam de applausos, as flôres inundavam-lhe o transitto, e os patriotas, pendidos para a frente, entesando as cordas com que o rodavam, cantavam as suas trovas de improviso, saturadas de ridiculo e estrebilhadas de odios recentes :

Labatut jurou a Pedro
Quando lhe beijou a mão,
Botar fóra da Bahia
Esta maldita nação !

Embora da Europa venham
Batalhões a mil e mil,
Nossos braços, nossos peitos,
São muralhas do Brazil.

E mais adiante :

O Paulo, Ruivo e Madeira,
Todos tres n'uma janella,
Esfolando um pé de burro,
Suppondo ser de vitella...
Irra ! Irra !...

Só o Paulo foi quem pôde
Tirar do burro a caveira,
Para mandar de meranda
Ao seu general Madeira.
Irra ! Irra !...

Paulo, Ruivo e Madeira
Foram fazer carurú,
O Paulo deu a farinha,
Ruivo mecheu o angú.

O Madeira queria
Se corôar !
Botou uma sorte,
Sahiu-lhe um azar !

E a crioulada batia palmas, repetindo em chula :

O Madeira queria
Se corôar !
Botou uma sorte,
Sahiu-lhe um azar !

A' Cabocla seguiam os batalhões com as feridas ainda não cicatrizadas, recebidas nos combates da Independencia, o batalhão Academico dos estudantes de Medicina com os lentes da Faculdade, e, em annos remotos, o commandante das armas, vestido de branco e com chapéo de palha, puxara uma brigada de patriotas, da Lapinha á praça de Palacio.

Como vivo simulacro da entrada do exercito, o *carro da bagagem* primava pela originalidade. Era uma monstruosidade ambulante, coberta de folhas de café, trazendo mantimentos e fructas para as forças desprovidas.

Aos tirantes d'este ajustava-se gente de toda a casta, cantando e tirando versos em estylo facil e gracioso :

Vai o carro da bagagem
Carregado de ananaz,
A mulher que não tem homem
Vive sempre dando ais...

— Viva o Dous de Julho! — Viva a Independencia! — Viva a Bahia! — gritavam, allucinadas de jubilo, as multidões, levantando os braços, agitando os chapéos de fitas, acompanhando, fascinadas, os symbolos preciosos de suas lides e de suas glorias.

De distancia em distancia, a procissão patriótica parava, e os poetas recitavam os seus versos, ainda aquecidos do fogo das bombardas, ao alarido das victorias.

Nos vãos de cem covados de seu genio de repentista, engrandecido na brilhante apothese que lhe preparou o Dr. Rozendo Moniz no excellente livro em homenagem a seu pai, eis Moniz Barreto que resurge n'este dia, do qual foi elle um cantor, depois de ter sido um combatente...

E o veterano, assombrado de talento, extasiado nos festins da patria, tangia a sua lyra, a cujos cantos as multidões embeveciam-se :

Olhai, povo! resumida
Aqui vossa gloria está.
Povo, deveis vossa vida
Aos velhos de Pirajá.
Foram elles que na guerra
Livraram a vossa terra
Do jugo ferrenho e vil ;
Foram elles que ajudados,
Por Deus, deram denodados
Independencia ao Brazil.

Estes velhos que frustraram
Tremendos planos hostis,
Quando os mancebos juraram
O que esta legenda diz ;

Estes velhos que em batalhas
Ganharam estas medalhas
Que dizem — Restauração — ;
Estes velhos, como dantes,
Hoje marcham triumphantes
A' frente de um povo — irmão.

.....

A esse solemne cortejo, a essas pompas antigas, accrescentou-se posteriormente o carro do Caboclo; e ao batalhão Academico, que cedia o lugar de honra ao dos Veteranos da Independencia e Couraças Bahianos, logo que estes se apresentaram, muitas outras phalanges patrioticas, taes como os batalhões dos Defensores da Liberdade, dos Caixeiros Nacionaes, Minerva, Dois de Julho, etc. A estes associou-se, em data que não referiram-nos, uma companhia de allemães, de paletot branco, fita encarnada a tira-collo, tornando-se saliente pelo riquissimo estandarte, bordado a ouro fino, que desfraldava.

Toda a tropa da guarnição ultimava o sequito, com uniforme de grande gala, retirando-se a quarteis quando findava a parada.

As pessoas abastadas davam jantares; a fidalguia, em seus palacios, sumptuosos bailes; e a sociedade da Independencia, organisada após a guerra, libertava miseros captivos — em nome da Liberdade.

Concluindo o seu triumphante itinerario, os carros allegoricos ficavam na praça de Palacio, de onde seguiam, depois dos festejos, para a Piedade.

A's 8 horas, a cidade era toda luzes, e o Terreiro regorgitava de gente.

A' frente da igreja de S. Domingos, o palanque principal elevava-se magnificante, no meio de listras de luzes que sulcavam interrompidas a extensão das casas, e dos quadros e triangulos ardentes das torres, das portas e das janellas dos templos disseminados.

Quando a banda militar tocava o hymno nacional, as cortinas rasgavam-se, os retratos do Imperador, da Imperatriz, de Labatut e dos bravos da Independencia desvendavam-se, e o presidente, generaes, veteranos e grandes do Imperio adiantavam-se e soltavam vivas ao Imperador, á Bahia, ao Dous de Julho, etc.

Findo esse acto, outro mais imponente ia ter lugar: a distribuição de cartas de liberdade, feita pelo sabio e venerando D. Romualdo, no palanque do Dous de Julho.

Aqui dobremos o joelho diante do tumulo de Chico Santos, o libertador de escravos, o presidente emerito da Sociedade Libertadora Dous de Julho, o abolicionista de inabalaveis convicções, como Luiz Gama e José do Patrocinio.

Esta cerimonia terminava em lagrimas, que fundiam as algemas despedaçadas do captiveiro, para que as não vissem os poetas da liberdade.

Descendo o arcebispo, o presidente e sua comitiva, tocava a vez dos repentistas inspirados.

E quem eram elles? O povo sabia de cór os seus nomes, e a imprensa levava a todo o Brazil as producções de seu estro.

Do luminoso grupo que dominava n'aquelles tempos, formando o zodiaco da poesia bahiana, moviam-se, em torno de Moniz Barreto, Gualberto dos Passos, Laurindo, Mendonça, Luiz Alvares dos Santos, Symphronio, Manuel Pessoa, Fortunato Freitas, Bolivar, Rodrigues da Costa e outros improvisadores, que afinavam pelo patriotismo os seus cantos e as suas glosas instantaneas.

Um d'elles, chegando-se ao avarandado, bati palmas, compassando o auditorio, antes de começar.

Distingamol-o. Correctamente vestido, da côr dos califas, de olhar penetrante e gesto distincto, ninguem ha que o desconheça, todos o admiram. E' o Dr. Luiz Alvares dos Santos.

O povo recebe-o com delirio, o silencio restabelece-se, e elle, desatando a palavra vibrante, declama nos arroubos do inspirado :

... Sim : as nuvens lá tão calmas,
São dos guerreiros as almas,
Que entre as lucidas palmas
O Dous de Julho vêm ver.
E vendo o dia pomposo,
— O seu padrão glorioso —
N'um devaneio de gozo
Choram de dôr e prazer.

Certo : os heróes que morreram
Na brava luta, prenderam
As almas, que ennobreceram,
Aos pés de Deus lá no céu.

E n'esta noite acordados,
Dos vivos aos ledos bravos,
Banham prantos magoados
Lá de longe o seu trophéo.

.....

E mais poesias se recitavam. O povo dava mottes, os poetas improvisavam enthusiasmos, prolongando-se esses *outeiros* por tres noites, até horas a liantadas.

Aos espectaculos de grande gala e aos bailes concorriam a aristocracia, alguns repentistas, enquanto a turba-multa estacionava nas duas praças e via as luminarias.

Mas isso era quando este paiz tinha o idéal da patria e combatia pela liberdade.





XII

O Sete de Setembro

Q grito de «Independencia ou morte», proferido na tarde de 7 de setembro de 1822, ás margens do Ypiranga, foi um grito de amor e um grito de guerra.

O primeiro Imperador havia recebido em viagem para Santos, cartas e officios das côrtes lusitanas, que impunham novos vexames á colonia, e aquella phrase tornou-se um ardente manifesto de patriotismo e de lucta.

Se o paiz, que então começava a organizar-se, achava-se em estado de ser livre, é o que os

factos parecem negar, desde o primeiro instante de nossa separação politica.

A violenta correspondencia da metropole, alevantando o animo do fogoso principe, foi o facho que ateou o incendio no edificio em construcção de nossa nacionalidade nascente, que logo após se vira deserto de seus persistentes obreiros, seguindo elles o caminho das dissensões, do exilio, do carcere e da forca.

Na crystallisação do pensamento patrio, a historia d'aquelle periodo não recolhe sem jaças a preciosa gemma, por isso que a intriga e as ambições annuviam-lhe por instantes o brilho da superficie.

D. Pedro I, o esboço de um heróe, fez rolar o carro dos acontecimentos fataes; mas de baixo de suas rodas a arvore da liberdade devia fanar-se, á mingua do sangue que fecunda as tradições de valor.

A proclamação do Ypiranga, como senha de combate, não correspondeu ao sentido immediato que lhe annunciavam as palavras.

A' beira de um riacho, que foi pequeno para conter o tumulto de um pelejador, na effervescencia de animos que não fez disparar uma peça, entre uma comitiva e uma guarda de honra sem adversarios, o brado da independencia resôa no primeiro reinado como um éco affectivo de uma grande alma, e figura como uma pagina a que emprestaram sombrio colorido as conflagrações politicas e o baptismo dos martyres.

E' nessa época sobretudo que ás idéas revolucionarias fazem acto de presença em nossa historia.

Os patriotas, que se haviam empenhado pela independencia, no mez de junho de 1822, dividem-se em dous partidos, para se hostilisarem; mais tarde em tres: liberaes puros, realistas e republicanos, arvorando á uma o estandarte das perseguições e da intriga.

A assembléa constituinte dissolve-se. Os Andradas são deportados. A anarchia entrega nas mãos dos dissidentes o archote acceso das rebelliões, e o paiz sente nos musculos o calefrio precursor das horas funestas.

Depois do golpe de estado da Constituinte, os realistas, liberaes e republicanos, que foram para o Sul, promoveram a perda da Cisplatina; os que seguiram para o norte, o anarchisaram.

A Bahia arma a sedição militar de 25 de outubro de 1824, e Pernambuco estortega-se nos braços de ferro da revolução que trazia como distico do seu estandarte — A Republica do Equador.

E os facciosas medravam sempre, inquietando por toda a parte o espirito publico, que oscillava entre as forças que se debatiam.

Por esse tempo de successos extraordinarios, dous partidos sobretudo dividiam o paiz: o que queria a separação absoluta e definitiva de Portugal, e o que trabalhava em sentido contrario, isto é, o que combatia pela união do Brazil com a metropole.

Aquelle tinha o prestigio da opinião generalizada, que equivalia a antecipado triumpho.

Os *separatistas*, formando um scisma, sahiram de seu primitivo gremio, com bandeiras diversas. Subdiviram-se em *absolutistas*, *constitucionaes* e *democraticos*.

Todos queriam a independencia, é verdade; mas os primeiros com uma monarchia absoluta, os segundos com uma constituição liberal, e os terceiros que se dividisse o Brazil em estados federados.

D'ahi as perturbações intempestivas, os odios concentrados, os lagos de sangue atravessados pelo carrasco, que não era precedido do juiz, nem representava um instrumento da lei.

Entretanto, o grito de «Independencia ou morte», que fizera desabar as muralhas seculares do Brazil-colonia, é a mais bella inscripção lavrada por um principe no frontispicio de uma nacionalidade.

E bem memoravel foi aquella geração, que soffreu, luctou e morreu, porque comprehendia o direito de liberdade!...

Em certos dias, as festas de um povo nada mais são do que a romaria da posteridade ás tradições que ficaram no passado.

E o 7 de setembro nos exemplifica o dizer.

Ha quasi trinta annos, as festas de anniversario da Independencia e do imperio eram

estrandosas e possuíam o relevo das consagrações populares.

Ninguém havia d'entre o povo que não se ensoberbecesse da idéa que regia o regosijo geral, cujas manifestações expandiam-se sob as fórmulas da arte, nas pompas decorativas e no entusiasmo patriótico dos cidadãos, que participavam dos festejos, isoladamente ou em collectividades.

No theatro de S. Pedro, João Caetano, o genio dramático de mais altura que nos tem sido dado admirar no Brazil e na Europa, ensaiava tragedias de Shakespeare, Vincenzo Monti, Alfieri, Racine, etc. D'essas tragedias, de que era laureado traductor o engenheiro Dr. Antonio de Araujo, a' escolhida para a noite patriótica montava-se com apparato e rigor decorativo.

Por vezes o Imperador mostrava desejos de vêr o celerbe artista fluminense n'esta ou n'aquella, o que se tornava para elle poderoso incentivo e uma ordem a cumprir. Foi assim que em 7 de setembro de 185... representou-se o *Aristodemo*, em que João Caetano maravilhou o monarcha e o escolhido auditorio que concorria ás suas recitas.

Os mais notaveis poetas d'aquella quadra, taes como Magalhães, G. Dias, Porto Alegre, Teixeira e Souza, Laurindo, Constantino Gomes de Souza, Joaquim Norberto, José Antonio e Machado de Assis compunham cantos inspirados pelo amor da patria, e os recitavam no theatro, os publicavam em jornaes e revistas,

ou os declamavam ao som do hymno nacional, ás portas da Petalogica, da Loja do canto e em frente á typographia de Paula Brito.

A partir da vespera, o caminho que vai do Rocio Pequeno ao paço da cidade enfeitava-se todo: as ruas com arcarias e folhas de mangueira, e as janellas com arandelas, globos e castiças accesos por dentro das vidraças.

No largo do Rocio, do Capim e de S. Domingos, os tradicionaes coretos concluiam-se, onde não era raro ver-se bandas de musica de navios estrangeiros surtos no porto tocarem associando-se ás alegrias do dia da patria.

Os salões dos bailes pareciam a morada dos sonhos; os córos para o romper d'alva estavam habilmente ensaiados, e a alma nacional fervia jubilosa nas abstracções épicas, que nobilitam povos e raças.

As sociedades de musica, as bandas militares, as multidões, seguiam em varias direcções, e as gyrandolas estouravam intermitentes, pingando de fogo as trevas, que se dissipavam.

As sociedades Ypiranga e Sete de Setembro achavam-se a postos, com seu pessoal selecto e alentado de nacionalismo.

Entre a população e os directores dos patrioticos festejos havia tal correlação de sympathia, que o enthusiasmo tornava-se uma consequencia facil e natural.

A's primeiras salvas das fortalezas do mar, logo que a madrugada espreguiçava-se no horizonte, os vivas á Independencia, ao Imperador e a José Bonifacio, irrompiam das turbas,

que, descobertas, agitavam no ar o chapéu, levantando os braços. Bandos de meninas vestidas de branco, com grinaldas e fitas de côres nacionaes, cantavam em coretos o hymno de Pedro 1; os poetas da Petalogica tangiam as suas lyras, e a festa das consagrações posthumas começava a celebrar-se.

Das janellas então desdobravam-se colchas de damasco; sanefas e guarnições revestiam as portadas.

Nas arrecadações da guarda nacional as armas espelhavam, grupos de paisanos as invadiam, e os clarins reluzentes pendiam das columns d'essas praças d'armas, em que se viam em ordem espingardas e espadas, bayonetas e bandeiras, machadinhas e tambores.

Avisados por toques de cornetas nas esquinas, reuniam-se primeiro os guardas por companhias, depois por batalhões, que iam postar-se no campo da Acclamação, e, por ultimo, incorporados em brigadas, desciam a occupar o largo do Paço.

A's 11 horas o Imperador vinha de S. Christovão; e, do Rocio Pequeno até a Capella Imperial, o seu coche de gala era ladeado de archeiros, que, a pé, acompanhavam correndo o carro que seguia.

E as salvas écoavam a intervallos no mar e em terra, como para o funeral dos phantasmas da gloria!

Apenas Sua Magestade sentava-se no docel do templo, o venerando bispo, que officia, subia ao altar, acercado de monsenhores, co-

negos e outros sacerdotes, e o brilhante *Te-Deum*, de composição de Pedro I, executava-se sem demora.

E a guarda nacional lá estava formada, vestida com seu fardamento novo, tocando suas musicas recentes.

Incandescentes no amor da nacionalidade, o patriotismo transformava o soldado em cidadão; sem quebra de disciplina, cada qual collocava em suas armas e barretinas folhas symbolicas do grande dia.

Concluido o *Te-Deum*, havia cortejo, e depois a parada, que arregimentava toda a tropa de linha e guarda nacional.

Depois das evoluções e descargas da lei, as tropas desfilavam em continencia pela frente do paço, onde, á varanda, estavam a familia imperial e os nobres da côrte.

A' noite, as illuminações das praças e dos edificios publicos, das ruas e das casas particulares, os bailes, as musicas e os hymnos patrioticos embeveciam esta população, que ainda conservava o vestigio da fé antiga, nas idéas e no futuro.

A's 8 horas o Imperador chegava ao theatro de S. Pedro, para assistir ao espectáculo de grande gala.

Quando descerravam-se as cortinas de seu camarote, a orchestra executava o hymno nacional, ao que a platéa erguia-se dando os vivas da occasião.

Em seguida, subia o panno, e os artistas, em scena aberta, trajando casaca e calça preta,

collete e gravata branca, ostentando a tiracollo uma larga fita verde e amarella, formavam o côro do hymno da independencia, cantado por uma actriz, rica e caracteristicamente vestida.

E o espetaculo começava... Os poetas batiam palmas, para recitar as suas poesias congratulatorias; e João Caetano elevava os seus louros a regiões inaccessiveis talvez ao alcance de um seculo.

Com o fim de igualmente celebrar este anniversario, o alferes Americo Rodrigues Gamboa fundou, a 12 de outubro de 1869, a Sociedade Commemorativa da Independencia e do Imperio, que teve a sua séde no Lyceu de Artes e Officios, sendo seu presidente o benemerito cidadão e notavel architecto Bethencourt da Silva.

Esta sociedade mandava construir no Rocio dous simulacros de fortificações, onde bandas de musica tocavam nas noites de sete e oito.

A seu convite e solitudine, o governo imperial determinava que estanciasse no morro de Santo Antonio, na parte fronteira á estatua do fundador do imperio, um parque de artilharia, que, ao clarão da alvorada, á 1 hora e ás 6 da noite, saudava com uma salva real o acontecimento mais definitivo da nossa historia.

A estatua pernoitava illuminada, a companhia do gaz tomava á sua conta o dispendio com os quatro grandes candelabros, e, até poucos annos, o *Te-Deum*, as paradas, os espectaculos commemorativos e as festas publicas realisavam-se como na primitiva.

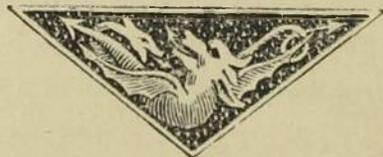
Ainda muito depois da guerra do Paraguay, que foi a liquidação final do patriotismo brasileiro, os alumnos e alumnas do Conservatorio de Musica e do Lyceu de Artes e Officios iam, ao alvorecer, cantar, n'essas construcções de momento, o hymno da independencia, precedidos da multidão que os applaudia.

Porém... silencio!

Não ouvis aquella salva?

E' a voz dos patriotas mortos, que, no dia de hoje, tortura a consciencia bastarda de seus filhos, que esquecem as suas tradições e entregam ao estrangeiro as terras da patria!

Como é fria e implacavel a vingança dos mortos!...





XIII

O dia de Finados

(RIO DE JANEIRO)

FRA no tempo em que este paiz revelava o espirito tradicional da velha metropole, e que a alma popular mirava-se na serenidade azulada do céo.

N'aquelles dias de outr'ora, em que se acreditava nas virtudes maternas e na existencia de Deus, a religião conduzia o homem, do berço ao tumulo, entre cantares e flores, harmonias e lamentações.

A morte, para os nossos maiores, nunca se afigurou o cadaver boiando podre nas maremmas lividas do Nada, porém a continuação da vida, o despertar da individualidade persistente, n'uma existencia posthuma.

D'ahi, os piedosos deveres para com os que haviam deixado este mundo, que na comprehensão antiga nada mais era do que um valle esguio e tenebroso, onde a missão do homem é rir e chorar como um louco, até cahir como um ébrio nas portas da Eternidade.

A's desigualdades da vida, a commemoração dos fieis defunctos traçava um nivel que continha o rei e o vassalo, o rico e o pobre, o senhor e o escravo. Dir-se-hia que o dia de finados destinava-se á representação da celebre *dansa macabre*, em que a Morte, sahindo da sombria noite da idade média, passava revista ás legiões de fantasmas refugiados em seus glaciaes dominios, mas para conciliar-os pelo perdão e a prece, em climas melhores.

E' que o christianismo, levantando o archote que fuma sob o pé do Genio funerario da arte grega, transformou-o n'um facho sideral, á luz do qual as almas remoinham em bandos na beatitude dos eleitos — lá onde o dia é sem noite, a vida sem morte, e a verdade não travada de erro!

N'essa festa lugubre do anno, cada um constataba as perdas que havia soffrido, o numero dos que succumbiram pelejando a seu lado na grande batalha da vida...

Aqui, era o pai de familia que orava em pranto pela esposa que fôra dormir o somno dos tumulos ; alli, a viuva desolada e sem pão, que preparava a offerenda funebre para o marido, que tão cedo lhe cahira dos braços ; acolá, a joven mãe que soluçava pendida sobre um berço vasio...

E os convidados da Morte seguiam em procissão funebre, com ramos de saudades e amores-perfeitos, de sempre-vivas e cyprestes, de grinaldas e emblemas, no solemne cortejo, em que a rainha coroada era um esqueleto com pannejamentos negros, tendo em uma das mãos descarnadas uma fouce, e na outra a ampulheta symbolica.

No meio das igrejas, aquella figura medonha, parecia o espectro de um abutre do Josaphat, peneirando de suas azas esgarradas e heticas a cinza dos mundos !

O dia de finados subordinava-se a estylos preambulares. O primeiro cuidado das familias era, com bastante antecedencia, mandar fallar a um padre, para dizer a missa do defuncto, rezar responsos e mementos á sepultura dos seus. Isto feito, enviavam-se emissarios ao Mamede da Silva Passos, da rua da Valla, ao Raymundo de Andrade Leite, da rua do Hospicio, ao Joaquim Teixeira de Castro, da rua da Carioca, e a outros armadores, para que fossem armar a frente das catacumbas muraes e as

banquetas, collocando sobre estas as urnas funerarias, com inscripções e fechos de prata, circuladas de castiças e serpentinas do mesmo metal, com velas de cêra.

A' porta dos templos, sanefas pretas de largos apanhados, agaloadas de branco ou de amarello, enchiam-se ao vento, e, desde a vespera ás tres horas, até ás seis da tarde seguinte, o carilhão dos mortos soava o lamentoso anniversario.

De vespera, igualmente, um povo estranho, de calça curta e estreita, de barba rapada ou á ingleza, de opa verde, vara e pequena bacia de prata, affrontava os transeuntes, entrava pelos corredores, batia nas rotulas, implorando, com accentuação pausada e reverente :

— P'ra missa das almas ! . . .

E os meninos e as moças, os velhos e os rapazes, davam esmolas de dinheiro, enquanto que o escravo de quitanda ou do ganho fazia diante do irmão das almas leve genuflexão, antes de depôr, sobre a bacia reluzente, um ovo, uma banana, uma laranja, ou uma moeda de dez réis.

— As almas santas lhe ajudem ; dizia o figurão da irmandade de S. Miguel e Almas, proseguindo, com a sua ópa de seda, que lhe descia abaixo da curva das pernas.

— Amen, respondiam, benzendo-se, os pobres captivos, compenetrados de sua acção meritória.

E todos os sinos dobravam, pedindo suffragios pelos mortos, ao passo que immenso povo,

vestido de luto, desfilava tão pezaroso, que nem um sorriso dourava-lhe o semblante severo.

As mãis conduziam pela mão os tristes filhinhos, que levavam á memoria paterna goivos enlaçados de cyprestes ; as familias encaminhavam-se ás igrejas, com grinaldas de cyprestes e de flores, que depositavam sobre o crepe das banquetas e nos angulos dos ossarios ; o escravo procurava de preferencia a igreja da Lampadosa, de Santa Iphygenia, do Rosario e de S. Domingos, onde chorava os seus companheiros de infortunio, nas covas sem letreiro e sem luzes, em que haviam desaparecido.

E eram elles bem felizes, porque descansavam na casa de Deus !... Em épocas anteriores, o cemiterio das alimarias, em Catumby, e a valla de Santa Luzia não distinguiam, no desabrigo e no solo, o pobre filho da Africa, do cão que se sacia e morre na lama das ruas !

E o vacuo abria-se no lar... e os sinos dobravam lugubres como o pensamento da vida eterna...

Nos conventos e nas ordens terceiras, onde o culto dos mortos revestia-se de todo o apparatus liturgico, as pompas funebres do rito executavam-se magestosas, de accordo com o character decorativo do recinto sagrado. No altar-mór fechava-se o throno com um vèlo preto e docel da mesma cõr, destacando-se ao fundo a sacrosanta imagem do Christo, de tamanho uatural, com o corpo cheio de sangue e os olhos cheios de perdão. No plano abaixo do cruzeiro, eleva-

va-se custoso caiafalco, coberto de velludo preto, com uma cruz prateada ao longo, ladeado de cyprestes e seis tocheiros de prata, tendo na frente, que deitava para o vestibulo, uma caveira assentada sobre dois tibias cruzados, e a cada canto inscripções tiradas da Biblia:

Pulvis es, et in pulverem reverteris.

Sic transit gloria mundi.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, multis miseriis.

Memento mori, etc.

A' porta de cada igreja, um irmão das almas e uma chusma de mendigos pediam esmolas a quem entrava, — o que não lhes era recusado, — por intenção de algum parente morto, pelo qual se compromettiam elles a resar um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

— P'ra missa das almas!... repetiam a instantes os prepostos da irmandade, adiantando a bacia, e dando a beijar a vara de prata com a imagem esculpida de S. Miguel e Almas.

E a missa estava no altar, o canto gregoriano batia as suas ondas de sagrada harmonia, que reboavam no espaço e nas naves, refluindo no coração dos fieis. Depois, as estações cantadas no claustro, os officios, os mementos e as missas particulares em todos os altares.

Sobre as sepulturas do corpo da igreja e dos claustros viam-se aqui e alli pannos pretos com cruces de galão, e ás quatro extremidades ricos castiçaes com v'las accesas...

E as flôres serviam de lagrimas á morte, como as lagrimas de flôres á vida !

Nas catacumbas armadas de velludo negro, sobresahia o nome do morto que encerravam, disticos, emblemas, inscrições diversas.

Parava-se diante de cada uma, os meninos soletravam assombrados as legendas funebres, os velhos ruminavam uma prece humida de pranto, e estes e os mais penduravam ás maçanetas e á cruz inclinada das urnas as grinaldas que iriam fanar-se ao contacto frio da morte.

E os frades, atravessando lentos aquellas vastidões consagradas, murmuravam o memento, com a fronte pendida e as mãos occultas na manga do burel, como se acompanhassem solemnes uma procissão de além-tumulo.

As grandes senhoras, os personagens illustres, o cidadão pouco avultado, a familia obscura, o escravo, emfim, percorriam os templos, resando as suas orações, encommendando os seus mortos, assistindo ás missas em suffragios, que diziam-se até ás 3 horas.

Então o povo sahia, dispersava-se sem tumulto, conscio de haver desempenhado religiosos deveres.

D'aqui e d'alli, no adro das igrejas, a mão de um pobre estendia-se ao passante, e um côro de vozes rompia em tons pungitivos:

— Pelas almas santas bemdictas !...

E outro, mais forte :

— Pr'a missa das almas !

E os sinos dobravam pelos fiéis defunctos, até que a noite aninhava-lhes de novo o tumulo no silencio e no mysterio.

Com a febre amarella, ficaram abolidos os enterramentos nas igrejas, inaugurando-se a abertura dos cemiterios publicos em 1851, necessidade essa reclamada pelo crescido obituario.

Desde logo, o dia de finados tomou outra feição, que se foi apagando pouco a pouco, e de que apenas subsiste uma idéa vaga, confusa, profanada.

Na primitiva, porém, quando a veneração pelos restos dos que nos foram caros, ainda era legitima, a herança d'esses costumes manifestava-se pelas pompas exteriores do momento, reverberando sobre a população claridades suaves e patrioticas.

De pé a tradição, a mudança de logar determinara ligeiras variantes, e mais tarde estupidos abusos.

Como no passado, as familias preparavam-se, contratando sacerdotes para as missas, para os responsos nos cemiterios. De vespera, pela madrugada, partiam escravos com grandes taboieiros á cabeça, samburás, cestos, etc., em que iam castiças com mangas de vidro, serpentinas e medalhões com emblemas adequados, ornamentos que a saudade offertava em lembranças dos que haviam purificado na campa a vestidura terrena.

Os negros, na insolação do descampado, lá permaneciam todo o dia, guardando a prataria, mudando as velas que se gastavam.

Devido á distancia, os ricos, nas suas bellas equipagens, e a gente mais modesta em *omnibus*

fluminenses seguiam o mesmo itinerario, carregados de flôres e corôas fúnebres, para depositar nos jazigos sumptuosos e na cova rasa, onde uma cruz de páo pintada de preto dava prantos de orvalho ás memorias ignoradas.

O povo, caminhando em devotas romarias, distribuia-se em direcções diferentes, conforme os cemiterios; mas constricto, trajado de lucto, com o braço enfiado em corôas de cyprestes, conduzindo as suas *lembranças* funerarias.

Ao avistar-se a cidade da Morte, o coração confrangia-se, o sentimento religioso dominava da altura celeste, embalado pela brisa que soluçava entre os arvoredos isolados das longas avenidas.

No marmore dos carneiros, no chão do fosso fechado, um pai ou uma mãe, um parente ou um amigo, depositava, com as palpebras inchadas de pranto, as suas offerendas enlaçadas com largas fitas, nas quaes o amor, a saudade, o desalento, lavravam os epitaphios espontaneos de amarguras que se calam.

Nos templos, paramentados de capas e casulas pretas, e nas capellas do Cajú, S. João Baptista e S. Francisco de Paula, os padres, em presença das familias, celebravam as missas, cantavam os officios.

Sulcando os quadros populosos dos cemiterios, os ministros de Deus resavam mementos, aspergiam as lousas...

Como era edificante aquelle lugubre espectáculo! Como deviam exultar no Senhor os ossos d'aquelles mortos!

Depois... tudo se foi! O marmore dos tumulos manchou-se das gotas do vinho e da sobra das refeições; a vaidade foi cuspir no esqueleto de hoje — ella que será o esqueleto de amanhã; o sacerdote aggride pelas preferencias, como se a sua prece sacrilega pudesse alliviar das penas a seres mais puros.

Raras são as pessoas respeitaveis e sérias que actualmente ainda visitam os cemiterios. D'estas, algumas que o fazem, preferem as horas mais proximas da madrugada ou as mais distantes do entardecer.

E as luzes estão quasi extinctas...

Quando ellas se apagarem de todo, é que a tréva não cahirá sómente sobre o culto dos mortos, mas sobre o culto da Patria!



O CEARÁ EM 1887

CHOROGRAPHIA

DA

PROVINCIA DO CEARÁ

POR

José Pompeu de A. Cavalcanti

NATURAL DA MESMA PROVINCIA

RIO DE JANEIRO

IMPRESA NACIONAL

1888

AO LEITOR

Pelos diversos trabalhos, que em diferentes épocas publicou o senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil, de saudosa memoria, é o Ceará uma das provincias melhor estudadas e conhecidas, sob o ponto de vista historico, physico e politico.

Mas o *Ensaio Estatistico*, em que mais desenvolvimento se occupou daquella provincia, remonta á uma época já bem distanciada da actualidade. Data de 1863.

No periodo decorrido de 25 annos variaram de muito as suas divisões convencionaes ; cresceu a sua população ; as industrias augmentaram de numero e de valor ; expandiu-se a riqueza publica e privada ; avultaram os seus recursos.

E' preciso, pois, acompanhal-a nas varias manifestações de progresso e bem accentuar a marcha ascendente em que tem ido, a partir daquella época.

Reunindo o que encontrei em diversas publicações, quer daquelle illustrado publicista, quer de outros, que do Ceará se têm occupado, organizei este trabalho, no qual se encontrará condensado o que de mais interessante importa conhecer em relação áquella provincia.

E' uma *Chorographia do Ceará* um pouco amplificada, contendo talvez materia, que transcenda ao que strictamente se deva considerar o seu objecto; e offerecendo por isso mesmo mais largo campo de estudo e de investigação aos que mais particularmente desejem conhecer a provincia.

Addicionei-lhe um *Esboço Historico*, abrangendo, em abreviada synthese, os principaes factos do Ceará, a partir das primeiras tentativas de colonisação e a terminar no desfecho da mallograda republica do Equador.

Para esse fim, auxiliei-me de todos os trabalhos que sobre a historia da provincia tem sido dados á publicidade.

Si não consegui quanto tive em vista com a publicação deste singelo e sem duvida imperfeito trabalho, penso, entretanto, que elle não será de todo inutil.

Rio, Junho 1888.

José Pompeu.

INTRODUCCÃO

NOÇÕES PRELIMINARES

Por chorographia entende-se a descripção de uma parte limitada da terra, como um Estado, uma provincia, etc.

Quando a descripção se restringe ainda mais, como á uma cidade, uma villa etc., designa-se com o nome de topographia.

A chorographia se divide em physica e politica.

Chorographia physica trata das divisões naturaes do territorio, que descreve, da sua configuração, da accidentação da sua superficie, das suas producções, dos phenomenos meteorologicos, que se dão na atmospherá, do seu clima, etc.

A chorographia politica estuda a sua classificação como Estado ou provincia, as suas divisões

legaes ou convencionaes, a sua população, as condições moraes de seus habitantes, costumes, lingua, religião, agricultura, industria, commercio, riqueza, vias de communicacão, instituições, legislação, historia, etc.

Na chorographia physica ha a estudar a parte solida e a parte liquida da região, de que se occupa.

A parte solida do globo comprehende *continentes, ilhas e peninsulas*.

Dá-se o nome de *continente* à uma vasta extensão de terra, comprehendendo muitas regiões ou paizes não separados por mares.

Chama-se *ilha* uma pequena porção de terra cercada de agua por todos os lados; *archipelago* um grupo de ilhas, que estão proximas umas das outras; *ilhéos* ou *ilhotas* as ilhas de mui pequenas dimensões.

Peninsula uma porção de terra cercada de agua por todos os lados, excepto por um, que a une a um continente, a outra peninsula ou a uma ilha.

No relevo da superficie solida da terra ha *montes, serras, cordilheiras e valles*.

Monte é toda elevação da superficie, e toma o nome de *outeiro* ou *collina*, quando é de pequena altura; *montanha*, quando de grandes

dimensões. Dá-se o nome de *cume* à parte mais elevada do monte ; o de *sopé* ou *falda* à sua base ; e o de *encosta* ou *vertente* à parte comprehendida entre a base e o cume.

Serra é a montanha alongada no sentido horizontal.

Cordilheira é a reunião de varias serras, ligadas umas às outras por quebradas, mais ou menos profundas.

Quando o cume de um monte muito elevado tem a fôrma alongada e aguda, chama-se *pico*.

Vulcão é um monte pelo qual sahem, em certas occasiões, materias candentes ou em fusão, formando o que se chama *lava*. A abertura pela qual sae a *lava*, e que ordinariamente está situada no cume do vulcão, tem o nome de *cratêra*.

Valle é o terreno mais ou menos baixo, comprehendido entre montes.

Na linha de separação entre a parte solida da terra e o mar notam-se *costas*, *cabos* e *cabedêlos*.

Costas são as orlas de um continente, de uma ilha ou de uma peninsula, banhadas pelo mar.

Cabo ou *promontorio* é uma porção de terra, mais ou menos alongada, que entra pelo mar.

Cabedêlo é uma ponta de areia.

A parte liquida da superficie do globo distribue-se por *mares, rios, lagos, enseadas, bahias, golphos, portos e estreitos*.

Mar ou *oceano* é a grande massa de agua salgada, que cobre approximadamente tres quartas partes da superficie do globo.

Rio ⁽¹⁾ é a corrente de agua, mais ou menos extensa, que nasce em algum ponto elevado da

(1) Propriamente não se pôde denominar *rio* ainda o maior curso d'agua do Ceará, porque todos elles seccam completamente ou *cortam*, formando *poços* nos logares mais baixos, pedregosos, ou onde o terreno é impermeavel, durante a estação sêcca. Entretanto, no inverno correm com uma massa consideravel d'agua, apresentando grande largura e profundidade.

« Na vasta extensão desta provincia (*Ceará*), diz o Sr. general, conselheiro de Estado, Visconde de Beaurepaire, no relatorio final da commissão da carta geral do Imperio, não ha um só rio permanente, que provenha de fontes nativas. Em logar delles encontram-se, com a denominação erronea de rios, sulcos mais ou menos extensos, por onde se escôam até o mar as aguas da estação pluvial. Passada esta, ficam a sêcco, conservando apenas no seu leito alguns poços, de distancia em distancia. »

E no intuito de evitar erros, em que possam ser induzidos os que julguem das condições potamographicas do Ceará por uma simples vista lançada á sua *Carta*, o mesmo Sr. conselheiro general Visconde de Beaurepaire propõe que nas cartas geographicas, na parte referente áquella provincia, se substitua o vocabulo *rio* por outro, que indique immediatamente o caracter do accidente representado.

superfície da terra, e vai entrar no mar ou juntar-se com outra corrente.

Ao rio pequeno dá-se o nome de *ribeira* ou *ribeiro* e, quando tem ainda menos extensão e volume d'água, chama-se *regato*.

O rio, que vae lançar-se n'outro, diz-se *affluente* deste, e o ponto de junção chama-se *confluencia*.

Foz de um rio é o lugar de sua entrada no mar. *Margem direita* é a que nos fica do lado direito, quando caminhamos da nascente para a foz; *margem esquerda* a que nos fica do lado opposto.

Chama-se *esteiro* um braço de rio ou de mar, que entra pela terra.

Dá-se o nome de *estuario* ⁽²⁾ não sómente à uma certa sinuosidade do littoral, que só fica

« Já um nosso engenheiro (continúa o mesmo Visconde de Beaurepaire) de cujo nome não me posso agora recordar, em um folheto publicado, ha annos, applicou a palavra *ravina*, do francez *ravine*, a esses *esborradadouros* formados pelas aguas pluviaes. Não vejo inconveniente em adoptal-a; mas outras ha tambem, que se poderiam empregar com toda propriedade; taes são as de *torrente*, *leito torrencial*, *sulco torrencial*, etc.

« Em Goyaz, segundo o Sr. engenheiro Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, chamam-nos *corregos seccos*. »

(2) Em seu *Estudo Geographico*, o Sr. conselheiro barão Homem de Mello, na parte em que trata das bacias secun-

coberta d'agua durante a preamar, como tambem à embocadura de um rio, que forma uma especie de golpho.

Lago é uma porção consideravel de agua, cercada de terra por todos os lados.

Ao *lago* pequeno dá-se a denominação de *lagôa*.

Enseada é uma porção de mar, que banha uma curva muito aberta e reentrante da costa.

Bahia é a porção de mar, que entra na terra por uma abertura estreita, alargando no interior.

Golpho é um braço de mar, que entra pela terra, penetrando na costa, sem estreitamento na entrada.

Porto é a porção de mar, que entrando na costa é abrigada dos temporaes, pelas suas condições naturaes ou por obras d'arte, e offerece fundeadouro aos navios.

darias do Brazil. mencionando alguns cursos d'agua das provincias do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco, diz : « Os quaes não são mais do que *canaes* ou *estuários* de aguas torrencias na estação chuvosa. Durante o verão esses cursos d'agua desapparecem, ficando os leitos de alguns delles inteiramente seccos e outros reduzidos a poços isolados.

« Neste ultimo caso estão o *Jaguaribe* e o *Piranhas* (na fôz, rio do *Assi*). »

As enseadas, bahias ou golphos são muitas vezes portos naturaes.

Estreito é uma pequena porção de agua, situada entre duas costas e ligando dous mares.

Quando é de grande comprimento tem o nome de *canal*.

STORIA DI

O Cacci via
Istoria medievale
oriental in

E' l'istoria
pelo Edo Grande
e Perambone

Il libro
di de
terzo
di P
regia

CHOROGRAPHIA DO CEARÁ

PHYSICA

SITUAÇÃO OU POSIÇÃO ASTRONOMICA

O Ceará está situado entre $2^{\circ} 45'$ e $7^{\circ} 11'$ de latitude meridional e $2^{\circ} 30'$ e $6^{\circ} 40'$ de longitude oriental do Rio de Janeiro.

Limites

E' limitado a N e NE pelo Atlantico ; a E pelo Rio Grande do Norte ; ao S pela Parahyba e Pernambuco e a O pelo Piauhy ⁽¹⁾ por uma

(1) O limite com o Piauhy foi traçado pela lei n. 3:012 de 22 de Outubro de 1830, que annexou á provincia do Ceará o territorio da comarca do Príncipe Imperial, que pertencia ao Piauhy e a este o da freguezia da Amarração, que pertencia ao Ceará.

linha, que, partindo da barra do *Timonia*, situada aos $2^{\circ} 54' 46''$ de latitude meridional e $2^{\circ} 8' 7''$ de longitude oriental do Rio de Janeiro, rio de S. João da Praia acima até a barra do riacho, que segue para Santa Rosa e dahi em rumo direito à serra de Santa Rita até o pico da serra Cocal, termo do Piauhý, seguindo deste ponto em diante pela Serra Grande ou da Ibiapaba, sem outra interrupção além da do rio Poty, no ponto do boqueirão; pertencendo ao Piauhý todas as vertentes occidentaes da mesma serra, nesta parte, e à do Ceará as orientaes.

Dimensões

Mede de littoral 700 kilometros, desde Mossoró até o *Timonia*, situado a L e na distancia de 66 kilometros da barra do *Iguarassú*, que despeja no braço mais oriental do *Parnahyba*; do *Timonia*, seguindo o seu curso e depois pela serra da Ibiapaba, que se desenvolve em uma curva para SSE até 7° , approximadamente, em que toma a denominação de Araripe — 800 kilometros; por uma linha partindo daquelle ponto extremo em rumo ESE pela cordilheira do *Araripe* com varias denominações até $7^{\circ} 11'$ de latitude, approximadamente, — 300 kilometros;

finalmente, por uma linha d'ali partindo e terminando no *Mossoró* — 600 kilometros.

Aspecto physico

O territorio apresenta em seu contorno uma figura muito irregular. Limitado de um lado pelo littoral, em curva sinuosa, é circumscripto nos outros pontos pela extensa cordilheira da Ibiapaba, que, começando nas proximidades da barra do *Timonia*, se desenvolve em curvas irregulares, com as denominações de Ibiapaba, Carateús, Coronzó, Araripe, Cajueiro, Pereiro, Camará e Apody até o promontorio conhecido por ponta do *Mel*.

Não é uma curva continua.

Formada por diversos alinhamentos curvilineos, mais ou menos sinuosos, apresenta solução de continuidade em alguns pontos. Assim na altura de 5°, no *Carateús*, interrompe-se para dar passagem ao rio *Poty*, que despeja no *Parnahyba*, e no Jardim apresenta uma depressão, quasi ao nivel do solo, no lugar chamado — *Baixio das Bestas* — *divortium aquarum* de dous cursos d'agua, os riachos dos *Porcos* e do *Mundo Novo*; o primeiro — affluente do *Salgado* e o segundo — nascente

do riacho da Brigida, affluente do rio *S. Francisco*.

Além da interrupção nesses dois pontos, a cordilheira apresenta solução de continuidade na linha, que vae ter á foz do Apody.

O solo é geralmente desigual, em razão das serras e dos seus contrafortes, serrotes, valles, sulcos torrencias, chapadas, *dunas* e planicies arenosas no littoral.

Distinguem-se tres zonas bem pronunciadas: a do sertão, a das serras e a do littoral, sendo a do sertão a mais extensa e caracterisada por especial vegetação.

Do facil e rapido escoamento das aguas; da não existencia de cursos d'agua permanentes, havendo apenas sulcos torrencias, infere-se a forte declividade do solo, a partir do littoral e terminar no sopé da cordilheira, que o circumda.

A área da provincia, em documento official, é calculada em 3:627 leguas quadradas ou 157:992 kilometros quadrados. ⁽²⁾.

⁽²⁾ Milliet, em seu *Diccionario Geographico do Brazil*, attribue-lhe uma área de 4:600 leguas quadradas ou 200:736 kilometros quadrados.

Pela carta chorographica de *Conrado* foi ella calculada em 3:625 leguas quadradas (legua de 20 ao gráo) ou 111:940 kilometros quadrados.

OROGRAPHIA

O systema orographico da provincia é formado principalmente pela cordilheira da Ibiapaba, que tem um dos extremos ao noroeste e outro a sueste, circumscrevendo-a com diversas denominações. A' essa cordilheira, porém, prendem-se, por meio de diversas ramificações, serras baixas, esparsas pelo interior, constituindo grupos mais ou menos ligados entre si, dividindo o territorio em duas partes distinctas: uma a SE, formando a bacia do Jaguaribe com os seus numerosos affluentes, e outra a NO, originando outras bacias menores, entre ellas a do *Acarahú*, a mais consideravel.

Do lado do Piauhý, a Ibiapaba não offerece o aspecto de serrania. Extensa e elevada, como é, apresenta-se como vasta chapada, que insensivelmente diminue de nivel até às margens do rio *Parnahyba*.

Da parte oriental, ostenta-se em fôrma de *escarpa*, em alguns pontos como talhada a prumo e d'ahi o nome de *Ibiapaba*, na lingua *tupy* — *terra*

Pela de *Villiers* — 3:704 leguas quadradas ou 114:379 kilometros quadrados.

Ha ainda um calculo, que lhe attribue 5:475 leguas quadradas ou 169:068 kilometros quadrados.

talhada. Faz parte do *chapadão* do Parnahyba, um dos quatro de camadas horisontaes ou quasi horisontaes do *planalto* brasileiro, segundo o professor Orville Derby.

O ponto culminante desta serra está 1:030 metros sobre o nivel do mar, e, em quasi toda sua extensão, apresenta uma crista ou cumiada igual e de apparente horisontalidade. Prende-se por um ramo, que, na altura de 6° 30' se destaca, em angulo quasi recto, à *lombada*, que, segundo O. Derby se estende para O através do sul de Minas. Essa *lombada*, conforme aquelle professor, faz parte da grande divisôra das aguas do continente, estendendo-se na direcção E—O, impropriamente denominada *Serra das Vertentes*, porque uma parte consideravel daquella divisôra não é montanhosa.

Aquelle ramo segue rumo SSO com o nome de *Dois Irmãos* e, em algumas cartas, com o de *Borborema* entre as provincias do Piauhy e Pernambuco. A *lombada* é a cadeia occidental de *Balbi* e das *Vertentes* do barão de *Eschwege* e vai até a extrema de Matto Grosso.

A *Ibiapaba*, que toma a denominação de *Serra Grande*, dos *Côcos*, *Carateús* e *Coronzó* até a *Varzea da Vacca*, deste ponto em diante começa a ser chamada *Araripe* até o seu entronca-

mento nas serras de *Pajehú*. Nessa parte segue rumo ESE e forma com a linha, que parte do NO um angulo obtuso, separando o Ceará de Pernambuco. Do Jardim, onde se deprime e forma o *divortium aquarum*, se vai elevando para E com o nome de *Furada* e ramifica-se: uma parte com o nome de *Pajehú*, na provincia de Pernambuco e na altura de 7° 19' forma a extrema meridional da provincia. Seguindo o rumo de E na extensão de 50 a 60 kilometros, com o nome de *Piedade*, ramifica-se a SE, ligando-se à cordilheira, que toma o nome de *Borburema*, na provincia da Parahyba, extremado-a com a de Pernambuco e segue depois o rumo de NE, dividindo o Ceará daquella provincia até a serra do *Camará*, donde parte um ramo igualmente a S E. em angulo quasi recto, separando o Rio Grande do Norte da Parahyba com o nome de *Luis Gomes*.

Ainda em rumo de NE continúa com o nome de *Pereiro*, destacando-se um pequeno ramo, que se liga à serra do *Apody*, medindo 200 kilometros de comprimento, e um verdadeiro *planalto*, que, com a largura de 15 a 20 kilometros, nasce nas proximidades da foz do estuario do mesmo nome ou *Mossoró*, e termina em fórma de pyramide ao norte da serra do *Pereiro*.

Ao longo da serra do Araripe corre o valle do Cariry, limitado pelo lado oriental por serrotes denominados *Quicuncá, S. Pedro, Santa Maria,* etc, que podem ser considerados ramificações da Ibiapaba.

As serras esparsas pelo interior da provincia, formando grupos mais ou menos ligados entre si, presos à cordilheira da Ibiapaba, já na parte, que tem a denominação de *Serra Grande*, já na que se chama *Araripe*, já, finalmente, na linha denominada *Pereiro*, podem ser consideradas formando tres systemas distinctos: *central, septentrional* e de *sueste*.

O *central* começa ao NO da capital, em distancia de 30 kilometros della e 20 do littoral, e é formado pelas serras denominadas do *Cauhype* ou *Japodra, Joá, Camará, Tucunduba, Maranguape, Aratanha, Acarape*, que se liga, por contrafortes, à de Baturité, de todas a mais extensa, medindo 105 kilometros, abrangendo uma superficie de 700 kilometros quadrados, approximadamente, e tomando a denominação de *Boticario* no seu extremo septentrional.

A SO dessa serra, atravessando-se alguns valles, encontra-se um grupo de serrotes denominados *Marianna, Santa Maria, Machado*, e em rumo de O outras com os nomes de *Pi-*

cada, Jatobá, até ligar-se ao grupo mais occidental de serrotes baixos com as denominações de *Branca, Serrinha, Telha, Mattinhas, Bestas, Almas, Santa Rita, Barbalho, Catolé, Estevão, Preguiça*, separados por diversos valles. Este grupo, que pôde occupar uma área de 120 kilometros de norte a sul sobre 240 de leste a oeste, prende-se ao extremo occidental da Ibiapaba por dous ramos: um ao N pouco saliente até o Tamboril e outro ao S chamado serra da *Joanninha*, circumdando o territorio das comarcas do Principe Imperial e Independencia.

A SE da ponta de *Santa Rita* continúa outro grupo de serrotes baixos com os nomes de *Mombaca, Mattas, Boa Vista* e outros que fecham o sertão dos *Inhamuns* pelo lado do SE com os nomes de serra do *Mucuim, Penha, Flamengo*, que se liga à serra do Araripe.

As altitudes conhecidas são: do serrote do *Cauhype* 380 metros; do *Joá* 620, da serra da *Aratanha* 780, da de *Maranguape* 920, e da de *Baturité*, no ponto mais elevado, 852 (Monte-Flor). (3).

(3) Da serra de *Baturité* são conhecidas mais, por observações barometricas simultaneas, as altitudes dos seguintes pontos:

O systema septentrional nasce a 130 kilometros e a O da capital e a 20, proximamente, do litoral. E' formado pela serra da Uruburetama com 100 kilometros de comprido sobre 25 a 70 de largo.

Liga-se ao central por uma série de serrotes distanciados uns dos outros, baixos, terminando na serra do *Machado*.

A' serra da *Uruburetama* segue-se a da *Meruoca*, 18 kilometros a NO da cidade de *Sobral*, com 40 a 50 kilometros de comprido, e a SE della a do *Rosario*, presa às vertentes occidentaes da *Ibiapaba*.

O ponto culminante da serra *Meruoca* está 850 metros sobre o nivel do mar.

O systema de SE é formado por uma série de serrotes, a partir das proximidades da barra do *Jaguaribe*, interrompidos a NNO, destacando-se

Conceição— 828 metros, *Bóia Vista* (fazenda de Thimotheo Ferreira Lima) 820, *Bóia Agua* 815, *Macapá* 805, *Pernambucinho* 795, *Bom-Successo* 785, *Brejo da Cruz* 772, *Pendencia* 714, *Pão do Alho* (fazenda do Coronel Epiphanio) 709, *Ponto em que começa a descida do Labyrinto* 577, *Labyrinto* (fazenda de Rufino Ferreira) 566, *Alto do Labyrinto* 560, *Ponto em que começa a subida da Bóia Agua* 546, *Ponto em que começa a subida do Labyrinto* 515, *Ponto em que termina a subida do Olho d'agua* 463, *Passagem do Aracauaba* 357, *Ponto em que termina a subida da ladeira do Commum* 355, *Sítio Commum* 342, *Segunda passagem do Aracauaba* 333

o que tem o nome de *Serra Azul* bastante elevado, a SE e a 50 kilometros de Baturité. Desse ponto, rumo de SO até proximo do Icó, segue um grupo de serrotes com os nomes de *Orões*, *Flamengo*, a 24 kilometros do Icó, marginando o grande estuario do *Jaguaribe* e cortando-o no ponto denominado *Orões*.

Eis os nomes das serras e serrotes principaes, que formam o systema orographico da provincia, com a discriminação do grupo a que pertencem, segundo a divisão estabelecida.

A' cordilheira da Ibiapaba:

Serra Grande, dos *Côcos*, *Carateús*, *Coronzó*, *Araripe*, *Furada*, *Piedade*, *Camará*, *Cosme* ou *Pereiro*, *Apody*.

Ao grupo central:

Cauhype, *Joá*, *Camará*, *Maranguape*, *Ara-
tanha*, *Rato*, *Torre*, *Manoel Dias*, *Vento*, *Po-
cinhos*, *Lagedo*, *Acarape*, *Gado*, *Palmeira*,
Baturité, *Guariba*, *Barbadas*, *Piraçunga*, *Pin-
dã*, *Varzea Grande*, *Camarão*, *Aireron*, *Ca-
nindê*, *Lages*, *Limoeiro*, *Marianna*, *Machado*,
Jatobá, *Picada*, *Mattas*, *Cobras*, *Correntes*,
Branca, *Timbaúba*, *Mattinhas*, *Telha*, *Bestas*,

Almas, Santa Rita, Calogi, Barbalha, Catolé, Estevão, Preguiça, Mombaça, Joanninha, Bôa Vista, Mattas, Mucuí, Penha, Flamengo, Rosilho, Charita, Dous Irmãos, Banana, Bois.

Ao grupo septentrional:

Uruburetama, Missi, Pagé, Aroeiras, Caminhadeira, Manoel Dias, Santa Luzia, Pão Alto, Verde, S. José, S. Chripim, Lolaia, Mandacarú, Livramento, Carahybas, Vermelha, Serra do Açude, S. Francisco, Marfim, Enxuy, Valentim, Almas, Correntes, Papagaio, Mandú, Imburanas, Tejuçúoca, Santa Luzia.

Meruôca, Carnotim, Barrigas, Rosario, Mucuripe.

Ao grupo sueste:

Jaguaribe, Azul, Franca, Orões, Oriboré, Porca Magra, Pobres, Branca, Perequitos, Cavallos, S. Bento, Negra, Angra, Nova, Santa Maria, Olho d'agua, Furtado, Boqueirão, Gões, Maria Pereira, Fonseca, D. Anna.

Bastiões, Frexeiras, Trapiá, Brigida, Torto, Quicuncá, Araçás, Fortuna, Palmeira, Penhas, Estrellas.

Santa Maria, S. Pedro, Mãozinha.

POTAMOGRAPHIA

A provincia não possui um só rio permanente, proveniente de fontes nativas.

Os seus differentes cursos d'agua, alguns de grande extensão, só mantêm regimen fluvial na estação das chuvas.

Segundo a extensão e situação dos cursos d'agua da provincia, ha a considerar bacias, a SE e a NO, formadas pelo seu systema orographico.

As de SE comprehendem o *Jaguaribe*, as de NO o *Acarahú*, os dois mais importantes cursos d'agua da provincia, com seus numerosos affluentes.

BACIAS DE SE

Jaguaribe: nasce, na extrema occidental da provincia, das serras de Mombaça, Joanninha e Ibiapaba. Depois de um curso sinuoso de SO a NE de mais de 760 kilometros entra no oceano, 15 kilometros abaixo da cidade do Aracaty...

A situação geographica de sua foz é: 4° 24' 20" de latitude sul e 5° 26' 30" de longitude E do Rio de Janeiro.

Seus principaes affluentes são :

Pela margem direita :

Pihú : — 30 kilometros abaixo da villa do Tauhá, procedente das faldas da Ibiapaba.

Jucá : — 6 kilometros abaixo da villa do Arneiroz, igualmente procedente das faldas da Ibiapaba.

Conceição : — tem a sua nascença no angulo formado pela *Ibiapaba* e pela parte da mesma serra, que toma a denominação de *Araripe*; banha a povoação do *Poço das Pedras* e despeja, 6 kilometros abaixo da villa do Saboeiro, no *Jaguaribe*.

Bastiões : — nasce na serra do mesmo nome, banha a *Varzea da Vacca*, proximo ao *Assaré*, tendo o ponto de confluencia 3 kilometros abaixo da villa de *S. Matheus*, depois de engrossado pelo *Carihú*, procedente do *Brejo Grande*.

Salgado : — formado por duas correntes, que derivam da falda oriental da serra do Araripe, o *Itaytera* (vulgarmente conhecido por *Batateira*) e o *Salamanca*. Vinte kilometros abaixo da povoação do *Joazeiro* reúnem-se as duas. Assim formado, o *Salgado* passa 3 kilometros dis-

tante da villa de Missão Velha, no sitio *Cachoeira*, e depois de receber o riacho dos *Porcos*, 18 kilometros abaixo desse sitio, corre de sul a norte com grande numero de curvas, banha a antiga povoação da Venda, actual villa da *Aurora*, cidade de *Lavras*, e, 6 kilometros abaixo desta, atravessa a serra, formando um grande boqueirão. Passando pela cidade do *Icó*, entra no *Jaguaribe*, 18 kilometros abaixo daquela cidade, depois de um curso de mais de 300 kilometros.

Figueiredo : — nasce na falda oriental da serra do *Pereiro*, recebe todas as correntes da serra, corre de sul a norte, banha a villa do *Pereiro*, povoação do *Caxoço*, percorre o valle situado entre as serras do *Apody* e *Pereiro* e despeja no *Jaguaribe* 130 kilometros acima da cidade do *Aracaty*.

Pela margem esquerda :

Banabuyú : — tão volumoso quanto o *Salgado* e contando como elle uns 300 kilometros de curso. Nasce na parte meridional do grupo de *Santa Rita*, no angulo por ella formado com a serra de *Mombaça* ; corre de O a E com grandes curvas, recebe pela margem esquerda varios afluentes, procedentes da serra de *Santa Rita* e, pela esquerda, os de *Mombaça* e *Flamengo*, e, 60 kilo-

metros abaixo da cidade de *Quixeramobim*, a corrente deste nome.

Quixeramobim :— nasce das serras, que a O se acham centralizadas nos municipios de *Quixeramobim* e *Maria Pereira*; recebe o *Bôa-Viagem*, que, nascendo nas extremas com o *Carateis*, corre de O a E pelo valle, que separa a serra de *Santa Rita* da das *Bestas* e com aquelle se reune, 24 kilometros abaixo da villa de *Bôa Viagem*. Além do *Quixeramobim*, o *Banabuyú* recebe, 60 kilometros abaixo do ponto da confluencia, o *Satiá*, que nasce na serra do *Estevão*, banha a povoação deste nome e a villa de *Quixadá*.

O *Palhano* :— nasce nas proximidades do *Satiá* e despeja no *Jaguaribe*, perto da cidade do *Aracaty*.

Pirangy :— nasce na serra *Azul*, corre rumo de E e desagua no oceano, depois de um curso de 150 kilometros, 30 a NO da barra do *Jaguaribe*, formando pequeno *esteiro* na foz.

Choró :— ao norte do *Pirangy*, nasce nas serras do *Estevão* e de *Baturité*; corre a E a principio e depois de SO a NE até o oceano, onde despeja por dois braços, entre *Aracaty* e *Cascavel*, medindo seu curso 270 kilometros. Formã pequeno *esteiro* na foz.

Pacoty : — nasce no extremo meridional da serra de *Baturité*, banha o *Acarape* e o *Aquiraz* e despeja no oceano, depois de um curso de 150 kilometros, 12 ao norte da villa do *Aquiraz*.

Cocó : — ribeirão que nasce da serra da *Aratantina* e despeja no oceano, depois de um curso de 50 kilometros, 12 a E da cidade da *Fortaleza*.

BACIAS DE RIO

Timonia : — ribeirão que nasce no extremo oriental da serra da *Ibiapaba*, banha a cidade da *Viçosa*, e, depois de um curso de 150 kilometros, entra no oceano, formando uma pequena enseada. Sua foz está situada aos 2° 54' 46" de latitude meridional e 2° 8' 7" de longitude oriental do Rio de Janeiro.

Camocim ou *Curyahú* : — nasce na falda oriental da *Ibiapaba*, 180 kilometros ao sul da costa. Corre de O a NE, banha a cidade da *Granja* e entra no oceano depois de um curso de 30 kilometros, a contar daquela cidade. Sua foz está situada aos 2° 53' 41" de latitude sul e 2° 31' 8" de longitude oriental do Rio de Janeiro.

Acarahú : — o mais importante curso d'agua da provincia depois do *Jaguaribe*. Nasce do grupo central de serrotes, em um valle, que separa

a serra das *Mattinhas* da das *Bestas*, a 5 kilometros de distancia das nascentes do *Quixerambim*; corre de S a N, parallelamente à *Ibiapaba*, recebendo grande numero de affluentes. Banha a villa do *Tamboril*, as cidades de *Sobral*, de *Sant'Anna* e do *Acarahú*, abaixo da qual se lança no oceano, depois de um curso de 370 kilometros, por dois braços, formando extenso esteiro, que dá entrada a navios de pequeno calado. Sua foz está situada aos 2° 52' 36" de latitude sul e 3° 0' 12" de longitude oriental do Rio de Janeiro.

Aracaty-assú: — nasce nas serras Verde e do Machado, corre de S a N e entra no oceano depois de um curso de 240 kilometros, formando pequeno esteiro. Atravessa o sertão, que tem o seu nome.

Mundahú: — nasce no centro da serra da *Uruburetama*, corre pela falda oriental, e, depois de um curso sinuoso de 160 kilometros, entra no oceano, formando em seu esteiro o porto do seu nome.

Curú: — nasce nas serras do Machado e *Marianna*, atravessa o sertão de Canindé, recebe diversos ribeiros, que nascem nas serras da *Marianna* e *Uruburetama* e despeja no oceano depois de um curso de 250 kilometros. Forma um pequeno esteiro.

S. Gonçalo: — nasce na falda occidental da serra de Baturité, corre a NE, e, depois de um curso de mais de 150 kilometros, entra no oceano, formando uma pequena enseada.

Cauhye: — nasce de um grupo de serrotes a O da serra de Maranguape; corre de SO a NE, depois de um curso de 60 a 70 kilometros, entra no oceano sem formar esteiro.

Ceará: — ribeirão, que deu nome á provincia, nasce da serra do *Rato*, corre ao NO da serra de *Maranguape*, proximo da qual se bifurca. Entra no oceano, 12 kilometros a NO da capital, formando uma pequena barra, que antes de soterrada dava entrada a pequenas embarcações. Um de seus braços banha a cidade de *Maranguape* e com este nome se reúne perto da villa de Soure ao braço occidental, que contorna a ponta da serra.

Foi nas proximidades de sua barra, que os colonos portuguezès fundaram o primeiro estabelecimento, e os hollandezes estiveram ao tempo da occupação da colonia. Por isso o local tem a denominação de *Villa Velha*.

Em resumo: os cursos d'agua, que formam as bacias a SE e NO, são os seguintes:

A SE:

Jaguaribe com os seguintes principaes affluentes:

«*Pihú, Tricy, Carrapateira, Favella, Jucá, Conceição, Embuseiro, Condadú, Flamengo, Bastiões, Carihú, Troçú, Cumquê, Facl, Salgado, Banabuyú, Palhano.*»

— *Pirangy, Choró, Pacoty, Cocó.*

A NO:

Timonia, Coryahú, ou Camocim, Acurahú com os seguintes afluentes: «*Jatobá, Juré, Jai-bara, Feitoza, Macaco, Jacurutú, Gurahiras ou Groairas*», *Aracaty-assú, Mundahú, Curú* com os afluentes «*Canindé e Caxitoré*», *S. Gonçalo, Cauhype, Ceará* com o braço *Maranguape*.

LAGÔAS

Nem lagos nem lagôas importantes conta a provincia.

Existem algumas de pequenas dimensões, mui piscosas, que se conservam com agua de um para outro anno. Varias se formam com a obstrucção das barras pelas areias, que as *correntes* transportam por occasião das cheias, na estação invernos, as quaes desaparecem, quando novas enchentes rompem os depositos arenosos.

As lagôas mais importantes pelo volume d'agua são : *Cabeceiras*, na embocadura do riacho

Tiaia, Trahiry, Iguassú, junto ao Pecém, Mecejana, Encantada, junto à enseada do Iguape, Uruarua, junto à barra do Choró, Sacco da Velha, perto do Aracaty, Grande, junto à confluencia do Figueiredo, Iguatú, a maior de todas, com 18 kilometros de circumferencia, Barro Alto, junto a Iguatú (antiga Telha) Conceição, no municipio do Riacho do Sangue, Camoropim, no da Granja.

COSTA, SUA DIRECÇÃO, PONTAS E PORTOS

A costa maritima da provincia dirige-se geralmente para SSE desde a foz do *Timonia*, limite com o *Piauhý*, até a do *Mossoró*, limite com o Rio Grande do Norte.

E' nessa parte da costa brazileira, que começa a apparecer o estreito banco de coral, que se estende ao sul até a Bahia, correndo ora encostado ao littoral, ora distante 300 a 400 metros e mais afastado em certos pontos. Em toda a sua extensão, a costa apresenta dunas, sempre em movimento pela acção dos ventos, que variam com as estações, de tal sorte que está constantemente a mudar de aspecto.

A zona do littoral de areia movediça, em geral, é estreita, mas em alguns pontos alarga-se, pene-

tra o interior por alguns kilometros, formando *taboleiros*. No verão, impellidas pelos ventos de E, as areias obstruem a foz dos ribeiros, e d'ahi a formação de lagos pela represa das aguas, que as *enchurradas* do inverno rompem no mesmo logar da antiga foz ou em outro.

Identico phenomeno se observa na embocadura dos *estuarios*, não para fechal-a de todo, mas para aterral-a.

As cheias removem as areias depositadas e excavam as barras.

Em geral é baixa a costa, e em alguns pontos alagada, formando, por occasião das marés vivas, extensos lagamares.

Devolvidas ao mar, as areias formam *bancos* e *baixos*, que tornam perigosa a navegação, nas immediações dos portos.

Na parte que se estende a E do Mocuripe e a O da *Fortaleza*, é grande a accumulção de areias, e os ventos quasi constantes ali têm formado grandes *dunas*, com elevação superior a 60 metros.

A O dessas *dunas* existem outras menores, variando de altura entre 10 e 30 metros, igualmente formadas pelos ventos da costa. Ha um movimento constante de areias para O, e ainda na

mesma direcção é o das que, transportadas pelas correntes do littoral, entram na enseada a O da ponta do Mucuripe.

A corrente no alto mar segue de L para O; vence 1 1/2 milha por hora e faz parte da grande equatorial. Na costa, a corrente superficial, principalmente, segue a mesma direcção de E a O. Tem sido, porém, observadas, em certo periodo do anno, arrebentações no sentido contrario.

A linha da costa, ao sul da ponta do Mucuripe, estende-se, proximamente, na direcção S O e ao N, quasi na direcção NE 1/4 N.

Em toda a costa não ha um cabo propriamente dito; apenas algumas pontas arenosas mais salientes, como: a de *Jericoaquara*, a de *Itapagé*, a E da barra do *Acarahú*, e a mais saliente, a do *Mucuripe* a E da *Fortaleza* e a *Grossa* a E do *Retiro Grande*.

Não ha porto na provincia, que preencha bem as suas condições.

O que as offerece melhores é o do *Camocim*.

Notam-se, a partir do N, os seguintes:

Barra do Timonia, *Camocim*, *Jericoaquara*, *Acarahú*, *Barra dos Patos*, *Almofalla*, *Porto do Barco*, *Fernando*, *Pernambuquinho*, *Mun-*

dahú, Parázinho, Pecém, Ceará, Fortaleza, Mocuripe, Iguape, Aracaty, Retiro Grande.

A barra do *Timonia* admite apenas embarcações pequenas.

O porto do *Camocim*, situado a 5,9 kilometros da foz do *estuario* do mesmo nome ou *Curyahú*, é sujeito à oscillação de marés, regulando em média: 2^m,95 em aguas vivas; 2^m,00 em aguas mortas.

Na época do equinocio têm sido observadas oscillações de 3^m,20 em aguas vivas e 1^m,85 em aguas mortas.

O *estabelecimento do porto*, isto é, a hora da *preamar lunar*, é às 5 horas e 30 minutos da tarde.

A barra conserva, em média, em baixa-mar de aguas vivas, 1^m,80 de profundidade.

Em aguas vivas, póde dar passagem a navios de calado de 4^m,15 ou mais de 13 pés inglezas e, em aguas mortas, de 3^m,20 ou mais de 10 pés.

Nas épocas de equinocio, póde dar franca entrada a navios de calado de 4^m,40 ou superior a 14 pés inglezes.

Dista do porto da *Amarração*, no Piauíhy, 52 milhas.

A barra do Camocim tende a conservar sua posição e profundidade. (5)

Jericoaquara : abrigado pela ponta do mesmo nome, situado a 2° 47' 10" de latitude sul e 2° 45' 46" de longitude oriental do Rio de Janeiro, e a 72 kilometros a O do Acarahú. E' seguro, mas pouco frequentado. Nelle estiveram os francezes nos principios do seculo XVI. Era este porto o interposto de seu commercio com os indios da Ibiapaba.

Mais de anno nelle conservou-se a primeira expedição de Jeronymo de Albuquerque, que largára do Recife a 13 de Junho de 1613, com destino de conquistar o Maranhão, então occupado por francezes. (6)

Acarahú : na foz forma um delta ; por um dos dois braços, o maior, entra o mar. Em marés d'agua viva, dá accesso a navios de pequeno calado: na barra ha bancos de areia. Dista da cidade do mesmo nome 6 kilometros, proximamente.

(5) O porto do *Camocim* foi objecto de estudo por parte do Dr. *José Privat*, quando primeiro engenheiro na construcção da estrada de ferro de Camocim a Sobral.

(6) *Jericoaquara* ou *Jurará-Coira*, na lingua dos indigenas, *buraco das tartarugas*.

Acha-se a 52 milhas do porto de *Camocim*.

Barra dos Patos, *Almofalla*, *Porto do Barco* e *Fernando* offerecem fundeadouro a navios de lotação não excedente a 130 toneladas.

Pernambuquinho: uma enseada entre *Acarahú* e *Mundahú*. E' porto de jangadas e barcaças de pescadores.

Mundahú: fundeadouro abrigado, frequentado por sumacas, hiates e barcaças.

E' porto pelo qual podem ter sahida os productos da serra da *Uruburetama*, nas proximidades da qual se acha situado.

Dista do porto do *Acarahú* 60 milhas.

Parásinho: na foz do estuario do *Curú*.

Pecém: 60 kilometros a NO da capital. E' porto de jangadas.

Ceará: mais conhecido por *Barra*; na foz do estuario do mesmo nome; está quasi impraticavel.

Fortaleza: em frente á capital, em uma enseada em fôrma de crescente, protegida contra os ventos de E pela ponta do *Mocuripe*, três milhas nauticas (7 kilometros, proximamente) a E e em parte pelo recife do *Meirelles* e pelo banco da *Estrella*, situados na enseada, a $1\frac{1}{4}$ milha da cidade e na direcção ENE. O recife da *Velha* a $1\frac{1}{4}$ milha da praia e a *Corôa Grande* $\frac{1}{2}$ milha ao N, offerecem tambem pequena

protecção, mas raras vezes necessaria nessa direcção.

O vento reinante é o SE; geralmente sopra entre SE e NE.

Na baixa mar, o ancoradouro interno recebe alguma protecção do recife do porto, um grupo de rochas que, partindo de um ponto, proximo à praia, estende-se obliquamente à ella. Na preamar a protecção é mui fraca.

O recife é formado por um conglomerado de grés misturado com seixos e conchas, e tem pouco mais de um metro de espessura.

Estende-se obliquamente a começar de um ponto proximo à praia, com cerca de 300 metros de comprimento, ficando a extremidade, que avança para o mar, 350 metros fóra da marca da baixa mar.

O estabelecimento do porto ou a hora da preamar das syzigias é às 5 h. 30 m. A oscillação das marés é de 2^m,5 nas de aguas vivas, 1^m,6 nas de aguas mortas, e de 2 metros nas ordinarias. O fundo não é exclusivamente formado de areia; encontram-se, além da vasa e rocha, muito frequentes, uma especie de conglomerado pouco consistente denominado *saibro*.

O porto está sendo melhorado de accordo com o plano do notavel engenheiro hydraulico

J. Hawkshaw, que o estudou, e em seu relatório de 15 de Julho de 1875 propoz que se construísse, interiormente ao recife, um quebra-mar de 770 metros de extensão, ligado á praia por um viaducto aberto de cerca de 250 metros, sobre estacas de parafuso, sendo o dito quebra-mar construído de modo a servir de caes, ao longo do qual os navios pudessem atracar e descarregar, sobre elle correndo uma linha de trilhos com desvios, orçando tudo £ 220.000.

Dista do porto do *Mundahú* 66 milhas.

Mocuripe: ancoradouro na enseada deste nome. Está mais do que o da *Fortaleza* protegido contra os ventos reinantes, que sopram dos pontos entre ENE e E; porém, igualmente como este, contra os ventos entre ESE e SO. A enseada está inteiramente exposta aos ventos NE, NNO e ONO e aberta ao vento O.

A ponta do Mocuripe, rochosa na base, dista 7 kilometros, proximamente, da cidade da *Fortaleza* para E; é formada de grès, revestida no littoral de dunas, com mais de 60^m de elevação acima do nível do mar, e estende-se em fôrma de recife visível a $\frac{1}{2}$ milha de distancia, na baixa-mar.

O ancoradouro interno, durante a maior parte do anno, constitue seguro porto de abrigo para

navios, cujo calado não exceda de 6^m (19,68 pés) contra os temporaes de ENE e das direcções mais ao sul, não assim contra as de NE, ENE N, NO ou ONO.

Para attingirem, em frente ao Mocuripe, à profundidade de 6 braças (43 pés), os navios têm de fundear a 1,6 milha distante da praia.

Ha na ponta um pharol situado aos 3° 41' 10" de lat. sul e aos 4° 34' 36" de longitude oriental do Rio de Janeiro. O aparelho de luz é dioptrico, de 4^a ordem, e exhibe lampejos de minuto a minuto. Assenta em uma torre circular de ferro fundido, de base octogonal de alvenaria. O plano focal eleva-se 33^m,36 ao do nivel da preamar; a luz é visivel da distancia de 12 milhas, em tempo claro. Os navios de maior calado podem passar à uma milha do pharol. (7)

Iguape: a 66 kilometros, a SE da capital, e 18 a NE da villa do Aquiraz, em uma grande enseada, abrigada por morros de areia. Offerece entrada franca, mas é pouco frequentada.

Nella esteve ancorada em 1613 a esquadriha de Jeronymo de Albuquerque.

(7) Os dados em relação ao ancoradouro do Mocuripe constam do relatório do engenheiro W. Milnor Roberts, apresentado ao governo imperial em 1881.

Aracaty: na barra do *Jaguaribe*, cuja foz está abaixo da cidade do *Aracaty* 15 kilometros.

Nella ha uma corôa de areia, que separa o mar da parte interior do curso d'agua. Do lado interior da corôa ha uma bacia consideravel, que fórma o actual porto do *Aracaty*.

A barra é sujeita a variações, porque augmenta e diminue a profundidade da corôa; e essas variações provêm das enchentes excepçionaes do *Jaguaribe*.

Depois da grande enchente, em 1875, a altura d'agua na corôa, em maré baixa regular, reduziu-se a 0^m,88 (4 palmos).

Em 1876 e 1877 a água sobre a corôa chegou gradualmente à altura de 2^m,13, na vasante.

A profundidade conservou-se, e nenhuma mudança se deu na posição da referida corôa até 1880. A navegação alli se faz regularmente, havendo mais de 2^m d'agua na vasante e mais de 4^m,5 em preamar, offerecendo passagem a navios de 4^m de calado. O canal é recto e mede mais de 100 metros de largura.

Durante o verão, seis mezes, proximamente, o volume do *Jaguaribe* se conserva sem alteração sensivel. Quando o nivel do mar se eleva com a enchente, que attinge a cerca de 2 metros, um

certo volume d'agua passa por cima da corôa até onde no *estuario* chega a preamar. Dando-se a depressão do nivel, na vasante, volta a agua para o mar. Esse fluxo e refluxo abre um canal na corôa de areia, para alli conduzida pelo vento E, que sopra ao longo da costa, revêstida de *dunas*, mudando de volume e de posição, conforme a força e direcção dos ventos.

Nas enchentes extraordinarias, o *Jaguaribe* apresenta um volume d'agua excedente de 4,500 metros cubicos, em frente à cidade do Aracaty.

A corrente transporta grande quantidade de areia e alarga o canal, que passa de 450 a 4.500 metros e a mais.

Diminuindo a velocidade, a areia deposita-se na corôa, obstruindo o canal e elevando-o de alguns metros.

Quando termina a cheia do rio, a altura d'agua sobre a corôa está muito reduzida ; e, segundo as circumstancias e os novos bancos de areia formados durante a enchente, a maré abre pouco a pouco novo canal na corôa e o cava, emquanto não se dà o equilibrio entre a força de erosão da correnteza e a resistencia das areias no fundo.

O canal attinge a dimensões regulares.

O mais seguro e prompto meio de melhorar permanentemente a navegação do porto do Ara-

caty é reter uma parte das aguas do *Jaguaribe* nas cheias, que occorrem na estação invernosá.

Dista do porto de Mossoró 45 milhas e 66 do da Fortaleza (8).

Na ponta de sotavento da barra está um pharol dioptrico, de 5^a ordem ; luz fixa ; alcance 18^k,500.

Está situado aos 4° 24' 20" de latitude sul e 5° 22' 20" de longitude oriental do Rio de Janeiro.

Retiro-Grande : 50 kilometros a E da barra do Aracaty, em uma enseada protegida pela *Ponta Grossa* contra os ventos reinantes. E' porto de bastante fundo, mas em que ha forte arrenbentação, tornando difficil o embarque e desembarque.

O porto da *Fortaleza* dista do da Amarração, no Piauhý, 218 milhas ; do do *Camocim* 166 ; do do Acarahú 126, do do Mundahú 66, do do Aracaty 66 e do do Mossoró, no extremo com o Rio Grande do Norte 111.

ILHAS

Pequenas ilhas existem situadas na costa fronteira ao municipio de Acarahú.

(8) Os dados em relação ao porto do Aracaty constam do relatório do engenheiro *J. J. Revy* sobre o valle do *Jaguaribe*.

Notam-se :

Ilha dos Bois: com 400 metros de circuito, em frente à *Almofala*.

Ilha das Vaccas: igual e proxima à precedente.

Ilha do Guajerú: com 3 kilometros de comprimento, na costa de *Almofala*.

Ilha do Mangue Secco: na mesma costa, com 4 kilometros de comprimento.

Ilha do Fernando: na mesma costa com 300 metros de comprimento.

Ilha do Mosqueiro: das mesmas dimensões e na mesma costa que a precedente.

Ilha do Rato: com 600 metros de comprimento e 400 de largura.

Ilha da Corôa Grande: com 700 metros de comprimento e 90 de largura.

Ilha do Mosquito: proxima à cidade do Aca-
rahú, tendo 9 kilometros de comprimento e 6 de largura, distante do littoral 9 kilometros.

ESTRUCTURA GEOLOGICA

No *Esboço da Carta Geologica do Imperio*, organizada pelo professor Orville A. Derby, a provincia do Ceará apresenta as seguintes feições geologicas: formação terciaria na costa; rochas

referidas ao systema laurenciano na parte central; no extremo sul terreno cretaceo.

O terreno predominante é constituido por varias rochas cristalinas em decomposição, principalmente *gneiss*, que pouco varia na sua composição (*feldspatho, mica em palhetas* e um pouco de *quartz*) e fórma um vasto lençol em toda a superficie da provincia, ora a descoberto, ora envolvido em uma camada de terra, que em muitos pontos mede apenas 22 centimetros de espessura. (9).

De *micaschistos*, dispostos por camadas, como cristalisadas, e diversamente inclinadas, de granitos variados, de silex ou de areia grossa e seixos, quartz rolados, rochas porphyricas diversas, constam os montes do sertão.

Em muitas partes encontram-se veios de calcareos, sendo raro achar-se no interior vestigios de terrenos secundarios.

As bacias das *correntes* compõem-se na parte superior de uma camada de *argilla* e na inferior de areias grossas roladas, que em alguns pontos se

(9) Parte do que damos sobre a constituição geologica da provincia consta de um estudo feito por dois membros da commissão scientifica nomeada em 8 de Abril de 1857 para explorar o interior das provincias: Srs. Barão de Capanema e Dr. João Martins da Silva Coutinho.

ligam por meio de um *cimento*, que as agglutina.

Além dessas camadas alluviaes deparam-se as mesmas rochas primitivas, que existem no interior.

Em diversos pontos rompe da dura crôsta de *gneiss*, uma massa granitica para formar pequenas serras, como as de Maranguape, do Cauhye, Aratanha e seus contrafortes.

A maior parte da serra do Baturité é de *gneiss*, cujas camadas correm approximadamente de E para O, mas são *schistosus* ou *schistosilicosas* ou de *quartzito* com *mica* ou *micosammito* com apparencias de *itacolomito* as rochas, nas proximidades da cidade de *Baturité*.

O cume mais elevado da serra, denominada *Brejo de Pedras*, é todo composto de *quartz* e *quartzito*.

Em *Cantagallo* começa uma serie de rochedos de calcareo e *gneiss*, revestindo aquelles, e em decomposição.

Na villa do Acarape o calcareo enche uma fenda de *gneiss* e encerra fragmentos d'elle, parecendo que esse calcareo, de natureza *saccharoide*, é eruptivo. Quasi por toda parte apparece acompanhado de rochas de granito. Na *Ibiapaba* vê-se outra variedade: calcareo de sedimento, como no *Araripe*.

Proxima a *Baturité*, está a *Serra Branca*, toda granítica.

Em *Quixeramobim*, da crôsta de *granito*, que se acha a descoberto, no leito da *corrente* do mesmo nome, extrahem-se cristaes de um mineral verde.

Daquelle ponto, em direcção ao *Icó*, o *gneiss* se acha em *estratos* quasi verticaes e algumas vezes approximando-se ao *micaschisto*.

O valle do *Jaguaribe*, que forma o limite oriental da provincia, e é banhado pela *corrente* do mesmo nome, apresenta uma grande variedade de feições, que mudam rapidamente conforme a região, que a mesma *corrente* atravessa. ⁽¹⁰⁾

A formação geologica, ao longo do curso do *Jaguaribe*, varia frequentemente e dá ao valle aspectos diversos.

Assim, em algumas partes, as suas margens formam, por cem ou mais kilometros, um desfiladeiro continuo de collinas rochosas, com elevações e quedas na superficie do terreno, sendo o canal da *corrente* aberto em rocha solida; em extensão igual, as margens são formadas de ricas

(10) A descripção do valle do *Jaguaribe* e outros dados, que acerca delle damos no texto, constam do relatorio do engenheiro J. J. Revy, apresentado ao governo em 1881.

planicies alluviaes com espessas camadas de deposito.

Os *outeiros* e *montes* estão dellas afastados muitos kilometros, e o canal da *corrente* é cavado em areia, sem vestigio de rocha em parte alguma.

Em dois terços, pelo menos, a área das planicies do valle é tão igual como a superficie de uma meza.

E' ella formada de um solo alluvial, da espessura media de 4 a 5 metros, descansando sobre areia limpa e grossa, identica à que se encontra no canal do *Jaguaribe*, proximo às ditas planicies.

O medio da queda dos terrenos, de S a N, entre a cidade do *Aracaty* e o *Boqueirão do Cunha*, extensão de 115 kilometros, é de 1 em 2.500.

A 225 kilometros do *Aracaty* e 143 metros acima do nivel do mar estão as planicies do *Icó*, na confluencia do *Salgado* e do *Jaguaribe*.

Essas planicies têm grande semelhança com as do valle inferior do *Jaguaribe* em *Russas* e *Limoeiro*, por sua superficie lisa como uma mesa e solo formado de deposito alluvial. Subindo o *Salgado*, a configuração do terreno muda de planicie alluvial para uma região de montanhas e rochedos, que limitão aquella *corrente* em

ambas as margens até o *Boqueirão de Lavras*, 50 kilometros da cidade do Icó. Nesse comprimento o Salgado tem o seu canal cortado em rocha.

Proximo á serra do *Boqueirão* elle passa por uma garganta, que é o *Boqueirão de Lavras*, dividindo a serra em duas partes, a E e O.

Por essa garganta passam as aguas dos valles de Lavras e do Cariry. ⁽¹¹⁾

As vertentes deses dois valles estendem-se até os limites com as provincias da *Parahyba* e de *Pernambuco*, e as respectivas bacias são cercadas de montanhas de grande altura, contendo diversas *correntes* grandes e consideravel numero de pequenas, estendendo-se por 250 kilometros distantes do *Boqueirão*.

As aguas do valle do Cariry procedem principalmente das montanhas do Araripe e descem em numerosas correntes, formando tres principaes, que reunindo-se no lugar chamado *Cachoeira*, alguns kilometros acima da villa de *Missão-Velha*, descem por uma cataracta consideravel e formam o *Salgado*, a 85 kilometros do *Boqueirão*.

⁽¹¹⁾ A descripção e considerações sobre o *Boqueirão de Lavras*, como damos adiante, são feitas pelo mesmo engenheiro *Revy*, em seu relatorio sobre o reservatorio do mesmo nome.

O fundo deste forma actualmente parte do canal ordinario daquelle curso d'agua, que nelle passa suave e naturalmente.

Não era, porém, assim, ha seculos. Sua historia está escripta em suas paredes de rocha, e estas encerram em si a prova das forças, que se entrechocaram e agiram para romper a *serra do Boqueirão* e mais rochedos, que impediam o curso regular das aguas.

A *serra do Boqueirão* é uma montanha de rocha de *quartz*, e as respectivas camadas elevam-se para NE da formação de *gneiss* do valle, em um angulo de 30 a 40°.

No logar do *Boqueirão* a montanha chega à altura de 93 metros e eleva-se rapidamente para E algumas centenas de metros. Nessa altura a garganta apresenta paredes de rocha verticaes, que formam as duas margens da *corrente*, por grande extensão afastadas entre si de 40 metros.

Nessas paredes, e particularmente na occidental (por causa da inclinação das camadas para SO), o choque das aguas sobre as rochas da serra está comprovado em numerosas perfurações, que os redominhos fizeram na massiça rocha de *quartz*. Essas perfurações variam de diametro desde uma fracção do metro até muitos metros.

Parte dos fragmentos das rochas, resultantes das perfurações, permanece nas solidas paredes; parte rolou no leito da *corrente* e desapareceu. As paredes das rochas perfuradas são todas polidas e a excavação apresenta a fôrma conica; na bocca tem desde um até muitos metros de diametro; no fundo terminam frequentemente em um ponto; a profundidade é de 5 a 10 metros.

Onde as camadas da montanha não foram alteradas por outras causas, as paredes offerecem na superficie massa idêntica á dos fragmentos provenientes das perfurações.

Isto se observa com a parede occidental, em que, em razão de inclinarem-se as camadas para o interior da massa da montanha, os rochedos não escorregam para o precipicio; enquanto que, na parede oriental, que fôrma a margem direita, o rochedo, solapado na base, escorrega para o precipicio e cahe na *corrente*, e assim em taes logares desaparecem os vestigios da lucta, que se deu.

Seguindo as linhas de perfurações na subida do lado da parede occidental, observam-se vestigios de algumas muito antigas, provavelmente occorridas em época geologica differente.

Notam-se fragmentos, como si a rocha tivesse sido corroida para formar lages.

As partes das camadas, que continham *mica* desfizeram-se no lapso de dezenas de millenios.

Um exame minucioso leva a crer, que em tempo remoto as aguas do *Sa'gado* estiveram, uma vez ao menos, 38 metros acima do nivel actual, na enchente. E como a maior parte das terras do valle de *Lavras* está muitos metros abaixo desse nivel, segue-se que, em época mui remota, quando teve logar a perfuração, o valle de *Lavras* se achava coberto d'agua e era, portanto, um lago interior.

A inclinação do terreno é de quasi um metro por kilometro. Assim as aguas do lago estenderam-se pelo valle acima até um ponto distante do *Boqueirão*, pelo menos 38 kilometros. As provas se encadeiam e os factos, que as constituem, claros e positivos, não dão logar á menor duvida, quanto á conclusão.

O nivel do lago subiu até que houvesse sahida para as aguas, descendo das montanhas em derredor, e houve com effeito um escoamento pela depressão existente na linha de cumiada da serra, em um ponto situado acima do *Boqueirão*.

As aguas, transbordando do lago, descendo pelas faldas alcantiladas da montanha, em uma serie de cataractas e redomoinhos pelas violentas correntes devidas á queda, transportaram pedras

grandes e pequenas para os sorvedouros formados pelos rochedos desaggregados, e as massas d'agua, gyrando com as pedras, reduziram a pó esses rochedos, deram fôrma circular ás cavidades feitas, que cada vez mais se aprofundavam. E assim continuou até passarem atravez de uma camada da montanha, minando, destacando massas de rocha e transportando-as para o canal da *corrente*.

Assim, as aguas do lago desaggregaram, pedra por pedra, a montanha de *quartz* e formaram, por meio de erosões e perfurações, o seu proprio canal, cada vez mais profundo, atravez da montanha, fazendo ao mesmo tempo baixar o seu nivel. Com o correr dos seculos, o canal por sobre a montanha ficou excavado até o nivel das terras e dos rochedos situados acima e abaixo da *serra do Boqueirão*; desapareceu o lago e ficou a descoberto o actual valle de Lavras com as suas terras alluviaes, accumuladas em época anterior.

Parecerá incrivel que a agua excavasse uma garganta atravez de uma montanha, como a do *Boqueirão*, composta de rocha, a mais dura, que se conhece, que o aço ordinario não penetra.

Mas assim como o diamante é talhado e polido por seu proprio pó, assim o *Boqueirão de Lavras* foi perfurado e polido pelos destroços da propria rocha fracturada e pulverisada. Força

mecanica sufficiente houve para executar a operação, o que se torna evidente pelas considerações seguintes.

As enchentes de épocas passadas foram maiores do que as actuaes. A veracidade desta hypothese está comprovada scientificamente. Mas, suppondo que o volume das enchentes nas estações chuvosas de tempos passados tenha sido o mesmo que actualmente, e calculando só a força de enchentes regulares, medindo 312 metros cubicos por segundo, temos para o effeito mecanico produzido pela descida daquella massa d'agua do nivel do antigo lago, 38 metros acima do nivel da cheia do rio abaixo do *Boqueirão*, uma força superior a 150.000 cavallos, em numero redondo, trabalhando constantemente durante a cheia e empregada em esmagar os rochedos, obstruindo o canal. A massa obstructiva tinha naquella época o comprimento de cerca de 200 metros e a largura média de 60 e apre-entava uma superficie de 12.000 metros quadrados, proximamente.

Portanto, por cada metro quadrado do fundo da rocha do *Boqueirão*, havia uma força de mais de 12 cavallos, empregada em corroer a rocha obstructiva, produzindo afinal o *Boqueirão* dos nossos dias.

Nas proximidades da cidade do *Icó*, os terrenos primitivos são em algumas partes interrompidos por schistos argilosos de transição, principalmente na zona que se estende até Iguatú. Os montes e collinas são de quartzito de gran fina, às vezes compactos, sem accessorios.

Perto da cidade as collinas são de schisto silicoso.

Na direcção da *corrente* do *Salgado*, até o ponto de sua confluencia com o riacho dos *Porcos*, o terreno muda de formação; passa do *granito* ao *psammito* (*grés argiloso, muitas vezes micaceo, de structura schistoide*) talvez até onde antigamente chegasse a serra do *Araripe*.

Proximo a Missão Velha encontra-se vasto lagedo de *schisto argiloso*. A superficie é lisa, polida, em certos pontos vermelha, compacta e mui rija, com o aspecto do jaspe.

O terreno no Araripe e depositos subjacentes apresenta um caracter nimiamente jurassico. ⁽¹²⁾

Distingue-se de modo bem sensivel do de mais terreno da provincia, por toda parte apresen-

(12) A parte concernente a formação geologica da serra do *Araripe* e valle do *Cariry* consta de uma *Memoria* do Dr. Marcos A. d. Macedo sobre os meios de augmentar o volume das aguas no *Cariry*.

tando depositos de calcareo cristalisado, quando no valle do *Cariry* ou em torno da serra do *Araripe* o calcareo existe em grandes e pequenas estratificações ou em fôrma polypósa, como a pedra calcarea de Milagres.

No *Cariry* e em todo terreno visinho do *Araripe* encontram-se de envolta com calhãos rolados, depositos de peixes fosseis e ossadas de mamiferos de familias extinctas. No caminho do *Brejo Grande* aos *Bastiões*, no sitio denominado *Veados* e no de *S. Francisco* a *Oeiras*, no logar *Caboclo*, existem ossadas de pachydermes iguaes aos dos *proboscidianos* fosseis, que apparecem em muitos pontos do globo. As ossadas dos *veados* parecem pertencer aos mastodontes de pequena especie; as do *Caboclo* à tribu do grande mastodonte ou elephante gigantesco.

A base do *Araripe* é de grandes camadas de calcareo e de lages, que se mostram nas excavações feitas pelas aguas correntes, de envolta com varias formações de *greda*, de *tauí*, de calcareo oolithico, globulos de pedras ferruginosas, jazidas de *anthracito* e de *tabatinga*; rochas de formação ignea, como as pedras gigantesas que se veem na caverna da povoação do *Cajueiro*, arredondadas pelo transporte, nas diversas revoluções do globo.

Todas essas formações de bases heterogeneas, transportadas de suas jazidas nataes, formam o immenso deposito do Araripe e repousam sobre leitões de argilla impermeavel, que, sendo inclinados para E e N dão logar à corrente das aguas accumuladas por infiltração.

A serra do *Araripe* toda carcomida, na opinião do barão de Capanema, é um insignificante resto de um colosso de areia, que alli foi depositada.

O largo valle que a separa da serra do *Salgadinho* por uma distancia de mais de 120 kilometros, era por ella occupado, por isso que sobre essa ultima cordilheira de granito se encontra ainda algum *psammito*. A parte superior do Araripe é toda composta de psammito, de côr avermelhada, com alguns *nodulos* azulados e raras vezes negros. Em alguns pontos a argilla é perfeitamente branca e dahi já ter sido confundida com *greda* (*cré*, carbonato de cal).

No littoral grandes agglomerações arenosas, impellidas pelo mar, formando *dunas*, que os ventos fazem constantemente mudar de posição. Afastando-se do littoral, encontram-se terras aluminosas, de naturezas diversas e abaixo dellas areias grossas, sobrepostas a rochas primitivas, que, de espaço a espaço, principalmente nas proximidades das serras, surgem à superficie.

As montanhas do interior todas graníticas, porphyricas ou calcareas, não apresentam vestígios de estratificação, excepto as da *Ibiapaba* e *Araripe*, de formação secundaria.

Na base, porém, existem as mesmas rochas primitivas.

Segundo o antigo naturalista Feijó, as serras isoladas apresentam crateras de vulcões de época mui remota, de fôrma afunilada, provando erupções, encontrando-se muitas especies de lavas, basaltos, etc.

O barão de Capanema não encontrou, no entanto, vestígios, que denunciasssem a existencia de vulcão, excepto um tronco de basalto, que vio à margem do *Curú*.

A opinião do barão de Capanema está de accordo com a do professor O. Derby, que terminantemente affirma não existirem no Brazil vestígios de vulcões extinctos, na parte continental, sendo no territorio brasileiro, o unico ponto conhecido de origem vulcanica a ilha de Fernando de Noronha.

Têm-se sentido ligeiros abalos de terra no valle do Jaguaribe e na Granja.

No *Brejinho*, a 120 kilometros do *Crato*, existem cavernas, que mostram o modo como as aguas degradam a serra e explicam a formação dos desfiladeiros, barrancos, etc.

Nas serras do *Araripe*, *Ibiapaba* e em outras existem cavernas, que offerecem interesse por sua grandeza e formação.

No logar *Cajueiro*, segundo o Dr. Marcos de Macedo, uma se encontra, que não apresenta signal algum de rocha calcarea e outra, em nivel inferior, no *Brejinho*, contendo vastas galerias, não tendo ainda sido percorrida em toda sua extensão.

No serrote de *Cantagallo*, encontram-se igualmente grandes cavernas formadas sob as grandes massas de rocha calcarea.

No serrote do *Picão*, no municipio de *Santa Quitéria*, ha uma immensa gruta por baixo da massa granitica ou de *quartzito*, que forma o monte.

Na serra da *Uruburetama*, ha diversas, notando-se uma, proxima a S. Francisco, formada por uma grande lage soterrada, tendo uma pequena abertura horisontal, pela qual mal pôde penetrar uma pessoa.

No interior pode-se andar em pé e a claridade se faz por meio de uma fenda na abobada.

Tem-se encontrado nessa caverna grande quantidade de ossos humanos, bem conservados. Presume-se ser antigo cemiterio de indios.

No municipio de *S. João do Principe*, existe tambem uma extensa gruta; mas de todas as

que conta a provincia, a mais notavel é a do *Ubajarra*, serrote proximo á Ibiapaba.

E' aberta no cume da montanha e muito profunda.

Forma vasto salão com grande altura, e julga-se que se estende até a Ibiapaba. E' banhada por uma corrente de agua limpida; pendem da abobada e das paredes *stalactites* de formas bizarras, que, vistos ao clarão de archotes, offerecem curioso espectáculo. ⁽¹³⁾

MINERAES

ROCHAS DE ORIGEM IGNEA

Encontram-se em diversos pontos da provincia :
Granito ⁽¹⁴⁾ *Gneiss* ⁽¹⁵⁾ *Porphyros* ⁽¹⁶⁾.

⁽¹³⁾ Desta gruta fez interessante descripção o Dr. G. R. Gabaglia, um dos membros da commissão scientifica, que a examinou detalhadamente.

⁽¹⁴⁾ *Granito* : rocha de textura granulosa, composta de *feldspatho*, *quartz* e *mica*.

⁽¹⁵⁾ *Gneiss* : *feldspatho* e *mica*, e o *quartz* como elemento accessorio.

⁽¹⁶⁾ *Porphyro* : rocha de base de *feldspatho* compacto, de côres variadas, apresentando cristaes de *feldspatho*, de *quartz*, etc. Os cristaes commummente esbranquiçados, en-

Basalto ⁽¹⁷⁾: cristaes de basalto em massa ou estratificados encontram-se principalmente no *Crato*, e em *S. João do Principe*, no serrote de *Cantagallo*, no leito do *Chorò*.

Desde o ponto em que a *corrente* do *Salgado* fôrma grande cachoeira, na distancia de 50 kilometros da cidade do *Crato* até a do *Icó*, existem formações basálticas, muitas cristalisações calca-reas e de outra natureza.

Micaschisto ou *schisto micaceo*: encontra-se em varios pontos do interior ⁽¹⁸⁾.

contram-se engastados em uma pasta, cuja tinta varia do pardo vermelho e do azul roxeado ao côr de roza, avermelhado e esverdeado. E' rocha mui dura, solida e susceptivel de um bello polido. Serve para decoração de edificios, construcção de vasos e columnas de grande preço. Os antigos faziam de *porphyro* grandes vasos sepulchraes, banheiros, obeliscos.

⁽¹⁷⁾ *Basalto*: rocha denegrada, dura, compacta, densa e mui solida. Em sua composição apresenta *feldspatho*, *pyroxene*, *ferro* com *titinio* e muitas vezes *peridoto* (silicato de magnesia) quer em cristaes disseminados, quer em massas de fôrma spheroidal ou tuberculosa. O basalto é empregado em calçadas, dividindo-se em trechos de certa espessura as columnas, que se apresentam em posição vertical.

⁽¹⁸⁾ E' uma rocha essencialmente composta de *quartz* e *mica*.

O *micaschisto* e o *gneiss* offerecem algumas vezes entre si tanta analogia, que, em rigor, se poderia consideral-os, como modificações de uma só e mesma rocha. O *micaschisto* apresenta uma estructura mais folheada, apparencia mais ondulada.

ROCHAS DE ORIGEM SEDIMENTAR

Schistos : encontram-se *schistos argillosos*, *ardosias* e *coticula* (especie de *schisto*, composto de *feldspatho* e de *quartz*, vulgarmente pedra de amolar). Proximo à cidade de Baturité as rochas são *schistosas*. Nas vizinhanças do Icó os terrenos primitivos são em alguns pontos interrompidos por *schistos argillosos*, sobretudo na zona proxima ao *Iquatú*. Perto de Missão Velha encontra-se uma grande camada de *schisto argiloso*, de superficie lisa e polida, em certos pontos vermelha, compacta e mui dura, com o aspecto de jaspe. Ha *schisto ardosia* no municipio de *S. João do Principe* e do Crato ao Icó (19).

Calcareos : rochas compostas de acido carbonico e cal.

Encontram-se afastados da costa, 25 a 40 kilometros para o interior, muitos bancos de pedra calcarea e de marmore. O serrote de Cantagallo, nas proximidades do Acarape, é composto de marmore primitivo. No lugar — *Giboia*, a 15 kilometros da estação da Monguba, da estrada de

(19) *Schisto* é rocha das mais antigas, formadas por via aquosa. Em sua composição apresenta materia talcosa e argillosa, ás quaes se juntam particulas feldspathicas e micaeas.

ferro de Baturité, pedra calcarea e bancos de marmore, branco e escuro de envolta com *dolomias* (*carbonato de cal e magnesia*). No lugar — *Tabapuá*, a 7 kilometros de Soure, encontra-se marmore com veios encarnados.

No *Aracaty* e no *Crato* acham-se grandes massas de marmore de variadas côres. As pedras calcareas do interior são quasi todas primitivas e as da *Ibiapaba*, estratificadas, carbonatos de grã fina.

No *Cariry* existe carbonato de cal em grandes massas, em folhas horisontaes, mais ou menos grossas, em fôrma de lousas, proprias para ladri-lho, mesas e outros misteres.

Os calcareos, que apparecem no municipio do *Crato*, são concreções mais ou menos grosseiras.

Acima da cidade, sêde desse municipio, descobrem-se camadas de calcareos, que pouco se afastam do plano horisontal. Em *Cantagallo* e em muitos pontos da provincia, apparece calcareo christalino, granular, saccharino, eruptivo, acompanhado de outras rochas. Na serra de *Ibiapaba* ha formação calcarea identica à do *Araripe*.

Em *S. Anna* encontra-se calcareo de grã tão fina, que pôde servir para pedra lithographica.

De um recife, que fecha a enseada do *Mundahú* extrahe-se pedra calcarea, conhecida pela denominação de *cabeça de carneiro*.

Grés: é a rocha dominante depois dos terrenos jurassicos, que se encontram, descendo a serra do Araripe. E' rocha mui commum na provincia (20).

Psammito: *grés argiloso*, de structura schistoide. De *psammito* é o terreno, que se encontra, a partir do granitico, que começa do ponto de confluncia do riacho dos *Porcos* e *corrente* do *Salgado* e se estende até onde se considera o limite antigo da serra do Araripe. De *psammito* tambem é a parte superior dessa serra, tendo a côr amarellada com uns nodulos azulados e raras vezes negros.

Apparece igualmente *psammito* abaixo do calcareo de grã fina, que se encontra em *S. Anna*; azulado, durissimo, contendo veias de *pyrites* e de galena (*sulfuretos de ferro e de chumbo*).

(20) Rochas de base de *quartz*, provenientes de areias agglutinadas por um cimento silicoso. Resultam da desaggregação e trituração das rochas quartzosas e silicosas. Ha grés de grãos mui finos, outros de grãos mais ou menos grosseiros, contendo as vezes materias feldspathicas alteradas e oxydos de ferro, que lhes dão tintas diversas. Encontram-se de toda sorte, uns proprios para filtrar, outros para amolar, pedras finas e superiores para este ultimo mister.

Areias, cascalhos: compostos de substancias pulverulentas quartzosas trituradas pelas aguas ⁽²¹⁾.

Uma certa zona da provincia, variavel de largura, é formada por grandes agglomerações arenosas, impellidas pelo mar para as praias e depois pelos ventos.

No *Mocuripe*, a 7 kilometros da capital, as areias se consolidaram por meio de oxydo de ferro e argilla.

Affastando-se do littoral, encontram-se por baixo das areias grossas terras aluminosas diversas, pousando sobre areias sobrepostas a rochas do terreno primitivo.

Silex, silex para amolar: encontram-se communmente na provincia *silex*, pedras de *silex*, pedras silicosas variadas, proprias para mós e para afiar.

Anthracito: de aspecto mui semelhante ao do carvão de pedra. Por esta circumstancia o Dr. Marcos de Macedo considerou como de carvão de pedra jazidas daquelle combustivel no lugar *Bispo*, entre os serrotes da *Mãosinha*,

⁽²¹⁾ O mar batendo nos continentes dá lugar á formação de consideravel quantidade de areia, que occulta em suas profundezas ou lança ás praias baixas.

Agglutinadas por um cimento formam os grés.

Olho d'Agua do Milho e barra do Araripe. ⁽²²⁾

Linhito: encontra-se em *Quixeramobim*, no riacho do *Palha* e ha uma mina, no municipio de Canindé. ⁽²³⁾

Turfa: extensos brejos, de que ha ainda tradição no Crato, existiram alli e estão hoje aterrados por *detritus* vegetaes, massas de turfa fluctuantes, os quaes estão cobertos por cannaviaes. ⁽²⁴⁾

Gesso: na ponta do Araripe, que fica voltada para S. Pedro, ha uma montanha meio isolada, onde se acham grandes massas de gesso fibroso. No Cariry e em outras partes se encon-

⁽²²⁾ Antracito é substancia da natureza do carvão, negra, opaca, de brilho meio metallico; queima com difficuldade, sem chamma nem fumaça, nem cheiro betuminoso.

A principal differença entre o carvão e o anthracito está em que este, privado de betume, queima menos facilmente e se apaga, apenas é retirado do fogão.

⁽²³⁾ *Linhito*: combustivel de natureza do carvão, de origem vegetal. Accende e queima facilmente, com chamma, fumaça negra e cheiro betuminoso, aspecto resinoso, lúsidio ou embaciado.

⁽²⁴⁾ *Turfa*, materia parda ou pardo-escura, queimando facilmente com ou sem chamma, dando fumaça semelhante á das hervas seccas e deixando após a primeira combustão uma brasa fina. E' um combustivel esponjo o ou compacto, leve; forma-se pela accumulção das plantas aquaticas.

tra sulphato de cal, quer no estado anhydro, quer hydratado. ⁽²⁵⁾

Sal gemma ; fontes saliferas : encontra-se sal gemma em varios pontos do Jardim ; em geral no sertão, especialmente no Aracaty-Assú, onde as aguas dos charcos ou dos poços pouco profundos apresentam crystaes delle. No logar *Capim Grosso* colhe-se sal puro. Os gados no sertão costumam a lamber, e com avidez, as terras ordinariamente argillosas, impregnadas de *chloruretos de sodio*.

Das aguas do mar é elle extrahido com grande facilidade.

Nas marés, a agua, que entra nas salinas, dias depois, é evaporada, deixando o *chlorureto de sodio* crystallizado.

(²⁵) *Gesso*, sulphato de cal hydratado. Sua textura é cristallina, fibrosa, granulada, saccharoide, compacta, côr branca ou esbranquiçada, mas algumas vezes é elle manchado por oxydos de ferro, que lhe dão côres amarelladas e ás vezes está misturado com calcareo, outras vezes com marmore e argilla. Submettido ao calor moderado, o *gesso* perde a agua de sua composição e se torna friavel. Nesse estado, reduzido a pó, é empregado na edificação e para cimentar pedras, etc.

Presta-se tambem para decoração do interior das casas.

Misturado com uma dissolução gelatinosa forma uma massa compacta e estanque, imitando o marmore, quando é polido e colorido por diversos oxydos metalicos.

No Iboassú, do municipio da Granja, encontram-se jazidas de *hydrochlorato de soda*. ⁽²⁶⁾

Argillas: abundam, em toda a provincia, proprias para o fabrico de tijolos, telhas, louça, e em alguns logares, misturadas com oxydos de ferro, excepto as que ficam proximas à praia e em um ou outro ponto da Ibiapaba.

Nas serras encontram-se argillas diversas, coloridas por materias ferruginosas (ocres); vermelhas quando o oxydo de ferro, que ellas contêm é anhydro (*oligista*); amarellas, quando o oxydo é hidratado (*limonito*).

No interior são utilizadas na pintura das casas. Em muitos pontos encontram-se argillas plasticas, isto é, infusiveis, proprias para a preparação de cadinhos refractarios.

No *Icó* e no *Crato* encontra-se uma argilla negra, com a qual se fabrica louça preta.

Na *Viçosa* e no *Crato* existem abundantes conchões argillo-ferruginosas.

⁽²⁶⁾ O sal marinho (*chlorureto de sodio*) existe abundantemente na natureza, em dous estados differentes, ou em camadas solidas mais ou menos consideraveis no seio da terra, como o *sal gemma*, ou em solução nos lagos e, particuamente, nas aguas do mar. O *sal gemma* é limpido ou branco, algumas vezes accidentalmente colorido de cinzento, vermelho ou azul e apresentando aspecto vitreo,

Terras aluminosas, silicosas, calcareas e magnésicas, diversamente combinadas, encontram-se em toda a Ibiapaba.

Ha em *Mecejana* uma argilla plastica ali conhecida por barro *tabatinga*. ⁽²⁷⁾

ESPECIES MINERAES NÃO METALIFERAS

Graphito: consta existir uma rica jazida de *graphito*, proxima ao *Ipù*, na *Ibiapaba*.

Em *Quixeramobim*, na fazenda *Otho d'agua*, ha outra.

O naturalista *Feijó* refere que encontrou *graphito* em alguns riachos, que desaguam nas *correntes* do *Curù* e *Acarahù*. Consta existir igualmente uma *jazida* na serra de *Baturité* e uma maior na serra *Barbadas*, proxima ao riacho *Cangaty*, do municipio de *Baturité*. Fôrma *nidulações* no *gneiss* ou em diminutas palhetas nos calcareos *saccharoides* eruptivos. ⁽²⁸⁾

⁽²⁷⁾ Argillas são rochas compostas de *silica*, *alumina* e *agua*, em proporções mui variaveis. Algumas vezes se apresentam no estado de pureza, porém, as mais das vezes, contêm particulas de *ferro*, *quartz*, *mica*, *magnesia* e *calcareo*.

⁽²⁸⁾ *Graphito*, designado tambem sob os nomes de *plombagina*, *mina de chumbo*, é uma substancia de um cinzento de chumbo ou de ferro, de brilho metallico, unctuosa ao tacto, dotada da propriedade de manchar o papel ou os dedos de

Betumes: em diversas partes do *Cariry*, nas proximidades da *Ibiapaba*, encontram-se grandes quantidades de *schistos bituminosos*, que ardem com facilidade e estão quasi à flor da terra, de distancia em distancia. ⁽²⁹⁾.

Pedra hume: existe uma mina abundante no municipio de *S. João do Principe*, no lugar *Cajueiro*, occupando grande superficie, segundo o naturalista Feijó. O Barão de Capanema diz existir outra no Araripe. ⁽³⁰⁾.

Soda nativa: no *Ipi* encontra-se em grande quantidade. ⁽³¹⁾.

Potassa: encontra-se uma camada mui abundante no *Ipi (Ibiapaba)*, uma jazida no lugar

cinzento metallico plumbeo, e deixando-se facilmente riscar e cortar por um instrumento proprio para esse fim. E' um mineral composto de carbono, associado a pequena quantidade de oxydo de ferro, o qual parece accidental, de sorte que essa substancia não seria senão carbono puro como o diamante, mas em um estado differente de aggregação molecular.

⁽²⁹⁾ *Betumes*, materias liquidas ou viscosas, de côr negra ou parda, algumas vezes molles como *pez*; eminentemente combustiveis, queimando com chamma e fumaça espessa, e desprendendo um cheiro forte, que lhes é particular. Muitas vezes estão misturados com outras substancias.

⁽³⁰⁾ *Pedra hume*, sulphato de alumina e de potassa ou de ammoniaco; substancia branca, soluvel, de um sabor aspero.

⁽³¹⁾ *Soda nativa* (carbonato de soda) substancia salina de sabor caustico e urinoso.

S. Gonçalo, do municipio de *Arneiroz* e no *Crato* (serra *Araripe*). E' vulgarmente conhecida com o nome de sabão de pedra. ⁽³²⁾

Arsenico: consta existir no municipio de *S. João do Principe*, no estado de pureza. ⁽³³⁾

Magnesia sulphatada: existe nos municipios do *Jardim* e de *S. João do Principe*. ⁽³⁴⁾

Salitre: ha nitreiras naturaes em muitos pontos da provincia. São mais notaveis as da *Tatajuba*, entre *Santa Quiteria* e *Quixeramobim*, onde houve um laboratorio em 1779: as da *Pindoba*, no municipio de *Villa Viçosa*, muito abundantes; as da *Tagycioca* e *Conceição*, no *Curú*; as do *Carnahubal*, a 60 kilometros da *Ibiapina*; as de *Iboassú* do municipio da *Granja*; as do *Pirangy*, no

⁽³²⁾ *Potassa* — assim denominado o *carbonato de potassa*, tambem conhecido por *alcali vegetal*, de um sabor acre e ligeiramente caustico, deliquescente, soluvel n'agua, na temperatura ordinaria.

⁽³³⁾ *Arsenico*, um metalloide, ao principio considerado como metal. Solido, na temperatura ordinaria, de um cinzento de aço mui brilhante, quando acaba de ser volatilizado, mas embacia-se promptamente ao contacto do ar. E' facilmente reduzido a pó; sem sabor, insoluvel n'agua.

Quando se acha na natureza, no estado de pureza, é em massas, em forma de laminas ou em concreções.

⁽³⁴⁾ E' branca, soluvel, de sabor muito amargo. Encontra-se em efflorescencia na superficie da terra.

Choró; e outras nas serras do *Araripe*, do *Jardim*, da *Uruburetama*, n'uma grande pedra furada; dos *Bastiões*, do municipio de *S. Matheus* e do *Ipi*, nas faldas da *Ibiapaba*.

Nas serras, em geral, encontra-se o salitre em efflorescencia em grutas e fendas das rochas. ⁽³⁵⁾.

Mica: encontra-se em varios pontos da provincia; ha grande abundancia della no municipio do *Saboeiro*. ⁽³⁶⁾.

⁽³⁵⁾ *Salitre*, tambem chamado *nitro* é o *nitrate de potassa*. E' uma substancia branca, limpida, de sabor fresco e picante, não deliquescente e susceptivel de crystallisação. Mui commum na natureza, se o encontra em efflorescencia em grande numero de logares.

O laboratorio fundado em 1779 esteve sob a direcção do engenheiro João da Silva Feijó, tendo funcionado 22 mezes e produzido 379 arrobas 27 libras de salitre.

Em 1803 foram suspensos os trabalhos e o laboratorio, em virtude de nova ordem, passou a funcionar, em 1804, na *Pindoba*, cessando em Fevereiro de 1805, depois de uma despeza de 10:430\$720.

⁽³⁶⁾ *Mica*, substancia foliacea, dividindo-se quasi ao infinito em laminas delgadas ou em palhetas flexiveis, elasticas e de superficie brilhante. A côr é ordinariamente branca, amarella ou denegrada; o brilho, muitas vezes metalico, imita algumas o do ouro ou da prata. E' muito espalhada na natureza: entra na composição da maior parte das rochas de origem ignea, particularmente dos *granitos*, dos *gneiss* e dos *micaschistos*. Seu emprego é mui restricto.

Talco: encontra-se em alguns pontos da provincia, notadamente na serra do *Pereiro*. ⁽³⁷⁾

Amianto, asbesto: entre o *Icó* e o *Crato* encontra-se *amianto*; em varios pontos do *Cariry*, em grandes veios e principalmente em *Quixeramobim*, onde existe em abundancia. ⁽³⁸⁾

PEDRAS COMMUNS PARA JOIAS

Quartz hyalino ou cristal de rocha, ágatas, turmalina: encontrão-se ágatas em varios pontos da provincia; no leito do *Gurayras*, entre *Quixeramobim* e *Santa Quitéria*, achou-se uma *turmalina*. Cristal de rocha encontra-se no *Crato* e em muitos logares, bem como amethistas. ⁽³⁹⁾

⁽³⁷⁾ Substancia molle, muitas vezes em folhas, algumas compacta, de côr esverdeada, esbranquiçada ou cinzenta, branda e unctiosa ao tacto, e composta essencialmente de *silica* e de *magnesia*.

⁽³⁸⁾ Os nomes de *amianto* e de *asbesto* foram dados á uma substancia mineral branca, cinzenta ou esverdeada, de textura filamentosa, offerecendo fibras brandas, flexiveis como seda, cuja apparencia tem algumas vezes.

⁽³⁹⁾ *Quartz hyalino* ou *cristal de rocha* é um *quartz* incolor, perfeitamente semelhante ao cristal artificial, porém com a vantagem de ser mais leve e muito mais duro.

Encontra-se nas rochas de crystallisação e nos veios, em cristaes algumas vezes volumosos.

JASIDAS METALIFERAS

Mineraes de ferro

Existem jazidas de ferro, no municipio de *Quixeramobim*; na serra *Azul*, entre *Quixeramobim* e *Russas*; no logar *Jaburú*, do *Arneirós*; nos da *Imperatriz*, de *Santa Quitéria*, do *Ipú*; na falda da serra do *Araripe*, lado do *Jardim*, no logar *Lagôa*; no *Itaúna*, a 36 kilometros da barra do *Timonia*; na *Meruoca*, sitio *Genipapo* e uma mina na *Bocaina*.

Das jazidas da *Lagôa*, na serra do *Araripe*, tem-se extrahido rochas, que dizem dar 80 % de ferro puro.

As minas do *Ipú* são riquissimas. As pedras ferruginosas dão 80 e 90 % de ferro puro e de grã mui fina.

Amethysta, quartz hyalino colorido por um oxydo metallico, de côr violeta.

Ágata, uma variedade de quartz hidratado, de pasta compacta, fina, unctuosa, translucida, susceptivel de um bello polido, apresentando, as mais das vezes, côres variadas na mesma amostra. A côr da ágata é naturalmente branca, mas varia muito por causa das misturas accidentaes.

Turmalina, mineral negro ou esverdeado, apresentando-se em prismas estriados. Encontra-se nas antigas rochas de cristallisação.

O naturalista Feijó disse dar grande interesse a exploração de ferro na provincia, attenta a riqueza das jazidas e a boa qualidade dos mineraes. Recommendou, sobre todas, as minas do *Cangaty* e do boqueirão da *corrente do Salgado*, junto à cidade de *Lavras*, onde se encontra o ferro em fragmentos destacados e espalhados.

No *Choró* existem massas de fôrma quasi espherica, semelhantes a balas de artilharia de grosso calibre. (⁴⁰)

(⁴⁰) O ferro encontra-se na natureza sob combinações diversas; mas só é extrahido com vantagem dos oxydos ou carbonatos de ferro. Na provincia existe o ferro oxydulado ou magnetico e o ferro *oligiste* (peroxydo de ferro), apresentando as mais das vezes um brilho metallico e uma superficie brilhante (*ferro especular*) e em alguns pontos a fôrma lithoide ou terrosa, caso em que se denomina *hematite vermelha* e se o encontra misturado com substancias aluminosas como nas *ocres*.

De uma memoria inedita de Feijó sobre a mina do *Cangaty* extrahe-se o seguinte:

Nome e caracteres

« *Ferro especular* : Mineralizado, cristalizado em laminas especulares, que pelo golpe do martello se quebram em cristaes ou palhetas, mais ou menos delgadas, tirando a rhomboidaes, lusentes e côr de aço na fractura.

« A superficie externa é desigual, preta e ferruginosa, como que soffreu a acção do fogo, e em partes suja de oxydo roxo.

« O seu pó é denegrado, tirando a rôxo escuro.

« A sua massa é dura, de maneira que fere fogo com o fusil e risca o vidro.

« E' emfim refractario ao magnete e fusivel ao fogo do maçarico com o soccorro do carvão, dando um vidro escuro.

Local

« Acha-se esta mina distante da Fortaleza 35 leguas, mais ou menos ao SO, na margem oriental do riacho denominado *Cangaty*, onde se chama *Barbadas*, sertão junto á cabeceira do rio *Choró*.

« Entre o *Choró* e o riacho *Cangaty* corre na direcção de NO a SE uma cadeia de montanhas, cuja ossada é de granito, denominando-se ao N serra da *Guariba* e ao S das *Barbadas*, cujas aguas, correndo ao nascente, vão entrar no rio *Choró* e para o poente formam o riacho *Barbadas*, que vae entrar no *Cangaty*, na fazenda *Bom Jesus*, onde correm juntos por espaço de quatro leguas, até despejar no *Choró*, junto á povoação de *Itans*. E' neste riacho *Barbadas*, duas leguas acima de *Bom Jesus*, que principia a apparecer esta mina de ferro, na fazenda de *Côntendas*, occupando o espaço de duas leguas, para mais, quadradas de terreno até a serra.

Jazida

« Acha-se o ferro nesta mina, ora avulso e espalhado, ora amontoado aqui, alli, já pela superficie do terreno, já mais ou menos enterrado, parte agglutinado e como engastado em uma códea de granito, susceptivel de separar-se, que, na grossura de pollegada e meia, cobre a rocha *gneiss*, a qual, escalvada, se deixa ver sobrepujando em lombadas a superficie do terreno e muito mais visivelmente no alveo do riacho e quebradas.

Origem

« Estes pedaços de mina de ferro parecem lançados e arrojados em alluvião, por effeito de uma força activa, occasionada talvez por alguma erupção vulcanica antiga, em que aquella códea de granito se achava em estado liquido, ficando por isto parte desses pedaços nelle embutidos, servindo-lhes de nova ganga, quando outra porção arrojada

Tambem se encontra na provincia uma combinação de ferro, a *caparrosa* (*sulphato de ferro*) igualmente conhecida por *vitriolo verde*.

se espalhou desigualmente pela mais superficie do terreno, o que parece verificar-se pela semelhança e identidade de uns e outros pedaços e pela fraca firmeza ou liga da códea de granito como rocha.

Natureza do solo

« O solo de todo aquelle logar e circumvizinhanças e até o das serras é argilloso, vermelho, arido e coberto ou semeado de pedregulhos quartzosos e de granito; e ordinariamente em fragmentos conglutinados e mais ou menos consolidados com os de outros de ferro, de bazaltos pretos, mica, formando pedaços de uma rocha semelhante á que os mineralogistas denominam *brecha* ou *poudingue*, mais ainda pelo estado actual e desordenado da composição exterior das mesmas montanhas ou serras vizinhas, as quaes se notam confusamente retalhadas com profundos valles, cavernas, precipicios, o que indica antigas crateras vulcanicas, ouvindo-se ainda ao longe, de tempos em tempos, particularmente depois das primeiras chuvas, do seu interior estrondosos estampidos, pasmosos rugidos e que os moradores attribuem á existencia de mineraes auríferos.

« E', pois, abundantissima a mina das *Barbadas*; e com pouco trabalho se póde colher diariamente avultada porção de ferro, principalmente do que se acha espalhado pela superficie do terreno.

« Além disto, na vizinhança de três a quatro leguas e mais, acham-se outros logares, mais ou menos abundantes do mesmo mineral, especialmente nos serrotes denominados do *Pindá*, *Piraçunga*, que ficam ao O, onde na encosta, que olha para o ENE, ha outra riquissima mineira de ferro magnetico. »

Existe *caparrosa* em abundancia na *Ibiapaba*, no *Jardim*, no logar *Gamelleira*, na serra de S. Pedro, no Iboassú, 12 kilometros a O, na escarpa de um serrote e n'um riacho, descoberta por Feijó.

Ha tambem *sulphureto de ferro* e concreções ferruginosas no riacho *Cangaty* e no *Crato*.

Mineraes de cobre

Na *Ibiapaba*, municipio do *Ipú*, existe uma mina, que dizem ser rica. No serrote de *Cantagallo*, nascente do riacho do mesmo nome, encontra-se tambem uma mina de cobre. Ha outra no municipio do *Jardim*, no logar *Cachorro*.⁽⁴¹⁾

Mineraes de chumbo

Na *Ibiapaba*, proximo ao *Ipú*, consta existir uma mina abundante de galena argentifera (chumbo sulphuretado), que outros confundem com *plombagina*.

(41) O cobre encontra-se no estado nativo ou metallico em diversos depositos.

Apparece em alguns logares disseminado em veios, em nodulos e em massas algumas vezes bastan e consideraveis.

Em *Quixeramobim*, na fazenda *Olho d'Agua*, ha outra mina. (⁴²)

Existe tambem uma combinação de chumbo, na provincia, o alvaiade (*carbonato de chumbo*) de que existe uma mina abundante no serrote dos *Tres Irmãos*, no municipio de *S. Matheus*.

Perto do *Ipù* achou-se *molybdato de chumbo* de que existe uma amostra no *Museu Nacional*.

Mineraes de zinco

Perto de *Milagres*, encontrou-se grande quantidade de *blenda (sulphureto de zinco)*.

No logar *S. Pedro*, junto à serra da *Mãosi-nha*, do municipio de *Milagres* e em *S. Felippe*

(⁴²) *Chumbo* só se encontra na natureza no estado de combinação. Entre as numerosas especies mineraes, que contêm *chumbo*, só se conhece um unico mineral, capaz de uma exploração regular: é o *chumbo sulphuretado*, conhecido com o nome de *galena*, de que ha duas variedades, *galena* de grandes e de pequenas facetas (esta ultima contendo fraca quantidade de prata). A *galena* é uma substancia mineral, cinzenta de chumbo, de brilho metallico e de superficie brilhante, ordinariamente associada a veios de *blenda* ou *sulphureto de zinco*, *pyrites de ferro*, *cal fluatada*, *quartz*, *sulphato de baryta*.

e *Santa Roza*, do municipio do *Jardim*, encontra-se tambem zinco. ⁽⁴³⁾

Mineraes de antimonio

Encontra-se *sulphureto de antimonio*, proximo do *Ipiú*. ⁽⁴⁴⁾

Mineraes de mercurio

Sob a fôrma de *vermelhão* (*mercurio sulphuretado*) existe mineral de mercurio na serra do *Araripe*. ⁽⁴⁵⁾

⁽⁴³⁾ O zinco se acha em abundancia no estado de *carbonato*, *silicato* e *sulphureto*. O *sulphureto de zinco* ou *blenda* é de aspecto brilhante, lamelloso, de côr amarellada ou parda.

⁽⁴⁴⁾ O *antimonio* existe no estado nativo, no de *oxydo* e de *sulphureto*. Este ultimo mineral é o mais importante.

O *sulphureto de antimonio*, *estibina*, é uma substancia brilhante, de um cinzento de chumbo, formando veios no *granito*, no *gneiss* e *micaschisto*.

⁽⁴⁵⁾ O mercurio se apresenta na natureza sob diferentes estados; mas só se o extrahê do *mercurio nativo* e *sulphuretado*. O principal mineral de *mercurio* é o *cinabrio* ou *mercurio sulphuretado*. Quando puro, é de uma bella côr vermelha, passando ao pardo por causa de diversas misturas. Denomina-se particularmente *cinabrio*, quando existe em massas *crystal'linas*, e *vermelhão*, quando se apresenta sob a forma de pó mui fino e pesado e com uma bella côr *escarlata*.

Mineraes de prata

Nada ha de positivo sobre a existencia de prata na provincia. (⁴⁶)

(⁴⁶) O regimento dado ao governador do Estado do Maranhão em 1654 recommendava especialmente a exploração das minas de prata do *Ceará*, descobertas pelos Hollandezes.

Ha uma tradição vaga de que, no lugar *Taquara*, da serra de *Maranguape*, os Hollandezes, de 1637 a 1640, fizeram excavações e tiraram prata. O Barão de Capanema (quando membro da commissão scientifica) examinou aquelle logar e nada encontrou, que justificasse trabalho de mineração antiga.

No meiado do seculo XVIII foi explorada uma mina existente no serrote *Ubajarra*, extremo oriental da *Ibiapaba*, por concessão régia feita á uma companhia de mineiros e fundidores, que em 1750 vieram de Lisboa, sendo logo abandonados os trabalhos, por não haver o resultado correspondido á despeza.

Refere Feijó, que ainda em 1805 vivia na *Viçosa* Mr. Fontenelle, francez, bastante velho, que viera com o pessoal da companhia mallograda, e lhe informara, que de facto da mina do *Ubajarra* se extrahira um metal, que diziam ser prata, mas em mui pequena quantidade. Apenas serviu, porém, para com elle pagar-se o vencimento do Intendente.

Por provisão régia de 14 de Dezembro de 1754, El-Rei D. José concedeu ao capitão-mór Luiz Quaresma Dourado privilegio para explorar as minas de prata de *Uruburetama* e *Maranguape*, que o concessionario dizia haver descoberto.

Mas até hoje não se sabe onde demoram essas minas, nem tão pouco que houvesse alguma exploração em qualquer das indicadas serras, a não ser a vaga tradição de excavações, fornos, etc., no logar *Taquara*.

Por decreto n. 1982 de 3 de Outubro de 1857 foi concedida permissão a José Bernardo Teixeira para explorar e lavar mineraes no territorio da provincia. Teixeira in-

Mineraes de ouro

Em quasi toda a provincia existem vestigios de ouro, em pequenos grãos e palhetas, notavelmente nos seguintes logares :

Município da Granja, onde nem uma exploração se tentou ainda, não obstante as palhetas, que se encontram ; em *Baturité*, no logar *Marês*, donde se ha extrahido algumas oitavas de ouro, dos veios de pedras, onde esse metal se encontra em particulas, no *Crato* ; logar *Cachorro*, extrema do Jardim com a provincia de Pernambuco, donde se ha extrahido palhetas de ouro

formava haver extrahido de um ponto da *Ibiapaba* um metal branco semelhante á prata. Não se sabe, porém, si este metal foi extrahido da mina do *Ubajarra*, a qual o naturalista Feijó examinou, declarando não ter apresentado vestigios de prata, mas veios delgados de *sulphureto de cobre*, em bancos de pedra rija, vidrenta e cõr de cinza. Estes bancos estendem-se pela serra da *Ibiapaba* e apparece nas fracturas da montanha, na parte occidental, já na provincia do *Piauhý*, na estrada para *Campo Maior*, no logar *Porteiras*, um metal branco e rijo, que o vulgo denomina prata e do qual fazem-se arreios, esporas, etc.

Ao naturalista Feijó esse metal pareceu uma combinação de cobre.

A concessão feita a Teixeira foi alterada pelo decreto n. 2033 de 21 de novembro do mesmo anno e pelo de n. 3779 de 12 de Janeiro de 1857, foi concedida permissão por 30 annos para lavar ouro, chumbo, soda e outros mineraes na comarca do *Ipiú*.

por meio de lavagem ; em Milagres, na povoação de *Cuncas*, d'onde se tem extrahido ouro por meio de simples lavagem ; no *Ipiú*, nos riachos *Curimatan*, *Bom Jesus* e *Juré*, d'onde de longa data se tira ouro, bateando as respectivas palhetas. (⁴⁷)

Nas margens da *corrente* do *Salgado*, de *Missão Velha* a *Lavras*, encontram-se terras auríferas. (⁴⁸)

(⁴⁷) Refere Feijó, que o ouro de *Curimatan* é de côr amarella, bem accentuada, e o do *Juré* de qualidade superior.

Por falta d'agua deixou o coronel Diogo Salles de explorar as minas do *Juré*, depois de algumas tentativas sem resultado.

Sobre a mina do *Bom Jesus*, 12 kilometros a L da cidade do *Ipiú*, examinada em 1856 por dois engenheiros inglezes, consta o seguinte:

Abriram um poço de 6^m,6 de profundidade e 8^m,8 de circumferencia, e ficaram satisfeitos com o resultado das experiencias.

Existem tambem tres minas de ouro, todas muito abundantes e de excellente qualidade, entre as cidades do *Ipiú* e da *Viçosa*.

(⁴⁸) Refere ainda Feijó, que basta batear-se a que se depara nos regatos por baixo do cascalho para se ter ouro.

Em granitos, em folhetas, misturado com *esmeril* negro mui brilhante e susceptivel de ser attrahido pelo *iman* e engastado em veios de *quartz* encontra-se tambem ouro em pó tenuissimo.

Alli houve antigamente trabalhos de mineração importante por uma companhia de mineiros de Jacobina e de outras partes, protegida por guarnição militar, enviada de *Pernambuco*, cujo commandante era o fiscal, recebedor do quinto.

Entre as rochas da secção de geologia e mineralogia do Museu Nacional encontram-se varias amostras procedentes do Ceará. Taes são:

Sesquicarbonato de soda ; ferro sulphatado e hydratado ; chumbo sulphurado ; molybdato de chumbo ; schisto amphibolico ; limonito geodico ; porphido ; amphibolite ; opalas ; schistos talcosos ; jaspes communs ; granitos com turmalinas ; stactite impura ; feldspatho verde ; silex corneo e grande quantidade de amostras de calcareos.

Por desvantajosa ao Erario e ao publico, uma ordem régia de 2 de Setembro de 1758 prohibiu a extracção do ouro no *Cariry* e *Mangabeira* e outra de 25 do mesmo mez e anno a exploração em qualquer ponto da Capitania.

Julgava o naturalista Feijó ser a presença do ouro naquelles logares toda accidental, transportado aquelle metal para as margens das correntes e ribeiros por alluviões antiquissimas e por isso ser provavel, que se encontrem as respectivas matrizes na cordilheira da *Ibiapaba*.

O ouro não se acha na natureza sinão no estado nativo, ora sob a fórma de crystaes, de laminas mais ou menos extensas ou de filamentos; ora em palhetas, em grãos e em fragmentos, ás vezes bastante volumosos. Encontra-se muitas vezes em veios, nas rochas quartzosas do terreno primitivo; algumas vezes se apresenta em diversas jazidas argentíferas. Mas a *matriz* mais geral do ouro, no Brazil, a substancia, em que este metal se acha mais abundantemente espalhado, é uma rocha quartzosa, avermelhada e ferruginosa, chamada *Jacutinga*.

Aguas mineraes

Existem na provincia algumas fontes de aguas mineraes de diversas naturezas. Não foram, porém, ainda analysadas.

Aguas thermaes

Na capital, proxima à corrente do *Pajehú*, em um sitio pertencente aos herdeiros do major Franklin do Amaral, existe uma fonte d'agua ligeiramente tepida.

No *Pagé*, do municipio da *Imperatriz*, em meio de uma varzea secca, proxima a um serrote escalvado, ha uma nascente d'agua bastante quente e outra vizinha d'agua de temperatura menos elevada. A temperatura da primeira é de 35° centigrados e a da segunda 28°.

No Crato existem algumas fontes thermaes. No Aracaty ha uma no sitio *Beirada*.

Aguas sulphurosas

No *Tamboril*, nas nascentes do *Acarahú*, ha uma fonte sulphurosa.

Aguas gasozas

No *Crato* se encontram fontes gazosas, contendo em certa proporção saes em dissolução.

Aguas ferreas

As aguas do *Pagé* contêm fraca quantidade de *carbonato de ferro*.

No municipio de *Santa Quitéria* existe uma fonte, chamada do *Salitre*, por baixo de uma extensa lage.

A agua jorra de um orificio praticado na rocha, é salgada e corre abundantemente.

Dizem ser ligeiramente ferrea, muito medicinal e por isso muito procurada.

No *Satiá*, em 1855, abriu-se um poço no riacho *Caiçara*, em um terreno cercado, pertencente a José Bartholomeu de Queiroz, e nelle encontrou-se agua limpida e sem sabor notavel, mas que produzio nas pessoas, que a provaram, incommodos no ventre e dejecções sanguineas.

Ignora-se a natureza dessa agua.

FLORA

A flora da provincia nem-um caracter especial offerece. Semelhante á das provincias vizinhas, sua natureza é determinada pelas condições do clima e constituição geognostica e orographica.

Não participa das magnificencias, que apresenta a zona equatorial, senão em algumas das suas serras mais elevadas, mesmo assim sem attingir ás proporções da vegetação do Amazonas, nem possuir a exuberancia, que ostenta a zona das florestas virgens do Atlantico, a começar da barra do *S. Francisco* para o sul. Sob o aspecto botanico, a provincia caracteriza-se pela vegetação, que distingue no Imperio a zona do sertão.

No littoral, o terreno affecta a fôrma arenosa, cuja monotonia é quebrada, de longe em longe, pelas *dunas* e pelos manguesaes, que nascem nas proximidades do mar, nas margens dos *estuarios*, até onde alcança a agua salgada.

Sahindo da orla maritima, encontram-se *taboleiros* e *carrascos* mais ou menos densos, onde crescem arvores de construcção como *jetahy*, de cerne amarello, ou *quirini-pininga*, *pão-ferro*, de cerne rôxo, tambem conhecido em ou-

tra parte por *itú*, o *accende-candeia* ; arbustos como *puçás*, *guajerás*, etc. e ainda arvores de grande e pequeno porte, como *piquis e cauas-sús*. (⁴⁹)

Do terreno arenoso do littoral se passa à zona do sertão, caracterisada especialmente pela intermittencia da vegetação. A fôrma peculiar é a de *catanga*, denominação que abrange os extensos bosques, baixos, cheios de arbustos, espinheiros e moitas trançadas.

E' esta a fôrma, que predomina na flora da provincia.

Encontram-se as plantas proprias dos terrenos argilosos ou argilo-silicosos.

Nota-se o *sabiá*, o *pão branco*, *jucá*, *espinheiro*, *sipahuba*, *catangueira* etc.

As encostas das serras apresentam tambem especial physionomia. Ha egualmente uma certa intermittencia na vegetação, como nas *catangas*, mas as plantas são de porte maior, formando pelo contacto dos seus ramos mattas de *coberto*. Produzem-se as mesmas especies do sertão.

Nas serras mais elevadas, onde ha cursos d'agua permanentes, encontram-se generos e espe-

(⁴⁹) Chamam-se *taboleiros* os campos cuja superficie é pouco ondulada, secca, arida ; *carrascos* os bosques onde as arvores escasseiam.

cies de plantas proprias da zona tropical, representantes das familias das *laurineas*, *melastomaceas*, *sapotaceas*, *piperaceas*, etc.

E' ahi que a flora cearense se ostenta em toda sua pujança, como na *Ibiapaba*, *Araripe*, *Baturité*, etc.

Nas serras, porém, de formação alluvial, a vegetação tem caracter mixto. Nos *platós* encontram-se as plantas da zona do littoral, que caracterizam os *carrascos* e os *taboleiros*. Nas depressões do solo a vegetação é a mesma do sertão, isto é, a que se encontra nas *catíngas*, porém não intermittente.

A' excepção da *oiticica*, *canna-fistula*, *joá*, *carnahuba* e poucas outras, as arvores, durante a estação secca, perdem a folhagem, principalmente nas *catíngas*, *carrascos* dos *taboleiros* e *chapadas*, onde parecem mortas. Ao cahirem as primeiras chuvas, opera-se completa transformação, como por encanto ; as arvores rebentam e os campos cobrem-se de fresca verdura.

E' igualmente no inverno que se dá a floração, especialmente no sertão. Nas serras ha duas épocas de floração, pelo inverno e pelo verão, em outubro, como se observa nos cafeeiros, laranjeiras, murtas, massarandubas, cajueiros, etc. No sertão tambem se dá segunda floração, quando

ha chuvas abundantes, depois do equinocio de setembro. Conseqüentemente, tambem ha duas épocas de fructificação : uma abundante no inverno, outra escassa no verão.

A *commissão scientifica de exploração do Ceará* organizou um herbario de cerca de quinze mil especies de plantas da provincia.

Entre as medicinaes notam-se : *batata de purga* (*convolvulus operculatus*), cuja resina é excellente drastico ; *pinhões* de varias especies (*jatrophas*), que dão oleo mui drastico ; *umariseira* (*geoffroia umari*), cujas folhas são semelhantes ao *senne* ; *anda-assú* (*anda gomesii*), que dá a purga do gentio ; *velame*, especie de *croton*, de cuja raiz se extrahе uma gomma purgativa, vermifuga, que faz desaparecer instantaneamente as *osteocopas*, produzidas pela syphilis ; *pão balsamo* (*myrospermum toluiferum*), que dá o balsamo de tolu ; *copahiba* (*copaifera officinalis*) ; muitas *therebentaceas*, que fornecem therebentinas, quasi nada exploradas ; *ipecacuanha branca* (*solea campestris*) que é mui purgativa ; *ricino* (*ricinus communis*) que vegeta espontaneo em toda a provincia ; *angelim* (*geoffrea vermifuga*) que dá fructos convenientemente vermifugos ; *stramonio* (*datura stramonium*) que abunda no

sertão; *almecegueiras* (*pistacia lentiscus*); *caroba* que dá em todo o sertão; *manacá*, nas visinhanças da *capital*, *Aracaty* e *Cariry*; *malvas* e *altéas* em toda a parte; *angico* (*acacia angicus*) que produz gomma inferior à *arabica* e semelhante à do *Senegal*; *jatobá* (*hymenaea stilbocarpea*) que dá uma resina preciosa; *jaborandy* (*ottonia anisum*) da familia das *rutaceas*, arbusto que se desenvolve na parte occidental da provincia, e fornece à medicina poderoso sudorifico; *mulungú* (*erythrina corallo-dendron*) da familia das leguminosas, applicado contra as affecções do figado e do baço, e cujo extracto é empregado como succedaneo do opio, não determinando como este hyperemia cerebral, antes produzindo um somno tranquillo e reparador; *jurubeba* (*solanum paniculatum*) de raizes e bagos muito amargos, é empregado contra as molestias do figado e possui propriedades depurativas; *mangabeira* (*hancornia speciosa*) cujo leite combinado com *sulphato duplo de alumina e de potassa* dá uma especie de gomma elastica, e exposto ao ar solidifica-se e torna-se elastico; é tambem applicado contra a tísica pulmonar; seus fructos ainda verdes são venenosos; *betonica*, estimulante nevrosthénico, empregado como tonico; *quina-quina*, usado

como vermifugo e em cosimento, em alta dõse, adquire propriedades anti-periodicas como a *quina*; *herva-tostão* ou *mella-pinto* (*boerhavia hirsuta*), cuja batata é empregada na ictericia e hepatites; *lingua de vacca* (*tussilago nutans*), depurativo e sudorifico, sendo o decocto usado nas molestias de pelle; *tipi* (*petiveria tetandra*) com propriedades narcotico-nauseantes e usado nas paralyrias e adynamias; *orelha de onça*, gastroleptico tonico diuretico; *catuaba* ou *marapuama*, cuja casca é considerada um estimulante aphrodisiaco, superior à cantharida, tendo tambem propriedades cephalosicas como inebriante; *carahyba*, usada nas molestias de pelle, especialmente contra a sarna; *cravo de urubú*, estimulante nevrosthénico e, em banhos, usado contra as dôres rheumaticas; é tambem empregado como emmenagôgo; *limãosinho de espinho bravo*, estimulante anti-scorbutico, sendo os respectivos rebentos proprios para a expulsão da solitaria, e muitas outras plantas uteis com applicação na therapeutica.

Dentre as arvores, que fornecem madeira de construcção, temos: *amarellinho da serra* (*galipea*), *cedro* (*cidrila bras.*), *balsamo* (*myrospermum erithroxilon*), *pão branco* (*cordia*), *cumarit* ou *emburana de cheiro* (*bursira lept-*

phleos), *aroeira* (*astronium*), *angico* (*acacia*), *jurema branca*, *jucá* (*caesalpina ferrea*), *pão d'arco* (*pecome ipê*), *mutamba* (*guaruma ulmifolia*), *peroba* (*tecome*), *goiabinha*, *pereiro* (*aspidosperma*), *frei jorge*, *violete* (*miscolabia sp.*), *tatajuba* (*maclusa tinctoria*), *maçaranduba* (*mimusops elata*), *pão de jangada*, *pão d'oleo* (*copahifera species*), *gonçalo alves* (*astronium fraxinifolium*), *coração de negro* (*cellastracea*), *jatobá* (*himenæa stilbocarpea*).

Entre as arvores de mais utilidade está a *car-nauba* (*coripha cerifera*), que vegeta em quasi toda a provincia, principalmente nos terrenos circumvisinhos dos grandes cursos d'agua. Seu crescimento é mui lento e necessita de um seculo para attingir ao maior desenvolvimento. E' a mais bella palmeira do sertão. A raiz é depurativa e muito empregada nas molestias venereas por ter as propriedades da salsaparrilha. O tronco serve para construcção e para obras de marcenaria; é excellente para cobertura de casas e preparado devidamente forma um tubo com applicação a bomba d'agua, bica, etc.

O palmito da palmeira nova dá uma farinha e gomme alimenticias, e delle se extrahe aguar-dente e uma materia saccharina. O fructo, que é annual, serve de alimentação à toda especie de

gado, e maduro tem uma pólpa negra, lustrosa e adocicada, de que se usa, ou no estado natural ou convertida em doce. Sob essa pólpa pouco espessa ha um caroço de 13 centímetros de diametro, que torrado dá um café agradável e contém uma substancia, de que se extrahe oleo. A palha fornece cêra de carnahuba e um certo sal; é applicada à cordoaria, chapêos, esteiras, cobertura de casas, cestos, vassouras, etc. O *caule*, que sustenta a palma, tem varias applicações, como bem portas de choupana, etc.

Ha na Granja uma planta da familia das leguminosas e da secção dos *ingás*, que poderia ser de grande utilidade na industria.

E' conhecida por *arvore do sebo*, produz uma vagem bastante desenvolvida, contendo uma massa, que derretida assemelha-se a um oleo espesso e serve para o fabrico de velas, que dão luz mui clara.

Existem na provincia muitas outras plantas: palmeiras uteis, arvores de construcção proprias para marcenaria, tinturaria, etc.; diversas que produzem oleos, gommas, resinas; outras de fibra mui rija, de grandes tuberculos, de flores aromaticas, de fructos sylvestres, alimenticias, exoticas, cultivadas, forrageiras, saponaceas,

proprias para o consumo e commercio, como algodoeiro, cafeeiro, canna de assucar, mamona, milho, feijão, mandioca, arroz, etc.

FAUNA

A fauna cearense nada apresenta de notavel; é quasi a mesma das provincias visinhas. Os animaes, que se encontram, são de estatura mediana.

Tem-se achado ossadas de *pachidermes* eguaes às dos *proboscidianos* fosseis, que apparecem em muitos pontos do globo, e se julga pertencerem uns aos *mastodontes* de pequena especie, outros à tribu do grande *mastodonte* ou elefante gigantesco, que apparece no terreno terciario médio.

Classificam-se do seguinte modo os animaes representantes da fauna cearense:

Classe dos mamiferos: Quadrupedes sem ossos marsupiaes: Ordem dos Carniceiros: Carnivoros: Onça verdadeira, Jaguar (felis onça), onça preta (felis nigra), maracajá (felis pardalis),

ruiva ou sussuaranna, gato do matto (felis tigrina), coati (procyon carnivorus.)

Insectivoros: Ouriço caixeiro, etc.

Roedores: cutia (chloromis aguti), mocò (kerodon mocò), preá (cavia), paca (caelogenus subniger), capivara (hydrochoerus capibara), porco espinho ou cuandú (hystria insidiosus), rato (mus).

Ordem dos pachidermes: cavallo, asno, porco, anta (tapirus americanus), (caietus (dycotyles labiatus e dycotyles torquatus).

Ruminantes: veados de duas especies.

Desdentados: tamandui bandeira (rarisimo) (myrmecophaga jubata).

Ordem dos primates: macaco (platyrrhinos), guariba, etc.

Ordem dos tardigrados: preguiça.

Ordem dos cheiropteros: morcegos.

Quadrupedes com ossos marsupiaes:

Ordem dos marsupios carniceiros:

Gambá ou cassaco (didelphis).

Classe das aves:

Ordem dos rapaces:

Familia das diurnas e nocturnas: uruburei, tinga e camiranga, carcará, gavião de varias especies, jacurutú, acahuan, curuja, caboré.

Ordem dos passaros :

Cardial, canario, corropião, caraiuna, sabiá, chechêu, patativa, azulão, araponga, etc.

Ordem dos trepadores :

Picapau, tucano, papagaio, arara, canindê, maracanã, jandaia, etc.

Ordem dos galinaceos :

Perdiz, pavão, jacú, gallinha, guiné, perú, jurity, etc.

Familia dos longirostros e macrodactylos :

Maçaricos, garças, jaçanãs, gallinha d'agua, gaiivota, paturi, etc.

Familia dos lamellirostros :

Pato, marreco, mergulhão, etc.

Classe dos reptis :

Ordem dos chelonios : Saurios : tartaruga, cameleão, tijuassu, jacaré, etc.

Ordem dos ophidios :

Cascavel, jararaca, coral, saramanta, cobra preta, de taboleiro, papa-ovos, d'agua, verde, de cipò, suricucú, caninana, de duas cabeças, de veado, sucurujuba, etc.

Ordem dos batraceos :

Sapo, gia, cururú.

Classe dos peixes :

Do mar : camoropim, cavalla, badejo, curiman, charéo, garoupa, e muitos outros etc.

Das correntes e lagôas: acari, cará, curumatã, cangaty, trahira, piranha, etc.

Insectos: ha innumerables especies, taes são: carrapato, percevejo, formiga, cupim, etc.

Classe dos annelidos: sangue-suga, minhocas, etc.

Classe dos crustaceos: carangueijo, aratú, camarão, etc.

Classe dos acephalos: ostras, mariscos, etc.

Zoophitos: asteria ou estrella do mar, esponja, actinios, etc.

CLIMA, TEMPERATURA MÉDIA, ESTAÇÕES,
VENTOS DOMINANTES

O clima no littoral da provincia é quente e humido; no sertão quente e secco; nas serras bastante fresco.

Na capital a temperatura média annual é 26°,6; a média das minimas 23°,1 e a das maximas 30°,4.

No sertão, o thermometro sobe a 37°,° como em Sobral; no Icó, a media das maximas é 35°,2; a das minimas 26°,6 e a média-diarfia 30°,83. No Quixeramobim, sertão mais elevado, a média das maximas é 33°,58 e a das minimas 24°,85, sendo 29°,27 a média geral.

No Crato, sertão de mattas, a média das máximas é $32^{\circ},36$ e a das mínimas $23^{\circ},51$, sendo $27^{\circ},95$ a média diária.

Segundo o Dr. Marcos de Macedo, no tempo de maior calor, no valle do *Cariry*, isto é, de novembro a abril, nunca o thermometro, exposto à sombra, subiu a mais de 30° e, ao sol, a temperatura excedia de 40° . A temperatura média dos valles *sub-araripenses* pôde ser calculada, nos seis mezes frescos, em 20° e, nos seis mezes de maior calor, em $22^{\circ},5$, e a média geral em $21^{\circ},25$.

Nas serras mais elevadas, como *Ibiapaba*, *Baturité*, *Maranguape*, o thermometro em dezembro e janeiro não sobe além de 26° ; em junho e agosto desce a 14 e não sobe além de 24.

A temperatura média da chapada do Araripe é calculada em 19° e 18° .

Duas são as estações na provincia, a secca e a chuvosa, que tem logar depois do solsticio de dezembro.

De ordinario, passam-se seis a sete mezes sem cahir gotta de agua, e annos, sem que chova regularmente na estação propria. ⁽⁵⁰⁾

(50) As *grandes* seccas na provincia occorreram nos seguintes annos :

1710-1711; 1723-1727; 1736-1737; 1744-1745;
1777-1778; 1790-1793;

« Normalmente, diz o conselheiro Alvaro de Oliveira, professor de chimica na Escola Polytechnica, em sua Memoria sobre *Secca do Ceará (açudes, arborisação, estradas de ferro)*, chove de janeiro a junho, pouco os tres primeiros mezes, mais abundantemente de abril a maio ; em outubro cahem as *chuvas de cajú*, principalmente no littoral e no valle do Cariry. Os ventos dominantes nos annos regulares são : no inverno (janeiro a junho) dos quadrantes SO e NO ; no verão (julho a dezembro) dos quadrantes NE e SE.

« As latitudes, que abrangem o Ceará, são : 2° 45' e 7° 11' sul.

« A periodicidade mais ou menos regular das chuvas explica-se facilmente pela circulação intertropical da atmospherá.

« O ar aquecido na zona equatorial, dilatando-se sobe e se divide nas partes superiores em duas correntes dirigidas para os polos ; ao passo que, nas camadas inferiores da atmospherá, ou-

1808-1809 ; 1816-1817 ; 1824-1825 ; 1844-1845 ; 1877-1879 ;

Notaram-se tambem seccas parciaes, isto é, em determinadas localidades da provincia, nos seguintes annos :

1784, 1827, 1830, 1833 e 1837.

A correspondencia das seccas occorridas no seculo actual com as do passado se evidencia daquelles algarismos.

tras duas correntes se estabelecem das regiões temperadas para o equador.

« Em virtude do movimento de rotação, de O para E, do nosso globo, as camadas inferiores do S e do N para o equador, tomam respectivamente as direcções SE — NO e NE — SO e as correntes superiores as direcções NO — SE e SO — NE. As primeiras (as inferiores) são os *aliseos*, as segundas (as superiores) os *contra-aliseos* : cada *aliseo* de SE ou NE e o respectivo *contra-aliseo* de NO e SO formam um circulo de cada lado do equador thermico.

« A massa de ar, que se eleva perpendicularmente à superficie da terra na região equatorial, e à qual vem ter os *aliseos* dos dous hemispherios, chama-se a *zona das calmas equatoriales*. Esta zona é mais ou menos regular na superficie do Atlantico e do Oceano Pacifico, longe das correntes maritimas e das costas, mas na vizinhança das correntes, principalmente do *Gulf-Stream*, e nos continentes a zona é muito regular, não só nas dimensões e inflexões, como nos deslocamentos de um e outro lado do equador, devido à excursão annual do sol.

« E' claro que os ventos *aliseos* e *contra-aliseos* não têm pelas mesmas causas, que alteram a zona das calmas, a regularidade que ellas apre-

sentariam, si a superficie da terra fosse uniforme.

« Grande parte do Ceará está em latitudes, que são alcançadas pela zona das calmas, em sua oscillação do lado do sul do equador. Em virtude das diversas influencias, que apontamos, aquella zona não se acha no hemispherio austral senão de janeiro a junho, em vez de outubro a março, como devia acontecer, si só o movimento de rotação da terra determinasse o movimento oscillatorio.

« A estada da zona das calmas sobre o Ceará coincide com o que se chama o *inverno* naquella provincia. As chuvas caem por esse tempo, porque os ventos *alises* de SE, que se carregam de vapores aquosos atravessando o Atlantico, vem esbarrar na zona de calmas, onde os vapores se condensam e se resolvem parcialmente em chuvas.

« Mas parte do vapor condensado é levado sob a fórma de nuvens pelo contra-aliseo de NO, na direcção de SE. Si então parar o aliseo de SE, esse contra-aliseo se abaixará ; e as nuvens se resolverão em chuvas, em todas as paragens onde as circumstancias forem favoraveis á tal resolução ; isto é : onde houver abaixamento da temperatura, augmento de pressão ou nova formação de vapores. A parada do *alises* poderá realizar-se, além de outras causas, si houver no solo cearense, mesmo por causa das chuvas

continuadas, um abaixamento de temperatura, que venha obstar à *chamada* do ar dos tropicos para o equador, — *chamada* essa que é precisamente o que produz os ventos *aliseos*.

« Além das causas para a chuva no Ceará — presença da zona das calmas e abaixamento do *contra-aliseo* de NO, pôde cair a chuva em consequencia de correntes de ar de terra para o mar ou *monções*, devidas ao maior aquecimento do mar em relação à terra. Quem souber, que o *Gulf-Stream* acompanha a costa do Ceará, no ramo que vai do cabo de S. Roque ao mar das Antilhas, não se admirará do estabelecimento dessas monções, as quaes, vindo ao encontro dos aliseos, determinam a subida e, portanto, a condensação dos vapores aquosos, de que estes se carregaram no Oceano Atlantico, desde o cabo da Boa Esperança até o cabo de S. Roque, no trajecto sobre a *corrente equatorial*, de que faz parte o referido *Gulf-Stream*.

« As chuvas chamadas de *cajú* são devidas às duas ultimas causas, que indicámos.

« Eis a explicação das chuvas nos annos regulares. »

A estação secca, que começa em julho, prolonga-se às vezes até fevereiro, reinando ventos intensos das 8 e 10 da manhã até alta noite.

Pela madrugada, quer no verão, quer no inverno, até às 8 horas da manhã sopra o terral ou brisa de terra.

Segundo observações pluviometricas feitas na capital em um periodo de 28 annos, de 1849 a 1876, a média annual das quantidades de chuva, é de 1^m,489, sendo a maior quantidade de 2^m,453 e a menor de 0^m,854.

A maior média mensal é de 372^{mm}, correspondente ao mez de abril; a menor 11^{mm} correspondente a setembro; a média dos dias chuvosos naquelle periodo é 107, cabendo 84 ao inverno, 23 ao verão.

No inverno a quantidade média de agua é 1^m,340; no verão 138^{mm}.

A maior chuva observada cahiu a 20 de março de 1870, produzindo 244^{mm}.

Nos trez annos da ultima sêcca (1877-1879) cahiram 1.649, ^{mm} d'agua, em 175 dias, o que dá a média annual de 549^{mm}.

Observações pluviometricas feitas na capital, no periodo de 1881 a 1887, ⁽⁵¹⁾ offerecem os

⁽⁵¹⁾ Grandes, extraordinarios invernos tiveram lugar em 1776, 1782, 1793, 1805, 1819, 1826, 1832, 1839, 1842, 1866, 1872, (o deste anno começou a 25 de novembro precedente e estende-se até junho) Foi em 1866 que o pluviometro registrou durante o anno 2^m,453 d'agua.

seguintes resultados, relativamente aos dias e quantidade de chuva em cada anno :

1881

MEZES	DIAS DE CHUVA	MILLIMETROS
Janeiro.....	4	16
Fevereiro.....	12	108
Março.....	19	183
Abril.....	21	409
Maio.....	15	300
Junho.....	10	160
	81	1.176
Julho.....	17	180,5
Agosto.....	5	35,5
Setembro.....	3	4,2
Outubro.....	—	—
Novembro.....	—	—
Dezembro.....	4	15,6
	29	235,8
Total.....	110	1411,8

1882

MEZES	DIAS DE CHUVA	MILLIMETROS
Janeiro.....	7	106
Fevereiro.....	7	80
Março.....	13	160,1
Abril.....	22	315
Maió.....	25	267
Junho.....	20	197,2
	94	1.075,3
Julho.....	6	135,2
Agosto.....	3	12,7
Setembro.....	6	10,5
Outubro.....	—	—
Novembro.....	—	—
Dezembro.....	2	16
	17	174,4
Total.....	111	1.249,6

1883

MEZES	DIAS DE CHUVA	MILLIMETROS
Janeiro.....	8	222
Fevereiro.....	9	106,2
Março.....	18	390
Abril.....	28	545,1
Maió.....	11	105
Junho.....	6	56
	80	1.424,3
Julho.....	—	—
Agosto.....	—	—
Setembro.....	1	4
Outubro.....	1	3
Novembro.....	1	2
Dezembro.....	—	—
	3	9
Total.....	83	1.433,3

1884

MEZES	DIAS DE CHUVA	MILLIMETROS
Janeiro.....	5	31
Fevereiro.....	10	124
Março.....	19	351
Abril.....	20	325
Maio.....	14	177
Junho.....	5	42
	73	1.050
Julho.....	2	4
Agosto.....	6	25
Setembro.....	4	13
Outubro.....	8	19
Novembro.....	4	30
Dezembro.....	2	12
	26	107
Total.....	99	1.157

1885

MEZES	DIAS DE CHUVA	MILLIMETROS
Janeiro.....	—	—
Fevereiro.....	5	67,1
Março.....	10	167,2
Abril.....	28	604,5
Maió.....	15	214,3
Junho.....	5	53,2
	63	1.406,3
Julho.....	7	35,3
Agosto.....	1	3
Setembro.....	10	30
Outubro.....	4	20,1
Novembro.....	3	4
Dezembro.....	3	16,2
	28	108,6
Total.....	91	1.214,9

1886

MEZES	DIAS DE CHUVA	MILIMETROS
Janeiro.....	11	163,4
Fevereiro.....	17	89,4
Março.....	16	520,0
Abril.....	16	272,4
Maió.....	14	222,6
Junho.....	7	61,0
	71	1.328,8
Julho.....	1	8,2
Agosto.....	4	25,6
Setembro.....	4	6
Outubro.....	2	5
Novembro.....	2	12
Dezembro.....	3	9,6
	16	66,4
Total.....	87	1.395,2

1887

MEZES	DIAS DE CHUVA	MILLIMETROS
Janeiro.....	12	139
Fevereiro.....	4	72,8
Margo.....	17	443,4
Abril.....	23	457,4
Maió.....	10	153,2
Junho.....	8	47,2
	74	1.293,0
Julho.....	1	2,8
Agosto.....	3	19,4
Setembro.....	1	1,4
Outubro.....	1	2,8
Novembro...	—	—
Dezembro.....	—	—
	6	26,4
Total.....	80	1.319,4

Além de observações thermometricas e pluviometricas, consta tambem o resultado de outras, barometricas e hygrometricas.

As barometricas referem-se á capital unicamente e aos annos de 1859 e 1860, e foram tomadas com um barometro, situado a 15 metros acima do nivel do mar.

Em 1859 o barometro não desceo de $755^{\text{mm}},8$ nem passou de 763^{mm} reduzido a 0, sendo portanto a oscillação de $7^{\text{mm}},2$; mas o termo medio das variações barometricas em 1859 não excedeu de $3^{\text{mm}},7$, e de $4^{\text{mm}},6$ em 1860, cuja média foi $758^{\text{mm}},4$.

Pelas observações feitas diariamente nos dous annos citados, notou-se que o barometro subia das 8 ás 11 horas da manhã e, a partir dessa hora, descia até ás 8 da noite, quando começava outro periodo ascendente até ás 11 horas, em que novamente começava a descer.

A' proporção que se avança para o interior a pressão atmospherica decresce. Na Capital a média foi naquelle periodo de $758,5^{\text{mm}}$; no Quixeramobim de $742^{\text{mm}},8$, no Icó $746,36$, no Crato $722^{\text{mm}},96$.

As observações hygrometicas referem-se egualmente á Capital e aos annos de 1859 e 1860, feitas com o hygrometro de Saussure e psychrometro de M. Auguste.

Quando não havia perturbação subita do estado hygrometrico da atmospherá, a maior seccura se dava do meio dia às 2 horas da tarde. Das 3 ás 4 horas notava-se que o ar humedecia e das 5 ás 6, e ás vezes ás 7 da manhã, a humidade attingia o maximo. Dessa hora em diante começava a seccura.

A differença psychometrica entre os dois thermometros chegava ao maximo, das 10 da manhã ás 2 da tarde, sendo então de 4 a 6°.

A's 6 da manhã a differença era de 2 a 3°.

Nas proximidades das serras de Maranguape, Aratanha, Baturité e outras, notava-se o mesmo phenomeno e assim tambem no sertão, emquanto os campos estão verdes.

Era necessario um periodo de 6 a 8 horas para passar a atmospherá do grão de extrema humidade ao de maxima seccura e de 16 para voltar ao ponto de partida.

Na estação do inverno, principalmente, depois de grandes chuvas, o hygrometro denunciava forte humidade, que attingia ao maximo, á qualquer hora, durante as grandes chuvas, e ainda depois dellas.

Ao nascer do sol, o grão de humidade variava de 74° a 98° e ia ao maximo, conforme o tempo, a saber : de meio dia a 2 1/2 horas da tarde, entre 55°

e 92° , às 6, entre 65° e 96° , quando não occorriam causas de perturbação. Era, portanto, a maxima variação diaria de 27° a 45° . O termo medio da humidade observada, nas horas de maior variação, era o seguinte:

Pela manhã às 7 ^h	79,7
De meio dia a 1 ^h	73,5
A's 6 ^h da tarde.....	76,3

O que dava para a humidade media de cada dia, das 7 da manhã às 6 da tarde, $75^{\circ},8$.

A menor humidade do ar, observada na capital, teve logar nos mezes de agosto, setembro, outubro e novembro de 1859 e janeiro de 1860.

A maior variação nos mezes de sêcca foi de 10° a 29° , e nos de inverno de 7° a 22° , durante o dia.

Em 1859, a maxima humidade observada nas horas de maior variação, durante o dia, a saber, 7, 9, 12 da manhã, 3 e 6 da tarde, foi de $97^{\circ},5$ e a menor de 55° , e assim a oscillação foi de $42^{\circ},5$. O termo medio annual $16^{\circ},5$.

Em 1860, a menor foi de 50° e a maior de 100° , e assim a maxima oscillação 50° ; mas o termo medio annual foi de $23^{\circ},5$.

A atmospheria no sertão é sempre muito mais sêcca, mesmo na estação de inverno, nas horas em que não cahem as chuvas. Sendo sempre elevada

a temperatura, a atmospherá se mostra pura, o céo apparece limpo e azul, as noites claras e as serras destacam-se perfeitamente no horisonte.

No sertão é grande a differença psychometrica.

A secura do ar augmenta na razão directá da temperatura, que cresce á proporção que se avança para o interior.

Até 25 kilometros do littoral, a humidade varia pouco e a vegetação, embora a elevada temperatura, resiste, o que não acontece no sertão, onde as arvores perdem a folhagem.

No Acarape verificou-se, naquelle periodo, que a differença psychometrica era de 11° ; em Quixeramobim de $7^{\circ},72$; no Icó de $9^{\circ},18$; no Crato a differença média era de $6^{\circ},416$.

Em geral, a differença maxima se observava de 2 ás 4 da tarde.

A serra de Maranguape é mais humida que a da Aratanha, e esta mais que a de Baturité. E' tanta a humidade em Maranguape, que o mangue de terra está sempre a gottejar.

As serras baixas, que estão hoje desnudadas, se acham nas^o mesmas condições que o sertão quanto ao estado hygrometrico. (⁵²)

(⁵²) A' obsequiosidade do illustrado Sr. Dr. L. Cruls, digno director do Imperial Observatorio Astronomico, damos aqui alguns dados de observações meteorologicas feitas na

Fortaleza ás 9^h 25^m da manhã (tempo médio), de conformidade com as instrucções expedidas para organização do serviço meteorologico do Imperio, por meio de observações simultaneas internacionaes, executadas diariamente ás 9^h 7^m da manhã (tempo do Rio) nas estações meteorologicas da Repartição Geral dos Telegraphos e de diversas repartições, companhias ou particulares, centralizadas no Imperial Observatorio.

As observações da Fortaleza, no periodo decorrido de 4 de Agosto do anno passado a 26 de Maio do corrente, referem-se a indicações do barometro reduzido a 0 e ao nivel do mar, do thermometro centigrado á sombra, do hygrometro, e bem assim á força e direcção do vento e estado do céu, estando o observador collocado a 20^m de altura acima do mar, a 18^m de longitude oriental do Rio de Janeiro e 3° 43' de latitude sul.

Os resultados obtidos são os seguintes :

No mez de Agosto foi a temperatura média de 26° 9, sendo a maxima 28° 3 e a minima 24° 3; a humidade relativa média 63,5, a maxima 87 e o minima 46; o vento dominante SE e céu claro.

Do de Setembro apenas constam cinco observações, regulando nesse periodo a pressão atmospherica média 766,0 : a temperatura média 28°, a maxima 28° 4 e a minima 27°; a humidade relativa média 75,5, a maxima 91 e a minima 57; o vento dominante SE moderado e claro o céu.

No de Outubro : pressão média 767,4, maxima 768,2, minima 766,5; temperatura média 27° 7, maxima 28° 4, minima 26° 2; humidade relativa média 64, maxima 81, minima 55; vento dominante SE fraco; céu quasi sempre nublado.

No de Novembro : pressão media 766,2, maxima 767,7 e minima 764,5; temperatura média 28, maxima 28° 6 e minima 27°; humidade relativa média 63,1, maxima 77, minima 57; vento dominante SE, ora fresco, ora fraco; estado do céu, as mais das vezes, nublado.

No de Dezembro : pressão média 767,7, maxima 768,1, minima 766,7; temperatura média 28° 3, maxima 29°,

As circumstancias, que determinam o clima do Ceará, são : *a latitude, a direcção da costa, a proximidade do Atlantico, o systema orographico, o regimen dos cursos d'agua, a natureza do solo, a vegetação, as correntes maritimas e os ventos reinantes.*

minima 27°,8; humidade relativa média 62,8, maxima 97. minima 61; vento dominante SE, ora fraco, ora fresco, ora forte, rarissimas vezes NE fraco; céo quasi sempre claro.

Do de Janeiro consta apenas uma observação.

No de Fevereiro : pressão média 767,0, maxima 768,6, minima 766,1; temperatura média 27°,5, maxima 28°,7, minima 24°,8; humidade relativa média 73,6, maxima 92. minima 60; vento dominante SE fraco; céo nublado, as mais das vezes.

No de Março : pressão média 766,5, maxima 768,2, minima 761; temperatura média 26°,9, maxima 28,6, minima 25°; humidade relativa média 78,7, maxima 92, minima 65; ventos dominantes S e SE fracos: céo nublado.

No de Abril : pressão média 767,4, maxima 768,2, minima 766,7; temperatura média 28°,2, maxima 29, minima 27°,4; humidade relativa média 72,9, maxima 79, minima 67,1; vento dominante SE fraco : céo nublado.

No de Maio : pressão média 767,7, maxima 768,1, minima 766,7; temperatura média 27°,8, maxima 28°,4, minima 27°,4; humidade relativa média 70,9, maximo 76, minima 65,8; vento dominante S fraco ; céo ora nublado, ora claro.

Dessas observações deduzem-se as seguintes médias :

De Agosto de 1887 a Maio de 1888 foi a média das pressões médias 766,9, média das maximas 768,1, das minimas 765,4 ; média das temperaturas médias 27°,7, média das maximas 28°,6, das minimas 26,3: média das humidades relativas médias 69,4, média das maximas 85,6, média das minimas 60,9.

Sendo invariaveis a *latitude*, a *direcção da costa*, o *systema orographico*, o *regimen dos cursos d'agua*, somente será possível uma modificação do clima, produzindo-se alteração na natureza do solo e na vegetação por meio de açudes, que cubram d'agua uma parte da provincia e de florestas egualmente, sendo aquelles e estas fôcos de evaporação e de condensação de vapores aquosos.

SALUBRIDADE ; EPIDEMIAS E MOLESTIAS
REINANTES

Segundo o Dr. Marcos de Macedo, a salubridade da provincia é determinada pela mesma causa geradora das sêccas, que impede o desenvolvimento das florestas, condensadoras dos vapores atmosphericos, que se precipitam em chuva. Os densos e rasteiros mattos, que, na expressão do Dr. Macedo, cobrem o solo cearense e reverdecem na curta estação das chuvas ; as relvas, que, renascendo na mesma estação, concorrem com os arbustos para o encanto de suas campinas, e as florestas que adornam o grupo orographico de Baturité e da cordilheira da Ibiapaba, sobretudo no Araripe, exercem as funcções depurativas do ar, decompondo o acido carbonico

atmosphérico, e, apropriando-se do carbono, restituem o oxygeno, que se espalha de novo na atmosphaera.

« O Ceará ⁽⁵³⁾ gosa de grande reputação de salubridade, e o seu clima, na maior parte sêcco e egual, é aconselhado como excellente refugio hygienico para os tuberculosos.

« Essa provincia, como as do Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco, sobretudo o alto sertão, tem, desde 1791, sido periodicamente flagellada por mais ou menos duradouras sêccas, que causam danos enormes à população, não só pela fome que acarretam, como pelo cortejo das molestias, que sóem acompanhal-as.

« As febres palustres apparecem, no fim do inverno e começo do verão, nas margens dos rios e lagôas, não sendo sempre benignas, pois assumem por vezes caracter pernicioso e disimam os habitantes, como foi observado desde 1871 até 1876 no municipio da Palma (comarca da Granja) e no de *Sant'Anna*.

« As molestias do apparelho occular são muito frequentes no Crato e em outras partes da pro-

(53) Da Geographia Physica do Brasil de *J. E. Wappæus*, (edição condensada) Cap. XI refundido pelo Dr. D. A. Martins Costa, professor de clinica medica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

vincia. A desynteria desenvolve-se durante o verão ; as febres eruptivas, anginas, inflammações catarrhaes e rheumatismo, nas ultimas aguas de maio a julho.

« As affecções gastro-intestinaes, a oppilação, as boubas, as molestias venereas e syphiliticas são communs, bem como nas mulheres as lesões utero-ovarianas.

« No sertão, secco e quente, diz o Dr. Freire Allemão, ⁽⁵⁴⁾ as molestias revestem o character inflammatorio ; assim o rheumatismo articular, a pneumonia franca, o pleuriz são ahi muito communs no fim do inverno e no decurso do verão. No inverno, ao contrario, reinam gripes, anginas e catarrhos pulmonares. »

« A febre amarella invadio-a pela primeira vez em junho de 1851, limitando-se a principio à capital e estendendo-se em seguida a outros pontos.

« Depois dessa data tem feito ainda diversas sortidas, mas sempre importada e revestindo o character epidemico.

« O *cholera morbus* assolou-a epidemicamente em 1862 e 1863.

(54) *Noticia sobre as molestias endemicas do Crato, pelo Dr. Manoel Freire Allemão, Progresso Medico, vol. I, pag. 163.*

« A morphéa é molestia rara nessa provincia. O beriberi apparece nas povoações do littoral.»

Em uma *Memoria* escripta em 1870 pelo Dr. Francisco de Paula Pessôa (já fallecido) disse elle, que « pela primeira vez fallou-se da existencia de febres periodicas epidemicas, no alto *Curiahi* até o sopé noroeste da serra Ibiapaba. »

« Por essa occasião dava-se o mesmo na parte superior do valle do Aracahú, isto é, na zona contigua à vertente nordeste da mesma serra, limítrophe com o municipio do Principe Imperial.

« No anno seguinte, proseguindo na sua marcha, o flagello descia o valle e se estendia, assolando grande parte da população da zona limitada de um lado pelas serras da Ibiapaba, Carnotim, Rosario, Meruoca e Mucuripe, e de outro pelas terras elevadas do alto sertão.

« Marcha gradual, primeira affirmação de seu character epidemico.

« Até aquella primeira epocha, a nossa e a geração precedente não viram *sezões* em taes regiões.

« Apenas sabia serem ellas endemicas na costa maritima e poucas leguas além para o interior.

« A população sertaneja não conhecia essa entidade morbida, senão por casos apanhados no Piauhy ou nas praias pelos que vinhão cahir doentes no sertão, d'ali sahindo inficcionados.

« Comtudo, pessoas bastante avançadas em idade para terem vivido em sua adolescencia com alguns raros representantes da geração vigente, no ultimo quarto do seculo passado, lembravam que estes fallavam de haver reinado *sezões* na extensão de toda a margem dos rios *Curiahú*, *Acarahú*, e *Jatobá*, affluente deste.

« Algumas pessoas da freguezia de *Santa Quiteria* guardam a tradição de que nos tempos referidos, os que d'ali demandavam a Ibiapaba proviam-se d'agua no ponto de partida, afim de não servirem-se das dos rios *Acarahú* e *Jatobá*, consideradas como fataes ao desenvolvimento das febres periodicas.

« Teria sido uma grande epidemia dessas febres, que pelos mesmos tempos determinou a vinda a este lado da provincia, de ordem do governador de Pernambuco, do cirurgião João Lopes, facto conhecido entre nós? Nada pôde affirmar, por mais esforços que empregasse.

« Não lhe foi possivel encontrar um escripto publicado, segundo lhe informaram, em que elle dava conta da commissão de que fôra encarregado.

« A febre intermitente, depois daquella epocha, desapareceu completamente dos sertões e só nos

ultimos tempos accommetteo grande parte dos seos habitantes.

« E tão completamente havia desaparecido, que todos duvidavam podesse alguém ser de novo affectado naquella região.

« Em maio de 1870, porém, começou a invasão. »

CHOROGRAPHIA DO CEARÁ

POLITICA

DIVISÃO POLITICA

A lei n. 3029 de 9 de janeiro de 1881 reformou a legislação eleitoral, no sentido de serem as nomeações dos senadores, deputados para a assemblea geral, membros das assembleas legislativas provinciaes e quaesquer auctoridades electivas, feitas por eleições directas, nas quaes tomassem parte todos os cidadãos alistados eleitores, de conformidade com a mesma lei.

O decreto n. 7981 de 29 de janeiro do mesmo anno mandou observar instrucções para o primeiro alistamento dos eleitores.

O decreto n. 8213 de 13 de agosto do mesmo anno deu regulamento para a execução da referida lei.

A lei n. 3122 de 7 de outubro de 1882 alterou algumas disposições da de 9 de janeiro.

O decreto n. 8104 de 21 maio de 1881 dividiu a provincia em 8 districtos eleitoraes, assim formados :

O 1º tem por cabeça a cidade da Fortaleza e comprehende o municipio da Fortaleza, com as parochias de S. Luiz e S. José da Fortaleza, Aronches e N. S. de Conceição de Mecejana, o municipio do Aquiraz, constituido pela parochia de S. José do Aquiraz ; o municipio de Maranguape, constituido pela parochia de N. S. da Penha de Maranguape ; o municipio de Soure, constituido pela parochia de N. S. dos Prazeres do Soure ; o municipio da Pacatuba, constituido pela parochia de N. S. da Conceição da Pacatuba e o municipio do Acarape, constituido pela parochia de N. S. da Conceição do Acarape.

O 2º tem por cabeça a cidade de Baturité com as parochias de N. S. da Conceição da serra de Baturité e N. S. da Palma de Baturité ; o municipio de Canindé, constituido pela parochia de S. Francisco das Chagas de Canindé ; o municipio de Pentencoste, constituido pela parochia de N. S. da Canceição da Barra de Petencoste ; o municipio da Imperatriz, constituido pela parochia de N. S. das Mercês da Imperatriz ; o

município do Trahiry com as parochias de N. S. dos Remedios do Trahiry e S. Bento da Amon-tada; e o município de S. Francisco, constituido pela parochia de S. Francisco da Uruburetama.

O 3º tem por cabeça a cidade de Sobral e comprehende o município de Sobral com as parochias de N.S. da Conceição da Meruoca, N. S. da Conceição de Sobral, e S. Antonio do Aracaty-Assú; o município de S. Anna, constituido pela parochia de N. S. da Conceição do Acarahú; o município da Palma, constituido pela parochia da Piedade da Palma; o município de S. Quiteria, constituido pela parochia de S. Quiteria; o município do Tamboril, constituido pela parochia de S. Anastacio do Tamboril.

O 4º tem por cabeça a cidade da Granja e comprehende o município do Ipú com as parochias do Campo Grande e S. Gonçalo da Serra dos Côcos; o município de S. Benedicto, constituido pela parochia de S. Benedicto; o município de Ibiapina, constituido pela parochia de S. Pedro de Ibiapina; o município de Viçosa, constituido pela parochia de N. S. da Assumpção da Villa Viçosa; o município da Granja com as parochias de S. José da Granja e Camocim; o município do Principe Imperial, constituido pela parochia do Senhor Bom Jesus do Principe Imperial e o

município da Independencia, constituído pela parochia de S. Anna da Independencia.

O 5º tem por cabeça a cidade de Quixeramobim e comprehende o município de S. João do Principe com as parochias de N. S. do Carmo de Flores e N. S. do Rosario de S. João do Principe; o município de Arneiroz, com as parochias de N. S. da Paz de Arneiroz e N. S. da Conceição do Cococy; o município do Assaré, constituído pela parochia de N. S. das Dores de Assaré; o município do Saboeiro, constituído pela parochia de N. S. da Purificação do Saboeiro; o município do Brejo Secco, constituído pela parochia de S. Antonio do Brejo Secco; o município de Maria Pereira, constituído pela parochia de N. S. da Gloria de Maria Pereira; o município da Pedra Branca, constituído pela parochia de S. Sebastião da Pedra Branca; o município do Quixeramobim, constituído pela parochia de S. Antonio de Quixeramobim; o município da Bôa-Viagem, constituído pela parochia de N. S. da Bôa-Viagem, e o município de Quixadá, constituído pela parochia de Jesus, Maria e José do Quixadá.

O 6º tem por cabeça a cidade do Crato, e comprehende o município do Crato com as parochias de N. S. da Penha do Crato e S. Pedro do Joazeiro; o município da Barbalha, constituído pela

parochia de S. Antonio da Barbalha ; o municipio de Missão Velha, constituido pela parochia de S. José da Missão Velha ; o municipio do Jardim, com as parochias do Senhor Bom Jesus do Jardim e Brejo dos Santos ; e o municipio de Milagres, constituido pela parochia de N. S. dos Milagres.

O 7º districto tem por cabeça a cidade do Icó e comprehende o municipio do Icó, constituido pela parochia de N. S. da Expectação do Icó ; o municipio da Telha, com as parochias de Sant' Anna da Telha e Senhor Bom Jesus do Quixelô ; o municipio de S. Matheus, constituido pela parochia de N. S. do Carmo de S. Matheus ; o municipio de Varzea Alegre, constituido pela parochia de SS. Raymundo Nonato de Varzea Alegre ; o municipio de Lavras, com as parochias de S. Vicente Ferrer de Lavras e N. S. da Conceição do Umary e o municipio do Pereiro, constituido pela parochia de SS. Cosme e Damião do Pereiro.

O 8º districto tem por cabeça a cidade do Aracaty, comprehende o municipio do Aracaty, com as parochias de N. S. do Rosario do Aracaty e N. S. do Rosario das Areias ; o municipio da União, constituido pela parochia de Sant' Anna da União ; o municipio de S. Bernardo,

constituído pela parochia de N. S. de Rosario de S. Bernardo de Russas; o municipio do Limoeiro, constituído pela parochia de N. S. da Conceição do Limoeiro; o municipio de Morada Nova, constituído pela parochia do Divino Espirito Santo de Morada Nova; o municipio de Cascavel, constituído pela parochia de N. S. da Conceição do Cascavel; o municipio do Riacho do Sangue, constituído pela parochia de N. S. da Conceição do Riacho do Sangue; o municipio de Jaguaribe-mirim, constituído pela parochia de S. Antonio do Jaguaribe-mirim; o municipio da Cachoeira, constituído pela parochia do Senhor Bom Jesus Apparicado da Cachoeira.

A lei n. 3340 de 14 de outubro de 1887 alterou o processo das eleições dos membros das assembléas legislativas provinciaes, votando cada eleitor, no Ceará, em 3 nomes. Cada districto continha a eleger 4 membros para a assembléa.

A eleição se effectua por maioria relativa.

O decreto n. 9790 de 17 de outubro do mesmo anno deu instrucções para a execução daquella lei.

As assembléas legislativas provinciaes, creadas pelo acto adicional de 12 de agosto de 1834, substituiram aos antigos conselhos das provincias, creados pela Constituição. Cada legislatura dura 2 annos.

E' de 32 o numero dos membros da assembléa legislativa provincial do Ceará.

As assembléas tem como attribuições principaes:

Fixar as despezas provinciaes e municipaes, as primeiras sobre o orçamento do presidente da provincia, as segundas sobre os orçamentos das respectivas camaras; decretar os impostos e meios para a receita provincial e municipal, comtanto que não offendam as imposições geraes; crear e supprimir empregos provinciaes e municipaes, decretar as obras publicas da mesma natureza e fixar a força policial sobre informações do presidente da provincia.

Compete-lhes tambem:

Legislar sobre a instrucção publica e estabelecimentos proprios para promover-a, não comprehendendo a superior e outros estabelecimentos de instrucção, que forem creados por lei geral; sobre a divisão civil, judiciaria e ecclesiastica, a policia e economia municipal, precedendo proposta das camaras.

Em suas resoluções devem respeitar a Constituição, os interesses e leis geraes, os tratados internacionaes e os direitos das outras provincias.

Exercem, dentro da respectiva provincia, cumulativamente com o governo, a faculdade pro-

visoria de suspender garantias, nos casos e pela fôrma marcados na Constituição.

Suas leis e resoluções dependem da sancção do presidente da provincia, excepto em casos raros, expressamente declarados no acto addicional, pela fôrma e com as solemnidades por elle determinadas.

Seus membros são inviolaveis pelas opiniões, que enunciarem no exercicio de suas funcções.

Os membros das assembléas provinciaes vencem diariamente, durante o tempo das sessões ordinarias, extraordinarias e das prorogações, subsidio pecuniario, taxado por ellas, na primeira sessão da legislatura antecedente.

Tem egualmente, quando moram fóra do logar de sua reunião, indemnisação annual para as despesas de vinda e volta, decretada pelo mesmo modo e proporcionada à extensão da viagem. ⁽¹⁾

(1) A primeira eleição, a que se procedeu no Ceará, para deputados á *Constituinte Portugueza*, teve logar em 24 de dezembro de 1821, por eleitores de parochia reunidos em dous collegios, nas cabeças das duas comarcas: — Fortaleza e Crato.

A segunda eleição, pelos mesmos eleitores, para procuradores geraes, que deviam formar um conselho no Rio de Janeiro, junto ao principe regente, mandada proceder por decreto de 16 de fevereiro de 1822, teve logar a 12 de junho do mesmo anno.

Por decreto de 3 de junho ainda de 1822, foi convocada uma constituinte brasileira e mandada eleger, pelas instruções de 19, por eleitores de parochia, na razão de um eleitor por 100 fogos. Foi dividido o Ceará em 3 collegios eleitoraes: — Aracaty, Icó e Sobral. Segundo a Constituição do Imperio, jurada em 25 de Março de 1824 e instruções de 26, marcando o numero de 8 deputados geraes e 4 senadores, á razão de um eleitor de parochia por cada 100 fogos, fez-se a terceira eleição. Os deputados foram eleitos por maioria de votos dos eleitores reunidos em collegios eleitoraes e os senadores por votos dos mesmos eleitores, em lista triplice, para serem escolhidos pelo Imperador.

Sendo a população em 1824 de 220.000 habitantes, regulava um deputado por 27.750.

Um decreto de 2 de Maio de 1842, mandando fazer a qualificação de votantes, na razão de 100 por cada eleitor, alterou o systema eleitoral, que então vigorava.

A lei n. 387 de 19 de agosto de 1846 alterou o processo eleitoral das qualificações e mesas eleitoraes e marcou o numero de 40 votantes por cada eleitor.

A lei n. 842 de 19 de setembro de 1855 mandou proceder á eleição de deputados geraes e membros das assembléas provinciaes por districtos, dando cada um 1 deputado geral e 4 membros para a assembléa provincial.

A provincia foi dividida em 8 districtos.

O decreto n. 1807 de 20 de agosto de 1856 alterou por sua vez o processo das qualificações e mesas parochiaes.

Sendo então computada a população em 458,894, regulava, termo médio, 1 deputado por 111 eleitores e 57.380 habitantes, e cada eleitor por 515.

A lei n. 1082 de 18 de agosto de 1860 reduziu a 3 os districtos eleitoraes da provincia, sendo 2 de 3 deputados geraes e 12 membros para a assembléa provincial e 1 de 2 deputados e 8 membros para a provincial.

O decreto n. 2.635 de 5 de setembro do mesmo anno regulou a divisão eleitoral das provincias.

A referida lei alterou a base do eleitorado, marcando 30 votantes por eleitor, não podendo cada freguezia

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

O Ceará é uma das 20 provincias, em que se divide o territorio brasileiro, quanto á administração.

A administração provincial foi creada pela lei de 20 de outubro de 1823 com um presidente nomeado pelo Poder Executivo, que o pôde remover, sempre que o entenda conveniente ao bom serviço do Estado.

E' a primeira autoridade da provincia, o primeiro e mais immediato agente do governo imperial.

Suas attribuições principaes, como sejam dar ou negar sancção ás leis e ás resoluções das assembleas provinciaes, suspender em certos casos a execução das mesmas leis, nomear, demittir

augmentar o seu eleitorado de um numero superior á metade do que contava.

Em janeiro de 1861 a provincia alistou 66,724 votantes e 1.264 eleitores.

A lei n. 2.675 de 20 de outubro de 1875 reformou ainda uma vez o processo eleitoral, melhorando o da qualificação, estabelecendo incompatibilidades parlamentares, o alargamento das eleitoraes e o principio da representação das minorias.

empregados provinciaes e suspender os geraes, estão definidas em lei. (2)

(2) Desde sua colonisação em 1609 por Martim Soares Moreno, seu primeiro capitão-mór, o Ceará teve diversos capitães-mores e governadores dependentes de outra capitania até 1799, quando foi separado e elevado á cathgoria de capitania independente.

Os capitães-móres, que depois se chamaram governadores, porque ao governo civil reuniam o militar do *forte de Nossa Senhora da Assumpção*, eram subordinados aos capitães-generaes de Pernambuco, capitania geral.

Por carta régia de 24 de janeiro de 1799, foi separada a capitania do Ceará, dando-se-lhe governador independente e uma junta de fazenda, tambem independente da de Pernambuco, presidida pelo governador. Esse governo durou de 1799 até 1822 com a installação das juntas governativas.

Jurada a Constituição Portugueza em 1821, creou-se uma junta provisoria compos a de um presidente, um secretario e cinco membros eleitos sob a presidencia da camara da Fortaleza pelos eleitores de parochia das duas comarcas.

A' essa junta competia toda a autoridade e jurisdicção na parte civil, economica, administrativa e policial, em conformidade das leis, e eram-lhe consequentemente subordinados todos os magistrados e autoridades, excepto no que pertencia ao poder contencioso e judiciario.

Creou-se tambem um governador de armas da provincia, independente da junta e sómente subordinado ás Côrtes e ao governo do reino.

O conselho de governo, creado pela lei de 20 de outubro de 1823, compunha-se de seis membros eleitos por eleitores, como os deputados, reunia-se em sessão ordinaria por dous mezes e devia assistir ao presidente nos negocios mais importantes da administração.

Em 1824, com a nova Constituição do Imperio, foram creados os conselhos geraes de provincia, que lhe modificaram o governo.

Actualmente divide-se a provincia em 65 municipios.

Em cada cidade ou villa ha uma Camara eleita de quatro em quatro annos, à qual està incumbido o regimen economico da mesma cidade ou villa.

Dezenove municipios tem por séde cidade, e villa 46.

Os municipios são da *Fortaleza*, (cidade, capital) *Soure*, (villa) *Porangaba*, (idem) *Mecejana*, (idem) *Aquiraz*, (idem) *Pacatuba*, (idem) *Marranguape*, (cidade) *Acarape*, (villa) *Baturité*, (cidade) *Canindé*, (villa) *Pentecoste*, (idem) *Trahiry*, (idem) *S. Francisco*, (idem) *Imperatriz*, (idem) *S. Bento d'Amontada*, (idem) *Acarahú*, (cidade) *Camocim*, (villa) *Granja*, (cidade)

Taes conselhos tinham por principal objecto propôr, discutir e deliberar sobre os negocios mais importantes das suas provincias, formando projectos accomodados à satisfação das necessidades occorrentes, salvo si versassem: 1º sobre interesses geraes da nação; 2º sobre quaesquer ajustes de umas com outras provincias; 3º sobre imposições; 4º sobre execução das leis, devendo a respeito dirigir representações motivadas à assembléa geral e ao poder executivo conjunctamente. Suas resoluções deviam ser remettidas a esse poder.

Com a reforma da Constituição, em 12 de agosto de 1834, por nova modificação passou o governo provincial. Em logar dos conselhos geraes, crearam-se as assembléas legislativas provinciaes.

Palma, (villa) *Sant'Anna*, (cidade) *Meruóca*,
(villa) *Sobral*, (cidade) *Viçosa* (idem) *Ibiapina*,
(villa) *S. Benedicto*, (idem) *Santa Quiteria*,
(idem) *Tamboril*, (idem) *Ipú*, (cidade) *Campo
Grande*, (villa) *Principe Imperial*, (idem) *Inde-
pendencia*, (idem) *Quixadá*, (idem) *Boa Viagem*,
(idem) *Quixeramobim*, (cidade) *Pedra Branca*,
(villa) *Maria Pereira*, (idem) *S. João do
Principe*, (idem) *Arneiroz*, (idem) *S. Matheus*,
(idem) *Saboeiro*, (idem) *Assaré*, (idem) *Brejo
Secco*, (idem) *Sant'Anna do Brejo Grande*,
(idem) *Jardim*, (cidade) *Milagres*, (villa) *Mis-
são Velha*, (idem) *Barbalha*, (cidade) *Crato*,
(idem) *S. Pedro do Crato*, (villa) *Aurora*,
(idem) *Umary*, (idem) *Varzea Alegre*, (idem)
Iguatú, (cidade) *Lavras*, (idem) *Icó*, (idem)
Pereiro, (villa) *Jaguaribe-mirim* (idem) *Limoei-
ro* (idem) *Cachoeira*, (idem) *Riacho do Sangue*,
(idem) *S. Bernardo*, (cidade) *Espirito-Santo
de Morada Nova*, (villa) *União*, (idem) *Ara-
caty*, (cidade) *Cascavel* (idem).

As camaras municipaes regem-se pela lei do
1º de Outubro de 1828, e tem receita propria
para acudir ás competentes despesas.

Essa lei regula o exercicio das funcções pu-
ramente municipaes, a formação das posturas
policiaes e a applicação de suas rendas.

Pelo *Acto Addicional* ellas têm o direito de propôr os meios para occorrer às despesas de seus municipios.

São subordinadas nas provincias às respectivas assembléas legislativas e aos presidentes.

A camara da Fortaleza (capital) compõe-se de 13 vereadores ; as das cidades de 9 e as das villas de 7.

A camara municipal substituiu ao antigo conselho, em virtude do art. 167 da Constituição do Imperio.

DIVISÃO ECCLESIASTICA

Forma um bispado, creado pela lei de 10 de agosto de 1853 e firmado pela Bulla — *Pro animarum salute*, do Papa Pio IX, de 8 de junho de 1854. Foi desmembrado do de Pernambuco e inaugurado a 16 de junho de 1861.

Constitue uma comarca ecclesiastica com uma vigararia geral.

Contém 74 parochias, que são : Nossa Senhora da Conceição do Acarahú, creada por

provisão de 12 de setembro de 1766 ; Nossa Senhora da Conceição do Acarape, pela lei provincial n. 1242 de 5 de dezembro de 1868 ; S. José do Aquiraz, por provisão de 1713 ; Nossa Senhora do Rosario de Aracaty, provisão de 20 de junho de 1780 ; Nossa Senhora da Rosario das Areias, lei provincial n. 1667 de 11 de agosto de 1875 ; Nossa Senhora da Paz de Arneiroz, provisão de 11 de Agosto de 1784 ; Nossa Senhora da Conceição do Cococy, lei provincial n. 1279 de 28 de setembro de 1869 ; Nossa Senhora das Dores do Assaré, lei provincial n. 520 do 4 de dezembro de 1850 ; S. Antonio da Barbalha, lei provincial n. 130 de 30 de agosto de 1838 ; Nossa Senhora da Palma de Baturité, provisão de 1762 ; Nossa Senhora da Conceição, da serra de Baturité, lei provincial n. 1580 de 18 de setembro de 1873 ; S. Francisco de Paula do Coité, da serra de Baturité, lei provincial n. 2062 de 10 de dezembro de 1883 ; Nossa Senhora da Conceição da Pendencia, na serra de Baturité, lei provincial n. 2113 de 15 de dezembro de 1885 ; Nossa Senhora da Boa Viagem, lei provincial n. 1025 de 18 de novembro de 1862 ; S. Antonio do Brejo Secco, lei provincial n. 1359 de 5 de novembro de 1870 ; Senhor Bom Jesus Aparecido da Cachoeira, lei provin-

cial n. 1093 de 19 de dezembro de 1863 ; Senhor Bom Jesus dos Navegantes do Comocim, lei provincial n. 2007 de 5 de setembro de 1882 ; S. Francisco das Chagas de Canindé, provisão de 3 de setembro de 1818 ; Nossa Senhora da Conceição de Cascavel, decreto de 4 de setembro de 1832 ; Jesús, Maria e José do Beberibe, lei provincial n. 2051 de 24 de novembro de 1883 ; Nossa Senhora da Penha do Crato, provisão de 4 de janeiro de 1768 ; Divino Espirito Santo da Morada Nova, lei provincial n. 1561 de 9 de setembro de 1873 ; S. José da Fortaleza, provisão de 6 de agosto de 1761 ; Nossa Senhora do Patrocínio (outr'ora S. Luiz) lei provincial n. 1860 de 15 de outubro de 1879 ; S. José da Granja, provisão de 30 de agosto de 1757 ; S. Pedro de Ibiapina, lei provincial n. 1773 de 23 de novembro de 1878 ; Nossa Senhora da Expectação do Icó, provisão de 6 de abril de 1764 ; Sant'Anna de Iguatú (outr'ora Telha) decreto de 11 de outubro de 1831 ; Senhor Bom Jesus do Quixelô, lei provincial n. 1429 de 14 de setembro de 1871 ; Nossa Senhora das Mercês da Imperatriz, lei provincial n. 1249 de 22 de dezembro de 1868 ; S. João da Imperatriz (Arraial) lei provincial n. 2112 de 15 de dezembro de 1885 ; Sant'Anna da Independencia, lei provincial do Piauíhy n. 356

de 15 de setembro de 1853 ; S. Sebastião do Ipu, lei provincial n. 2037 de 27 de outubro de 1883 ; Nossa Senhora da Conceição de Ipueiras, lei provincial n. 2037 de 27 de outubro de 1883 ; Santo Antonio de Jaguaribe-mirim, lei provincial n. 1074 de 25 de julho de 1876 ; Senhor Bom Jesus do Jardim, provisão de 11 de outubro de 1814 ; Coração de Jesus do Brejo dos Santos, lei provincial n. 1708 de 25 de julho de 1876 ; S. Vicente Ferrer das Lavras, provisão de 30 de agosto de 1813 ; Nossa Senhora da Conceição do Limoeiro, lei provincial n. 1358 de 4 de novembro de 1870 ; Nossa Senhora da Penha de Maranguape, provisão de 1 de janeiro de 1760 ; Nossa Senhora da Gloria de Maria Pereira, decreto de 6 de setembro de 1832 : Nossa Senhora da Conceição de Mecejana, lei provincial n. 1799 de 10 de janeiro de 1879 ; Nossa Senhora dos Milagres, lei provincial n. 263 de 3 de dezembro de 1842 ; S. José da Missão Velha, provisão de 28 de janeiro de 1748 ; Nossa Senhora da Conceição da Pacatuba, lei provincial n. 1305 de 5 de novembro de 1869 ; Nossa Senhora da Piedade da Palma, lei provincial n. 1539 de 23 de agosto de 1873 ; Nossa Senhora da Barra do Pentecoste, lei provincial n. 1283 de 29 de setembro de 1869 ; SS. Cosme e Damião do Pereiro, decreto de 11 de outubro de

1831 ; Senhor Bom Jesus dos Afflictos de Arronches, lei provincial n. 1728 de 18 de agosto de 1876 ; Senhor do Bomfim do Principe Imperial, lei geral de 6 de julho de 1832 ; Jesus, Maria, José do Quixadá, lei provincial n. 1305 de 5 de novembro de 1869 ; Santo Antonio de Quixeramobim, provisão de 15 de novembro de 1755 ; Nossa Senhora da Conceição do Riacho do Sangue, provisão de 6 de abril de 1784 ; Nossa Senhora da Purificação do Saboeiro, lei provincial n. 558 de 27 de novembro de 1851 ; Sant'Anna de Acarahú, lei provincial n. 470 de 29 de agosto de 1848 ; Santa Quiteria, provisão de 22 de março de 1823 ; S. Benedicto, lei provincial n. 1600 de 6 de agosto de 1874 ; Nossa Senhora da Conceição de S. Bento d'Amontada, lei provincial n. 1579 de 18 de setembro de 1873 ; Nossa Senhora do Rosario de S. Bernardo das Russas, provisão de 1735 ; S. Francisco da Uruburetama, lei provincial n. 262 de 3 de dezembro de 1842 ; Nossa Senhora do Rosario de S. João do Principe, decreto de 17 de agosto de 1832 ; Nossa Senhora do Carmo de Flores, lei provincial n. 1177 de 29 de agosto de 1865 ; Nossa Senhora do Carmo de S. Mathheus, provisão de 7 de dezembro de 1755 ; Nossa Senhora das Dores do Joaseiro, lei provincial n. 1362 de 9 de novembro de 1870 ;

Nossa Senhora da Conceição de Sobral, provisão de 30 agosto de 1757 ; Santo Antonio do Aracaty-Assu, lei provincial n. 1079 de 4 de dezembro de 1863 ; Santo Anastacio do Tamboril, lei provincial n. 629 de 17 de dezembro de 1853 ; Nossa Senhora do Livramento do Trahiry, lei provincial n. 1020 de 14 de novembro de 1862 ; Nossa Senhora da Conceição de Umary, lei provincial 1686 de 2 de setembro de 1875 ; Sant'Anna da União, lei provincial n. 1083 de 4 de dezembro de 1863 ; S. Raymundo Nonato da Varzea-Alegre, lei provincial n. 1076 de 30 de novembro de 1863 ; Nossa Senhora da Assumpção da Viçosa, provisão de 1759 ; Nossa Senhora dos Prazeres de Soure, lei provincial n. 1361 de 5 de novembro de 1870, e Nossa Senhora dos Prazeres de Campo Grande, lei provincial n. 2125 de 25 de setembro de 1886.

DIVISÃO JUDICIARIA

A provincia do Ceará com a do Rio Grande do Norte constitue o 3º districto judiciario, dos 11 em que a lei n. 2342 de 6 de agosto de 1873

dividiu o Imperio. Tem sua sêde na cidade da Fortaleza a respectiva Relação, que conta 7 desembargadores.

A provincia divide-se em 29 comarcas, sendo 28 geraes e uma especial, a da capital.

Das comarcas geraes não foram ainda classificadas: a da Barbalha, restaurada pela lei n. 2002 de 28 de agosto de 1882 e a de Quixadá, creada pela lei n. 2107 de 28 de novembro de 1885.

As comarcas são:— Fortaleza, 3^a entrancia, com 2 varas (comarca especial com um juiz substituto); Aracaty, 2^a entrancia, Aquiraz idem; Assaré, 1^a; Baturité, 2^a; Canindé, idem; Crato, 1^a; Granja, 2^a; Icó, idem; Iguatú, 1^a; Imperatriz, idem; Ipú, idem; Jardim, idem; Jaguaribemirim, idem; Lavras, idem; Maranguape, 3^a; Maria Pereira, 1^a; Pacatuba, 2^a; Principe Imperial, 1^a; Quixeramobim, idem; Sant'Anna, idem; Sobral, 2^a; S. Bernardo das Russas, 2^a; S. Benedicto, 1^a; S. João do Principe, idem; Tamboril, idem; Viçosa, idem.

Abrangem 3 termos as comarcas de Assaré (Saboeiro com juiz letrado, Assaré, sêde da comarca, Brejo Secco) creada pela lei provincial n. 752 de 5 de agosto de 1856, Crato (Crato, Missão Velha, ambas com juizes letrados, Bar-

balha) pela lei provincial de 6 de Maio de 1833; Granja (Granja, com juiz letrado, Palma e Camocim) pela lei provincial n. 257 de 23 de Novembro de 1842; Jaguaribe-mirim (Jaguaribe-mirim, com juiz letrado, Cachoeira e Riacho do Sangue) pela lei provincial n. 1476 de 3 de dezembro de 1872; Imperatriz (Imperatriz, S. Francisco e Trahiry, todas com juizes letrados) pela lei provincial n. 586 de 21 de outubro de 1852; Quixeramobim (Quixeramobim, com juiz letrado, Bôa-Viagem e Quixadá) pela resolução de 6 de maio de 1833; S. Bernardo das Russas (S. Bernardo das Russas, com juiz letrado, Limoeiro, Espirito Santo de Morada Nova) pela lei provincial n. 1415 de 25 de agosto de 1871; Lavras (Lavras, com juiz letrado, Varzea Alegre e Aurora) pela lei provincial n. 1541 de 23 de agosto de 1873.

Constam de 2 termos as comarcas de: Aquiraz (Aquiraz e Cascavel, com juiz letrado, séde da comarca) pela lei provincial n. 1065 de 7 de novembro de 1863; Canindé (Canindé, com juiz letrado, e Pentecoste) pela lei provincial n. 1551 de 4 de setembro de 1873; Icó (Icó e Pereiro com juizes letrados) pela resolução de 6 de maio de 1833; Ipú (Ipú com juiz letrado, Campo Grande) pela lei provincial n. 472 de 31 de agosto de 1848;

Jardim (Jardim com juiz letrado e Milagres,) pela lei provincial n. 803 de 3 de agosto de 1857 ; Maranguape (Maranguape, com juiz letrado, Soure) pela lei provincial n. 1492 de 16 de dezembro de 1872 ; Maria Pereira (Maria Pereira, com juiz letrado, Pedra Branca) pela lei provincial n. 1551 de 4 de setembro de 1873 ; Pacatuba (Pacatuba, com juiz letrado, Acarape) lei provincial n. 1814 de 22 de janeiro de 1879 ; Principe Imperial (Principe Imperial com juiz letrado, Independencia) pelo decreto n. 687 de 26 de julho de 1850 ; Sant'Anna (Sant'Anna, com juiz letrado, Acarahù) pela lei provincial n. 1115 de 27 de outubro de 1864 ; S. Benedicto (S. Benedicto, com juiz letrado, Ibiapina) pela lei provincial n. 1814 de 22 de janeiro de 1879 ; Iguatú (outr'ora Telha) comprehendendo Iguatú com juiz letrado e S. Matheus) pela lei provincial n. 1476 de 3 de dezembro de 1872 ; Tamboril (Tamboril e Santa Quiteria, sède da comarca, ambas com juiz letrado) pela lei provincial n. 1551 de 4 de setembro de 1873 e Aracaty (Aracaty, com juiz letrado e União) pela resolução do conselho administrativo de 6 de maio de 1833.

São de um só termo as comarcas de—Baturité, creada pela lei provincial n. 326 de 9 de ja-

neiro de 1841; Fortaleza (especial, com juiz substituto) pela resolução do conselho administrativo de 6 de maio de 1833; S. João do Principe, pela lei provincial n. 52 de 25 de setembro de 1836; Sobral, pela resolução de 6 de maio de 1833; e Viçosa pela lei provincial n. 907 de 20 de agosto de 1859. ⁽³⁾

⁽³⁾ Quando Capitania, o Ceará fazia parte da Ouvidoria de Pernambuco. Por carta regia de 1711 foi separada de Pernambuco a Ouvidoria (comarca) do Ceará e Parahyba.

Por provisão do conselho ultramarino de 8 de janeiro de 1723 foi creada a comarca do Ceará, independente da Parahyba.

Por decreto de 13 de junho de 1816 foi a comarca do Ceará dividida em duas, a antiga e a nova, passando a cabeça da comarca antiga do Aquiraz para a villa da Fortaleza.

A antiga comprehendia:

Fortaleza com as villas de Indios de Mecejana, Aquiraz. Arronches, Soure, Baturité, Sobral. Villa-Nova d'El Rei. Viçosa, Granja e Aracaty.

A nova comprehendia:

Crato, Jardim, Icó, Lavras, Inhamum, Quixeramobim.

Pelo alvará de 24 de junho de 1810 foi creada a vara de juiz de fóra da Fortaleza com o districto das villas annexas de Soure, Arronches, Mecejana e Aquiraz.

Pelo citado Alvará de 16 de junho de 1816, que creou a nova comarca do Crato, tambem foram creadas as varas de juiz de fóra de Sobral e Aracaty.

Sobral comprehendia o districto de Granja, Viçosa e Villa Nova.

Aracaty comprehendia Russas.

Pelo decreto de 13 de dezembro de 1832, expedido para execução do código do processo criminal, o presidente em

INSTRUÇÃO PUBLICA

PRIMARIA

A instrucção primaria na provincia é dada por 266 escolas publicas para ambos os sexos, das quaes são:

Masculinas.....	129
Femininas.....	89
Mixtas.....	48
	266

A frequencia regulou, em 1887-7590 alumnos de um e outro sexo.

conselho dividiu a provincia em 6 comarcas e 19 termos seguintes:

- 1.— Comarca da Fortaleza com os termos de Aquiraz, Cascavel, Baturité e Imperatriz.
- 2.— Comarca do Aracaty, comprehendendo o termo de Russas.
- 3.— Comarca do Icó, comprehendendo Pereiro, Lavras, S. Matheus.
- 4.— Comarca do Crato, comprehendendo o Jardim.
- 5.— Comarca de Quixeramobim, comprehendendo o Inhamum.
- 6.— Comarca de Sobral, comprehendendo Granja, Viçosa, Villa Nova d'Elrei (hoje Ipú).

As creações posteriores de comarcas foram feitas pela assembléa legislativa provincial.

Existe na Capital uma *Escola Normal*, que tem por fim dar aos que se destinam ao professorado uma educação theorica e pratica.

E' de dous annos o respectivo curso, cujo programma de ensino comprehende as seguintes materias: portuguez, arithmetica, geographia, historia, pedagogia, methodologia, francez e noções de sciencias phisycas e naturaes.

Funcionam egualmente na *Escola Normal* duas aulas primarias, uma do sexo masculino, outra do feminino.

A matricula em 1887 foi de 74 alumnos, sendo no 1º anno 45, no 2º 29.

A das aulas annexas foi de 147 alumnos, de um e outro sexo.

SECUNDARIA

A secundaria é fornecida por um Lycêo, que funciona na Capital, com as seguintes aulas: portuguez, francez, inglez, latim, geographia, philosophia e mathematicas.

A frequencia foi em 1886 de 46 alumnos, produzindo 61 inscrições.

Além da instrucção dada no Lycêo ha 4 aulas de latim, nas cidades de Sobral, Aracaty, Maranguape e S. Bernardo de Russas.

Funciona igualmente na Capital um seminario episcopal, cujo curso theologico comprehende o ensino das seguintes materias : theologia dogmatica, theologia moral, direito canonico, historia ecclesiastica, lithurgia, cantochão, eloquencia sagrada, escriptura sagrada e hermeneutica.

Seu curso preparatorio é de 5 annos, no 1º ensina-se: portuguez, latim, francez, arithmetica, geographia, historia antiga, cathecismo, musica vocal ; no 2º, portuguez, latim, francez, geographia, historia da idade média e arithmetica ; no 3º, portuguez, latim, arithmetica, geographia e historia moderna, no 4º mathematicas, rhetorica, geographia e historia do Brasil ; no 5º, philosophia e physica.

Além da instrucção publica, primaria e secundaria, dada em estabelecimentos publicos, ha a que é ministrada por particulares.

Na Capital existem: *Circulo Catholico*, externato de instrucção secundaria com uma frequencia de 48 alumnos ; lecciona portuguez, francez, inglez, latim, allemão, geographia, historia, arithmetica, algebra, geometria, musica e escripturação mercantil ; Collegio da Immaculada Conceição, internato e externato de ensino primario e secundario, dirigido por irmãs de caridade, sob os auspicios do bispo deocesano,

com uma frequencia de 577 alumnas, sendo no internato 87 educandas pensionistas e 90 orphãs desvalidas e no externato gratuito 400. O ensino é distribuido em duas classes; na 1^a, ensinam-se as seguintes materias: primeiras lettras, grammatica portugueza, francez, geographia, arithmetica, historia sagrada, civilidade, costumes, tecidos, bordados e flores; na 2^a, instrucção religiosa, primeiras lettras, grammatica portugueza, grammatica franceza, historia do Brasil, geographia, arithmetica, civilidade, costuras, bordados, flores, desenho, pinturas a pastel, pianno e musica vocal; Collegio de S. Luiz, internato e externato de instrucção primaria e secundaria, com uma frequencia de 113 alumnos. O curso comprehende portuguez, francez, inglez, latim, geographia, historia, arithmetica, geometria; Gymnasio Cearense, internato e externato de instrucção primaria e secundaria, com 103 alumnos: nelle se leccionam as seguintes materias portuguez, francez, latim, inglez, allemão, arithmetica, geometria, algebra, trigonometria, sciencias physicas e naturaes, historia, geographia; Collegio Florisa, externato de instrucção primaria e secundaria com 41 alumnos; Escola Christã, de ensino primario com 40 alumnos; escola primaria dividida em dous cursos, diurno

e nocturno, com 58 alumnos; escola primaria e secundaria com 48 alumnos; Collegio Santa Roza de Lima, internato de instrucção primaria e secundaria para o sexo feminino, com 12 alumnas; Collegio de N. S. da Victoria, externato mixto de instrucção primaria e secundaria, frequentado por 35 alumnos; Collegio Jardim da Infancia, externato mixto de instrucção primaria, frequentado por 49 alumnos; 5 escolas mixtas de instrucção primaria e duas ditas para o sexo feminino.

No interior, existem os seguintes estabelecimentos para o ensino primario e secundario, a saber: na villa da Cachoeira, o Collegio S. Thomaz de Aquino, externato de ensino primario e secundario, frequentado por 25 alumnos; na cidade de Cascavel, externato S. Joaquim, de ensino primario e secundario com 22 alumnos, e uma escola de ensino primario para o sexo masculino com 15 alumnos; na cidade de Sobral, Collegio de N. S. da Conceição, externato mixto de ensino primario, com 62 alumnos; na cidade de Baturité, escola primaria e secundaria, com 14 alumnos; na cidade do Icó, escola de ensino primario para o sexo masculino, com 23 alumnos; em S. Romão, do municipio de Icó, escola para o sexo masculino, com 23 alumnos;

na cidade do Aracaty, 2 escolas para o sexo masculino, com 58 alumnos; na cidade de Maranguape, escola para o sexo masculino, com 24 alumnos; na cidade do Ipù, escola para o sexo masculino, com 26 alumnos; em Arronches, escola parochial para o sexo masculino, com 105 alumnos, e uma mixta com 30; na Serrinha da Catharina, do municipio do Acarape, escola para o sexo masculino, com 22 alumnos; no Mulungú, na serra do Baturité, escola para o sexo masculino, com 32 alumnos; na villa de Soure, escola nocturna gratuita para adultos do sexo masculino, com 13 alumnos; no Beberibe, do municipio do Cascavel, escola para o sexo masculino com 12 alumnos; no Livramento, do municipio de Morada-Nova, escola mixta, com 28 alumnos; no Pereiro, escola para o sexo masculino, com 25 alumnos; em Barreiros, do municipio de S. Matheus, escola para o sexo masculino, com 25 alumnos; e em Martas, do mesmo municipio, escola para o sexo masculino, com 22 alumnos; na Onça, do municipio da Barbalha, escola para o sexo masculino, com 31 alumnos; no Rosario, do municipio de Milagres, escola para o sexo masculino, com 41 alumnos; no Machado Grande, escola para o sexo masculino, com 24 alumnos; em S. João, escola para o sexo mas-

culino, com 23 alumnos; no sitio Novo, escola para o sexo masculino, com 22 alumnos; no Monte-Negro, escola para o sexo masculino, com 23 alumnos; no Rodeador, escola para o sexo masculino, com 22 alumnos; todos do municipio de S. Matheus; no Barracão, do municipio do Pereiro, escola para o sexo masculino, com 30 alumnos; no Brejo dos Santos, escola para o sexo masculino, com 22 alumnos; na Alagôa de Dentro, no Bebedouro, Canna Brava, e em Quincuncá, todos do municipio de S. Matheus, cada um com uma escola para o sexo masculino, com frequencia de mais de 20 alumnos; na Barra do Macaco, do municipio de S. Quiteria, uma escola para o sexo masculino, com 24 alumnos; na Meruóca, uma escola mixta com 10 alumnos; em S. Bento da Amontada uma escola para o sexo masculino, com 23 alumnos.

Ao todo, uma matricula nos estabelecimentos e escolas particulares de 2131 alumnos, sendo 1422 do sexo masculino e 709 do feminino.

POPULAÇÃO

O historiador F. A. Warnhagen attribuiu ao Ceará uma população de 34.000 almas em 1775.

Roberto Southey em 1776 lhe dava a mesma população.

O conselheiro Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, em sua informação, sob o titulo *Egreja do Brazil*, estimou-a em 1808, pelos mappas dos vigarios e capitães-mores, em 150:878.

Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro de Araujo, em suas *Memorias Historicas*, escreveu que a população em 1810 era de 130:396 habitantes.

No governo de Manoel Ignacio de Sampaio em 1812, o recenseamento feito, de sua ordem, deu como existentes 149:285 habitantes, assim distribuidos: no valle do Jaguaribe 81:907 e nos demais pontos da capitania 67:378.

Warden na sua *Histoire de l'Empire du Brésil*, referindo-se à população do Ceará em 1813, elevou o seu algarismo a 150:000, como que arredondando o apresentado por Velloso ou o do arrolamento de Sampaio.

O mesmo desembargador Velloso, em 1819, dá à provincia uma população de 201:170 almas.

Em 1836, o presidente senador José Martinião de Alencar, no relatorio que à assemblea provincial apresentou em 1 de agosto, diz que só duas comarcas, a da Fortaleza e do Crato, lhe remetteram dados para o calculo da população, que, segundo elles, montava a 74:518 habitantes naquellas duas circumscripções.

Suppondo que cada uma das outras comarcas, Acaraty, Icó, Quixeramobim e Sobral, tivesse população igual á qualquer daquellas duas, a população total em 1835 devia attingir a 223:554 almas, isto é, ter recebido um accrescimo de 92:414, correspondente ao periodo de 23 annos, a contar de 1813, sendo approximadamente de 85 % o augmento presumido.

Arrolamentos parciaes na administração do dr. João Silveira de Souza dão à provincia :

486:208 habitantes em 1857 ;

504:000 em 1860, segundo o calculo do senador Pompeu ;

519:000 em 1862 ;

508:000 no mesmo anno, depois do *cholera-morbus* ;

560:000 em 1868, ainda segund o um calculo do senador Pompeu, admittindoum accrescimo annual de 3% ;

721:686 em 1872, segundo o recenseamento da população do Imperio, procedido conforme lei geral ;

845:343 devia ser o seu computo em 1877, e

828:000 em janeiro de 1878, depois do primeiro anno de *sêcca*, levando em conta a perda proveniente da mortalidade e da emigração ;

705:000 em 1879, calculando-se em 132.000 almas a perda soffrida no anno precedente, devida à emigração e ainda mais às epidemias, que grassaram ;

712:000 no fim de 1879 ;

760:000 devia ser, approximadamente, o computo em 1884 ;

Mais de 800:000, provavelmente, no fim de 1886, e seria, a esse tempo, de 935:000, se não fôra a longa *sêcca* de 1877 a 1879.

Actualmente é calculada a população da provincia em 860:000 almas, tomando por base os dados colligidos pela Secção de Estatistica da Secretaria do Imperio, em relação aos baptisados e casamentos, segundo os mappas enviados das diversas parochias.

Essa população se distribue, approximadamente, do seguinte modo:

Parochias	População
N. S. da Conceição do <i>Acarape</i>	25.600
N. S. da Conceição do <i>Acarahú</i>	17.550
S. José do <i>Aquiraz</i>	15.310
N. S. da Conceição de <i>S. Bento d' Amon- tada</i>	6.760
N. S. do Rosario do <i>Aracaty</i>	18.770
N. S. do Rosario das <i>Areias</i> (Ara- caty)	5.700
S. Antonio de <i>Aracaty-Assú</i>	3.800
Senhor Bom Jesus dos Afflictos de <i>Ar- ronches</i>	5.130
N. S. das Dores do <i>Assaré</i>	16.550
N. S. da Paz de <i>Arneiroz</i>	2.570
N. S. da Conceição do <i>Cococy</i> (Ar- neiroz).....	1.800
S. Antonio da <i>Barbalha</i>	19.060
N. S. da Palma de <i>Baturité</i>	33.860
N. S. da Conceição da Serra de <i>Ba- turité</i>	21.250
<i>S. Benedicto</i>	12.350
S. Francisco de Paula do <i>Coité</i> (Ba- turité).....	15.880
S. Antonio do <i>Brejo Secco</i>	6.760

<i>N. S. da Boa Viagem</i>	7.230
Senhor Bom Jesus dos Navegantes do <i>Camocim</i>	10.650
<i>N. S. da Penha do Crato</i>	23.300
Senhor Bom Jesus Aparecido da <i>Ca- choeira</i>	5.250
S. Francisco das Chagas de <i>Canindé</i> ..	6.300
<i>N. S. da Conceição do Cascavel</i>	19.500
Jesus, Maria e José do <i>Beberibe</i> (Cas- cavel).....	6.760
Divino Espirito Santo da <i>Morada Nova</i>	5.600
S. José da <i>Fortaleza</i> (*).....	14.709
<i>N. S. do Patrocinio da Fortaleza</i> (*).	12.234
S. Pedro da <i>Ibiapina</i>	12.400
S. Anna de <i>Iguatú</i>	16.950
<i>N. S. das Mercês da Imperatriz</i>	19.600
S. Sebastião do <i>Ipú</i>	24.460
<i>N. S. da Conceição de Ipueiras</i>	3.830
<i>N. S. da Expectação do Icó</i>	12.500
S. Anna da <i>Independencia</i>	6.300
<i>N. S. da Purificação do Jaguaribe- mirim</i>	7.000

(*) Recenseamento feito pelo chefe de policia em 31 de outubro de 1887.

(*) Idem.

Senhor Bom Jesus do <i>Jardim</i>	10.250
Coração de Jesus do <i>Brejo dos Santos</i> (<i>Jardim</i>)	9.560
S. Vicente Ferrer de <i>Lavras</i>	15.610
N. S. da Conceição de <i>Umarý</i> (<i>Lavras</i>).....	4.000
N. S. da Penha do <i>Maranguape</i>	25.860
N. S. da Conceição do <i>Mecejana</i>	6.060
N. S. dos <i>Milagres</i>	12.120
S. José da <i>Missão Velha</i>	17.250
N. S. da Gloria de <i>Maria Pereira</i> .	10.720
N. S. da Conceição da <i>Meruoca</i>	15.160
N. S. da Conceição do <i>Pacatuba</i>	20.750
Santos Cosme e Damião do <i>Pereiro</i> .	14.220
N. S. da Conceição da Barra de <i>Pen- tecoste</i>	11.650
Senhor do Bom Fim do <i>Principe Im- perial</i>	7.460
N. S. da Piedade da <i>Palma</i>	12.470
S. Sebastião da <i>Pedra Branca</i>	11.890
S. Antonio de <i>Quixeramobim</i>	11.480
Jesus, Maria e José do <i>Quixadá</i>	12.120
<i>Santa Quiteria</i>	7.700
N. S. da Conceição do <i>Riacho do Sangue</i>	7.700
N. S. da Purificação do <i>Saboeiro</i>	2.400
N. S. do Carmo de <i>S. Matheus</i>	8.630

N. S. do Rosario de <i>S. João do Príncipe</i>	3.830
N. S. do Carmo de <i>Flores</i> (S. João do Príncipe).....	3.830
S. Francisco da <i>Uruburetama</i>	13.750
N. S. dos Prazeres de <i>Soure</i>	15.150
N. S. da Conceição de <i>Sobral</i>	30.060
Sant'Anna do <i>Acurahú</i>	11.650
N. S. do Rosario de <i>S. Bernardo das Russas</i>	12.470
Santo Anastacio do <i>Tamboril</i>	7.250
N. S. do Livramento do <i>Trahiry</i>	9.090
S. Raymundo Nonato de <i>Varzea Alegre</i>	13.980
N. S. da da Assumpção de <i>Viçosa</i> ...	16.080
	<hr/>
Total.....	835.573
S. José da <i>Granja</i>	} (6) 24.427
N. S. da Conceição do <i>Limociro</i>	
N. S. do <i>Joaseiro</i> (S. Pedro do Crato).....	
Senhor Bom Jesus do <i>Quiixelô</i>	
Sant'Anna da <i>União</i>	
	<hr/>
	860.000

(6) Parochias de que não consta, na secretaria do Imperio, nem-um dado relativo a baptisados e casamentos.

INDUSTRIAS

As industrias que a provincia explora, são as seguintes: pastoril, agricola, extractiva e fabril.

PASTORIL

Esta industria, apesar do pouco cuidado da parte daquelles que a exploram, conservando-a no mesmo estado rudimentar, em que existe, ha seculos, toma grande desenvolvimento nos annos invernosos.

Os gados são creados soltos nos campos. Não ha estabulação, nem preparo de feno nem abrigo contra as intemperies, nem protecção contra o furto. Alguns curraes, em que se faz a ordenha durante o inverno, cercados em que se conservam algumas pastagens e aguada, constituem, em geral, as bemfeitorias de uma fazenda de criação.

A administração das fazendas é entregue a homens ignorantes dos preceitos da industria e mal retribuidos.

Ordinariamente só se occupam em percorrer os campos, amansar os animaes, fazer alguns quei-

jos, durante o inverno, pegar as rezes destinadas à venda.

O decrescimento da producção, a degeneração das raças, o desenvolvimento de epizootias, têm sido consequencias fataes do systema em voga.

Com as sêccas extraordinarias, a que é sujeita a provincia, quasi que se anniquilla a industria pastoril.

Pelo quadro que segue, contendo os valores do dizimo do gado grosso, se pôde fazer idéa do progresso que ella ha tido de 1866 a 1886.

1866.....	51:965\$277
1867.....	55:372\$450
1868.....	51:420\$350
1869.....	58:720\$230
1870.....	58:949\$004
1871.....	85:477\$418
1872.....	73:793\$970
1873.....	82:525\$086
1874.....	86:174\$063
1875.....	88:161\$916
1876.....	85:771\$315
1877.....	8:232\$126
1878.....	1:199\$800
1879.....	13:301\$370
1880.....	24:107\$600

1881.....	29:362\$500
1882.....	34:000\$000
1883.....	46:936\$000
1884.....	55:970\$000
1885.....	56:107\$000
1886.....	53:199\$520

Representando o imposto do dizimo 4% da producção, conclue-se que esta foi em 1876, precedente ao periodo da grande sècca (de 1877 a 1879) do valor de 2.144:282\$877, e em 1878, no rigor da calamidade, de 29:895\$000.

Em 1886 o valor da producção devia ter sido 1.329:988\$000. Além do imposto do dizimo de gados grossos, ha o de miunças, lançado, não só sobre os cereaes, como sobre as crias de gado ovelhum e cabrum.

No mesmo periodo de 1866 a 1886 os valores do dizimo de miunças foram :

1866.....	55:419\$100
1867.....	64:225\$520
1868.....	69:554\$500
1869.....	84:268\$750
1870.....	109:106\$961
1871.....	115:245\$830
1872.....	74:788\$342

1873.....	82:571\$588
1874.....	85:030\$181
1875.....	82:226\$405
1876.....	78:119\$283
1877.....	25:026\$000
1878.....	23:684\$322
1879.....	29:826\$557
1880.....	22:614\$600
1881.....	24:697\$500
1882.....	62:815\$500
1883.....	63:737\$500
1884.....	45:957\$140
1885.....	55:106\$620
1886.....	60:240\$780

Póde-se igualmente julgar do desenvolvimento desta industria pelo quadro seguinte da exportação de couros seccos salgados no periodo de 1876 a 1886.

Annos	Valor official	Kilogrammas
1875-1876.....	534:647\$000	1.103.197
1876-1877.....	1:396\$000	2.112
1877-1878.....	964:302\$000	2.589.963
1878-1879.....	1.331:141\$000	1.365.700
1879-1880.....	292:763\$000	596.926
1880-1881.....	234:399\$350	420.532
1881-1882.....	272:638\$000	447.102

Annos	Valor official	Kilogrammas
1882-1883.....	286:076\$426	444.959
1883-1884.....	333:097\$746	565.916
1884-1885....	366:358\$877	590.733
1885-1886.....	417:509\$247	736.164

Tendo sido a riqueza da provincia em gado bovino e suino calculada em 1861 em 22.230:000\$000, quando então cobrava de dizimo 85:506\$000, orçado em 15\$000 o preço médio do gado vaccum e em 30\$000 o do cavallar, temos que em 1876 (antes do periodo triennial da sêcca) devera ser a sua riqueza em gados de 22.388:000\$000.

Em 1878 (anno de sêcca) 31:300\$000

Em 1886 13.900:000\$000

approximadamente.

Terreno pastoril, de criação ou sertão é o terreno plano, sêcco, que se estende da facha do litoral para interior, onde se encontram planaltos ou tableiros elevados de 60 a 90 metros acima do nivel do mar e serrotes baixos não suscepti-

veis de cultura. Esses serrotes são formados de rochas de terreno primitivo, em que dominam o *silex* e seus compostos, subpostos a terrenos de alluvião.

Os taboleiros, assim chamados por sua horizontalidade, são constituídos por areias grossas e seixos rolados, nas quaes a vegetação é embaraçada pela natureza do solo, pela elevada temperatura e pelos ventos que os batem.

Póde ser calculada em 126.320 kilometros quadrados, a área do terreno pastoril ou de criação, comprehendidos serrotes baixos, planaltos ou taboleiros e a parte do littoral não aravel.

INDUSTRIA EXTRACTIVA

Os principaes ramos desta industria são: gomma elastica da maniçoba ou sarnambi (*jatropha elastica*), dita da mangabeira (*honcornia speciosa*). O producto da mangabeira, é de menos valor que o da maniçoba, porém mais abundante. A maniçoba cresce nos municipios da *Fortaleza*, *Baturité*, *Imperatriz* e junto ás serras da *Ara-tanha*, *Acarape*, *Jubaia*; a mangabeira existe no littoral e nos planaltos das serras da *Ibiapaba* e *Araripe*.

A gomme elastica dessa planta produz-se combinando o leite com o *sulphato duplo de alumina e de potassa*; mas o leite em pequena quantidade e exposto ao ar tambem se solidifica e torna-se elastico.

A exportação da gomme elastica da maniçoba, no periodo de 1870-1871 a 1872-1873, foi a seguinte :

Annos	Kilogrammas	Valor official
1870-1871.....	229.827	341:652\$000
1871-1872.....	286.991	430:664\$000
1872-1873.....	264.187	318:684\$000

E no de 1880-1881 a 1882-1883 foi a seguinte:

1880-1881.....	36.451	32:999\$000
1881-1882.....	34.287	39:735\$000
1882-1883.....	35.977	68:458\$000

Cera de carnahúba. E' extrahida da palma da carnahúba (*coriphera cerifera*) e applicada ao fabrico de velas de illuminação. Tem extenso consumo em toda a provincia e é tambem importante ramo de exportação directa e por cabotagem.

Pelo porto da Fortaleza, sua exportação foi a seguinte, nos exercicios de 1883 a 1886:

Directa

Annos	Kilogrammas	Valor official
1883-1884.....	97.980	48:992\$220
1884-1885.....	201.014	86:862\$140
1885-1886 (1º sem.).	37.253	11:426\$400

Por cabotagem

1883-1884.....	42.259	21:880\$300
1885-1886 (1º sem.).	25.925	8:805\$180

Constituem ramos dessa industria mais ou menos importantes: o sal, que se produz em toda costa da provincia, especialmente nas praias do Aracaty, Mundahú e nas proximidades da capital; o peixe, especialmente o camaropim, cuja exportação pelo porto da Acarahú é avultada.

INDUSTRIA AGRICOLA

Desta industria são ramos mais importantes o algodão, o café, a canna de assucar, o tabaco, a mamona, a farinha da mandioca, o polvilho, fructas, feijão, milho e arroz.

A exportação do algodão, pelo porto da Fortaleza, de 1882-1883 a 1884-1885, foi a seguinte:

Annos	Kilogrammas	Valor official
1882 - 1883.....	4.345.702	1.911:289\$998
1883 - 1884.....		1.830:552\$200
1884 - 1885.....		1.300:005\$700

E' avaliada em um terço desses algarismos a exportação, que se faz pelo Aracaty, Camocim, Acarahú e Mossoró, e em um quinto a quantidade do consumo interno.

A exportação de café pela capital, produzido nas serras de Maranguape, Aratanha e Baturité, nos exercicios de 1882-1883 a 1884-1885, foi a seguinte :

Annos	Kilogrammas	Valor official
1882 - 1883.....	2.694.316	639:108\$448
1883 - 1884.....	2.710.955	919:172\$453
1884 - 1885.....	106.872	38:513\$942

Ha tambem plantação de café, si bem que em menor escala, nas serras da Ibiapaba, Meruóca, nas encostas da do Araripe, nos municipios do Crato e Jardim.

A canna do assucar é um dos mais antigos ramos de cultura da provincia.

A exportação directa, que se faz pela capital é tão somente de assucar produzido nas proximidades della e nas fazendas á margem da estrada de ferro de Baturité, a saber : no Acarape, Maranguape, Pacatuba, Baturité, ou da estrada pouco distantes.

A exportação foi, nos exercicios de 1882-1883 a 1884-1885, a seguinte :

Annos	Kilogrammas	Valar official
1882 - 1883.....	2.751.153	276:703\$670
1883 - 1884.....		311:217\$240
1884 - 1885.....		96:027\$220

A canna é tambem produzida nas serras da Ibiapaba e Meruoca, no valle do Jaguaribe, e no Cariry, onde seus productos têm consumo interno e nas provincias limitrophes.

A canna, que se cultiva no Cariry e adquire grandes proporções, serve exclusivamente para o fabrico da rapadura, melação e aguardente.

O tabaco é cultivado em pequena escala.

Faz-se a sua cultura em Pacatuba, Acarape, Maria Pereira, Lavras, Canindé e em outros pontos.

Colhido é manufacturado em rolos, e nessa fôrma consumido na provincia, onde são desconhecidos os processos para a preparação da

folha do tabaco, de modo a adaptal-a ao fabrico do charuto, como se pratica na Bahia e em outras provincias.

Sua exportação por cabotagem, pela capital, nos exercicios de 1883-1884 a 1885-1886 (1º semestre) foi a seguinte :

Annos	Kilogrammas	Valor official
1883 - 1884.....	8.895	9:473\$200
1884 - 1885.....	2.320	2:617\$120
1885 - 1886 (1º sem.)...	620	626\$000

Mandioca, cereaes, legumes.—O solo da provincia é todo apropriado à cultura desses generos, e a producção quasi toda consumida internamente.

Proprios para a lavoura encontram-se na provincia terrenos, não só na facha do littoral, de 20 a 30 kilometros de largura e nas serras, como tambem em alguns valles do sertão, de grande fertilidade, pelos detricetos, que contêm, acarretados pelas aguas, que descem das serras. Os terrenos do littoral são formados de camadas horizontaes de grès, argilla e calcareo em

alguns pontos cobertos de areia fina, impellida da praia pelos ventos. Produzem canna, maniva, hortaliças, etc.

Os terrenos montuosos nem todos se prestam à cultura.

Os serrotes seccos são incapazes de producção agricola, mas as serras, ditas frescas, são susceptiveis de toda cultura.

Os serrotes improductivos são constituídos por uma rocha viva, às vezes de uma só peça granitica, raramente cobertos de uma crosta argilosa, mas sempre seccos e despídos de vegetação. Alguns delles cream pasto na estação invernosa.

As serras pouco frescas, porém cultivaveis, embora não regadas por correntes permanentes, produzem algodão, legumes e cereaes durante o inverno. Taes são : a parte da Ibiapaba, que se estende de S. Gonçalo, da serra dos Côcos, até em frente à Varzea da Vacca, donde começa a denominação de Araripe; Cauhype, Joá, Camarã, Torre, Manoel Dias, Lagedo, Gado, Palmeira, Marianna, Machado, Jatobã, Picada, Mattas, Branca, Telha, Cabogi, Barbalha, Catolé, Joanninha, Bôa-Vista, Rosario, Bastiões, Freixeira, Trapiã, Brigida, Quicumcã, Penha, Estrella, Santa Maria, S. Pedro, Carás, Vargem Grande, Cosme, Mucuí, Mombaça, Flamengo.

Serras frescas são aquellas que, providas abundantemente d'agua, se prestam á cultura do café e canna, e produzem igualmente legumes, cereaes, maniva, em grande escala, como a da Meruoca.

As mais ferteis e cultivadas são as seguintes :

Maranguape, Aratanha, Baturité, abrangendo uma superficie de 700 kilometros quadrados. Estas serras formam a parte principal do systema orologico central.

Nellas plantam-se café e canna e bem assim nos terrenos adjacentes, denominados *ipús*, com grande quantidade de *humus*, humedecidos pelas aguas das correntes, que descem das serras.

Uruburetama, onde ha grandes plantações de algodão, produzindo igualmente canna e café; Santa Rita, onde reprezas d'agua têm apropriado os terrenos á cultura da canna, da maniva e dos legumes; Ibiapaba, em uma extensão de mais de 120 kilometros, da cidade da Viçosa a S. Gonçalo, fresca e abundante d'agua, produzindo café, canna, cereaes e legumes; serra do SS. Cosme e Damião ou do Pereiro, em parte fresca e cultivada, produzindo canna e fructas; Machado, embora sem correntes permanentes, fresca e propria

para a cultura do café, canna, cereaes, etc.; Araripe, offerecendo vasta chapada, perfeitamente nivelada, desde a extremidade, que olha a cidade do Jardim, até a serra das Pombas, na comarca de Jaicós, da provincia do Piauhy, um comprimento de 350 kilometros, sobre 15 a 30 de largura, apresentando terrenos de prodigiosa uberidade e tão permeaveis, que as aguas das chuvas infiltram-se, apenas nelles cahidas. Toda a chapada é coberta de florestas, intermeiadas de campinas, onde abundam fructos variados.

No sertão mesmo, nem todos os terrenos são exclusivamente aptos para a criação.

Os valles entre os serrotes, em geral, contêm *humus* e agua, que desce das faldas dos montes, formando o que se chama vulgarmente *baixio*, *corôa*.

Com as grandes arvores, que se desenvolvem nesses terrenos, a humidade mantem-se, e elles se tornam proprios para a cultura da canna, legumes, arvores fructiferas, etc.

As bacias das *correntes* são geralmente constituídas por varzeas mais ou menos extensas, sobresahindo as grandes planicies do Jaguaribe, de muitos kilometros de extensão. Estas planicies, diz o engenheiro Revy, em seu relatorio sobre

o açude projectado, proximo de Lavras, estão situadas entre Aracaty e a cidade do Limoeiro e estendem-se além até um logar chamado Boqueirão do Cunha, a 115 kilometros do primeiro.

Formam uma superficie não interrompida de terreno, de largura de cerca de 10 kilometros. Em dous terços, pelo menos, de sua área, as planicies são tão lisas, como a superficie de uma mesa. O terreno é de alluvião, da espessura média de quatro a cinco metros. Ha nessa parte do valle, pelo menos, 80.000 hectares de magnificas terras planas, de riquissima qualidade, excepcionalmente aptas para a cultura.

A superficie dessas terras actualmente está coberta de carnahubaes.

Algumas pequenas nesgas são cultivadas e supprem as necessidades immediatas de uma população comparativamente numerosa, porém esparsa.

Uma pequena superficie é sufficiente para produzir o algodão, maniva, canna de assucar, milho, etc. para o consumo interno, e em tempos ordinarios taes productos se obtêm com grande facilidade.

O terreno alluvial das planicies é principalmente composto de barro e areia, e quasi imper-

meavel ; sua profundidade de quatro a cinco metros descança sobre uma camada de areia, e por esta as fontes passam abaixo do deposito alluvial. Perfurando-o, obtêm-se poços em qualquer ponto da planicie e com abundancia d'agua, attingindo-se a jazida da areia.

Regra geral, do nivel della a agua não passa, e raras vezes fica inferior a esse nivel mais de um metro.

Mesmo durante a ultima grande secca sempre se achava agua naquella camada arenosa.

As planicies do Icó, a 225 kilometros do Aracaty e 143 metros acima do nivel do mar, são situadas na confluencia do *Salgado* e *Jaguaribe*.

O curso do primeiro passa por essas planicies, as quaes, portanto, pertencem ao valle daquelle importante tributario do *Jaguaribe*.

As planicies do Icó têm uma semelhança frizante com as do valle inferior do *Jaguaribe*, em *Russas* e no *Limoeiro*. A superficie dellas é tambem tão lisa como uma mesa, e a fertilidade igual. O solo é constituido por um rico deposito alluvial.

A largura varia de tres a dez kilometros, sendo a média de cerca de cinco por um comprimento de 20 ; a área é, portanto, de 10.000 hectares.

No centro está a cidade do Icó. Não pôde haver localidade em mais favoraveis condições de ser irrigada; porque existe alli uma área de excellentes terras. Com um systema regular de irrigação, ellas produziriam os viveres necessarios a uma população de 200.000 habitantes, durante seccas excepçionaes.

Actualmente se fazem numerosas plantações de algodão, maniva, feijão, etc. nas planicies do Icó. (7)

Os terrenos, que na provincia estão no caso de ser utilizados pela industria agricola, podem ser calculados em $\frac{1}{5}$ de sua superficie, isto é, 5.144.100 hectometros quadrados.

INDUSTRIA FABRIL E MANUFACTUREIRA

E' ainda rudimentar na provincia o estado dessas industrias.

Pelles curtidas, sabão, queijos, velas de carnahuba, chapéos de palha, tecidos grossos de algodão, vinho de cajú, cigarros, bordados, crivos, calçado, oleos, cordas de tucum, etc. são os principaes objectos preparados e fabricados,

(7) Relatorio do engenheiro J. J. Revy.

e quasi todos nella consumidos, alguns servindo de permuta nos mercados estrangeiros e nacionaes.

São interessantes os trabalhos de crivo e bordados pela delicadeza manual, porém de pouco valor industrial por ser importada a materia prima.

A argilla plastica e de construcção tem uteis applicações. No Icó fabrica-se uma louça preta, susceptivel de grande aperfeiçoamento.

O queijo é fabricado em grande escala e quasi todo consumido na provincia.

O fabrico desse lacticinio vai apresentando grande progresso.

Ha na capital duas fundições, duas fabricas de sabão, uma de gelo, diversas de charutos e cigarros, uma de calçado, duas de oleos.

A mais importante é a fabrica de tecidos de algodão, cujo capital eleva-se a 200:000\$000 e a sua producção superior a 200.000 jardas de panno.

COMMERCIO E NAVEGAÇÃO

Os seguintes algarismos relativos ao valor official da exportação e importação dão idéa do

movimento commercial da provincia nos ultimos annos a partir de 1880-1881:

Exportação directa pela capital

Annos	Valores officiaes
1880-1881.....	1.383:570\$231
1881-1882.....	4.085:545\$018
1882-1883.....	3.306:089\$442
1883-1884.....	3.750:388\$825
1884-1885.....	2.578:807\$643

Exportação por cabotagem

1880-1881.....	224:578\$500
1881-1882.....	307:240\$059
1882-1883.....	657:457\$500
1883-1884.....	598:005\$590
1884-1885.....	350:780\$020

Importação directa

1880-1881.....	2.633:864\$276
1881-1882.....	2.882:293\$129
1882-1883.....	3.629:467\$010
1883-1884.....	3.225:838\$826
1884-1885.....	2.616:763\$250

A importação por cabotagem dos productos nacionaes no mesmo periodo subio ao valor de 3.319:601\$121.

Nos exercicios de 1845-1850 a 1860-1862 os valores da exportação directa e por cabotagem e da importação pelo porto da Fortaleza foram :

PERIODOS	EXPORTAÇÃO		
	DIRECTA MÉDIA ANNUAL	CABOTAGEM MÉDIA ANNUAL	TOTAL POR ANNO
1845-1850.....	140:3598891	31:7188800	172:0788691
1850-1855.....	421:5658410	99:5198183	521:0848593
1855-1860.....	1.030:1488300	233:6068747	1.233:7558047
1860-1862.....	1.638:1318396	298:4488197	1.936:5798593

PERIODOS	IMPORTAÇÃO		
	DIRECTA MÉDIA ANNUAL	CABOTAGEM MÉDIA ANNUAL	TOTAL POR ANNO
1845-1850.....	149:4498659	315:0408088	464:4898747
1850-1855.....	521:5248090	405:3018136	926:8258226
1855-1860.....	962:8048046	608:6048231	1.571:4088277
1860-1862.....	952:7638901	630:9468521	1.583:7108422

Ainda em relação à exportação e importação damos o seguinte quadro organizado pelo vice-consul inglez (no Ceará), Dr. Guilherme Stuard, com a demonstração do valor em £ e da

especificação dos portos de destino e procedencia dos diversos generos, nos exercicios de 1885-1886 e 1886-1887 :

PAIZES	EXPORTADOS		IMPORTADOS	
	1886-1887	1885-1886	1886-1887	1885-1886
	(in sterling)	(in sterling)	(in sterling)	(in sterling)
Inlaterra.....	27853. 4. 6	17652. 0. 10	251789. 2.	180303. 18.
Estados-Unidos.....	5933. 3. 2	10072. 18.	19350. 6. 8	10230. 17.
Allemanha.....	2523. 2. 10	31806. 16.	23115. 11. 2	15446. 14. 8
França.....	13241. 5. 3	7704. 7.	28039. 15.	21820. 1.
Portugal.....	797. 16.		11268. 6. 6	6132. 7.
Belgica.....			3272. 3. 4	2210. 16. 2
Austria.....			1237. 5.	1102. 9. 5
Hespanha.....		349. 6.		
Republica Argentina...				28. 12.
Total.....	£ 378079. 11. 9	£ 323765. 7. 10	£ 333682. 9. 8	£ 237528. 15. 3

O seguinte quadro, tambem organizado pelo vice-consul inglez, Dr. G. Studart, refere-se ao commercio inglez pelo porto da Fortaleza em 1887:

	COMMERCIO DIRECTO			COMMERCIO INDIRECTO			TOTAL		
	Navios	Toneladas	Tripolagaõ	Navios	Toneladas	Tripolagaõ	Navios	Toneladas	Tripolagaõ
Entraram.....	36	27.464	1.016	29	23.416	816	65	50.580	1.832
Sahiram.....	33	25.792	945	32	24.788	887	65	50.580	1.832

	COM CARGA			EM LASTRO			TOTAL		
	Navios	Toneladas	Tripolagaõ	Navios	Toneladas	Tripolagaõ	Navios	Toneladas	Tripolagaõ
Entraram.....	63	49.784	4.812	2	796	20	65	50.580	4.832
Sahiram.....	62	49.924	4.810	3	656	22	65	50.580	4.832

MOVIMENTO DO PORTO EM 1887 (8)

ENTRARAM

NACIONALIDADE	NAVIOS A VELA		NAVIOS A VAPOR		TOTAL	
	numero	toneladas	numero	toneladas	numero	toneladas
Inglezes.....	6	1.933	59	48.747	65	50.580
Brazileiros.....	6	1.783	43	413.064	49	414.847
Noruegueses.....	4	1.878			4	1.878
Dinamarquezes.....	2	458			2	458
Francezes.....	1	338	1	880	2	1.218
Russos.....	1	780			1	780
Total.....	20	7.200	499	492.591	519	499.791

(8) Este trabalho é organizado pelo vice-consul inglez, Dr. Guilherme Studart.

SAHIRAM

NACIONALIDADE	NAVIOS A VELA		NAVIOS A VAPORE		TOTAL	
	numero	toneladas	numero	toneladas	numero	toneladas
Inglezes.....	6	4.933	59	48.647	65	50.580
Brazileiros.....	6	1.783	139	143.064	145	144.847
Noruegueses.....	3	1.233			3	1.233
Dinamarquezes.....	2	458			2	458
Franceses.....	1	368	1	880	2	1.248
Russos.....	1	780			1	780
Total.....	49	6.555	199	192.594	248	199.146

ESTRADAS DE FERRO

A provincia tem duas estradas de ferro: a de Baturité e a de Sobral. (º)

(º) A construcção da estrada de ferro de Baturité foi empreendida por uma companhia, organizada na capital da provincia, a qual tomou a denominação de *Companhia Cearense da Via Ferrea de Baturité*, tendo sido autorizada a funcionar por decreto n. 4780 de 30 de agosto de 1871.

A concessão dessa linha ferrea foi feita pelo governo provincial em contracto firmado a 25 de julho de 1870.

A 20 de janeiro de 1872 foi inaugurada a construcção das obras. Primitivamente a estrada teve garantia de juros de 6 % ao anno sobre um capital de 800:000\$000, destinado á construcção da 1ª secção, que depois foi elevado a 2.600:000\$000.

A companhia construiu a secção da estrada da capital, onde se acha a estação central, até a villa da Pacatuba, medindo 33^k,200 e mais um ramal á cidade de Maranguape com 7^k,300, a partir da estação de Maracanhú, no kilometro 20,800, medindo toda a linha 40^k,500.

A linha até Pacatuba foi inaugurada a 30 de novembro de 1875.

O governo imperial resgatou-a e proseguiu na construcção das obras para o seu prolongamento até Canôa e construcção do ramal de Baturité, em data de 1 de junho de 1878.

A 1º de julho foi inaugurada a construcção do trecho de Pacatuba a Canôa, e a 14 de março de 1880 abriu-se ao trafego esse trecho de linha.

Em 29 de abril de 1881 começou a construcção do ramal de Canôa a Baturité, o qual foi entregue ao trafego em 2 de fevereiro de 1882.

O Estado despendeu com a aquisição e construcção de toda a estrada a somma de 4.729:497\$623, segundo a conta feita pelo Sr. J. P. Siqueira, 1º official da Secretaria da

Estrada de Baturité

A linha principal da Fortaleza à povoação da Canôa mede.....	90 ^k ,700
O ramal de Maranguape, que parte da estação de Maracanhú, no kilometro 20,800, à cidade daquelle nome.....	7,300
O ramal de Baturité, partindo da estação da Canôa, no kilometro 91,065, para a cidade daquelle nome.....	9,860
O ramal da Alfandega, que desce da estação Central para o edificio daquelle repartição.....	2,900
Total em trafego.....	<u>110,760</u>

Agricultura, somma que accrescida de 24:313\$371, com a modificação ultima da rampa da Alfandega, eleva-se a 4.753:810\$994.

A construcção da estrada de Sobral foi resolvida em 1 de junho de 1878, sendo começados os estudos em 30 de julho do mesmo anno.

A 14 de setembro foi inaugurado o trecho de Camocim á Granja; a 15 de janeiro de 1881 a linha aberta ao trafego e em 31 de dezembro a linha total, isto é, até Sobral, por enquanto o ponto terminal.

A despeza com a construcção dessa estrada, segundo o calculo do Dr. J. M. da Silva Coutinho, não deve exceder de 4.045:274\$483.

Estações da estrada

Fortaleza (central), kilometros.....	0,000
Arronches.....	7,200
Mondobim.....	11,300
Maracanhú.....	20,800
Maranguape (ramal).....	7,300
Monguba.....	26,600
Pacatuba.....	33,200
Guayuba.....	40,000
Bahú.....	51,200
Agua Verde.....	57,200
Acarape.....	65,500
Canna-fistula.....	78,600
Canôa,.....	90,700
Baturité (ramal) ⁽¹⁰⁾	9,860

⁽¹⁰⁾ Estão feitos os estudos para o prolongamento desta estrada até o Quixadá.

Mede o prolongamento 84,200 e se acha orçado em 2.620:000\$ ou 31:116\$391 por kilometro.

A estrada em prolongamento deve partir da estação de Baturité.

A declividade maxima será.....	1,8 %
Raio minimo das curvas.....	150 ^m
Altitude do ponto mais baixo da linha.....	105
E do mais alto.....	214

As distancias dos municipios do Riacho do Sangue, Iguatú, Icó, e Crato para o Quixadá são :

Do Riacho do Sangue.....	100 ^k
Do Icó.....	200
Do Iguatú.....	190
Do Crato.....	350

Estrada de Sobral

Do porto do Camocim, onde se acha situada a estação marítima, até a cidade de Sobral, mede a linha em tráfego 128,920.

Estações

Camocim, kilometros.....	0,000
Granja	24,250
Angica	43,780
Pitombeiras.....	79,133
Massapê	106,320
Sobral ⁽¹¹⁾	128,920

Altitudes e posições astronomicas

A estação de Camocim está a 4^m,5 de altitude ; a da Granja a 8^m,910 ; a da Angica a 73^m,990 ; a de Pitombeiras a 87^m,210 ; a do Massapê a 76^m,010 ; a do Sobral a 74^m,610.

Actualmente esses mesmos municipios ficam do porto do Aracaty nas seguintes distancias :

Riacho do Sangue.....	150 ^k
Icó	250
Iguatú.....	250
Crato.....	400

(¹¹) Essas estações foram inauguradas: a de Camocim a 15 de janeiro de 1881 ; a da Granja no mesmo dia ; a da Angica a 14 de março do mesmo anno ; a de Pitombeiras a 2 de julho idem ; a de Massapê a 31 de dezembro idem ; a de Sobral no mesmo dia e mez de 1882.

As posições astronomicas são :

A de Camocim, latitude $2^{\circ} 6' 48''$,71, longitude a L. do Rio de Janeiro $2^{\circ} 22' 42''$,60; a da Granja, latit. $3^{\circ} 6' 48''$,71, long. $2^{\circ} 22' 13''$,60; a da Angica, latit. $3^{\circ} 12' 46''$,18, long. $2^{\circ} 30' 48''$,85; a de Pitombeiras, $3^{\circ} 29' 8''$,28, long. $2^{\circ} 45' 3''$,60; a do Massapê, latit. $3^{\circ} 31' 35''$,31, long. $2^{\circ} 52' 37''$,60; a de Sobral, latit. $3^{\circ} 41' 16''$,82, long. $2^{\circ} 51' 48''$,10. ⁽¹²⁾

LINHAS TELEGRAPHICAS

Atravessa a provincia a linha telegraphica do Estado, que, partindo de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, vae a Belém, no Pará.

⁽¹²⁾ Estão feitos igualmente os estudos do prolongamento desta estrada até o Ipú.

O prolongamento mede 87k, 648 e deve ter tres estações, uma em Pacujá, no kilometro 32,840, outra em Muquem, no kilometro 64,100 e a ultima no Ipú, no kilometro 87,648.

Está orçado em 2.464:904\$805 ou 28:122\$701 por kilometro.

Na zona percorrida pelo traçado encontram-se as seguintes madeiras de lei, aroeira, páo d'arco (ipê) e angico.

No contraforte da serra da Ibiapaba, que separa o valle do Jaibara do de Acarahú, ou mais precisamente do de Caissára (ambos tributarios do Acarahú), existe excellente pedra calcarea, de que já se extrahe, nas proximidades de Sobral, cal de muito boa qualidade.

No municipio do Ipú, sobretudo na serra da Ibiapaba, ha grandes culturas de algodão, canna de assucar e cereaes. São generos principaes de exportação o algodão, couros salgados e curtidos.

Essa linha mede de Mossoró, na extrema com o Rio Grande do Norte, até a villa da Ibiapina 486^k,876, sendo do Mossoró ao Aracaty 84^k,800; deste à capital (Fortaleza) 131^k,276; da Fortaleza a S. Francisco (na Uruburetama) 117^k,200; de S. Francisco a Sobral 87^k,600, e, finalmente, de Sobral a Ibiapina (na Ibiapaba) 66^k.

Existem estações no Aracaty, Fortaleza, S. Francisco, Sobral e Ibiapina.

Além dessa linha telegraphica, existem as que acompanham as estradas de ferro de Baturité e Sobral e, no litoral, a parte correspondente do cabo submarino da *Western and Brazilian Telegraph Company*.

PORTO DA FORTALEZA

Estão em construcção as obras, que, segundo o plano do engenheiro inglez J. Hawkshaw, são indispensaveis ao melhoramento do porto da capital. ⁽¹³⁾

(13) As obras do melhoramento do porto estão sendo executadas por uma companhia ingleza, de conformidade com a autorisação contida na lei de orçamento n. 3141 de 30 de Outubro de 1882.

O governo foi autorizado a garantir o juro de 6% ao anno e ao cambio par, até 10 annos, ao capital maximo de 2.500:000\$000 á companhia que se organisasse para o

alludido melhoramento e construcção de uma alfandega sob condições, entre as quaes se comprehendem as seguintes:

« O prazo do privilegio seria no maximo de 33 annos.

« As obras serão as que constam do plano apresentado pelo engenheiro Hawkshaw.

« A companhia cobraria as seguintes taxas:

« De 1 a 10 réis por kilogramma de mercadoria que embarcar ou desembarcar no porto;

« De 100 a 150 réis por tonelada metrica de arqueação dos navios, na razão da carga ou descarga que fizerem:

« A de armazenagem, actualmente cobrada pelas repartições fiscaes, e bem assim a proveniente do serviço da capatazia da alfandega, o qual ficará a cargo da mesma companhia.

« No fim do prazo do privilegio, as obras, materiaes, predios e accessorios passarão ao dominio nacional, em perfeito estado de conservação, independente de qualquer indemnisação pelos cofres publicos. »

PROVINCIA DO CEARÁ

TOPOGRAPHIA

O Ceará conta 19 cidades e 46 villas.

As cidades são:

Fortaleza (capital), *Cascavel*, *Aracaty*, *Icó*,
Lavras, *Jardim*, *Barbalha*, *Crato*, *Ipiú*, *Viçosa*,
Sobral, *Sant'Anna*, *Granja*, *Acarahú*, *Baturité*,
Iguatú, *Maranguape*, *Quixeramobim*,
S. Bernardo das Russas.

As villas são:

Porangaba, *Mecejana*, *Aquiraz*, *União*, *Assaré*,
Sant'Anna do Brejo Grande, *Saboeiro*,
Brejo Secco, *Canindé*, *Pentecoste*, *S. Pedro do Crato*,
Missão Velha, *Palma*, *Camocim*, *Pereiro*,
Umaré, *S. Matheus*, *Imperatriz*, *S. Bento da Amontada*,
S. Francisco, *Trahiry*, *Campo Grande*, *Jaguaribe mirim*, *Cachoeira*,

Riacho do Sangue, Milagres, Varzea Alegre, Soure, Maria Pereira, Pedra Branca, Pacatuba, Acarape, Principe Imperial, Independencia, Bôa Viagem, Quixadá, Santa Quitéria, Tamboril, S. Benedicto, S. Pedro de Ibiapina, Limoeiro, Morada Nova, S. João do Principe, Arneiroz, Meruoca e Aurora.

CIDADES

FORTALEZA

Historico.—Deveseu nome ao forte de N. S. da Assumpção, fundado por Martim Soares Moreno, que para o local, em que está assentada, transferio-se da barra do Ceará, 12 kilometros a NO, onde primeiro estabeleceu-se, em 1609. Foi naquella barra que Pero Coelho em 1603 lançou os fundamentos de uma povoação, que denominou *Nova Lisboa*, reservando para a colonia a estabelecer o nome de *Nova Lusitania*.

O sitio, que demora nas proximidades daquella barra, é conhecido por *Villa Velha*.

Villa por carta régia de 11 de março de 1725, inaugurada em 13 de abril de 1726.

Cidade por carta imperial de 17 de março de 1823, com a denominação de *Nova Bragança da Fortaleza*, nunca usada.

Posição astronomica : 3° 43' 36" de latitude sul, 4° 39' 11" de longitude oriental do Rio de Janeiro ; em tempo 18^m 29^s.

Está situada em uma enseada e assenta sobre uma planície arenosa, que se vai elevando da praia em uma declividade de 1^m, 25 por 100.

E' atravessada pelo correjo Pajehú, que a divide em duas partes distinctas, sendo a da margem direita denominada *Outeiro*. Regularmente edificada, conta 45 ruas espaçosas, calçadas, illuminadas a gaz, 15 praças, grande numero de edificios publicos e 10 igrejas, inclusive duas que servem de matrizes, e uma dellas de cathedral.

Conta, além de um lycêo, um seminario, varios estabelecimentos particulares de instrucção secundaria e primaria, 16 escolas publicas primarias, sendo 12 do sexo feminino e quatro do masculino.

Nella estão as sêdes de duas parochias : de S. José e do Patrocinio.

A população das duas parochias, na área da cidade, segundo recenseamento procedido em 31 de outubro de 1887, é de 26.943 habitantes, assim distribuidos :

Parochia de S. José 14.709, sendo brasileiros 14.539 e estrangeiros 170 ; do sexo masculino 6.371 e do feminino 8.338.

Parochia de N. S. do Patrocinio : 12.234 sendo brasileiros 12.085 e estrangeiros 149 ; do sexo masculino 5.223 e do feminino 7.011. (1)

Sua temperatura média é de 26°,7 centígrados, à sombra, e 35°,8 ao sol ; a média do estado hygrometrico 73,5 (hygrometro de Saussure), variando entre os limites de 55 e 100 ; pressão atmospherica, no maximo, 768,2, no minimo 762,8.

Della partem : uma linha ferrea com direcção às cidades de Baturité e de Maranguape (por meio de um ramal, a partir do kilometro 20^k,800) e tres boas estradas de rodagem para as villas de Soure, Mecejana e Porangaba. Uma linha de *bonds* serve a diversos pontos da cidade e arrabaldes.

O seu porto está sendo melhorado de accôrdo com o projecto Hawkshaw.

MARANGUAPE

Posição astronomica : 3° 52' 40" de latitude sul, e 4° 29' 10 de longitude oriental e, em tempo, 17^m 57^s.

(1) Calculando-se pelo numero de baptisados, a população completa das duas parochias deve ser, approximadamente, de 32.387 habitantes, sendo 19.339 da de S. José e 13.048 da do Patrocinio.

Situada no sopé da serra do mesmo nome, é banhada por uma corrente, do mesmo nome igualmente, formada pelas do *Jererahi*, *Pirapora* e *Gavião*, que descem da encosta oriental da serra.

Villa por lei provincial n. 553 de 17 de novembro de 1851, cidade pela de n. 1282 de 28 de setembro de 1869.

Está ligada à capital por um ramal ferreo, que entronca na estrada de Baturité no kilometro 20^k,800.

O ramal mede 7^k,300.

Distancia total à capital 28^k,100.

Conta, além de uma aula de latim, uma cadeira de ensino primario para o sexo masculino, e tres regidas por professoras ; uma particular para o sexo masculino.

A parochia, de que é sêde, deve ter uma população de 25.860 habitantes.

BATURITÉ

Historico.— Antiga missão dos indios *Canindês* e *Jenipapos* ; elevada à villa primitivamente com o nome de *Monte Mór o Novo da America*, em 1764.

Posição astronomica : 4° 21' 0" de latitude sul e 4° 30' 0" de longitude oriental, e, em tempo, 18^m.

Assenta no sopé da encosta oriental da serra do mesmo nome, e é banhada pelas correntes do Aracauaba e Putiú.

Está ligada por uma linha ferrea á capital, medindo 100^k,560.

Conta uma escola primaria regida por professor e duas por professoras, e mais uma primaria e secundaria.

A parochia, de que é a séde, deve contar uma população de 33.860 habitantes.

QUIXERAMOBIM

Posição astronomica : 5° 16' de latitude sul e 3° 55' de longitude oriental, e, em tempo, 15^m 40^s.

Assenta em um plató elevado, no sertão, e é banhada por uma corrente do mesmo nome, affluente do *Banabuiú*.

Villa por decreto de 13 de junho de 1789 ; cidade por lei provincial n. 770 de 14 de agosto de 1856.

Seu clima é mui saudavel, si bem que a temperatura seja bastante elevada no verão.

O thermometro, á sombra, marca na estação de maximo calor 34° centigrados.

Dista da capital 236 kilometros, sendo 145 até *Canôa*, 91 deste ponto á capital pela via ferrea.

Conta uma escola regida por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é séde, deve contar 11.480 habitantes.

ACARAHU'

Posição astronomica : 2° 52' 36" de latitude sul e 3° 0' 12" de longitude oriental, e, em tempo, 12^m 1^s.

Assenta sobre a margem direita da corrente do mesmo nome e dista da costa sete kilometros; da capital, via terrestre, 240, e por mar 108 milhas ou 200 kilometros.

Villa por lei provincial n. 1814 de 22 de janeiro de 1879; cidade pela de n. 2019 de 16 de setembro de 1882.

Conta uma escola primaria, regida por professor, e outra por professora.

A população da parochia, de que é séde, deve orçar por 17.550 habitantes.

GRANJA

Posição astronomica : 3° 5' 43" de latitude sul e 2° 15' 42" de longitude oriental, e, em tempo, 9^m 3^s.

Está situada á margem occidental do *Curiahi* e dista do littoral, pela via ferrea, 24^k,250; de Sobral pela mesma linha 104^k,670; da capital, por via terrestre, 300 kilometros e, por mar, 148 milhas ou 274 kilometros, e mais a distancia ao porto do Camocim — 24^k,250.

Conta duas escolas primarias, regidas por professores, e outras tantas por professoras.

Villa por alvará de 27 de junho de 1776; cidade por lei provincial n. 692 de 3 de novembro de 1854.

VIÇOSA

Historico.— Foi a séde da antiga missão dos indios *Camocins*, *Anacês* e *Ararihús*, da nação Tobajara, catechizados e aldeados pelos jesuitas no principio do seculo XVIII.

Os jesuitas nella fundaram um hospicio, que ainda existe em ruinas.

Villa em 7 de julho de 1759, com o nome de Villa Viçosa Real d'America.

Posição astronomica: 3° 37' 18" de latitude sul, 2° 11' 48" de longitude oriental, e, em tempo, 8^m 47^s.

Assenta n'um plató, em meia altura da serra Ibiapaba, no seu extremo septentrional.

E' banhada pelo *Timonia*; seu clima é mui temperado.

Dista da cidade da Granja 60 kilometros e de Sobral 80.

Cidade por lei provincial n. 1994 de 14 de agosto de 1882.

A população da parochia, de que é sêde, pôde ser estimada em 16.080 habitantes.

SANT'ANNA

Posição astronomica: 3° 27' 23" de latitude sul e 2° 50' 42" de longitude oriental, e, em tempo, 11^m23^s.

Situada à margem do *Acarahú*, dista da cidade deste nome cerca de 80 kilometros; da cidade de Sobral 30 e, proxivamente, a mesma distancia do Massapê, estação da estrada de ferro do Sobral, a 22^k,600 da cidade deste nome.

Villa por lei provincial n. 1012 de 3 de novembro de 1862; cidade pela de n. 1740 de 30 de agosto de 1876.

Conta uma escola primaria regida por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é sêde, é calculada em 11.650 habitantes.

SOBRAL

Historico.— Primitivamente povoação da Caiçara em 1712, foi elevada à villa em 1773.

Posição astronomica: 3° 42' 27" de latitude sul e 2° 43' 13" de longitude oriental, e, em tempo, 10^m 53^s.

Está situada à margem esquerda do *Acarahú* e 18 kilometros a L. da serra da Meruoca.

E' actualmente o ponto terminal da estrada de ferro, que parte de Camocim, e mede 128^k,920.

Dista da cidade da Granja 104^k,670; da Angica 85^k,140, de Pitombeiras 49^k,787; do Massapê 22^k,600.

Pela estrada de rodagem dista da Fortaleza cerca de 300 kilometros. Cidade por lei provincial n. 229 de 12 de janeiro de 1841, com o nome de *Januaria* e com a actual denominação pela de n. 244 de 25 de outubro de 1842.

O thermometro no verão, à sombra, marca, nos dias de maior calor, 34° centigrados.

Conta uma aula de latim e duas escolas primarias, regidas por professores, e tres por professoras, e mais o collegio de N. S. da Conceição, externato mixto de ensino primario para ambos os sexos.

A população da parochia, de que é sêde, deve ser, approximadamente, de 30.060 habitantes.

IPU'

Historico. — Primitivamente Villa-Nova d'El-Rei, creada em Campo Grande, foi transferida para o local em que se acha com a mesma categoria de villa por lei provincial n. 200 de 26 de agosto de 1840.

Posição astronomica: 4° 19' 32" de latitude sul e 2° 16' 45" de longitude oriental, e, em tempo, 9^m 7^s.

Assenta no sopé da serra da Ibiapaba e é banhada por uma corrente perenne do mesmo nome, formando cascata acima da cidade e despejando no Jatobá, depois de atravessal-a.

Foi elevada à cidade pela lei n. 2098 de 25 de novembro de 1885.

O clima no sopé da serra é quente, mas saudavel.

Dista de Sobral, pelos caminhos usuaes, cerca de 100 kilometros, e pela linha estudada para o prolongamento da via ferrea do Sobral 87^k, 648.

Conta uma escola publica primaria, regida por professor, outra por professora, e uma particular para o sexo masculino.

A população da parochia, de que é sêde, pôde ser computada em 24.460 habitantes.

JARDIM

Historico.— Primitivamente um povoado formado por ocasião da secca de 1792.

Um sacerdote, de nome Bandeira, ali refugiou-se por causa da calamidade; outros, emigrados dos sertões visinhos, estabeleceram-se, e, terminada a secca, permaneceram. Foi villa por alvará de 30 de agosto de 1814.

E' situada n'uma quebrada da serra do Araripe, que a cerca, e banhada por uma corrente perenne, formada das do *Crautá* e *Pintos*, que reúnem-se, perto da cidade, com as do *Sombra* e *Cafundó*, regando varzeas distantes della 18 kilometros e recebem outros afluentes, como o *Bom Successo*, *S. Domingos* e o *Sacco*, que corre até *Porteiras*.

E' da reunião de todas essas pequenas correntes, que abrem caminho da encosta da serra Araripe, que se forma a parte principal do riacho dos *Porcos*. (2)

(2) O Dr. Marcos Antonio de Macedo, em 1847, sendo deputado á assembléa geral, lembrou a canalisação do rio S. Francisco para o *Jaguaribe*, e em 1848 sendo juiz de

Cidade por lei provincial n. 1829 de 3 de setembro de 1879.

Bastante humida no inverno, seu clima é frio, e na estação invernosa o thermometro desce abaixo de 15° centigrados.

Conta uma escola primaria, regida por professor, e outra por professora.

A população da parochia, de que é séde, deve orçar por 10.250 habitantes.

CRATO

Historico.— Foi a séde da antiga missão do Miranda.

Attribue-se a João Corrêa Arnaud, administrador de fazendas da casa da Torre, na Bahia, a colonisação do Cariry, em fins do seculo XVI.

direito da comarca do Crato levantou um mappa topographico della, indicando a possibilidade de um canal de navegação derivado daquelle rio, que, partindo da villa da Boa-Vista, depois de 200 kilometros de curso, em tres alinhamentos rectos, desembocasse no riacho dos *Porcos*, no ponto conhecido por *Baixio das Bestas*, uma depressão existente nos morros, que se prolongam do Araripe.

Em um trabalho publicado pelo engenheiro Tristão Franklin, *Canal de navegação e irrigação derivado do rio S. Francisco*, diz-se que é exequivel o projectado canal, não como foi imaginado pelo Dr. Marcos de Macedo, indo ter, no Ceará, ao *Baixio das Bestas*, mas á garganta das *Ipuciras*. O canal, partindo de um ponto determinado acima da cachoeira do Genipapo, no rio S. Francisco, deverá ir ter ás cabeceiras do riacho Macapá, na provincia do Ceará, communicando-se, pelo Jaguaribe e outras *correntes*, com o oceano.

Em 1610, succederam a Arnaud, naquella missão, o coronel Joaquim Mendes Lobato e seu irmão Antonio Mendes Lobato, os quaes com um missionario italiano iniciaram a catechese dos indios em Missão Velha, depois em Missão Nova, d'onde passou o missionario italiano para o local, em que está a cidade do Crato, em que já existia um nucleo de indios e de aventureiros.

Posição astronomica: 7° 14' 2" de latitude meridional e 4° 2' de longitude oriental, e, em tempo, 16^m 4^s.

Cidade por lei provincial n. 2039 de 2 de novembro de 1883.

Dista da Capital 520 kilometros ; do Aracaty 480 e do Icó 180 pelos caminhos usuaes.

Pela carta, o Crato se acha distante da capital, em linha recta, 360 kilometros ; do Aracaty 300 e do Icó 90.

E' banhada pelas correntes do *Grangeiro* e *Batateira (Itaytera)* ⁽³⁾, os quaes com o correjo Salamanca e outros formam o *Salgado*.

⁽³⁾ Diz o Dr. Marcos de Macedo, que « auscultando-se attentamente a chapada do Araripe, na altura da cidade do Crato, ouve-se um surdo ruido cavernoso, produzido pela corrente das aguas, que formam as nascentes. Uma notavel depressão se observa acima da nascença do rio *Itaytera*, vulgarmente conhecido pelo nome de *Batateira*, não havendo, entretanto, noticia de batatas nas margens daquella corrente, que justifique o nome, que lhe poseram os primeiros colonos. E' uma corrupção visivel do termo *Itaytera*, pelo qual os tu-

Brejos fornecem egualmente agua, na estação mais sêcca. (⁴)

O clima é quente e muito humido; varia a temperatura com as altitudes. Muito elevada no valle, muito baixa na serra do Araripe, que corre proxima.

Tem uma escola primaria, regida por professor e duas por professoras.

A população da parochia, de que é séde, deve ser, approximadamente, 23.300 habitantes.

pys designaram o maior e mais bello manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: *Ita*, pedra, *y* ou *yg*, agua, *têra*, por entre, isto é, agua que corre, precipitando-se por entre as pedras.

« Essa depressão, não mui longe da borda oriental da montanha, apresenta a fórma de uma vasta bacia e não pôde ter outra causa senão o amollecimento das paredes superiores de qualquer caverna subterranea, produzida pelas aguas, que formam a mesma corrente ou a do *Grangeiro* ou o corrego *Cafundó*, (cujo nome talvez seja *Sokenday*, rio tapado) que tem as nascenças visinhas umas das outras e talvez proveham do mesmo canal subterraneo, de que procede o *Itaytera*. »

(⁴) A formação dos brejos do Crato offerece, segundo o senador Pompeu, em seu *Ensaio Estatístico*, um phenomeno não raro, mas curioso, que indica sua formação moderna. Cavando-se um poço, com a agua, que sahe, vem peixe, o que prova existir massa d'agua subterranea coberta pelos paúes.

Em alguns pontos, os novos terrenos formam ilhas fluctuantes.

BARBALHA

Historico.— Uma capella, fundada por Gregorio Pereira Pinto, constituiu o nucleo da povoação, sendo os primeiros, que para ella concorreram, membros de uma familia de Sergipe, que ali foi estabelecer-se.

E' villa por lei provincial n. 374 de 17 de agosto de 1846; cidade por lei provincial n. 1470 de 30 de agosto de 1876.

E' banhada por 26 correntes, que nascem na serra do Araripe, das quaes a principal é o *Salamanca*.

Dista da cidade do Crato 12 kilometros.

Conta uma escola primaria, regida por professor, e outra por professora.

A população da parochia, de que é sède, deve orçar por 19.060.

LAVRAS

Historico.— Antiga povoação de S. Vicente Ferrer, depois Lavras (Lavras da Mangabeira) em razão dos terrenos auriferos e da mineração, que fizeram, no seculo passado, alguns naturaes da provincia de Minas, sem grande resultado, e mesmo assim mandada cessar por carta régia de 12 de Setembro de 1758, como desvantajosa ao erario.

Villa por alvará de 27 de julho de 1816.

Posição astronomica: 6° 43' 2" de latitude sul.

Está situada à margem do *Salgado*, formado por tres correntes, que se reúnem no lugar chamado *Cachoeira*, alguns kilometros acima da villa de Missão Velha e d'ali se precipitão para a bacia de Lavras. O *Salgado* é assim denominado desde a *Cachoeira*, n'uma extensão de 83 kilometros, até o *Boqueirão*, onde foi projectada a construcção de uma grande represa.

Cidade por lei provincial n. 2075 de 20 de agosto de 1884.

Conta uma escola primaria.

A população da parochia, de que é séde, pode ser calculada em 15.610 habitantes.

IGUATU'

Posição astronomica: 6° 24' de latitude sul e 3° 35' de longitude oriental, e, em tempo, 14^m 20^s.

Fica entre lagôas e à margem esquerda do Jaguaribe, em uma planicie.

Dista da cidade do Icó 60 kilometros ; do Crato 90 ; da capital 480 pelos caminhos usuaes.

Villa com o nome de Telha pela lei provincial n. 558 de 27 de novembro de 1851; cidade pela de n. 1612 de 21 de agosto de 1874. Tomou a actual denominação pela lei provincial n. 2035 de 20 de outubro de 1883.

Conta uma escola primaria, regida por professor, e outra por professora.

A população da parochia, de que é sêde, deve attingir a 16.950 habitantes.

ICÓ

Posição astronomica: 6° 23' de latitude sul, 4° 7' de longitude oriental, e, em tempo, 16^m 28^s.

Está no centro de grandes planicies, cuja largura varia de 3 a 10 kilometros, sendo a media de cerca de cinco kilometros, por um comprimento de 20, formando uma área de cerca 10.000 hectaros. E' uma localidade das mais favoravelmente situadas para a irrigação, por ter uma área consideravel de excellentes terras com grande população agricola, prompta a utilisal-as em qualquer extensão, uma vez que a agua seja supprida para regar as plantações durante a estação secca.

As planícies do Icó estão a 225 kilometros do Aracaty e 143^m acima do nivel do mar e na confluencia do *Jaguaribe* e *Salgado*. (5)

Dista da cidade do Aracaty 240 kilometros, da capital 400. Assenta n'uma bella planicie, banhada pelo *Salgado*, que, 18 kilometros abaixo della, despeja no *Jaguaribe*.

Villa por ordem régia de 20 de outubro de 1736; cidade por lei provincial n. 244 de 25 de outubro de 1842.

Conta duas escolas publicas primarias regidas por professores, e duas por professoras, além de uma particular para o sexo masculino.

A população da parochia, de que é sêde, deve ser de 12.500 habitantes.

S. BERNARDO DAS RUSSAS

Posição astronomica : 4° 58' de latitude sul e 5° 10' de longitude oriental, e, em tempo, 20^m 40^s.

Está situada á margem esquerda do *Arahibú*, braço do *Jaguaribe*, depois denominado riacho das *Russas*, porque banha a cidade; tres kilometros abaixo, se reune a outro braço. Fica seis kilometros distante da lagôa do *Velho*.

(5) Ralatorio do engenheiro J. J. Revy

Dista do Aracaty 75 kilometros, da capital 240.

Villa em 1801; cidade por lei n. 900 de 9 de agosto de 1859.

Tem uma aula de latim; duas escolas regidas por professores e duas por professoras.

A população da parochia, de que é séde, deve ser, proximamente, de 12.470 habitantes.

ARACATY

Historico.— Villa por ordem régia de 11 de Abril de 1747.

Foi chamado *Aracaty* pelos *Petiguares* e significa *vento do norte*, que ali sopra, algumas vezes mudando de rumo e passando a NE, uma especie de *Sirôco* (vento SE. do Mediterraneo) bastante prejudicial á salubridade.

Pedro Coelho de Souza, partindo por terra do Recife, chegou á foz do *Jaguaribe*, logar conhecido por Cruz das Almas, depois *S. José do Porto dos Barcos*, hoje Aracaty, e nella construiu o presidio S. Lourenço.

Em 1654, depois da expulsão dos hollandezes do Recife, e mesmo antes, portuguezes e naturaes da Parahyba e Pernambuco concorreram para o augmento do povoado, que teve a denominação de *Porto dos Barcos* e é actualmente a cidade do Aracaty.

Está assentada á margem oriental do *Jaguaribe*, a 15 kilometros da costa.

Dista da capital pela estrada de rodagem 180 kilometros e por mar 66 milhas ou 22 leguas de 6^k,600 ou 145^k,200.

Posição astronomica : 4° 37' de latitude sul e 5° 25' de longitude oriental, e, em tempo, 21^m 40^s.

Cidade por lei provincial n. 244 de 25 de outubro de 1842.

Conta uma aula de latim, duas escolas publicas primarias para o sexo masculino e duas para o feminino, além de duas outras particulares para o sexo masculino.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 18.770 habitantes.

CASCAVEL

Villa pela resolução do conselho do governo de 5 de maio de 1833 ; cidade por lei provincial n. 2039 de 2 de novembro de 1883.

Assenta em terreno plano, arenoso, a 12 kilometros da costa e dista da capital por estrada de rodagem 75 kilometros.

Na confrontação da cidade, e para o lado do littoral, fica um morro, denominado tambem Cascavel com 180^m de altura.

Conta, além de uma escola publica, regida por professor e duas por professoras, um exter-

nato particular, denominado S. Joaquim, para instrucção primaria e secundaria, e uma escola tambem particular de ensino primario para o sexo masculino.

A população da parochia, de que é séde, é calculada em 19.500 habitantes.

VILLAS

SOURE

Historico. — Foi a séde da antiga missão da *Caucaia* (matto queimado), administrada pelos jesuitas; elevada á villa em 1758 e extinta em 1833 pelo conselho do governo.

Novamente villa por lei provincial n. 1772 de 23 de novembro 1878.

Dista da capital 15 kilometros.

Conta uma escola publica primaria, regida por professor e outra por professora, além de uma aula nocturna gratuita para adultos.

A população da parochia, de que é séde, é calculada em 15.150 habitantes.

PORANGABA

Historico.— Foi a séde da antiga missão da *Porangaba*, nome da lagôa que lhe fica proxima.

Foi elevada á villa em 1759, e extincta em 1833 pelo conselho do governo.

Novamente villa por lei provincial n. 2097 de 25 de novembro de 1885, desmembrada da capital.

Ha nella uma estação da estrada de ferro de Baturité; dista da capital pela via ferrea 7^k,200 e á ella se acha egualmente ligada por uma estrada de rodagem empedrada.

Conta, além de uma escola publica, regida por professora, uma escola parochial gratuita para o sexo masculino e uma escola mixta egualmente gratuita.

A população da parochia, de que é séde, é calculada em 5.130 habitantes.

MECEJANA

Historico.— E' a séde da antiga missão da *Paupina*, onde primeiro se aldeiaram os *petiguares*, sob a administração dos jesuitas. Foi elevada á villa em 1758, e extincta pelo conselho do governo a 13 de maio de 1833.

Está situada à margem oriental da lagôa do mesmo nome e dista da capital 13 kilometros, à qual se acha ligada por uma boa estrada de rodagem empedrada. Foi desmembrada da capital e novamente elevada a villa por lei provincial n. 1773 de 23 de novembro de 1878.

Conta uma escola primaria, regida por professor, e outra por professora.

A população da parochia, de que é séde, é calculada em 6.060 habitantes.

AQUIRAZ

Historico.— Creada em 1713; installada em 27 de Junho do mesmo anno. (*)

No principio do seculo XVIII, os jesuitas ali fundaram um collegio, que foi demolido em 1854.

(*) Uma ordem régia de 13 de fevereiro de 1699 mandou crear na antiga capitania do Ceará uma villa, cujo termo comprehendia todo o territorio della. Fundada a villa no logar em que existia a fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção, foi inaugurada a 16 de julho de 1700. Em 1701 foi a séde da villa transferida para a barra do rio Ceará. Em 1706, voltou a séde para a fortaleza. Em 23 de outubro do mesmo anno, resolveu-se que tornasse à barra. Em 1708, de novo à fortaleza. Uma ordem régia de 30 de janeiro de 1711 mandou transferir a séde da villa para o Aquiraz, ordem que só em 13 de fevereiro de 1713 foi enviada ao capitão-mór do Ceará. Foi transferida para alli a séde da villa de S. José de Ribamar em 27 de junho de 1713.

E' banhada pela *corrente* do *Pacoty* ; dista da capital 35 kilometros e à ella se acha ligada por uma estrada de rodagem .

Conta uma escola primaria regida por professor e outra por professora .

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 15.310 habitantes.

PACATUBA

Está situada no sopé da serra da Aratanha, em uma planicie adjacente à encosta oriental da mesma e é banhada por uma corrente de igual nome.

Villa por lei provincial n. 1284 de 8 de outubro de 1869.

Tem uma estação da estrada de ferro de Baturité. Dista da capital pela linha ferrea 33^k,200 e à ella se acha igualmente ligada por uma estrada de rodagem .

Conta uma escola publica primaria regida por professor e outra por professora .

A população da parochia, de que é sêde, é calculada em 20.750 habitantes.

ACARAPE

Está situada no sopé da serra do mesmo nome, que a contorna em fôrma de hemicyclo. A serra prende-se por depressões ás de Baturité e da Aratanha.

E' banhada por uma corrente. A tres kilometros de distancia, no lugar Calla-bôcca, existe uma estação da estrada de ferro de Baturité, no kilometro 65^k, 500, a partir da capital.

Posição astronomica: 4° 18' 27" de latitude sul.

Villa por lei provincial n. 1255 de 28 de dezembro de 1868.

Conta uma escola publica primaria regida por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 25.600 habitantes.

CANINDÉ

E' um povoado, que data de 1775; villa por lei provincial n. 365 de 29 de julho de 1846.

Banhada por uma corrente, que nasce na serra da Marianna e, antes de atravessar a villa, recebe os affluentes Souza, Longá, Sant'Anna, Poço da Egua, Seriema, Capitão-Mór e Batoque, para

depois despejar no *Curú*, que nasce na serra do Machado.

Dista da capital cerca de 150 kilometros, pelos caminhos usuaes.

Conta uma escola publica primaria, regida por professor, e outra por professora.

A população da parochia, de que é sêde, é calculada em 6.300 habitantes.

PENTECOSTE

Está situada á margem do *Curú*; é a sêde de um municipio, encravado entre os de Canindé e de S. Francisco.

Villa por lei provincial n. 1542 de 23 de agosto de 1873.

Conta uma escola publica primaria regida por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é sêde, é calculada em 11.650 habitantes.

TRAHIRY

Está situada proxima do littoral, á margem do ribeiro do mesmo nome, em cuja barra existe um fundeadouro para barcaças.

Villa com a denominação de *Paracurú*, por lei provincial n. 1235 de 27 de novembro de 1868. Passou a denominar-se *Livramento* pela de n. 1604 de 14 de agosto de 1874 e tomou a actual denominação pela lei n. 1669 de 19 de agosto de 1875.

Conta uma escola publica primaria, regida por professor, e outra por professora.

A população da parochia, de que é sêde, é calculada em 9.090 habitantes.

S. FRANCISCO

Posição astronomica: 3° 36' 51" de latitude sul e 3° 33' 53" de longitude oriental, e, em tempo, 14^m 15^s.

Está situada no sopê da serra da Uruburetama, na encosta meridional.

Dista da capital, por estrada de rodagem, 150 kilometros.

Villa com a denominação de *Constituinte*, por lei provincial n. 502 de 22 de dezembro de 1849, com a sêde onde existe hoje o povoado de Santa Cruz, tomando esta denominação pela lei n. 534 de 10 de dezembro de 1850. D'ahi foi transferida para o lugar, em que se acha, pela lei n. 886 de 20 de julho de 1859.

Tem uma escola publica primaria regida por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, orça por 13.750 habitantes.

IMPERATRIZ

Posição astronomica: 3° 31' 2" de latitude sul e 3° 36' 55" de longitude oriental, e, em tempo, 14^m 28^s.

Outr'ora em S. Bento d'Amontada, no sertão, a séde da parochia, foi mais tarde transferida para uma chapada da serra, com o nome de Imperatriz, e depois, ainda com o mesmo nome, para o sopé da mesma serra, na encosta septentrional. Villa por alvará de 17 de outubro de 1823.

Dista da capital 150 kilometros e do porto do Mundahú, na costa, 36.

Conta uma escola publica primaria, regida por professor, e outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 19.600 habitantes.

S. BENTO D'AMONTADA

E' a antiga séde da parochia da Imperatriz restaurada. Villa por lei provincial n. 2082 de 29 de agosto de 1884.

Além de uma escola particular primaria para o sexo masculino, tem uma publica primaria, regida por professor.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 6.760 habitantes.

CAMOCIM

Posição astronomica: 3° 12' de latitude sul, 2° 28' de longitude oriental, e, em tempo, 9^m 52^s

Villa por lei provincial n. 1849 de 29 de setembro de 1879.

Está situada no littoral, proximo à foz do Curiahú, com um excellente porto.

Nella se acha a estação central da estrada de ferro de Sobral.

Dista da capital, por via maritima, 148 milhas ou 274 kilometros.

Tem uma escola publica primaria regida por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 10.650 habitantes.

PALMA

Villa por lei provincial n. 1316 de 24 de setembro de 1870.

Antiga povoação da Varzea Grande, demóra á pequena distancia do extremo oriental da serra da Meruoca.

Dista da cidade da Granja 70 kilometros.

Tem uma escola publica primaria regida por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 12.470 habitantes.

MERUÓCA

Villa por lei provincial n. 2090 de 13 de novembro de 1885.

Assenta sobre a serra do mesmo nome.

Dista da cidade de Sobral, que lhe fica a L, 18 kilometros.

Conta além de uma escola particular primaria mixta, duas publicas, uma regida por professor, outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 15.160.

IBIAPINA

Villa por lei provincial n. 1773 de 23 de novembro de 1878.

Está situada na serra da Ibiapaba, a 60 kilometros da cidade da Viçosa, a SO della, e de cujo municipio fazia parte.

Tem uma escola publica primaria regida por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 12.400 habitantes.

S. BENEDICTO

Posição astronomica: 4° 1' 59'' de latitude sul e 2° 9' 55'' de longitude oriental, e, em tempo 8^m40^s.

Villa por lei provincial n. 1470 de 18 de novembro de 1872.

Está situada na serra da Ibiapaba, tendo sido desmembrada do municipio da Viçosa. Foi antiga aldeia de indios, fundada pelos jesuitas.

Tem uma escola publica primaria, regida por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 12.350 habitantes.

CAMPO GRANDE

Historico.— Foi a antiga Villa Nova d'El-Rei, creada no seculo passado e extincta por lei de 26 de agosto de

1842, que erigiu em villa o povoado, que é hoje a cidade do Ipu.

Foi outr'ora aldéa dos indios Tobajaras.

Villa por lei provincial n. 1798 de 10 de janeiro de 1879, desmembrada do municipio do Ipu.

E' banhada pelo correjo *Tamboata*, que com o *Inuçú* e outros forma o *Macambira*.

Assenta em uma chapada da serra Ibiapaba, fertil, cultivada e de excellente clima.

Tem uma escola publica primaria, regida por professor e outra por professora. E' a séde da parochia de Nossa Senhora dos Prazeres.

SANTA QUITERIA

Posição astronomica: 4°19'23" de latitude sul e 2°54'32" de longitude oriental, e em tempo, 11^m 38^s.

Assenta em uma planicie, á margem occidental do *Jacurutú*, que nasce na serra das *Cobras*, 18 kilometros a SE da villa, e, depois de um curso de 100 kilometros, despeja no *Acarahú*. O *Jacurutú* recebe pelo nascente os riachos *Piau*, *Cruz*, *Cascavel*, *Jurema*, *Cacimba do meio*, *Bôa Vista*, *Jatobá*, *Sipô*, *Cabeça*.

Dista de Sobral 75 kilometros.

Villa por lei provincial n. 782 de 27 de agosto de 1856; desmembrada do municipio de Sobral.

Tem duas escolas primarias publicas regidas, uma por professor, outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 7.700 habitantes.

TAMBORIL

Villa por lei provincial n. 664 de 4 de outubro de 1854, desmembrada do municipio do Ipú.

Está situada à margem do Acarahú e dista da cidade do Ipú 80 kilometros.

Tem duas escolas publicas primarias, uma regida por professor, outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 7.350 habitantes.

QUIXADÁ

Villa por lei provincial n. 1347 de 27 de outubro de 1870, desmembrada do municipio de Quixeramobim.

Até ella se deve estender a linha ferrea projectada e já estudada em prolongamento da de Baturité, n'uma extensão de 84^k,200.

E' bastante elevado o terreno em que assenta a villa.

No verão eleva-se muito a temperatura, mas a localidade é mui salubre.

Nas suas proximidades corre o *Satiá* ou *Sitiá*, cuja represa está projectada para formar o reservatorio do Quixadá.

O *Sitiá* nasce da serra do Estevão, despeja na *Banabuyú*, que tem sua foz no *Jaguaribe*.

Tem duas escolas publicas primarias, regidas, uma por professor, outra por professora.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 12.120 habitantes.

BOA VIAGEM

Villa por lei provincial n. 1128 de 21 de novembro de 1864, desmembrada do municipio de Quixeramobim.

Tem uma escola publica primaria regida por professor.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 7.230 habitantes.

PRINCIPE IMPERIAL

Posição astranómica: 5° 11' 46" de latitude sul e 1° 59' 23" de longitude oriental, e, em tempo, 7^m 58^s.

Villa por decreto de 6 de julho de 1832; desmembrada do municipio de Marvão (Piauhy). Transferida da provincia de Piauhy para a do Ceará pela lei geral n. 3012 de 22 de outubro de 1880.

Fica 24 kilometros acima da queda do Poty, na Ibiapaba.

Originariamente foi a povoação das Piranhas, situada á margem do Carateús ou Alto Poty. O *Poty*, no logar chamado *Carateús*, atravessa a serra no ponto, em que esta soffre uma brusca interrupção, e apresenta uma escarpa vertical, e se estendendo pela provincia do Piauhy, vae ter ao rio *Parnahyba*.

Tem duas escolas publicas, uma regida por professor, outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 7.460 habitantes.

INDEPENDENCIA

Villa por lei n. 436 da provincia do Piauhy de 24 de julho de 1857, desmembrada do mu-

nicipio do Príncipe Imperial. Instalada a 1 de março de 1858; passou a pertencer ao Ceará pela lei geral n. 3012 de 22 de outubro de 1880.

Dista do Príncipe Imperial cerca de 80 kilometros.

Tem uma escola publica regida por professor.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 6.300 habitantes.

MARIA PEREIRA

Villa por lei provincial n. 555 de 27 de novembro de 1851, desmembrada do municipio de Quixeramobim por decreto de 6 de setembro de 1832. E' a antiga povoação de Mombaça.

Dista da cidade de Quixeramobim cerca de 120 kilometros.

Assenta em terreno baixo; é banhada pelo Banabuyú, affluente do Jaguaribe.

Tem duas escolas publicas.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 10.720.

PEDRA BRANCA

Villa por lei provincial n. 1407 de 9 de agosto de 1871.

Está situada na serra de Santa Rita, 100 kilometros distante, e a O. da cidade de Quixeramobim e 30 da villa de Maria Pereira.

Tem duas escolas publicas.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 11.890 habitantes.

S. JOÃO DO PRINCIPE

Historico.— Primitivamente a aldêa Tauhá. Nella estiveram jesuitas com a missão de catechisar grande numero de indios.

Villa por decreto de 1802.

Posição astronomica: 6° 5' de latitude sul. E' a sêde de um municipio, comprehendido no sertão, chamado do Inhamum, elevado, estendendo-se por um platô cercado de serras, tendo a O a Ibiapaba, e a L a serra das Guaribas, da Joanninha, dos Oroes.

Dista da capital cerca de 500 kilometros. Está situada à margem esquerda do *Jaguaribe*, em terreno desigual.

Dos serrotes, que bordam o sertão do Inhamum, nascem as correntes, que formam a bacia do *Jaguaribe*.

Ao N da villa, e 100 kilometros distante, nasce o ramo principal do *Jaguaribe* e a O o

Tricy da lagôa Santiago, o qual fôrma o *divortium aquarum* entre a provincia e o Piauhy e despeja no *Jaguaribe*, seis kilometros abaixo da villa. (7)

Dista do Quixeramobim, approximadamente, 200 kilometros.

Tem duas escolas publicas.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 3.830 habitantes.

ARNEIROZ

Villa por lei provincial n. 1128 de 21 de novembro de 1864; antiga aldeia dos indios *Jucás* em 1727.

A parochia, de que é a sêde, foi desmembrada de Quixeramobim e comprehendia o territorio de S. João do Principe.

Dista deste 60 kilometros e cerca de 600 da capital.

Tem uma escola publica primaria regida por professora.

(7) Diz o Dr. Marcos de Macedo, que não está bem verificado qual seja o ramo principal, origem do *Jaguaribe*: si o *Carrapateira*, que rega a villa do Tauá (S. João do Principe) e offerece maior volume d'agua, ou si o *Tricy* (*Piranhas*) que vem de *Carateús* e se reúne ao primeiro 6^k,600 abaixo do *Tauhá* e é mais extenso.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 2.570 habitantes.

SABOEIRO

Villa por lei provincial n. 558 de 27 de novembro de 1851; desmembrada do municipio de S. Matheus.

Está situada á margem esquerda do *Jaguaribe*; distante da capital, pelos caminhos usuaes, cerca de 500 kilometros e do Icó 150.

Tem uma escola primaria dirigida por professora.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 2.400 habitantes.

S. MATHEUS

Villa por decreto de 17 de outubro de 1833, supprimida em 1851, restaurada em 1859, desmembrada do municipio do Icó. Assenta á margem do *Jaguaribe*.

Além de duas escolas publicas primarias regidas, uma por professor e outra por professora, conta o municipio escolas particulares nos seguintes pontos: uma em *Canna Brava*, uma em *Bebedouro*, uma em *Alagôa de Dentro*, uma em

Machado Grande, uma em *S. João*, uma em *Sítio Novo*, uma em *Monte Negro*, uma em *Rodeador*, uma em *Barreiros*, uma em *Murtas*.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 8.630 habitantes.

ASSARÉ

Villa por lei provincial n. 1152 de 19 de julho de 1865.

E' a sêde da comarca, tendo sido antes o Saboeiro, do qual ella dista 60 kilometros e 600 da capital.

Tem uma escola primaria regida por professora.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 16.550 habitantes.

BREJO SECCO

Villa por lei provincial n. 1661 de 3 de agosto de 1875, e desmembrada do municipio do Assaré.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 6.760 habitantes.

SANT'ANNA DO BREJO GRANDE

Villa por lei provincial n. 2096 de 25 de novembro de 1885, desmembrada do municipio do

Assarè, a cuja parochia pertence, e formada com os districtos de paz de Sant'Anna e Nova Olinda. Tem duas escolas primarias, uma regida por professor, outra por professora.

MILAGRES

Villa por lei provincial n. 374 de 17 do agosto de 1846. Foi outr'ora sède de uma capella filial de Missão Velha. Situada no valle do Cariry, è banhada por uma corrente perenne, o riacho dos *Porcos*.

Dista do Crato 90 kilometros, da capital cerca de 700. Por ella passa a estrada, que do Crato se dirige à capital da provincia da Parahyba.

Tem duas escolas primarias.

A população da parochia, de que è a sède, è calculada em 12.120 habitantes.

S. PEDRO DO CRATO

Villa por lei provincial n. 1727 de 18 de agosto de 1876, desmembrada do municipio do Crato.

Assenta sobre a serra de S. Pedro, destacada da do Araripe, sècca, mas propria para legumes e cereaes.

Dista da cidade do Crato 18 kilometros.
Tem uma escola regida por professora.
Não ha base para o calculo da população da parochia, de que é a séde.

MISSÃO VELHA

Historico.— Em 22 de junho de 1832 teve logar nella (então povoação) o combate decisivo entre as forças leaes ao mando de José Marianno e as do rebelde Pinto Madeira e vigario Antonio Manoel.

Villa por lei provincial n. 1120 de 8 de novembro de 1864.

Está situada à margem direita da corrente do mesmo nome, confluyente do *Salgado*.

A tres kilometros de distancia, existe uma grande queda d'agua, formando um poço.

Fica a ESE do Crato e dista delle 40 kilometros e cerca de 600 da capital.

Tem duas escolas publicas.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 17.250 habitantes.

UMARY

Villa por lei provincial n. 2046 de 12 de novembro de 1883, desmembrada do municipio de Lavras. Fica nas extremas com o Rio Grande do

Norte e Parahyba. Por ella passa a estrada, que do Piauhy se dirige ao Recife e á capital da Parahyba.

Tem uma escola regida por professor.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 4.000 habitantes.

AURORA

Com esta denominação foi elevada á villa a antiga povoação da Venda, do municipio de Lavras, pela lei provincial n. 2047 de 10 de novembro de 1883.

Tem uma escola regida por professor.

VARZEA ALEGRE

Villa por lei provincial n. 1329 de 10 de outubro de 1870, desmembrada do municipio de Lavras.

Tem duas escolas publicas.

A população da parochia, de que é séde, é calculada em 13.980 habitantes.

PEREIRO

Antiga povoação de S.S. Cosme e Damião, foi elevada á villa por lei provincial n. 242 de 27 outubro de 1842.

Está situada entre as serras de SS. Cosme e Damião e do Camará.

Dista do Icó cerca de 60 kilometros.

Tem duas escolas publicas.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 14.220 habitantes.

JAGUARIBE-MIRIM

Villa por lei provincial n. 1.121 de 8 de novembro de 1864, desmembrada do municipio da Cachoeira.

Está situada á margem do braço do Jaguaribe, que tem o nome de Cachoeira.

Dista de Icó 60 kilometros e do Aracaty 180.

Tem duas escolas regidas, uma por professor e outra por professora.

A população da parochia, de que é a séde, é calculada em 7.000 habitantes.

CACHOEIRA

Villa por lei provincial n. 1337 de 22 de outubro de 1870.

Situada aos 5° 44° de latitude sul, á margem do *Riacho do Sangue*, que, sendo represado por uma muralha de pedra, toma alli o nome de *Cachoeira*.

Tem duas escolas publicas.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 5.250 habitantes.

RIACHO DO SANGUE

Historico. — Refere a tradição que, brigando semeiros daquelle sertão, na partilha de terras, o sangue das victimas tingiu as aguas da corrente, que alli passa, e á margem da qual deu-se uma grande lucta, ficando por isso conhecido com o nome de *Riacho do Sangue*.

E' tambem conhecido com a denominação de *Frade*, por ter sido um dos possuidores das terras religioso do Carmo da reforma, o qual as doára ao convento.

Foi creada villa em 1833, extincta em 1 de agosto de 1850, por haver sido transferida para a *Cachoeira*, e restaurada por lei provincial n. 1822 de 1 de setembro de 1872, desmembrada do municipio da *Cachoeira*, da qual fica a SO e distante 60^k, sendo de 400 a distancia da capital.

Tem uma escola regida por professora.

A população da parochia, de que é a sêde, é calculada em 7.700 habitantes.

MORADA NOVA

Villa do Espirito Santo de Morada Nova, por lei provincial n. 1719 de 2 de agosto de 1876,

desmembrada do municipio de S. Bernardo das Russas.

E' banhada pelo braço esquerdo do Jaguaribe.

Tem duas escolas publicas.

A população da parochia, de que é a sede, é calculada em 5.600 habitantes.

LIMOEIRO

Villa por lei provincial n. 1402 de 22 de julho de 1871, desmembrada do municipio de S. Bernardo das Russas.

Tem duas escolas publicas.

UNIÃO

Villa por lei provincial n. 1183 de 4 de setembro de 1865, desmembrada do municipio do Aracaty.

Foi a antiga povoação da *Catinga do Goes*.

E' banhada pelo Jaguaribe.

Dista da cidade do Aracaty 36 kilometros.

Tem duas escolas.

POVOAÇÕES

No municipio da Capital

Mucuripe : na enseada e proximo ao morro do mesmo nome, onde existe um pharol, a 6^k da Fortaleza.

Tem uma escola publica regida por professora.

No municipio de Soure

Tucunduba : a 12^k da villa.

Está situada na parte occidental da serra de Maranguape, tendo já pertencido ao municipio deste nome.

S. Gonçalo : nas proximidades da corrente do mesmo nome. Tem duas escolas publicas.

No municipio de Arronches

Barro Vermelho : a 6^k da Fortaleza ; á margem da estrada de Soure e banhado pelo *Maranguapinho*.

Tem uma escola regida por professor.

Mondobim : estação da estrada de ferro de Baturité, a 11^k, 300 da capital.

Tapiry, do lado do nascente do Mondobim.
Acarahúsinho.

Estas duas ultimas na antiga estrada de rodagem da Pacatuba.

No municipio de Mecejana

Cajaseira, na estrada da capital á Mecejana, a seis kilometros desta e á igual distancia daquella.

No municipio de Aquiraz

Monte-Mór o Velho, a SSO e a 30 kilometros do Aquiraz e 70 da capital.

Tem duas escolas publicas.

Antiga missão dos indios *Payacús*, fundada pelos jesuitas.

Iguape, em uma enseada, porto de canôas e barcaças. Nas proximidades ha uma lagôa mui piscosa, formada pelas duas do littoral.

No municipio de Pacatuba

Monguba: a 6^k,6 da Pacatuba, estação da estrada de ferro de Baturité; a 26^k,600 da capital.

Pavuna, á margem da antiga estrada de rodagem da capital á Pacatuba, distante desta sete kilometros.

Tem uma escola publica regida por professora.

Santo Antonio do Pitaguary, a sete kilometros da Pacatuba e 12 de Maranguape, na encosta occidental da serra da Aratanha, na parte que tem a mesma denominação e outr'ora aldeia dos indios *Pitaguarys*.

Guayuba, estação da estrada de ferro de Baturité, a 40 kilometros da capital e 6^k,800 da Pacatuba.

Tem duas escolas regidas por professoras.

No municipio de Maranguape

Tabatinga, a 12 kilometros de Maranguape, na estrada de Canindé.

Jubaia, a 18 kilometros de Maranguape, no sopé de uma ramificação da serra deste nome, banhada pelo *Jubaia*, que despeja no Pacoty.

Tem uma escola regida por professora.

Cruz, a 50 kilometros de Maranguape, na estrada de Canindé.

Outra Banda, nas proximidades da cidade de Maranguape, à margem esquerda da corrente, que banha a cidade.

Tem uma escola regida por professora.

Maracanahú, estação da estrada de ferro de Baturité, da qual parte o ramal de Maranguape,

a 20^k,80 da capital e 7^k,300 da cidade de Maranguape.

Tem uma escola publica regida por professora.

Palmeira, com uma escola igualmente.

No municipio de Acarape

Agua-Verde, estação da estrada de ferro de Baturité, a 57^k,200 da capital e 8 da villa.

Tem uma escola regida por professora.

Calla-bocca, estação da estrada de ferro de Baturité, a 65^k,500 da capital e tres da villa.

Tem uma escola regida por professora.

Cannafistula, estação da estrada de ferro de Baturité, a 78^k,600 da capital. Proxima está a colonia Christina.

Serrinha de Catharina, com uma escola primaria particular para o sexo masculino.

Vasantes, com uma escola publica regida por professora.

No municipio de Baturité

Pendencia, a 30 kilometros da cidade de Baturité, sobre a serra deste nome. Tem duas escolas publicas.

Conceição, séde da parochia de *N. S. da Conceição*, a 18 kilometros da cidade e sobre a serra. A população da parochia é calculada em 21.250.

Tem uma escola regida por professora.

Mulungú, proximo á encosta occidental da serra. Tem duas escolas, uma regida por professor, outra por professora.

Coité, proxima ao *Mulungú*. Tem duas escolas, uma regida por professor, outra por professora. Séde da parochia, cuja população é calculada em 16.880.

Pernambuquinho, com uma escola regida por professora.

Arraial de Sant'Anna, Pindoba.

Canôa, estação da estrada de ferro de Baturité, a 90^k,700 da capital e 9^k,860 da cidade de Baturité.

E' banhada pela corrente do mesmo nome, formada pelas do *Aracauaba*, *Candêia* e *Putiú*; despeja no *Choró*.

Tem duas escolas publicas primarias.

Itans, a 45 kilometros da cidade de Baturité e a O da serra deste nome.

Putiú, onde se acha a estação terminal da estrada de ferro de Baturité. Tem uma escola publica regida por professor.

No municipio de Canindé

Caridade, com uma escola regida por professora.

Caiçara, Arraial do Jacú, S. Gonçalo.

No municipio de S. Francisco

Riacho da Sella, Retiro.

Santa Cruz, outr'ora sêde de parochia e municipio, na parte oriental da serra Uruburetama, distante da villa de S. Francisco 12 kilometros.

Arraial, sêde da parochia de S. João da Imperatriz, a 12 kilometros de Santa Cruz e à igual distancia da villa da Imperatriz.

E' banhada pelo *Mundahú*, que alli forma ipús proprios para a cultura da canna.

Tem uma escola publica regida por professora.

No municipio da Imperatriz

S. José.

Assumpção, com uma escola regida por professora, sobre a serra, a 12 kilometros da villa da Imperatriz.

No municipio do Trahiry

Siupé, na costa, a L do lagamar do *S. Gonçalo*, á margem do lago *Jaguaruçú*, formado

pelo riacho *Siupé*, na sua embocadura. Fica perto do porto do *Pecém*, 40 kilometros ao N da capital.

Paracurú, outr'ora a sêde do municipio do Trahiry, em pequena enseada, que serve de abrigo a jangadas e canôas de pescadores, na foz do *Curú*.

Tem uma escola publica regida por professor.

Mundahú, na foz da *corrente* do mesmo nome, na qual fundeam os paquetes da companhia maranhense. Dista 90 kilometros da villa da Imperatriz e 240 da capital, a NO da qual fica. Tem uma escola publica regida por professor.

No municipio do Acarahú

Alnofala, sêde da antiga missão dos indios *Tremembés*, a 60^k da cidade do Acarahú.

Outr'ora foi sêde da parochia de N. S. da Conceição, supprimida e incorporada à do Acarahú por lei provincial de 1843.

Está situada pouco acima da barra do Aracaty-mirim.

Cruz, a 30 kilometros da cidade do Acarahú.

No municipio da Granja

Iboassú, a 60 kilometros da cidade da Granja.

Ubatuba, a 100 kilometros da mesma cidade.

Angica, estação da estrada de ferro de Sobral,
a 43^k, 780 do Camocim.

Chaval, Pará.

No municipio do Camocim

Paço Imperial, a 60 kilometros ao N. da villa
do Camocim.

No municipio da Palma

Santo Antonio de Padua.

No municipio de Sant'Anna

Massapé, a 18 kilometros da cidade de
Sant'Anna, estação da estrada de ferro de
Sobral, a 22^k, 600 da cidade deste nome e a
106^k, 320 do Camocim.

Santa Cruz.

S. Manoel do Marco, a 30 kilometros da
cidade de Sant'Anna.

Tucunduba a 20^k da cidade, com uma es-
cola publica regida por professora.

Pitombeiras, estação da estrada de ferro de
Sobral, a 79^k, 133 do Camocim e 49^k, 787 do So-
bral.

Livramento.

No municipio de Sobral

S. Antonio de Aracaty-assu. Posição astronomica : 3° 52' 45" de latitude sul e 3° 40' 37" de longitude oriental, e, em tempo, 14^m 42^s. Está situada a 60^k e a L de Sobral ; banhada pela corrente do mesmo nome.

E' a séde da parochia de Santo Antonio de Aracaty-assu, cuja população é calculada em 3.500 habitantes.

Pacujá, Graça.

No municipio de S. Quiteria

Barra do Macaco, a 60^k da villa, com uma escola particular para o sexo masculino.

Arraial do Vidéo.

No municipie do Tamboril

Arraial das Telhas, Serra das Mattas.

No municipio da Viçosa

Tubarão, pouco acima da barra do *Timonia*, onde fundeiam sumacas etc, e ao NO da Granja. Dista 80^k da cidade de Viçosa.

Barrocão, a 30^k da mesma.

No municipio de S. Benedicto

Graça, Campo da Cruz.

No municipio da Ibiapina

Jacarê.

No municipio do Ipù

Ipueiras, a L do Ipù, sêde da parochia de N. S. da Conceição de Ipueiras, cuja população é calculada em 3.830 habitantes. Tem uma escola publica regida por professora.

S. Gonçalo sobre a Ibiapaba.

No municipio do Quixadá

S. Francisco da California.

No municipio do Quixeramobim

Barra do Sitia, a 100k da cidade, na barra do riacho do seu nome, affluente do Banabuyú.

No municipio de Boa Viagem

Belém, Olinda.

No municipio de Maria Pereira

Humaytá, com uma escola regida por professor.

No municipio da Independencia

Arraial de S. Quiteria, Vertentes.

No municipio de S. João do Principe

Flores, nas proximidades do *Tricy*, sêde da parochia de N. S. do Carmo de Flores, cuja população é calculada em 3.030 habitantes.

Dista da villa 30^k.

Marrecas, entre S. João do Principe e Arneiroz e a 35^k do primeiro; nas proximidades do riacho Puyú, affluente do Jaguaribe.

No municipio de Arneiroz

Cococy, entre os riachos Ingá e Jucá, affluentes do Jaguaribe e nas proximidades da Ibiapaba.

E' a sêde da parochia de N. S. da Conceição do Cococy, cuja população é calculada em 1.800 habitantes.

No municipio de S. Matheus

Quixará.

Poço do Matto, à margem do riacho deste nome, limite da parochia de S. Matheus, e mais as seguintes, tendo cada uma uma escola primaria particular para o sexo masculino.

Barreiros, Murtas, Machado Grande, S. João, Sitio Novo, Monte Negro, Rodeador, Alagôa de Dentro, Bebedouro, Canna Brava, Quicuncá.

No municipio do Saboeiro

Bebedouro, a 45^k da villa.

Poço da Pedra, a 120^k da mesma, com uma escola regida por professor publico.

No municipio de Brejo Secco

Nova Roma.

No municipio do Jardim

Brejo dos Santos, sêde da parochia do Coração de Jesus do Brejo dos Santos, cuja população é calculada em 9.560 habitantes.

Tem uma escola particular regida por professor.

Porteiras, a 35^k da cidade ; tem uma escola primaria dirigida por professor.

No municipio de Milagres

Cuncas a 60^k da villa.

Coité a 35 kilometros.

S. Pedro a 18.

Rosario, com uma escola particular regida por professor.

No municipio de Missão Velha

Missão Nova, a 18^k da villa, situada entre esta e a cidade da Barbalha, da qual dista 24^k.

Foi para ella, que em 1725 os indios *Carirys* passaram-se de Missão Velha, onde, por causa da secca de tres annos, seccaram todas as fontes.

Goyanninha, com uma escola primaria dirigida por professor publico.

No municipio de Barbalha

Caldas, onde ha uma fonte thermal, junto á fonte principal do *Salamanca*, a mais notavel depois do *Batateira (Itaytera)*.

Cajueiro a L da Barbalha.

Onça, com uma escola particular regida por professor.

No municipio do Crato

Joaseiro, a 12^k da cidade, no sopé do serrote da *Bocca das Cobras* ou serra dos *Carás*. Tem duas escolas publicas.

Monte Pio.

Burity, a seis kilometros da cidade.

Lameiro, a quatro kilometros da cidade, e *Cajaseiras*. Cada uma conta uma escola primaria regida por professora.

Fabrica, a 18 kilometros.

Monte Alegre, a tres kilometros.

No municipio da Varzea Alegre

S. Caetano, a 18 kilometros da villa.

Jacú, *Vacca Brava*.

No municipio de Iguatú

Quixelô, do nome de antigos indios, que habitavam à margem do Jaguaribe, no actual municipio de *Iguatú*, anteriormente *Telha*. E' a séde da parochia do Senhor Bom Jesus de Quixelô.

E' notavel pela producção de excellente tabaco. Está situado entre os riachos *Truçú* e *Fael*, afluentes do *Jaguaribe*.

Bom Successo.

No municipio do Pereiro

Caixassô.

Sacco da Orelha, com uma escola publica regida por professor.

Barroção, com uma escola particular.

No municipio de Jaguaribe-mirim

Santa Rosa, à margem do Jaguaribe, a 12 kilometros da villa.

Boa Vista, à margem do *Jaguaribe*.

Nova Floresta.

No municipio da Cachoeira

S. Bernardo, com uma escola publica dirigida por professora.

No municipio do Limoeiro

Taboleiro, a 80^k da cidade de S. Bernardo.

Alto Santo da Viuva.

S. João. — E' nesta povoação que começam as planicies do Icó, de cuja cidade dista 60 kilometros.

A origem dellas está seis kilometros abaixo do *Estreito*, boqueirão do riacho de *S. João*.

No municipio de Morada Nova

Livramento, com uma escola particular regida por professor. Seu nome vem do ribeirão, que despeja na margem esquerda do *Jaguaribe*. Dista 80^k da cidade de S. Bernardo.

No municipio de S. Bernardo

Quixeré, Cruz do Palhano.

No municipio da União

Passagem das Pedras, com uma escola publica, regida por professora, a 18^k da cidade do Aracaty e á egual distancia da villa da União ; á margem occidental do *Jaguaribe*.

Giquy, a seis kilometros da União.

No municipio do Aracaty

Paripueiras, a 45^k do Aracaty.

Canôa Quebrada, arraial de pescadores, na costa, em uma enseada, na falda de uma grande *duna*, quatro kilometros ao N da cidade.

Mutamba, a 70^k da cidade.

Caiçara, a 17^k da cidade.

Areias, sêde da parochia de N. S. do Rosario das Areias, cuja população é calculada em 5.700 habitantes; tem uma escola publica, dirigida por professora. ⁽⁸⁾

Barra, pequeno arraial na costa.

Cajuaes, no littoral.

⁽⁸⁾ A parochia de *Areias* limita-se com a de *Mossoró*, do Rio Grande do Norte. De longa data dá-se contestação de limites entre as duas provincias.

Tratando da respectiva linha divisoria, diz o senador Pompeu, em seu *Ensaio Estatístico*, que, partindo ella da extrema do Ceará com Pernambuco na direcção NNE sobre uma lombada, que vai formando as serras Piedade e Luiz Gomes, separa aquella provincia da Parahyba, em uma extensão de cerca de 30 leguas, e seguindo a mesma direcção pelas serras do Camará e S. Sebastião, e por um dilatado planalto deserto e coberto de mattos carrasquentos e espinhosos, chamado *Catinga do Góes*, serra e picada do Apody até Mossoró (duas leguas acima da sua foz) completa os limites do Ceará com o Rio Grande do Norte, por uma extensão de 60 a 70 leguas.

Diz o mesmo senador que não pôde descobrir a carta regia que marcou os limites da antiga capitania do Ceará, os quaes foram outr'ora contestados pela do Rio Grande, na parte correspondente ás parochias do Pereiro (Ceará) e do Pau Ferro (Rio Grande). Os limites com o Piahy, outr'ora contestados, foram regulados pela lei n. 3012 de 22 de Outubro de 1880.

Accrescenta o senador Pompeu que, em referencia á contestação de limites entre o Ceará e o Rio Grande, encontrou um officio, datado de 1 de Outubro de 1802, do governador Bernardo Manoel de Vasconcellos ao capitão-general de Pernambuco, queixando-se das violencias praticadas pela camara de Porto Alegre (Rio Grande), que repellira a justiça do Icó (Ceará) da serra de Camará. Allegava o

mesmo governador não só a posse antiquissima da capitania na dita serra, como ter sido sempre estabelecida a linha divisoria das duas capitanias pela vertente das aguas. (Vid. L. VII dos Registros da Thesouraria, pag. 38.)

Na questão de limites, suscitada entre os habitantes das parochias de *Areias* e de *Mossoró*, allega-se por parte do Rio Grande do Norte :

Que ha muito a questão se acha resolvida legalmente, e os limites a determinar se impõem por força de considerações topographicas, sem exclusão do elemento popular, que já se pronunciou em favor de uma das partes :

Que a extrema das duas provincias é formada, a começar da serra de Luiz Gomes, pela linha divisoria das aguas, seguindo pela dos *Prales*, *S. Miguel do Camarã*, e por um dilatado planalto coberto de mattos carresquentos e espinhosos, chamado *Catinga do Goes*, serra e picada do *Apody*, até ao morro denominado do *Tibau*, ao NO da serra do *Mossoró*, sendo este mesmo morro o ponto terminal e marítimo da ultima destas serras, a qual margina o rio acima, tambem com o mesmo nome ;

Que, da carta da data de sesmaria firmada pelo capitão-mór da capitania do Rio Grande do Norte Sebastião Nunes Collares, consta que em 5 de Junho de 1708 concedeu-se aquella sesmaria ao coronel Gonçalo da Costa Falleiro, contendo tres leguas de comprimento e uma de largura na ribeira do *Mossoró*, a começar do morro do *Tibau* pela costa do mar para o lado do sul :

Que sempre foi considerado o dito morro como ponto terminal ao norte do territorio, que constitue a provincia do Rio Grande do Norte, e tanto assim que a respectiva assemblea creou em 1872, sem protesto da parte do Ceará, um districto de paz, comprehendendo aquelle limite ao norte e a ponta do Mella (Mel) ao sul, como se vê da lei n. 656 de 5 de Dezembro daquelle anno ;

Que, na fôrma do art. 2º da citada lei, o novo districto comprehende pelo poente o logar denominado *Grossos* até os *Mattos Altos*, em continuação da cordilheira das serras de *Mossoró* e dahi até ao morro do *Tibau*, etc. ;

No municipio do Cascavel

Beberibe, séde da parochia de Jesus, Maria e José do Beberibe, cuja população é calculada em 6.760 habitantes.

Tem uma escola publica regida por professora.

Sucatinga, a 40^k da cidade.

Pitombeiras.

Que, finalmente, o Rio Grande do Norte, já pelo systema de serras, indicando o limite natural e geographico entre as duas provincias, já por documentos, tem direito sobre os terrenos que medeiam entre a margem esquerda do rio Apody ou Mossoró e a divisoria das aguas com as do Jaguaribe, na do Ceará.

Por parte desta provincia allega-se :

Que limita-se com o Rio Grande do Norte pelo rio Apody e Pau Fincado, seguindo dalli a linha divisoria fronteira á serra do Mossoró, sendo esta linha convencional e datando de tempos immemoriaes :

Que, na parte ecclesiastica, os limites, que ficam indicados, têm sido sempre respeitados pelos prelados diocesanos do Ceará e de Pernambuco, e só quanto ao civil é que se dão litigios e contestações entre as autoridades das duas provincias ;

Que, por isso, é indispensavel regular por acto legislativo a linha divisoria entre o Ceará e o Rio Grande do Norte.

A necessidade e a conveniencia de traçar limites bem definidos entre as duas provincias já foram reconhecidas em 1867 com a apresentação do seguinte projecto de lei :

« Artigo unico. A linha divisoria entre as provincias do Ceará e do Rio Grande do Norte, que actualmente corre pelo cimo da serra do Apody, até onde esta termina, proseguirá até ao morro do Tibau, no oceano, ficando para o Rio Grande do Norte o terreno comprehendido entre a nova linha e o rio Mossoró. »

PROV

ESBO

O CEARÁ AN

No Brasil de
do Brasil em
nisi- e
compreensão
De su
Japão
me 100
até
vidas
extrem

(1)
pelo
e não
Carlos
a Serra
Para
meses
Segundo
entre

PROVINCIA DO CEARÁ

ESBOÇO HISTÓRICO

O CEARÁ ANTES DE SER COLONISADO

Na divisão feita, em 1534, por D. João III, do território do Brazil em capitánias hereditárias, com o fim de colonisá-lo, o território do Ceará, como actualmente é, ficou comprehendido em tres doações distinctas.

De sua extrema com o Rio Grande do Norte até o *Jaguaribe* fazia parte a doação feita a João de Barros, nas 100 leguas que lhe couberam da bahia da Trahição até aquelle rio; deste até o *Mundahú* nas 40 distribuidas a Antonio Cardoso de Barros, e do *Mundahú* á extrema com o Piauhy nas 75 (1) concedidas a Fernão

(1) Medindo-se as 75 leguas de Fernão Alvares de Andrade da ponta dos *Mangues Verdes* ao rio da *Cruz* ou *Camocy*, até este estuario e não o *Mundahú* devera ter-se estendido a doação feita a Antonio Cardoso de Barros; mas, tratando-se somente de 40 leguas, a doação a Barros não podia ir além do *Mundahú*.

Para estender-se até o *Camocim* fora preciso que medisse nada menos de 77 leguas.

Segundo Candido Mendes a capitania do Ceará se comprehendia entre *Mondohytuba* (*Mundahú*) e *Jaguaribe*.

Alvares de Andrade, tendo por extrema ao norte a ponta dos *Mangues Verdes*, conhecida hoje por *Cabo de Todos os Santos*. (2)

D. Diogo de Menezes e Siqueira (depois Conde de Ericeira) governador das capitâneas do norte (1608 a 1612), prevendo quanto se deu mais tarde com a colonisação da parte septentrional do Brazil, propuzera a creação de tres capitâneas para aquelle lado, uma no Ceará, outra no Piauhy e a terceira no Maranhão.

TENTATIVAS DE COLONISAÇÃO. FUNDAÇÃO

Nem João de Barros, nem Fernão Alvares de Andrade, os dous donatarios da capitania do Maranhão, puderam vir de Portugal, e por isso associaram-se a Ayres da Cunha, que dalli partiu com dous filhos do primeiro e um delegado do segundo.

Mas a expedição veiu a naufragar nos baixos do Maranhão, salvando-se apenas algumas pessoas dos mil colonos e cento e tantos cavalleiros, que eram enviados, tendo servido de abrigo aos que escaparam a ilha, que se chamou do *Medo*.

Mais feliz não foi em 1560 Luiz de Mello da Silva,

(2) Pretende o V. de Porto Seguro que as áreas das capitâneas doadas a João de Barros, Fernão Alvares de Andrade e Antonio Cardoso de Barros mediam, a primeira, proximamente, 3.250 leguas quadradas, a segunda 1.500 e a terceira 600, algaris nos estes que não podem deixar de ser considerados mui afastados da verdade, principalmente em relação á terceira, que, se diz, media 40 leguas de littoral, do Jaguaribe ao Mundahú, e só podia ter aquella superficie, si se tratasse de um territorio de 15 leguas de largura média.

que tentou colonisá-la, pois que naufragou igualmente nos mesmos baixos.

Releva observar que o padre José de Moraes considera este ultimo, e não João de Barros e seus dous socios, como primeiro donatario do Maranhão ou antes do Amazonas. Antonio Cardoso de Barros, donatario da primeira capitania do Ceará, nem uma tentativa de colonisação fez.

Vindo, no entanto, servir de provedor-mór de fazenda com o primeiro governador geral, Thomé de Souza, foi companheiro de naufragio do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha em a não *N. S. da Ajuda*, nos baixos de D. Rodrigo e egualmente devorado pelos *Cahetés*.

Decorriam os annos, a partir da data das doações, e mais se accentuava a necessidade de colonisar o Brazil, que em 1581 reconhecia o dominio da Hespanha.

Tendo esta nação contra si a inimizade da Inglaterra, da França e da Hollanda, era natural que o novo paiz fosse o alvo da cobiça e dos ataques de inglezes, francezes e hollandezes.

De todos elles, com effeito, era para receiar o assalto, por meio de corsarios e expedições expressamente organizadas e tentativas para a fundação de estabelecimentos permanentes.

E o Brazil não estava explorado de norte a sul, nem mesmo no littoral.

Os poucos estabelecimentos, que havia, estendiam-se de *Itamaracá* a *Santo Antonio*, e esses mesmos na costa ou ás margens de alguns rios.

O governador geral, Manoel Telles Barreto, que mandou proceder à construcção e reparos de fortificações na Bahia e em outras cidades e povoações, em seguida

volveu as suas vistas para a necessidade instante de colonisar o norte.

Havia, sobretudo, urgencia de repellir as invasões de traficantes ou contrabandistas, pela maior parte francezes, que côm mais frequencia se dirigiam para ali.

Depois de tentativas infructiferas para colonisação da Parahyba, no governo de Luiz de Brito e Almeida, no tempo de Lourenço da Veiga e, na administração de Cosme Rangel de Macedo, por parte de Fructuoso Barbosa, firmaram definitivamente os portuguezes a posse e dominio da Parahyba em 1586, no governo de Manoel Telles Barreto.

A colonisação ia sendo impellida pelo governo para o norte e querendo continual-a o governador geral, D. Francisco de Souza, da casa dos Condes de Prado e filho de D. Pedro de Souza, Senhor de Beringel, ordenou em 1597, que Manoel de Mascarenhas, capitão de Pernambuco, com mil colonos, indios e escravos, conquistasse sobre o gentio o Rio Grande do Norte.

Manoel de Mascarenhas conseguiu fundar uma povoação, a que deu o nome de *Natal* e construir o forte dos *Tres Reis Magos* para defendel-a, o que alcançou depois de uma lucta com os *Petiguares* durante dous annos.

Os francezes, porém, continuaram com suas expedições á Parahyba no referido anno, achando-se elles desde 1594, no governo de D. Francisco de Souza, no Maranhão, tendo sido *Jacques Riffault* e *Carlos Des Vaux* os primeiros que alli fundaram estabelecimentos. Os hollandezes, por sua vez, assolavam varios pontos da costa brazileira.

A conquista do Maranhão, pela perda de vidas e de navios, ficou de tal forma desacreditada, que não houve por algum tempo quem quizesse abalançar-se à semelhante empreza.

Mais tarde, porém, um portuguez, Pero ou Pedro Coelho de Souza, activo, emprehendedor, e um dos mais abastados proprietarios da Parahyba, se offereceu a affrontar os preconceitos, disposto a conquistar o Maranhão, para o fim de colonisal-o e de expellir os francezes, que lá e no Ceará iam se estabelecendo.

Acceito o seu offerecimento, a Côrte de Madrid deu-lhe as licenças necessarias e conferiu-lhe a patente de capitão-mór das novas conquistas, como era de uso em taes casos.

Por sua vez, o governador de Estado, Diogo Botelho, fez-lhe varias promessas para o bom exito da arriscada empreza.

Em meiado de 1603, Pero Coelho fez partir para o rio Jaguaribe dous caravelões, carregados de munições e mantimentos, seguindo por terra com 86 homens brancos e 200 indios *Petiguares* e *Tobajaras* com seus principaes á frente.

Chegado ao Jaguaribe, Pero Coelho demorou-se alguns mezes para prover-se do necessario á alimentação, e a demora havida aproveitou em angariar a amizade dos indios daquella paragem e suas visinhanças, conseguindo d'est'arte augmentar as suas forças com alguns centos delles, que se offereceram a acompanhal-o, chegando a reunir uns 800.

Com esse contingente, marchou para as margens do Camocim, donde seguiu em demanda da serra da Ibiapaba, depois de haver posto as cousas em ordem.

Na serra não havia somente tribus selvagens, mas também francezes, que *Riffault* em 1594 deixara no Maranhão e que, depois de haverem em vão aguardado ali noticias de seu chefe, se internaram, concentrando-se a maior parte na Ibiapaba.

Ao deixar o Camocim, logo no primeiro dia de viagem, Pero Coelho teve de suspender por duas horas a sua marcha para bater e dispersar alguns dos francezes, que com os indios se recolheram à uma trincheira, da qual faziam fogo de mosquetaria contra a vanguarda da expedição.

Batida essa trincheira e ainda outra na subida da serra, o chefe, antes de chegar ao alto, encontrou, além de pequenos entrincheiramentos, duas *palancas*, que só foram tomadas com grandes perdas dos atacantes.

Em uma dellas foram encontrados mantimentos em abundancia, boa aguada, além de um abrigo, em que poderam descansar muitos dias.

Não estava, porém, terminada a empreza. Embora dominando o alto da serra, havia ainda que vencer os indios, e de facto mais logo elle achou-se em frente à outra palanca, junta a qual o esperava o maioral *Jurupary-assi* (*diabo grande*) rodeado dos francezes e dos selvagens.

Travou-se lucta, e, depois de cinco horas, Pero Coelho conseguiu derrotal-os, escapando o chefe com francezes e indios, e ficando o campo coberto de cadaveres.

Um combate deu-se egualmente com 16 francezes, armados de mosquetes, e indios capitaneados por *Irapuan* (*Mel redondo*) sendo batidos completamente e prisioneiros 10 francezes.

Seguiram-se as pazes, por intervenção dos francezes. *Mel redondo* e outro principal, denominado *Abatima*, reuniram os seus e se incorporaram ao capitão-mór para com elle seguirem tambem até o Maranhão,

Chegados, porém, à Parnahyba, cansados, recusaram avançar, tendo ainda diante de si 40 leguas a vencer.

Pero Coelho, accedendo prudente, teve que reconduzir a expedição ao Ceará, vindo ter à margem direita da *corrente*, que tem aquelle nome, perto da foz, logar que denominou *Nova Lisboa*.

Ahi deixando o seu companheiro, capitão Simeão Nunes, no commando e governo da colonia, que organisou com os indios, que o acompanharam, e á qual deu o nome de *Nova Lusitania*, partiu para Parna-hyba, a fim de promover os interesses da nova povoação, trazer sua mulher e filhos e bem assim os soccorros necessarios ao pessoal da expedição.

Decorreram 18 mezes, e nada ponde elle conseguir, por mais diligencias que fizesse. Resolveu-se afinal a regressar em um caravelão com sua familia, conduzindo apenas poucos soccorros, e, quanto ao mais, promessas tão somente.

Sabendo o governador, que o capitão-mór havia regressado à colonia, despacha um agente seu de nome João Soromenho, que parte para o Ceará com uma caravela bem provida do necessario, adquirido à custa da real fazenda.

Mas Soromenho, chegando ao seu destino, em logar de entregar ao capitão-mór os soccorros que levava, empregou-os em captivar indios e em compral-os barato, servindo de moeda os alimentos que conduzira.

Cada vez mais critica se tornando sua posição, Pero Coelho chegou ao ponto de vender indios, dos que lhe couberam em partilha, na guerra da Ibiapaba, urgido pela falta de recursos, pois já não tinha com que acudir ao sustento da familia, que, como todos, se via em grande penuria.

O desanimo por isso começou a invadir a todos ; os companheiros do capitão-mór, em sua maioria, retiravam-se para o Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco, levando os seus indios para vendel-os a bom preço, imitando assim Soromenho, e os que restaram ao lado d'elle, pediram para transferir-se para mais perto do Rio Grande do Norte.

Accedeu Pero Coelho ao pedido, passando para a margem do Jaguaribe.

Com permissão ou accôrdo de Pero, o capitão Semeão Nunes mudou o seu quartel para a margem direita do rio, e em uma manhã desapareceu com os seus soldados, conduzindo o que encontrou de ferramenta e outros objectos, que na fuga deixaram os indios.

Abandonado, só, em uma terra assolada pela sêcca, que tocava ao seu auge, apertado pela fome, mais logo pela sêde, resolveu deixal-a e a pé, visto como não dispunha de um barco, de uma jangada sequer.

Fez partir adiante as crianças, confiadas aos soldados, que lhe restavam, em numero de 18, com dous ou tres homens, que sempre o acompanharam, seguindo apòs com sua mulher.

A viagem foi penosissima, a caravana viu-se privada de tudo, em meio de um caminho, que se tornara impossivel de vencer pela inclemencia do tempo, padecendo toda sorte de privações, fome e sêde !

Em principio o desanimo invadiu a todos, menos a Pero Coelho, que tratava de encorajal-os, dizendo que os soffrimentos terminariam em breve.

Na viagem, que só chegou ao seu termo porque D. Thomazia, esposa de Pero Coelho, afinal recobrando animo, inspirou a todos a coragem, que já ia faltando totalmente, morreram dous dos filhos de Pero, um carpinteiro e outro homem da caravana.

Emfim chegaram ao Rio Grande, mas desfeitos, cansados, semi-mortos.

O infeliz capitão-mór falleceu poucos dias depois da chegada, sendo suas ultimas palavras de agradecimento a Deus por haver salvado a mulher, o resto dos filhos e os soldados, seus derradeiros e fieis amigos.

A memoria desse primeiro explorador do Ceará ha sido calumniada pelos que tem-se occupado dos factos, sem maior exame e criterio; mas o Visconde de Porto Seguro (Warnhagen), referindo os successos da expedição de Pero Coelho, assim se exprimiu, em homenagem à verdade historica:

« Honremos a memoria do infeliz capitão-mór Pero Coelho de Souza, que tanto trabalhou, sendo innocente victima de seus proprios esforços e da maldade alheia. »

A' infeliz empreza tentada por Pero Coelho seguiu-se nova tentativa em 1607, e esta por dous religiosos da companhia de Jesus.

O autor da *Jornada do Maranhão* começa a narração da nova tentativa nos seguintes termos:

« Acabado este successo (expedição de Pero Coelho) pareceu ao collegio dos padres da companhia de Jesus que esta empreza era sua delles e de sua opinião e doutrina, como emfim pessoas dedicadas a amparar os indios.

« Pelo que, havendo-se bem aconselhado na materia, pediram licença para dous padres e quarenta indios irem até a grande serra da *Muapava* (Ibiapaba) e della ao Maranhão ou ao menos ás partes a elle mais visinhas.

« Porque entendiam que os mesmos indios haviam de abalar-se para receber e leval-os a tomar posse de todos aquelles mundos ; porém foi Deus servido de outra cousa. »

Chegadas que foram de Hespanha as licenças solicitadas e ordem ao governador para prestar auxilios necessarios á expedição, o superior da companhia do Brazil nomeou para a empreza os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, os quaes partiram em janeiro de 1607 para seu destino em um barco, conduzindo em sua companhia 40 ou mais indios.

O padre Pinto já se havia distinguido em trabalhos de catechese, e era o missionario mais conhecedor da lingua dos tupis, que fallava com tanta perfeição como se fora a sua propria lingua.

Figueira contava 28 annos de idade, quasi a metade da de seu companheiro, e muito se alegrou por ter occasião de aprender com excellente mestre uma lingua, que todo missionario devia conhecer.

Providos dos viveres precisos e mais de bufarinhas, avelorios e mil miudezas proprias para brindar aos indios, tudo fornecido a expensas da fazenda real, chegaram ao Ceará, onde poucos dias se demoraram, ganhando facilmente a amizade dos indigenas, muitos dos quaes os acompanharam até a Ibiapaba.

Como a estação era má, as jornadas não podiam ser senão curtas, e muitas as pousadas e paradas pelo caminho.

O padre José de Moraes, na historia da Companhia de Jesus no Maranhão e Pará, assim descreve uma parte dos successos da expedição :

« Chegados ao alto da serra, mandaram adiante alguns *Tabajaras* da sua comitiva para noticiarem aos parentes, que eram chegados as suas terras os pais *Abaiúnas*..... e logo correram (os da serra) todos juntos a buscá-los (aos padres) e os levaram em braços para a maior das suas aldeias.

« Foram estes os primeiros missionarios, que pisar em esta serra, que para elles se podia chamar *Terra da promessa*, assim pelas commodidades do necessario para a vida humana, como das muitas almas, que nella se creavam, e era o mel e leite por que, ha muito, suspiravam estes verdadeiros israelitas. »

O padre Antonio Vieira, na sua *Relação da missão da Serra da Ibiapaba*, assim se expressa no § 1º :

« Levantaram os padres egreja na maior povoação da serra, sem contradicção dos naturaes, trataram ao mesmo tempo de trazer a si com dadivas todas as nações feras e fizeram pazes entre elles e os *Tabajaras*. »

Os dous padres viram com a maior satisfação que os seus trabalhos iam produzindo os mais salutares resultados. O padre Francisco Pinto visitava as choupanas dos indios, recebia-os na sua residencia, ou na capelinha, que levantára, e os batizava, doutrinando, pregando e attrahindo a maior parte delles ao gremio da religião.

Os padres julgavam já segura a sua obra, que acreditavam persistir sempre, não contando nem com a inconstancia da raça americana, nem com o máo estar

que aos indios trazia a perda de liberdade absoluta, e nem tão pouco ainda com a contrariedade, que a sua estada alli causava aos francezes, escapos ás mãos de Pero Coelho. Estes os intrigaram com os indigenas, dizendo-lhes que não passavam de impostores, e delles todo mal deviam receiar.

Os padres, afinal, comprehenderam a posição falsa, em que se achavam, e, percebendo a conspiração dos francezes, tudo disposeram para a retirada. De facto de lá partiram com destino ao Maranhão.

No segundo dia viram-se em frente aos seus barbaros inimigos, que os atacavam com grande encarniçamento.

Cinco dos indios correram para o padre Figueira e com elle desapareceram na matta, seguidos da maior parte da comitiva, chegando aquelle sacerdote felizmente á raiz da serra, e escapando desta arte ás furias dos selvagens.

O padre F. Pinto, porém, viu-se quasi de todo abandonado.

Tres indios apenas permaneceram junto a elle, procurando formar com seus corpos uma trincheira, ao abrigo da qual se conservasse incolume o virtuoso sacerdote.

Morreram assim um a um, sendo o ultimo sacrificado F. Pinto, que soffreu tres golpes com um pão de jucá, despedaçandc-lhe o queixo desde a barba até a orelha.

Assim morreu o venerando missionario, homem de grande bondade e exemplo na vida, que alli perdeu por Deus, na expressão do autor da *Jornada do Maranhão*.

E acrescenta este :

« O corpo do finado padre, sepultado alli, no mesmo lugar, por alguns dos seus algozes arrependidos ⁽³⁾, está hoje (anno 1614) venerado no Siarã dos mesmos indios, que dizem que depois que o tem comsigo sempre lhes chove agua do céu e lhes vae bem. »

Tal o resultado da expedição dos dous jesuitas, tendo por alvo a colonisação do Maranhão.

Frustradas as duas tentativas, cada vez mais urgente se pronunciava a necessidade de povoar o littoral do norte e estabelecer colonias militares em varios pontos delle, com o fim de dominar os *tupinambás*, que estavam senhores daquella parte do Brazil, e de expellir os francezes, que, traficando por aili em madeiras, haviam se estabelecido afinal no Maranhão.

(3) O Dr. Paulino Nogueira, na sua recente publicação — *O padre Francisco Pinto ou A primeira catechese de indios no Ceará* — refere que, desembaraçado já o campo, sahio do matto o padre Figueira com os cinco indios, que o acompanhavam, deu com o cadaver de seu amado irmão em Christo, e, mettendo-o em uma rede, foi sepultal-o na raiz da serra e alli mesmo levantou uma capella, onde depositou-o, depois disto retirando-se para o litoral do Ceará, donde embarcou para o Recife e dalli para a Bahia.

Em outra parte acrescenta :

« Não foi a serra, porém, por muito tempo o tumulo do grande servo de Deos.

« Os indios do Jaguaribe, ainda acossados em 1609 por outra grande secca, lembraram-se logo do seu querido *Amanajara*, que, em idênticas circumstancias, já lhes havia feito cahir chuva, e por isso resolveram a trasladação dos seus ossos para junto de si. »

E refere ainda que, dando com o tumulo, foi-lhes facil conduzir os ossos em um caixote, que levaram de proposito para servir de urna funeraria.

Essas reliquias do virtuoso padre foram depositadas na aldeia da Porangaba (Arronches) e não na Paupina (Mecejana) em uma igreja especial, com uma cruz na frente, levantada de proposito por ordem de Camarão.

Para alcançar esse resultado, D. Diogo de Menezes, que succedera a Duarte Coelho, representou á metropole sobre a conveniencia de crear tres capitánias, uma no Jaguaribe, outra no Camocim e a terceira no Maranhão.

A Martim Soares Moreno foi commettida por D. Diogo de Menezes a tarefa de estabelecer uma feitoria no Jaguaribe por ser aquelle conhecedor da região já percorrida, em companhia de Pero Coelho, e por ter ganho a afeição dos indios, havendo adquirido grande ascendente sobre os *petiguares* aldeados no Rio Grande do Norte, de cuja fortaleza era commandante.

Nomeado capitão-mór do Ceará, partiu Moreno em 1609 a fundar a colonia do Jaguaribe, acompanhado da cabilda de Jacaúna, chefe *petiguar*, e trazendo mais em sua companhia algumas familias, um capellão, paramentos, sino e outros objectos e apenas dous soldados para não despertar desconfianças entre os indios.

O ponto a que se dirigiu foi justamente aquelle antes occupado por Pero Coelho, isto é, á barra do rio Ceará, onde construiu o forte de N. S. do Amparo.

Os *tapuias* cearenses, feitas com elles as pazes, mantinham boas relações com os *petiguares*, e para dispor-os á vida civilisada, Moreno fazia-os lavrar a terra, permitindo que alguns caçassem e outros se entregassem á pesca.

Outros indios foram se aldeando, para o que muito concorria a autoridade de *Jacaúna*, que se esforçava por auxiliar o mais possivel a Moreno, a quem tratava como filho.

O governador geral, em cumprimento da promessa feita, remetteu ao capitão-mór mais soldados e um pa-

dre, e em seguida deu-se começo á edificação de uma capella.

Algumas familias pobres, que sentiam difficuldades em viver no Recife, transportaram-se para a *barra do Ceará* e lá ficaram.

Estavam lançados e bem dispostos os fundamentos da nova colonia.

Entretanto, convinha á metropole a expulsão dos francezes, estabelecidos no Maranhão, e para esse fim em 1612 a Córte de Madrid ordenou a Gaspar de Souza, então governador geral, que fizesse a conquista do Maranhão.

Dessa importante missão foi encarregado Jeronymo de Albuquerque, nomeado capitão-mór e com ordens de fundar uma capitania no Camocim.

Uma esquadra foi para isso preparada, e a 13 de junho de 1613 largou ella do Recife, composta de quatro navios com 100 homens de equipagem, sob o commando de Jeronymo de Albuquerque, fidalgo portuguez, muito conhecedor da lingua e dos costumes dos indios.

De passagem pelo Ceará, persuadiu Jeronymo a Moreno a acompanhal-o, afim de juntos sondarem a costa ao norte e reconhecerem a posição dos francezes no Maranhão.

Moreno accedeu ao convite do capitão-mór do Camocim, visto como se achava a sua nascente colonia em boas condições, mantendo os indios as melhores relações com os portuguezes e mestiços vindos do Recife.

A Manoel de Brito Freire passou a administração da capitania, e seguiu com destino ao Maranhão, ficando Jeronymo no Camocim, onde se estabeleceu.

No Maranhão encontrou Moreno os francezes, e para que não suspeitassem de sua presença ali, lhes disse que se dirigia a fundar um engenho de assucar em logar apropriado.

Voltando e lhe sendo contrarios os ventos, arribou ás Antilhas e foi ter a Madrid.

Por esse tempo, vendo Jeronymo de Albuquerque que Camocim não offerecia condições favoraveis a uma colonia, volta a Jericoaquara (*Jivard-Coára*, buraco das tartarugas) e naquelle ponto do littoral fundou um forte, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario.

Apercebendo-se Jeronymo de que Moreno não voltava, e sentindo que os indios se mostravam indocéis, não mais se occupou de aldeial-os, mas de voltar quanto antes ao Recife, deixando no *forte* uma guarnição de 40 praças, sob o commando de um seu sobrinho, que permaneceu durante um anno, sempre assaltado dos indios *tremembês* e privado do necessario para viver.

Tendo o governador geral conhecimento do estado daquella guarnição, nomeou commandante della Manoel de Souza d'Eça, que do Recife partiu em um caravelão com 300 homens e munições de guerra e de bocca.

Considerava o governador aquelle ponto do Rozario como estrategico para a conquista do Maranhão.

Tomando posse do *forte*, deu-se um ataque por parte de francezes, que guarneciam um navio, despachado do Maranhão por De Pratz, sendo na lucta repellidos completamente.

Para conquistar o Maranhão foi designado o mesmo Jeronymo de Albuquerque, que, então se achando no

Rio Grande do Norte, alistando índios, seguiu para o desempenho de sua commissão, embarcando em um dos navios da esquadra, expressamente para aquelle fim preparada no Recife.

D'ali partiu ella em agosto de 1614 sob o commando de Diogo de Campos.

Ficando Albuquerque no Ceará, nelle se demorou, na esperanza de obter reforço para sua guarnição, mas Jacatuna apenas lhe deu 20 índios, deixando o commandante em refem um seu filho pequeno.

Como os índios começassem a desertar, apressou a partida e seguiu com escala pela bahia das *Tartarugas*, onde de balde procurou alistar alguns índios e haver de *Juruparyassú* algum auxilio para sua expedição.

Afinal levantou ferro, vendo que a guarnição se desfalecava com a deserção de índios, e seguiu para o Maranhão, onde as armas de sua nação lograram completa victoria.

Moreno voltou ao Pará em 1617, como diz Barba Alardo, ou em 1624, como pretendem outros, encontrando no governo Estevão de Campos.

Continuava o Ceará como presidio militar e delle fôra Moreno nomeado governador por 10 annos, tendo permanecido até 1631, quando passou o governo a Domingos da Veiga Cabral.

OCCUPAÇÃO PELOS HOLLANDEZES

Em 3 de janeiro de 1621, quando findava o prazo da tregua ajustada por 10 annos entre a Hespanha e as *Provincias Unidas*, organizava-se na Hollanda uma

nova companhia de commercio semelhante à *Oriental*, que na India havia adquirido grandes lucros e vantagens, e lhe era concedido, por vinte e quatro annos, o monopolio do commercio da America e Africa, com o direito de nomear governadores, concluir pactos com os mercadores e construir fortificações.

Organisada a companhia, preparou-se logo a expedição, cujo destino não era um mysterio. Sabia-se geralmente, que se destinava ao Brazil e designadamente a Bahia ou Pernambuco.

Com effeito, a 8 de maio de 1624 apparecia uma grande esquadra, ao mando do almirante Willekens, à vista da cidade da Bahia, que, depois de alguns dias de combate, era conquistada.

No anno seguinte, porém, uma esquadra enviada pela Hespanha, sob o commando de D. Fradique de Toledo, reconquistava aquella cidade, deixando destróçados e arruinados os invasores.

A companhia occidental achava-se escassa de fundos, sem meios de arriscar uma nova expedição ao Brazil, mas felizmente para ella uma victoria alcançada por *Pieter Heyn* contra D. Juan Benevides, que se viu despojado de varios galeões, contendo o valor de uns nove milhões de ducados, ou uns 15 milhões de turnezes, lhe proporcionava meios sufficientes para uma nova expedição ao littoral do Brazil.

Era agora Pernambuco o alvo da companhia, como proximo da Europa e de uma occupação, que se afigurava mais facil e remuneradora, mesmo porque a Bahia estava exhausta, e aquelle se assegurava produzir annualmente 60 mil ducados, fóra o tabaco, pão-brazil, etc.

Aos 14 de fevereiro de 1630, apresentava-se no Recife uma esquadra hollandeza com 56 navios ao mando de Henrique Cornelis Loncq, veterano na milicia do mar, e no dia seguinte, de accôrdo com Theodoro Weerdemburch, foi resolvido effectuar-se o desembarque por duas partes, encarregando-se Loncq da direcção do porto e Theodoro das tropas, ao norte de Olinda.

Olinda e Recife, dentro em poucos dias, cahiram em poder dos hollandezes.

Em 1631 teve Martim Soares Moreno ordem da metropole para ir em auxilio de Mathias de Albuquerque, commandante das forças e governador da capitania de Pernambuco.

Depois de haver alistado grande numero de indios partiu para ali a combater ao lado de seus patricios, tendo passado o commando do presidio a Domingos da Veiga Cabral.

« Em 1632, diz Ayres do Casal, dous baixeis de guerra hollandezes appareceram na costa do Ceará, no intuito de conquistal-a pelo meio mais commodo, como era a entrega feita pelos indigenas; e para effectuar o projecto poseram em terra quatro indios, que com outros muitos tinham sido apanhados, sete annos antes, na bahia da Trahição e levados a Amsterdam, onde aprenderam o idioma batavo.

« Dous sendo descobertos por diligencias de Domingos da Veiga, commandante do presidio, foram logo enforcados para exemplo dos outros, e os conductores desenganados de conseguir o intento, fizeram-se à vela para Pernambuco.

« Depois de cinco annos (em 1637) chegando aos ouvidos dos indios deste paiz a noticia dos grandes

successos dos hollandezes com a chegada do Conde Mauricio de Nassau a Pernambuco, lhe deputaram dous mensageiros a offerecer-lhe obediencia, no caso de que quizesse assenhorear-se do presidio, cujo commandante acabava de concluir seus dias e a soldadesca achava-se diminuida.

« Partiram logo quatro baixéis com 200 soldados, quando muito menor numero bastava.

« Os hollandezes assenhorearam-se do Ceará em 1637 sem fadiga, sem dispendio e sem gloria; possuiram-no sem interesse consideravel por alguns annos e largaram-no contra vontade, sem nelle deixarem obra alguma util.

« Os indigenas, que espontaneamente se lhe uniram, cuidando encontrar nos novos conquistadores o que não achavam nos primeiros, experimentando o contrario, retiram-se pela maior parte a terras meridionaes visinhas à cordilheira, sem que a liberdade do protestantismo podesse sujeital-os à disposição dos hospedes, que sempre lhes foram odiosos. »

De outro modo refere o V. de Porto Seguro, na sua *Historia das Lutas com os hollandezes no Brazil*, como teve lugar a deputação a João Mauricio, Conde de Nassau, principe de Orange. Diz elle, que um resultado feliz e facilmente alcançado (*a capitulação do castello de S. Jorge da Mina*) provocou em João Mauricio estimulos a aventurar-se a uma nova conquista: a do Ceará.

Deram aso a ella os offerecimentos, que ali lhe mandara fazer por emissarios um principal de nome Algodão, naturalmente a isso reduzido por varios indios, que, levados da bahia da Trahição à Hollanda em 1625, haviam sido já com essas miras deixados em terra.

(no Ceará) em 1633. Para com a companhia pretextou Nassau as vantagens, que dessa conquista resultariam, fornecendo ambar, bem como sal, genero este que tinham de ir buscar à uma das ilhas de Cabo Verde.

Reduzia-se então o Ceará, continúa o V. de Porto Seguro, a uma pequena colonia, à margem direita do rio do mesmo nome, não longe de sua foz (no local ainda hoje chamado Villa Velha, quasi duas leguas ao poente da capital) assente em um campo à borda do matto.

« Não passava de uma pequena aldeia de ranchos com quintaes e uma egreja, e, além dos indios, uns 20 soldados, que faziam a guarnição de um forte quadrado, com quartéis e armazens dentro, flanqueados por dous pequenos baluartes, tambem quadrados, nos dous angulos diametralmente oppostos.

« Foi confiada esta nova expedição ao major Joris (Jorge) Garstman, levando comsigo unicamente 200 homens, força por certo mais que sufficiente. Partiu Garstman do Recife em outubro (1637) e em dezembro chegou ao seu destino. Depois de haver dado aviso ao principal *Aigodão* (a quem os seus appellidariam provavelmente *Maniú*) que reuniu-se a 200 dos seus, após uma vigorosa resistencia, e perda de alguns, deu o assalto, fazendo prisioneira a guarnição. » (*)

Ainda a respeito da occupação do Ceará pelos hollandezes, refere o autor das *Memorias de Pernambuco*, fazendo um extracto do *Diario da Guerra Hollandesa*, que o major Joris Garstman levou uma esquadrilla do Recife, mandada por João Mauricio ao Ceará com alguma tropa, a qual apenas desembarcou, foi logo fes-

(*) V. de Porto Seguro.

tejada pelos indigenas, que se lhe ajuntaram, e pondo cerco ao *forte*, onde se achavam uns 20 ou 30 soldados da guarnição, cujo chefe havia fallecido recentemente, fizeram-no render-se por capitulação. E mais: que apenas os hollandezes se viram senhores do terreno, não encontrando riqueza, que esperavam, porque, dizem os chro-nistas, na capitania só abundava o algodão, pão violeta, salinas, algumas pedras preciosas e ambar pela costa, começaram a maltratar os indios, de modo que muitos fugiram para o interior.

Semelhante asserção, no entanto, contrasta com o que se sabe a respeito do procedimento de Garstman.

No Ceará demorou-se pouco tempo, e, regressando ao Recife, passou a outrem o commando da pequena guarnição, que ali deixara, com instrucção expressa de não consentir no captiveiro de indios, qualquer que fosse o pretexto.

Evers com uma pequena guarnição, por esse tempo, commandava o forte de Jericoaquara, em torno do qual existiam aldeias de indios, quando constou-lhe a revolta no Maranhão contra o dominio hollandez. Depois de haver alistado grande numero de indios para acompanharem-no, partiu para S. Luiz, em auxilio de seus compatriotas; mas em pura perda, porque teve de vel-os batidos por forças superiores e restaurado ali o dominio portuguez.

De volta pelo Camocim, os hollandezes deixaram em terra uns 70 *tupinambás*, que haviam tomado parte nos seus triumphos e revezes.

Indignados com semelhante procedimento, conceberam a idéa de uma vingança e de facto a exercitaram.

Tomando de surpresa as guarnições de Camocim e Jericoaquara, degolaram-nas e em seguida dirigindo-se ao forte da barra do Ceará, no momento em que a guarnição andava dispersa pela aldeia, degolaram ao que encontraram, inclusive Gedeão Morritz, comandante.

Ao mesmo tempo contrariedades oppostas à sua politica pelo governo neerlandez levaram o Conde de Nassau a abandonar o Brazil e regressar à Europa.

Esse grave acontecimento deu em resultado a expulsão dos holandezes de todo o territorio brasileiro.

O Ceará não volveu logo ao dominio portuguez. Ainda em 1647 voltou a governal-o o major Garstman e em sua administração se houve com moderação e energia. Infelizmente não poude dominar as precarias condições, em que se achou, por causa da sêcca rigorosa, que então açoitava horriavelmente a capitania. A guarnição do forte esteve a morrer de fome.

Garstman enviou agentes seus ao Recife a solicitar soccorros, que não lhes foram ministrados.

Em um minucioso e interessante relatorio, que em desempenho de sua commissão na Hollanda, em 1886, apresentou o Dr. José Hygino Duarte Pereira ao *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, lê-se o seguinte, que se refere à occupação do Ceará pelos holandezes:

« Chamam igualmente a nossa attenção os jornaes ou noticias das expedições emprehendidas para o descobrimento de minas, no interior do Brazil.

« Suas explorações tiveram lugar em Sergipe, na Parahyba, no Rio Grande do Norte e principalmente no Ceará.

« A companhia, sentindo escassearem-lhe as rendas, tentou no ultimo periodo do Brazil hollandez reparar as suas finanças, adquirir novos elementos de força por meio do ouro e da prata extrahida das minas, que firmemente acreditava existirem nos sertões das capitánias conquistadas.

« A mais seria e prolongada tentativa desse genero foi a que se realizou no Ceará : começou em 1649 e só terminou com a ruina da colonia hollandeza. Foi chefe da expedição organizada para a occupação definitiva do Ceará e exploração de suas minas um habil aventureiro Mathias Beck. Desembarcou na Bahia de Mucuripe, fundou o forte *Schoonenburch*, entrou em relações com as tribus indigenas; e deu começo aos trabalhos da exploração do monte *Itarema*, ligado ao de Maranguape, suppondo ter encontrado alli as minas de prata, que, segundo a tradição, já haviam sido descobertas por Martin Soares Moreno. Esperando de dia em dia encontrar o filão do cobiçado metal, perseverou no seu illusorio empenho até que veiu sorprendel-o a noticia da rendição da praça do Recife.

« Possuimos todos os dados relativos a esse empreendimento; o jornal de Mathias Beck, um dos melhores documentos para o estudo das relações dos hollandezes com os selvagens, a correspondencia trocada entre elle e o conselho do Recife e o mappa do Ceará, que foi levantado por ordem deste.»

No real archivo de Haya existe um mappa da capitania do Ceará com o desenho do forte *Schoonenburch* em 1648.

Em 1654, terminado o dominio hollandez, Garstman entregou o Ceará a Alvaro de Azevedo Frito.

De 1637, quando se deu a occupação do Ceará pelos holandezes, até 1654, data em que expirou seu dominio no Brazil, diz o senador Pompeu, não restam outros vestigios, além de alguns alicerces, um aterro ainda hoje conhecido pelo *caes do hollandez*, no sitio chamado *Villa Velha* e vestigios de mineração.

Com effeito, alli construiu Beck um forte, que denominou *Schoonenburgh*, de fôrma pentagonal, montando 11 peças de ferro; projectou a construcção de outro no local em que existe a fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção e na serra de Maranguape, no lugar *Taquara* (*Itarema* de que falla Beck) deixou vestigios de excavações para exploração de prata.

Esse lugar foi examinado por um dos membros da commissão scientifica, que explorou o Ceará, o Sr. Barão de Capanema, que declarou nada haver encontrado ali, que justificasse trabalho de antiga mineração.

O vulgo acreditava que o recife, que corre ao longo da costa, e a descoberto se acha no porto da cidade, fôra formado por pedras ali accumuladas com o fim de obstruir a barra e bem assim que algumas listras vermelhas, que se veem na face de pedras, no interior, eram inscripções flamengas.

COMO SE POVOOU

O interior do Ceará começou a ser conhecido durante a guerra com os Holandezes, que, no entanto, jámais ultrapassaram a zona do littoral.

Por causa de sua estada em Pernambuco, a sêde do governo, tanto de Sergipe e de Alagoas, como de

Pernambuco e da Parahyba, muitas familias, temendo as consequencias e as vexações, que lhes traziam um estado de guerra, que se prolongava demasiado, emigraram e foram estabelecer-se no Ceará, ás margens do *Pajehú*, e em suas visinhanças, na *Paupina*, na *Porangaba*, na *Caucaia*. O baixo Jaguaribe foi tambem um dos pontos primeiro explorados.

De Porto Calvo, Penedo (Alagóas) de Itabaiana, de Cotinguiba (Sergipe) familias portuguezas, que fugiam dos lugares mais proximos ao theatro da guerra, foram estabelecer-se no Inhamum, no Cariry, no Icó, e mais tarde a ribeira do Jaguaribe recebia egualmente emigrados das capitancias limitrophes.

Refere o Senador Pompeu, que o coronel Antonio Victoriano Borges da Fonseca, natural de Pernambuco, um dos ultimos governadores subalternos, que teve a capitania do Ceará em 1765, escreveu a genealogia das familias pernambucanas e, por consequente, das do Ceará, e que o trabalho curioso, que elle chegou a fazer, existe ou existiu inedito na livraria do Mosteiro de S. Bento, em Olinda.

São justamente da data daquelle periodo das luctas com os Hollandezes as doações de terras, a existencia de grande quantidade de gados, cuja creação começou a desenvolver-se do principio do seculo XVII.

Os rios foram os caminhos, que seguiram, e a passagem se effectuou nos pontos de depressão da cordilheira, que separa o Ceará do Rio Grande do Norte, da Parahyba e de Pernambuco.

A' região inferior do Jaguaribe vinham ter pelo Mossoró ; ao Icó pelo valle do rio do Peixe e ao Cariry pelos dos affluentes do rio S. Francisco até o riacho da

Brigida. D'ali se irradiavam pelos sertões visinhos, seguindo Jaguaribe acima.

Para o norte foi mais tarde que se deu o povoamento, encaminhando-se para lá a corrente immigratoria, que a Capitania recebia de suas visinhas.

Ao mesmo tempo os jesuitas do Maranhão tratavam de attrahir á fé os indios do Ceará, especialmente os que existiam na chapada da Ibiapaba, trabalhando por que abandonassem as idéas hereticas, que nelles se haviam arraigado, no convivio com os Hollandezes, cuja sorte durante algum tempo partilharam, nas luctas que mantiveram no Brazil.

Para esse mister foram commissionados os padres Antonio Ribeiro e Pedro Rodrigues.

Os jesuitas tinham por esse tempo como provincial o padre Antonio Vieira, tão conhecido por suas luzes e erudição e por suas obras litterarias, grata memoria havendo deixado de si nas missões de indios.

Foi elle mandado expressamente à Lisboa para advogar a causa delles, e a sua missão teve o melhor exito, obtendo de D. João IV o alvará de 9 de abril de 1655, em que se prohibia o captivoiro dos indios, excepto nos seguintes casos: 1º, quando tomados em guerra justa, para a qual concorressem todas as circumstancias exaradas no dito alvará; 2º, quando se oppozessem à pregação das verdades evangelicas; 3º, quando fossem presos à corda, destinados a serem comidos; 4º, finalmente, quando fossem vendidos por outros indios, que os houvessem apprehendido na guerra.

Ao Maranhão voltou em maio de 1655, encontrando no governo André Vidal de Negreiros, que muito o auxiliou no empreendimento da catechese.

Enviou missionarios ao Ceará e veio depois visitar e animar as missões na Ibiapaba.

E's a descripção, que elle fez dessa serra:

« Ibiapaba não é uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao sertão do Camocim e mais parecidas ás ondas do mar alterado, que a montes se vão succedendo e como que encapellando umas após outras, em distancia de mais de 40 leguas. São todas formadas de um rochedo durissimo e em parte escalvado e medonho e em outras coberto de verdura e terra lavrada.

« Da altura destas serras não se pôde dizer cousa mais certa que são altissimas e que se sobe ás que o permitem com maior trabalho da respiração que dos mesmos pés e mãos, de que é forçoso usar em muitas partes.

« Mas depois que se acha ao alto della, paga muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos paineis, que porventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, valles, rochedos, picos, bosques e campinas dilatadissimas e dos longes do mar nos extremos dos horizontes.

« Sobretudo olhando dos altos para os fundos das serras, estão se vendo as nuvens debaixo dos pés.

« Os dias no povoado da serra são breves, porque as primeiras horas do sol cobrem-se com as nevoas, que são espessas e muito continuas; as ultimas escondem-se antecipadamente nas sombras da serra, que para as partes do occaso são mais visinhas e levantadas.

« As noites, com ser dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno com tanto rigor, que egualam os grandes frios do norte e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado.

« As aguas são excellentes, mas mui raras e à essa carestia attribuem os naturaes ser toda a serra muito falta de caça de todo o genero ; mas bastava por toda esta esterilidade ser habitada ou corrida, ha muitos annos, de tantas nações de tapuias, que, sem casa nem lavoura, vivem da ponta da frecha, matando para se sustentar não só tudo, que tem nome de animal, mas ratos, cobras, sapos, lagartichas e todas as outras imundicias da terra. »

A esse tempo construiu-se no Camocim um *forte*, de conformidade com as ordens anteriores, e à sua sombra poderam os jesuitas exercer o seu ministerio, estendendo-se pelo littoral e pelo interior, em partes diversas estabelecendo missões.

Os *tremembés* foram aldeiados nas proximidades do Camocim ; os *acriús* na barra do riacho dos Guimarães ; os *caucaias* em lugar em que está hoje a villa de Soure ; os *paupinas* e *parnamirins* nas visinhanças da lagôa da Mecejana ; os *caninlês*, onde é hoje a villa deste nome ; os *payacús* no valle do rio Choró ; os *genipapos* na serra de Baturité ; os *genipapos-assús*, onde é hoje S. João, à margem do Jaguaribe ; e numerosos outros aldeamentos no littoral e no sertão, principalmente nos valles dos grandes cursos d'agua.

Grupos de homens armados, formando bandeiras, appareciam, entretanto, ao sul da provincia, com o fim de apprehender indios e captival-os.

Para isso ligavam-se a uma tribu contra outra e esta era sempre a vencida.

Captivados eram conduzidos para o Recife.

Da Bahia vinham pelo valle do Cariry exploradores com o fim de descobrir terras proprias para a creação

de gados, e da casa Torres, da Bahia, uma bandeira em 1671 penetrou a capitania com o mesmo intuito.

Para segurança de sua empreza conseguiu alliar-se á horda dos *Cariris* e reunidos se lançaram á exploração do territorio. No lugar *Missão Velha* travaram guerra com uma tribu inimiga, que vencida foi exterminada por aquelles indigenas.

Na Barbalha deu-se tambem uma grande lucta, e sorte egual coube á outra tribu inimiga. Essa bandeira tomou posse para a casa Torres das terras do *Cariry*, que lhe pareceram mais convenientes.

Outra bandeira foi a da familia Lobato, de Sergipe.

D'ali partiu com um portuguez abastado, o coronel Lobato, acompanhado de numerosa familia, de um filho sacerdote e grande sequito armado, e com direcção ao sul do Ceará.

Aconselhando os indios a se aldeiaem e abraçarem o christianismo, afinal se estabeleceu no Crato.

Ao longo do Jaguaribe se foram estabelecendo outros colonos, na Cachoeira, em Jaguaribe-mirim, em S. Bernardo, etc. Era forte incentivo para o povoamento da capitania a concessão das sesmarias, que incessante fazia a corôa de Portugal.

Isto ao sul e sueste; para o norte e noroeste, o movimento colonizador se operava lentamente. Foi a industria pastoril, que mais concorreu para o augmento da população cearense. A's margens do Pajehú, do Pacoty, pelos valles do Jaguaribe, do Salgado, do Acarahú e outras *correntes* estabeleceram-se colonos portuguezes das possessões africanas e das capitancias vizinhas. A corôa de Portugal acoroçoava o casamento delles com os indios, e a mestiçagem se foi effectuando.

Em 1697 os jesuitas fundaram na Ibiapaba um hospício, sob a direcção do padre Antonio Vieira, e 25 annos depois outro no Aquiraz, que funcionou até a extincção da ordem.

As aldeias se foram convertendo em povoados e no fim do seculo XVII a capitania contava muitas povoações em direcções diversas.

A raça indigena, á proporção que a civilisação avançava, ia rareando até desaparecer, não só pelo cruzamento, como pela mortalidade resultante da perseguição, que lhe moviam os conquistadores.

Em 1687 o governador Mathias da Cunha, em vista de damnos causados pelos indios, no presidio da Fortaleza, ordenou que lhes fizessem guerra até afugentá-los; mas em 1708 foi uma guerra de exterminio a que lhes mandou fazer o governador de Pernambuco.

Em 1713, o capitão-mór reuniu um conselho para resolver qual o procedimento que cumpria ter diante das atrocidades commettidas pelos *Canindés*, *Jenipapos* e outros, que se agruparam em 1712.

Não eram só atacadas as fazendas; encontravam-se tambem mortas, pessoas, animaes diversos.

O conselho resolveu que se lhes fizesse guerra de morte até que delles se visse libertada a capitania, sendo della a esse tempo unico logar de refugio o presidio. Muitos *tapuyas* foram mortos, diversos captivados e outros se dispersaram.

Da expedição foi encarregado o coronel Barros Braga.

Em 1721 houve outra expedição contra as tribus de S. Bernardo, e ainda della foi incumbido o mesmo coronel, que percorreu toda ribeira do Jaguaribe até o Piauhy.

A ultima expedição foi já neste seculo, em 1814, contra algumas tribus de Pernambuco, que vieram em correrias até o Jardim.

GOVERNO CIVIL

Como presidio militar continuou o Ceará até o fim do seculo XVII.

Era então escassa a sua população, e essa mesma disseminada por todo seu vasto territorio, muitas vezes perturbada por malfeitoses, ladrões, procedentes das capitancias vizinhas, donde fugiam á perseguição, que nellas se lhes movia.

Muitos povoados importantes tiveram primitivamente por nucleo agrupamentos, que o capitão-mór Borges da Fonseca mandou fazer para aproveitar essa mesma população nomade, que vivia do furto de gados. Cada agrupamento formava um povoado de 50 fogos.

Nem todos tiveram incremento; alguns se dissolveram.

Crescia, entretanto, a população e necessidades outras se manifestavam. Não mais compativel era com o desenvolvimento, que ia tendo a colonia, a organização meramente militar, que tivera no principio, com todos os excessos de poder discrecionario.

Reconheceu-o a corôa portugueza e « para atalhar a insolencia dos capitães-môres e se administrar melhor a justiça », mandou crear junto ao forte de Nossa Senhora da Assumpção uma villa com officiaes de camara e juiz ordinario.

Assim começou o governo civil no Ceará com o século XVIII.

Um capitão-mór, governador da capitania, exercia tanto a administração política como a militar.

O senado da camara fazia a policia municipal.

Um ouvidor e um juiz ordinario administravam a justiça civil e criminal; um almoxarife era o representante da fazenda real para o mister de arrecadar as rendas, que a esta pertenciam. A primeira eleição de camara teve logar a 15 de janeiro de 1700 no povoado do Iguape, feita previamente a convocação dos que deviam votar, regulando o processo eleitoral da metropole.

O municipio tinha por limites os mesmos da capitania. No judicial fazia parte da comarca de Pernambuco, depois da da Parahyba.

Em 1723 teve a categoria de comarca com um ouvidor.

A 16 de junho de 1700 o senado da camara começou a funcionar por decisão do governo de Pernambuco no pequeno povoado junto ao *forte* de Nossa Senhora da Assumpção, povoado que é hoje a capital da provincia.

Mas não agradando semelhante decisão, naquelle mesmo anno representou a corôa sobre a incapacidade do logar designado para sede do municipio.

Attendida a representação, foi a sede transferida para a barra do rio Ceará em 1701 e para se tornar effectivo o beneficio, o senado fez saber aos que tinham profissão, que só ali podiam exercel-a mediante licença.

Mas decahia aquelle povoado, á proporção que avançava a o. strueção da barra, e por isso, em 1703, vol-

tou para o *forte* e ainda no mesmo anno á barra, e dous annos depois ainda novamente ao *forte*, onde ficou até 1713, anno em que foi transferida para o Aquiraz.

Essa transferencia despertou rivalidades entre os habitantes dos dous povoados.

Como meio de conciliação dos espiritos, então exaltados, o capitão-mór Manoel Francez conseguiu ordem regia para creação de outra villa na Fortaleza, a qual foi inaugurada em 13 de abril de 1726, conservada a do Aquiraz.

A' nova villa creada deu-se por territorio quasi todo o da capitania, restando apenas 14 leguas para a daquelle logar.

O senado da respectiva camara, porém, reclamou e conseguiu afinal menos injusta partilha, não sem terem sido presos por desobedientes os seus membros.

A luta todavia continuou, e cada qual dos dous senados pretendia que subsistisse uma só villa, aquellá em que funcionava.

Poz termo á questão a ordem regia de 28 de novembro de 1728, que mandou continuassem as duas villas. Avultado era o numero de criminosos, que infestavam a capitania; numerosos os crimes de homicidio e ataques á propriedade, e não havia com que effectuar as respectivas prisões. Originava lutas constantes á mão armada a indeterminação dos limites das sesmarias concedidas, e como si tudo não fosse bastante para trazer em sobresalto e perturbação a capitania, os indios reagiam no sentido de reaver o territorio, que lhes fôra conquistado.

Dava causa a esse movimento o procedimento iniquo dos colonos brancos, captivando-os, exigindo dos aldeia-

dos serviços, que suas forças não podiam comportar, e sem pagar-lhes salarios.

De tão graves abusos eram realmente culpados os capitães-môres, que davam o exemplo, empregando para a sujeição dos indios a força de que dispunham.

Tomaram, portanto, os indigenas a deliberação de exterminar os seus perseguidores e chegaram e formar vastos agrupamentos em pontos diversos da capitania.

Os *annassês*, *jaguaribaras*, *paiacús* e outros, em 1713, atacaram a villa do Aquiraz, matando cerca de 200 pessoas, o gado que encontraram, destruindo as lavou-
ras, e fazendo fugir os de mais, que foram procurar refugio na Fortaleza.

Por igual procediam na ribeira do Acarahú os *acriús* e nas cabeceiras do Banabuyú os *canindês*.

Reinou por algum tempo a desordem, e os colonos chegaram a desanimar; mas, por falta de plano da parte dos indios, foram estes afinal batidos e derrotados, sendo muitos mortos, tendo muitos igualmente conseguido fugir.

Foi por esse tempo que se deu ao sul da capitania, na ribeira do Salgado e no alto Jaguaribe, uma luta entre duas familias ricas, a; de *Monte* e *Feitosa*, a primeira oriunda do Penedo (Alagôas) e estabelecida no Icó; a segunda, procedente de Pernambuco, fixada nas proximidades daquelle local.

Ambas ellas, apenas domiciliadas no Ceará, trataram de fundar extensas fazendas de gado. Amigas ao principio e aparentadas por casamento, tornaram-se figadaes inimigas. Passando os Feitosas para o sertão do Inhamum e informados de que por ali havia excelentes terras de criar e devolutas, trataram de

obtel-as por sesmaria ; mas um dos Montes, sabendo-o, antecipou-se e conseguiu a data de terras, que seu inimigo pretendia. As condições, impostas na doação, não foram, entretanto, satisfeitas, e esta por isso veiu a cair em commisso, e afinal concedidas aos Feitosas as terras por elles tão desejadas.

Lutas tremendas, sanguinolentas, se deram por occasião do tombamento das sesmarias, só terminando com a secca de 1725, que veiu pôr em desolação toda a capitania. Enquanto lutavam os Montes e Feitosas, envolvido no conflicto o ouvidor Christovão Soares, conhecido pela alcunha de *Tubarão*, na qualidade de encarregado de proceder á demarcação das sesmarias, na villa do Aquiraz e na ribeira do Acarahú graves acontecimentos occorriam.

Em 23 de agosto de 1723 chegara á capitania o seu primeiro ouvidor José Mendes Machado, que era a negação do verdadeiro magistrado.

Por seus actos de improbidade incorreu no odio de seus jurisdicionados, e do Aquiraz, onde se malquistou com as autoridades e pessoas boas da localidade, passou para a ribeira do Acarahú, onde não teve melhor acolhimento. A' instigação dos Feitosas, elle transportou-se ao leó e ali encarregou a um official de milicia de prender os Montes. Para a execação deste mandado, o official chamou a serviço 800 indios *Genipayos*, com os quaes moveu aquelles guerra de exterminio.

Enquanto isto se passava, dirigiam-se representações ao capitão-mór, no sentido de fazer retirar o ouvidor da correição, em que se achava.

Desta circumstancia se aproveitaram os Montes para reunirem grande numero de pessoas armadas e diri-

girem ao ouvidor uma representação contra seus excessos como juiz.

Seguiu-se uma grande luta entre os representantes e os do sequito do ouvidor, sendo os do partido dos Montes batidos e destroçados com grande perda.

Victoriosos mais uma vez os Feitosas, sobresaltados os animos no Aquiraz com a volta do ouvidor à sêde da comarca, e nada esperando do capitão-mór, do qual embalde haviam solicitado a prisão, nova representação ali se formulou ao Senado da camara, para o fim de conseguir dessa corporação uma ordem de prisão contra elle.

Deferimento favoravel teve a petição, mas antes de produzir seus effeitos, o ouvidor fugiu.

Grave contenda tambem mais tarde se deu entre dous ouvidores, Antonio Loureiro de Medeiros, que succedera a Mendes Machaço, e Pedro Cardoso de Novaes Pereira, que tomara posse a 4 de junho de 1732.

Antes, porém, de ter esta lugar, renhidos conflictos se deram.

Loureiro, que desejava continuar no cargo, de que auferia grandes lucros, com as extorsões, que fazia aos seus jurisdicionados, ficou contrariadissimo com o successor, que lhe deram, e para impedir que elle assumisse a jurisdicção, processou-o, apenas chegou à sêde da comarca, contando com o apcio, que lhe prestava a camara, que não procedia na administração municipal mais correctamente que o juiz.

O vice-rei da Bahia, informado do occorrido, ordenou que se dêsse posse a Pedro Cardoso, não obstante a pronuncia decretada contra elle por Loureiro, prestando-lhe o capitão-mór o auxilio necessario.

O ouvidor substituído recalcitrou ; a camara por sua vez desobedeceu á ordem do vice-rei.

Foi necessario o capitão-mór dirigir-se ao Aquiraz com tropa para fazer cessar o estado de perturbação, que por lá ia.

O ouvidor, perdido o apoio da camara, fugiu para o Acarahú, conduzindo os archivos e ali ainda por algum tempo esteve em exercicio, emprehendendo reunir gente para prender o seu successor.

Fugiu, porém, apenas soube, que o capitão-mór expedia uma força de 200 homens para effectuar a sua prisão (agosto de 1732).

Loureiro foi depois preso e remettido para Portugal, afim de ser julgado.

Não se podia comtudo dizer pacificada a capitania ; era constante o recurso ao clavinote para decidir de questões attinentes á propriedade, e ao sul surgia uma luta armada entre Feitosas e um portuguez rico, de nome José Pereira.

Ainda a causa da discordia entre os dous potentados foi data de terras.

Como seu contendor se chamasse Manoel Ferreira *Ferro*, José Pereira tomou o cognome de *Aço*.

Encarniçada foi a luta e copioso o sangue, que fizeram derramar as hostilidades.

Aço por fim foi preso e encarcerado no Limoeiro, vindo a fallecer na Bahia, ao regressar de Lisboa para o Brazil.

Continuando os indios a assaltar a propriedade pelos sertões, houve ordem para serem perseguidos. Na Telha, no Crato, no Arneiroz, foram elles batidos e quasi exterminados.

Mais tarde, nova ordem de cousas se tratou de implantar na capitania, procurando-se attrahir o indio à sociedade, interessal-o na administração de suas aldeias, elevadas à categoria de villas.

Foi assim que as aldeias da *Paupina*, *Porangaba* e *Caucaia* se transformaram nas villas de Mecejana, Arrouches e Soure, com o seu senado de camara, officiaes, juizes ordinarios, todos tapuyas.

Foi, porém, mal succedida a medida; os indios se mostraram de todo ponto incapazes. Nem mais feliz foi o capitão-mór Antonio José Victoriano Borges da Fonseca nos seus esforços por trazel-os à civilisação.

Todavia alcançou aldeiar para cima de quatro mil, que vagavam pelas selvas.

GRANDES SECCAS

Grande é o numero das seccas, que assollaram a capitania no seculo XVIII, ás quaes serviu de epilogo a que se estendeu de 1790 a 1793, conhecida por *secca grande*.

O senador Pompeu, em suas *Memorias* sobre o Ceará, as enumera e descreve: taes foram as de 1711, 1723 a 1727, 1736-1737, 1745-1746, 1772, 1777-1778 e finalmente a já referida, do ultimo decennio do seculo,

A tradição historica refere-se a duas seccas, que no seculo XVII se fizeram sentir no Ceará, em 1606 e 1652, a primeira quando, pelo insuccesso de sua empreza, se retirava Pero Coelho, em demanda do Rio Grande do Norte, partindo das margens do Jaguaribe e seguindo o littoral; a segunda, já no declinio da

dominação hollandeza, quando Joris Garstman expediu um alferes e um sargente ao Recife, a fim de solicitar do governo soccorros, de que carecia a guarnição do *forte*, a braços com uma horrivel secca, que causava os maiores desastres no norte do Brazil.

Igualmente os primeiros missionarios, que percorreram a região, que se estende de S. Francisco ao Parna-hyba, della se occuparam em seus escriptos, descrevendo o territorio como esteril e sujeito a repetidas seccas.

As tradições, porém, que mais seguramente nos induzem a um conhecimento completo de semelhantes calamidades, na Capitania do Ceará, se referem ao seculo XVIII, tendo-se dado no precedente o povoamento daquella região.

A primeira secca occorreu em 1711; della a tradição é um tanto vaga. Estendeu-se ao norte até o Maranhão. Em data de 19 de abril daquelle anno, a camara de S. Luiz representou ao governador sobre a fome, que soffria o povo por falta de chuvas.

Consta, porém, de documentos officiaes a grande secca, que começou em 1723 e terminou em 1727.

Não assollou unicamente a Capitania do Ceará; ao norte abrangeu o Piauhy, ao sul estendeu-se até a Bahia, onde, segundo as memorias historicas de Accioli, as fontes seccaram.

Escassa nesse tempo a população da raça européa, foi aos indigenas, que coube maior quinhão nas desgraças, que a calamidade accarretou.

Grande foi a emigração nas aldeias do sertão; as serras mais frescas serviram de refugio.

No valle do Cariry, onde são tradicionaes a fertilidade e a frescura dos terrenos, seccaram todos os brejos e

correntes, sendo obrigados os habitantes de Missão Velha a se mudarem por falta d'agua. Ali radicou-se uma tradição, que é: ter havido uma grande secca em 1722, durante a qual morreram numerosas tribus de indios, o gado, sendo encontradas mortas por toda a parte feras e aves; e que de 1723 a 1727 occorreram apenas invernos escassos, que mui pouco produziram, dando lugar á grande penuria naquelle periodo de tempo.

A secca de 1722, segundo refere-se, foi das mais rigorosas; a um sol sempre abrazador, que fazia seccar as fontes, resistiu uma ou outra. Fendas largas e profundas se abriam no solo resequido, em uma área bastante extensa. Onde maior intensidade, porém, tomou a secca, de 1723 a 1727, foi nos sertões de Pernambuco e da Bahia, em cuja capital a calamidade se fez sentir igualmente.

Immensa foi a mortandade de gente no ominoso periodo, em 1722 no Ceará, no triennio de 1723 a 1725 naquelles sertões.

Vaga é tambem a tradição sobre a secca, que occorreu de 1736 a 1737.

O que ha consta de algumas memorias e communicões officiaes dos capitães-móres, que a ella se referem como de um flagello, que victimou grandemente os gados da capitania.

Não ha tambem informações detalhadas, quanto ás seccas de 1745 a 1746 e de 1772, de que fallam os capitães-móres em suas cummunicões officiaes, mas de modo que não dão a conhecer a extensão de seus effeitos.

A criação de gados soffreu, em consequencia da falta de chuva naquelles dous annos.

Da secca de 1777 a 1778 só se pôde julgar pelo que referem documentos officiaes e a tradição transmittiu. O capitão-mór e o provedor da fazenda fizeram saber a El-Rei, que o gado da capitania ficou reduzido a menos da oitava parte.

Com a secca, creadores que recolhiam mil bezerros, nos annos seguintes possuíam menos de 20, cumprindo notar, entretanto, que nos dous annos precedentes houve inundações na capitania.

Em 1784 tambem houve secca; o inverno só appareceu em maio, o que importa dizer que a capitania se viu longo tempo privada de chuvas.

Os antigos habitantes do Cariry referiam que naquelle anno apenas cahiram ligeiras chuvas de janeiro a abril. Contavam, pois, já com uma calamidade igual á de 1777, quando a 7 de maio, durante uma noite sombria, cahiu uma chuva tão copiosa, que no dia seguinte transbordavam as correntes, os correjos e lagoas.

Morreu grande parte do gado na inundação, que se deu; mas bastou essa longa chuva, e alguns chuviscos em Junho, para fazer brotar o pasto e segural-o até o fim do anno, tendo havido nas serras regular plantação de legumes e cereaes.

A secca, porém, que mais tristes recordações deixou na capitania, no seculo a que nos referimos, foi a que durou de 1790 a 1793, conhecida por *secca grande*.

Em 1790 chovera escassamente, menos ainda no anno seguinte, nada em 1792 e muito pouco em 1793. Foi a mais longa serie de annos seccos na região do norte, sujeita a semelhante flagello.

Essa secca extraordinaria abrangeu toda a capitania geral de Pernambuco, a Bahia, Sergipe ao sul, o Piauhy e o Maranhão ao norte.

Seccaram os cursos d'agua e as fontes.

De um memorial dirigido a El-Rei pela viuva do capitão Francisco Nobre de Almeida, de Pernambuco, e de informações da Provedoria, morreram à fome e sede os animaes domesticos e as feras do sertão.

Familias inteiras, que a tempo não poderam retirar-se, foram encontradas mortas nas casas e pelos caminhos.

Rico proprietario no Recife, o capitão Francisco Nobre, que possuia muitas fazendas de gado nos sertões da Parahyba e do Rio Grande do Norte e era o arrematante do dizimo naquelle tempo, tendo ido com toda a familia ao sertão, fôra victima da secca com quasi toda a sua comitiva. Emigraram os proprietarios das fazendas, os vaqueiros, depois de terem visto morrer todo gado. Sete freguezias, diz Ayres do Casal, talvez com algum exagero, em sua *Chorographia*, ficaram desertas.

O capitão-general de Pernambuco informou então a El-Rei, que perecera mais de um terço da população, em toda a capitania.

Em uma *Memoria*, que corre impressa, dirigida pelo vigario Joaquim José Pereira, do Rio Grande do Norte, ao ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, refere elle que, além da secca, se fazia sentir no sertão do Apody, daquella provincia, uma praga de morcegos; tantos que mesmo de dia atacavam as pessoas e animaes, que sem forças, inanimados, já não podiam evital-os. Homens mulheres, creanças, eram encontradas mortas pelas estradas; outros, prestes a morrer, arrastavam-se exangues pela fome e pelos morcegos.

« Em 1790, diz também uma *Memoria*, existente no Archivo da Camara Municipal do Aracaty, principiou, depois de outras mais moderadas, uma secca terrivel e rigorosa, que durou quatro annos; porém em 1791 e 1792 tornou-se tão excessiva, que assolou, destruiu, matou quasi todos os gados dos sertões, e por isso veiu a desaparecer o commercio das carnes seccas, não tendo havido gado para o consumo em 1793 e 1794. Toda população teria morrido á fome, si de Piauhy não tivesse vindo gado. A fome durante a secca foi hor- rível.»

No Aracaty, onde sempre chegaram por mar soc- corros de Pernambuco e Maranhão, a farinha ficou a preço de 8\$000 o alqueire (antes custava 240 rs.).

Os moradores do sertão abandonaram suas casas e bens para irem refugiar-se nas praias, e no caminho encontravam a morte. Comiam corvos, carcarás, ratos, cobras, couro de boi, chique-chique, raizes do mato.

Não consta, porém, que no Aracaty alguém mor- resse de fome.

CAPITANIA INDEPENDENTE

A capitania do Ceará, por alvará de 17 de janeiro de 1799, foi separada da de Pernambuco, ficando immedia- tamente sujeita á metropole, com a qual passou a cor- responder-se oficialmente e a directamente commerciar.

O primeiro governador que teve o Ceará, depois de capitania independente, foi o chefe de esquadra Ber- nardo Manoel de Vasconcellos, que tomou posse a 28 de setembro de 1799, e manteve-se até 12 de novembro de

1803; o segundo João Carlos Augusto de Ocynhausen e Grwenbourg, depois Marquez do Aracaty, que esteve de 13 de novembro de 1803 a 6 de fevereiro de 1807; o terceiro Luiz Barba Alardo de Menezes, desde 21 de junho de 1808 até 18 de março de 1812; o quarto o coronel Manoel Ignacio de Sampaio de 19 de março de 1812 a 12 de janeiro de 1820; o quinto e ultimo, capitão de mar e guerra, Francisco Alberto Rubim, de 13 de julho de 1820 a 3 de novembro de 1821. Seguiram-se ao deste ultimo governos temporarios e provisorios até 13 de janeiro de 1825, data em que assumiu a administração o presidente coronel José Felix de Azevedo e Sá.

A capitania, na data de sua separação da de Pernambuco, já se sentia reparada dos males causados pela grande calamidade, que tanto a abateu, e maior somma de garantias aos direitos de seus habitantes offerecia então a justiça, mais largamente distribuida. Nova comarca creou-se, a do Crato, e para alguns termos foram nomeados *juizes de fóra*.

Até a emancipação politica do Brazil foi o Ceará theatro de grandes e extraordinarios successos.

Na extrema contingencia, em que se achou a metropole, em 1807, impoz-se ao principe D. João a necessidade de deixar Portugal, quando já as tropas francezas do general Junot haviam entrado no reino a marchas forçadas e avançavam sobre Lisboa.

O momentourgia. Era preciso livrar a familia reinante de cahir nas mãos dos invasores, e por isso o principe D. João, entregando a direcção do reino a um governo interino, partiu para o Brazil com toda familia real e muitos nobres, que quizeram acompanhal-o,

embarcanio às pressas em 27 de novembro de 1807 e fazendo-se de viagem a 29.

Uma divisão ingleza comboiava a esquadra portugueza com direcção ao Rio de Janeiro, mas pelo máo tempo viu-se forçado o principe regente a arribar à cidade da Bahia no dia 22 de janeiro do anno seguinte, desembarcando ali no dia 24.

Com data de 28, fazia publicar uma carta régia, decretando a abertura dos portos do Brazil às nações amigas.

Largando depois para o Rio, em data de 26 de fevereiro, ali aportou a 7 de março, e desembarcou no dia seguinte.

As idéas liberaes, que dominavam na Europa e se iam propagando no Brazil, que tinha diante de si o exemplo dos Estados-Unidos, tomaram desenvolvimento pelas animosidades, que reinavam entre brazileiros e portuguezes, principalmente em Pernambuco, e, em especial, entre militares das duas procedencias.

Cada vez mais se pronunciava a aspiração de ser emancipada a colonia. Tratava-se do melindroso assumpto na intimidade, em lojas maçonicas, em banquetes, em reuniões secretas, que tinham lugar frequentemente no Recife, em casa do negociante Domingos Martins, bahiano, ardente patriota, que viajara a Europa e de lá voltara imbuido de idéas democraticas.

Tomavam parte nos conciliabulos seminaristas e militares. Suspeitados, porém, foram denunciados, officiaes e paisanos, ao capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro (depois Marquez da Praia Grande), homem sem energia, sem resolução, que entendeu dever, por instigações do ouvidor J. da Cruz Ferreira,

reunir em conselho os officiaes superiores do exercito para resolver-se quaes as providencias a adoptar. Unanime foi o parecer de que deviam ser presos os denunciados.

As prisões do ajudante de infantaria, Manoel de Souza Teixeira, do negociante Domingos José Martins e de algumas outras pessoas se effectuaram facilmente. Mas o brigadeiro de artilharia Manoel Joaquim Barbosa de Castro, querendo prender a tres capitães e ao secretario do corpo do seu commando, reuniu a officialidade e começou por insultar aos capitães Domingos Theotônio e José de Barros Lima, por alcunha o *Leão Corôado*, que para desaggravar-se desembainhou a espada e com ella matou o brigadeiro. Depois disso, tanto os officiaes, como os soldados brazileiros tomaram o partido de seu compatriota.

Enviado a reunir tropa e prender os criminosos, o ajudante de ordens do capitão general, tenente coronel Alexandre Thomaz, recebeu um tiro de que morreu instantaneamente, e o motim foi tomando grandes proporções.

A' tropa se reunira o povo, e dirigindo-se ás prisões, soltaram os que nellas se achavam.

Espavorido o capitão general, refugiou-se no forte do *Brum* e sob a pressão do medo capitulou, retirando-se a 7 de março de 1817 para o Rio de Janeiro, onde foi, ao chegar, recolhido á prisão da Ilha das Cobras, sem poder fallar a nenhum dos ministros, conforme pedia.

A' revolução, que subito rebentou no Recife, faltava plano preconcebido. Mas mesmo assim, no meio das hesitações, estabeleceu-se um governo provisório, composto de cinco membros, a saber: capitão Domingos

Theotónio Jorge, padre João Ribeiro Pessôa, Dr. José Luiz de Mendonça, Manoel José Correia de Araujo e Domingos José Martins.

Para conselheiros do governo foram designados cinco membros igualmente : Gervasio Pires Ferreira, Antonio de Moraes e Silva, Dr. Antonio Carlos de Andrade Machado e Silva, Deão Bernardo Luiz Ferreira e o portuguez Manoel José Pereira Caldas.

O padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, conhecido por padre Miguelinho, serviu de secretario e foi adoptada a fôrma republicana com todas as suas consequencias.

Sendo necessario que a causa democratica tivesse maior numero de adeptos, trataram de obtel-os nas capitancias vizinhas, Alagôas, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará.

Para esta ultima foi designado o subdiacono José Martiniano de Alencar, que devia operar no valle do Cariry, onde contava familia extensa e importante, e para a sêde da capitania foram commissionedos Francisco Alves Pontes e Mathias José Pacheco.

A esse tempo, no Ceará, alguns povoados cresciam e desenvolviam as suas relações commerciaes ; estavam em pé de prosperidade Sobral, Aracaty, Icó e Crato.

Algumas fortunas particulares avultavam.

Alencar, a quem deram dous companheiros, Miguel Joaquim Cesar e o seminarista Antonio José Ribeiro, fez a viagem por terra, mas os dous commissarios, Pontes e Pacheco, apprehenderam-na por mar, em uma jangada, e tão infelizes que, ao chegarem á enseada do Retiro Grande, foram presos por um destacamento e conduzidos á capital.

Esse destacamento e outros foram enviados para pontos diferentes por Manoel Ignacio de Sampaio, então governador do Ceará, homem assaz atilado, activo e energico, que, sentindo ao longe a revolução, que irrompia em Pernambuco, se prevenira com os meios proprios a debellal-a na sua circumscripção, ao mesmo tempo que recommendava ás autoridades limítrophes, que estivessem alerta.

O proprio ouvidor da comarca, que elle suspeitou adherir á causa revolucionaria, foi preso a bordo de um navio surto no porto, e juntamente com os dous mallogrados emissarios, postos a ferros.

Alencar pôde chegar ao Crato, em fins de abril, são e salvo, e tratou, desde logo, da propagação da idéa, que passou a servir com a maior abnegação.

Para o bom exito, porém, da empreza se julgava indispensavel attrahir ás novas idéas o capitão-mór do Crato, José Pereira Filgueiras, que, embora sem instrucção, gozava de immensa popularidade e em grande conta era tido, já por sua natural bondade, já por sua força e bravura incomparaveis.

Consultado Filgueiras, cuja adhesão se desejava, ou, ao menos, a sua neutralidade, diante do movimento, que se ia dar, assentiu elle, principalmente por não comprehender o alcance das idéas, que se tratava de implantar, ou antes por considerar o que via e se estava fazendo, como não podendo de fôrma alguma compromettel-o.

Dispostas as cousas, obtido o concurso, que se julgava necessario, no dia 3 de maio, depois de haver o vigario Saldanha celebrado a missa festiva, o joven Alencar, de batina e roquete, subiu ao pulpito e fallou da revo-

lução, e, para mais accender o patriotismo no animo dos seus ouvintes, leu o manifesto feito no Recife por um dos membros do governo provisorio, o advogado José Luiz de Mendonça.

Foi Alencar estrepitosamente applaudido, e, á noite, á sua casa affluio muito povo, que depois percorreu as ruas em grupos.

Os realistas não reagiam; aguardavam todos a acção de Filgueiras, cujas sympathias, entretanto, eram pelos insurgentes.

No dia seguinte, os partidistas de Alencar reuniram-se na casa da camara e substituíram os respectivos membros, nomearam magistrados e deram a Francisco Pereira Maia Guimarães o governo militar policial.

Assentaram depois em levar a propaganda armada do sul até as portas da séde da capitania.

Não era infelizmente para os partidistas da republica geralmente acariciada a causa, que serviam. No Icó, onde dominavam os portuguezes, ricos proprietarios, não germinou a semente, que foi lançar Antonio Ribeiro, um dos companheiros de Alencar.

Não foram tambem felizes no Jardim, onde o joven subdiacono Alencar apenas pôde converter o senado da camara.

Mas era mesmo no Crato, que se havia de baldar a tentativa tão bem iniciada. Os realistas, mal voltaram de seu estupor, trataram de reagir.

O coronel Leandro Bezerra Monteiro e outros combinaram em um plano de restauração, no qual devia ter parte principal o capitão-mór Filgueiras, que já havia comprehendido o que realmente estava em causa.

O capitão-mór, no dia 11 de maio, depois de haver reunido e armado um certo grupo, partiu para a villa e, á pequena distancia della, hasteou a bandeira real.

Tanto bastou para que, divulgada a noticia, a multidão abandonasse a causa da republica e se lhe fosse incorporar.

Estava morta a revolução, que apenas triumphara por oito dias.

Volveram as cousas ao antigo regimen e os principaes implicados foram remettidos para a Fortaleza. Enquanto isto se passava no Crato, cahia em Pernambuco o governo provisório.

O capitão-general da Bahia, Conde dos Arcos, apenas chegou ao seu conhecimento a revolta, expediu contra os rebeldes uma força commandada pelo marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda e uma esquadilha para bloquear o porto do Recife.

Do Rio de Janeiro tambem partiram forças sob o commando do vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lobo.

Em Pernambuco, Domingos José Martins, que tinha de reunir-se ao capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti, foi sorprendido por uma companhia dos pardos do Penedo e dos indios de Atalaya, ferido e preso, e o capitão-mór derrotado por Cogominho no engenho Trapiche do Ipojuca, a 14 de maio.

Os rebeldes pediram para capitular; mas lhes foi isso recusado. Nomearam dictador a Domingos Theotônio Jorge; mas este, vendo a defesa impossivel, retirou-se do Recife com 2.000 dos seus.

Entrando depois Rodrigo Lobo, fugiram os principais chefes da rebelião.

O padre João Ribeiro suicidou-se, e mais logo effectuou-se a prisão dos cabeças do movimento.

Chegando ao Recife no dia 29 de junho, o capitão general, Luiz do Rego Barreto, mandou immediatamente processar aquelles chefes por commissões militares e executar as sentenças.

Foram enforcados Domingos Theotônio Jorge, José de Barros Lima, Antonio José Henriques e o padre Pedro de Souza Tenorio, de Pernambuco, e da Parahyba o foram tambem diversos chefes.

Na Bahia haviam sido fuzilados anteriormente o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido por padre Roma, Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, e o padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro.

No Ceará nenhum dos compromettidos soffreu pena capital.

Presos alguns, foram remettidos para Lisboa, d'onde voltaram à Bahia e lá estiveram encarcerados até 1821.

NO TEMPO DO RUBIM E DAS JUNTAS GOVERNATIVAS

Governava a capitania Francisco Alberto Rubim, o ultimo dos governadores, que teve o Ceará como capitania independente.

Tomara posse a 13 de julho de 1820, recebendo o governo das mãos de uma junta, composta do juiz de fóra Adriano José Leal, do camarista Joaquim Lopes

de Abreu e do sargento-mór Francisco Xavier Torres, á qual transmittira a administração Manoel Ignacio de Sampaio, em 12 de janeiro de 1820, por haver sido nomeado capitão-general de Goyaz.

Pouco mais de um mez decorrera de seu governo, quando a 24 de agosto rebenta no Porto uma revolução, que logo propagou-se por todo reino e possessões ultramarinas, promovida por portuguezes, no intuito de manter a independencia nacional e a corôa na casa de Bragança.

Chega ao Brazil a noticia do pronunciamento. Algumas capitancias, como a Bahia, o Maranhão, o Pará adheriram a elle; outras hesitaram.

No Rio de Janeiro o povo incitado pelo advogado Marcolino José Alves Macambôa e diversos corpos da guarnição, sob o commando do brigadeiro Francisco Joaquim Carreti, reuniram-se no largo do Rocio e em altos brados exigiram as reformas constitucionaes proclamadas em Lisboa.

Logo que D. João VI soube do que se estava passando, mandou de S. Christovão o principe D. Pedro com a missão de conter a sedição.

Em seguida, aquelle principe, depois de ter ido entender-se com as massas populares e perguntar-lhes o que queriam, voltou a S. Christovão a conferenciar com seu pai. De novo regressando ao largo do Rocio, mostrou ao povo o decreto de 24 de fevereiro, approvando a futura Constituição de Portugal e sua adopção no Brazil. E depois, por si e como representante de seu pai, elle e o principe D. Miguel prestaram juramento de adoptal-a e convidaram o povo a proceder da mesma fôrma.

Chegada a noticia á sede da capitania do Ceará, onde dominava o elemento portuguez, representado pela tropa e commercio, foi geral a adhesão por parte dos naturaes da metropole. Nos municipios do centro variou a norma de proceder; uns se decidiram pelo governo das Côrtes portuguezas, outros pelo do Rio de Janeiro.

No dia 14 de abril, Rubim, em vista da exigencia da tropa e do povo, que ao seu palacio se dirigiram, jurou as bases da futura constituição, seguindo assim o exemplo da côrte.

Em um decreto expedido a 7 de março, D. João VI manifestou a sua resolução de partir para Portugal com sua familia, deixando o governo do Brazil entregue ao principe D. Pedro, até que se estabelecesse a constituição da monarchia portugueza.

A 22 de abril promulgou outro decreto nomeando D. Pedro regente do Brazil e seu logar-tenente. A 24 se retirava com a familia para a não D. João VI e a 26 partia para Portugal.

As camaras municipaes da capitania receberam ordens do principe para a eleição de procuradores, e trataram de dar-lhes execução, excepto a do Crato. Ali os amigos do absolutismo, em vez disso, procuraram reunir tropa para ir em auxilio do governo da Bahia, derribado pelos revoltosos, e, de intelligencia com os do Icó sobre o que de anormal se passava na capital, trataram de annular quanto fizera Rubim, cedendo á pressão dos revoltosos.

Em novembro, na capital, é deposto Rubim pelo partido portuguez, que se achava de accordo com as côrtes de Lisboa e eleito um governo provisorio numeroso

e composto, em quasi sua generalidade, de portuguezes.

Alguns municipios do interior, porém, protestaram contra sua legalidade, como os do Icó, Russas e Quixeramobim.

Havia já grande exaltação de animos e até imminente uma guerra civil, quando chega um decreto das côrtes de Lisbôa, mandando proceder á eleição de cinco deputados á constituinte. Essa medida acalmou um pouco os animos.

Em 25 de novembro de 1821 foram eleitos os deputados ás côrtes, e em janeiro seguinte reunidos os eleitores na capital nomearam novo governo provisório. Foram eleitos : coronel José Ignacio Gomes Parente, Manoel do Nascimento Castro e Silva, Pedro José da Costa Barros, e os vigarios Antonio José Moreira e Manoel Philippe Gonçalves.

O padre José Martiniano de Alencar, immediato em votos, tomou assento em lugar de Gomes Parente.

Compuzeram o novo governo provisório o ouvidor José Raymundo do Paço de Porbem Barbosa, presidente, e vogaes padre Francisco Gonçalves Ferreira de Magalhães, Mariano Gomes da Silva, José de Agrella Jardim e José de Castro Silva.

A politica das côrtes portuguezas era de reacção contra o Brazil, para o fim de debilital-o, e o intuito principal cercear, quanto possivel, a autoridade e influencia do principe.

As capitancias do norte sympathisavam com essa politica ; as do sul vacillavam, excepto o Rio de Janeiro, sempre decidido pelo governo do principe, como o que mais se coadunava com os interesses do Brazil.

O dia 2 de julho fôra designado por D. Pedro para a reunião do conselho dos procuradores das capitanias ; mas sòmente duas se fizeram representar : o Rio de Janeiro e a Cisplatina.

Umás desobedeceram às ordens, e outras trataram de procrastinar a execução dellas, difficultando a eleição.

No Ceará, por exemplo, tendo sido convocado o conselho para 1 de junho, só a 12 teve logar a eleição, sendo eleitos o ouvidor Porbem Barbosa e o padre Antonio Francisco Sampaio.

Os procuradores das duas capitanias referidas, interpretando a opinião dominante no Rio de Janeiro, pediram ao principe uma constituinte brazileira, e elle não duvidou publicar o decreto, que convocava para aquella capital còrtes constituintes luso-brazileiras, fazendo proceder ao mesmo tempo á eleição dos deputados.

No Ceará o governo provisorio não tinha firmeza de opinião.

Desejava a liberdade constitucional, não que proviesse do principe regente, mas outorgada pela metropole, à qual entendia dever para sempre ficar sujeita a colonia.

Por isso o decreto do principe, expedido a 3 de julho, foi mal recebido pelo governo provisorio, que tratou de difficultar-lhe a execução.

No interior começou uma luta entre constitucionaes das duas procedencias, portuguezes e brazileiros. Com os primeiros se identificaram no Icó e Crato os absolutistas daquelles dous municipios.

Por semelhante causa as eleições para a constituinte luso-brazileira não correram calmas, e a da capital foi retardada por capricho do governo provisorio.

Já se achavam então na capitania os implicados de 1817, entre elles Tristão, a quem os soffrimentos como que retemperaram o animo, avigoraram as crenças e mais acrisolaram o patriotismo.

No Crato, seu berço natal, encontrou a maior prevenção contra a causa do Brazil. Aspiravam ali a continuação do governo absoluto; negaram-se a publicar os decretos das côrtes, e por ultimo o do principe convocando a constituinte.

Havia a maior resistencia da parte do partido portuguez, dirigido pelo ouvidor Lages e pelo coronel Leandro Monteiro, no Crato e no Icó.

Tristão, porém, fazendo valer a sua influencia na politica local pelo apoio, que lhe prestava o capitão-mór Filgueiras, obrigou o senado da camara do Crato a cumprir aquelle decreto.

Fizeram-se, de facto, as eleições e foi marcado o dia 12 de outubro para reunião do collegio eleitoral.

Temendo que, no Icó, o partido portuguez, de accordo com o do Crato, inutilizasse a eleição, conforme corria, Filgueiras, de intelligencia com o senado daquelle municipio, já do mesmo sentir de Tristão, alistou forças para oppôr-se ao partido, caso tentasse perturbal-a.

No meio de grande agitação, de ameaças da força publica, teve lugar a eleição, e no dia 16, ao findarem os trabalhos, os eleitores e o senado da camara julgaram conveniente estabelecer um governo provisorio para succeder ao da capital, que era todo devotado às côrtes de Lisboa; mas não puderam levar a effeito o seu designio, porquanto o commandante da força, invadindo a casa da reunião do eleitorado, prendeu-o e dispersou o povo, que lá se achava.

Conhecida essa occurrencia nos municipios, reuniu-se e armou-se gente para ir em auxilio dos eleitores presos. Sabendo-o, porém, a força publica, estacionada no Icó, sob o commando de Manoel Antonio Diniz, marchou promptamente para a capital, mas sendo alcançada no lugar *Forquilha*, pelos contingentes, que partiram no seu encalço, commandados pelo tenente-coronel Antonio Bezerra de Souza Menezes, rendeu-se, depois de um combate, a 26 de outubro.

Os eleitores, nos respectivos termos, elegeram, como pretendiam, o governo temporario, que ficou composto de Filgueiras, vigario Antonio Manuel de Souza, como secretario, padre José Joaquim Xavier Sobreira, Joaquim Felicio Pinto de Almeida e Castro, Francisco Fernandes Vieira e foi empossado a 19 de novembro, sendo eleito presidente Filgueiras e resolvendo-se que este marcharia com força para a capital.

Os eleitos deputados á Constituinte, no dia 16, foram: Pedro José da Costa Barros, José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, o ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho e os padres José Martiniano de Alencar, Manoel Pacheco Pimentel, José Joaquim Sobreira, Antonio Manoel de Souza, Manoel Ribeiro Bessa de Hollanda Cavalcanti.

A INDEPENDENCIA

Emquanto isto se passava na capitania, um facto para sempre memoravel se realizava no sul.

Achava-se D. Pedro em S. Paulo, e se dirigia de Santos para a capital, no dia 7 de setembro, seguido de nu-

merosa comitiva, quando á pequena distancia da cidade nas proximidades do ribeirão do Ypiranga, junto ao qual ficava o local da antiga povoação de Pirapetinga, resolve tomar algum descanso e para isso se desmonta.

Nesse momento é visto pela estrada do Rio de Janeiro um cavalleiro, correndo á toda brida, em direcção ao sitio em que se achavam, e, approximando-se do principe, entrega-lhe um masso de papeis.

Eram decretos das côrtes portuguezas, annullando o de D. Pedro, convocando procuradores, mandando responsabilisar os ministros do principe, os membros das juntas do Rio e S. Paulo e, finalmente, instrucções para em tudo sujeitar-se ás deliberações das côrtes, que lhe nomeavam novos secretarios. Lidos os papeis, D. Pedro, que no semblante denunciava a sua contrariedade, toma uma resolução e, arrancando do chapéo o laço portuguez, bradou: *Independencia ou morte!*

O mesmo brado deram os que o cercavam, possuidos todos do mais intenso jubilo.

Chegando essa importante nova ao Ceará, a junta provisoria se mostrou aterrada. Viu-se na impossibilidade de reprimir a agitação, que ia pelo interior, tendo feito seguir para Russas, Icó e outras localidades alguns dos seus membros, que nada conseguiram no sentido de fazer serenar os animos.

Sentindo-se desamparada e reflectindo que a sua missão estava finda, depois das medidas violentas do principe regente, fazendo eliminar do quadro do funcionalismo todos os portuguezes, ameaçada da marcha de Filgueiras contra a capital, resolveu demittir-se.

Com o governo central se correspondia o eleitorado da capital, adheso á sua causa.

A 23 de janeiro do anno seguinte fazia entrada e tomava posse na capital o governo central do Ico, tendo recebido por toda parte, que percorrera, as adhesões do povo.

A 3 de março, presente o eleitorado da capitania, cujo partido independente se ostentava victorioso, fez-se a eleição de novo governo, que foi a expressão da vontade geral.

Compuzeram-no: padre Francisco Pinheiro Landim, presidente, Tristão Gonçalves, Joaquim Felicio, padre Vicente José Pereira, Miguel Antonio da Rocha Lima, secretario.

EXPEDIÇÃO AO PIAUHY

A 17 de janeiro havia chegado ao Crato José de Sousa Coelho, commissionado pelo governo do Piauhly para obter soccorros do governo temporario e camara do Crato contra o commandante das armas, major João José da Cunha Fidié, que impedia a acceitação da independencia.

Na ausencia de Filgueiras e por influencia de Tristão, a camara decidiu, que para o Piauhly marchassem as forças de milicias.

Havendo, porém, desaccordo entre o partido independente e o coronel de milicias Leandro Bezerra e Pinto Madeira, chefes da parcialidade contraria, as forças não seguiram, embora já preparadas.

No fim de 1822, o senado da capital, que assumiu o governo, quando a junta provisoria se demittiu, havia expedido para aquella capitania uma força de linha e de milicias.

A 24 de janeiro, porém, a capital do Piauí adherira á independência e creara um governo provisório, enquanto Fidié, deixando Oeiras fazia uma excursão pela provincia, dando combate aos independentes.

A 13 de março, no lugar *Genipapo*, derrotou as forças cearenses, e, deixando em maio Campo Maior, foi acastellar-se em Caxias.

Conhecido na capital esse acontecimento, Tristão e Filgueiras della partiram no fim do mez, em marcha contra Fidié. Alistam em diferentes localidades cinco mil homens] e com esse exercito, mal armado, sem disciplina, se poem em movimento para o Piauí, em fim de maio.

Por decreto de 16 de Abril, Filgueiras fôra nomeado commandante em chefe das forças independentes do Piauí e Maranhão.

Chegando á esta ultima provincia, onde se achava Fidié, o exercito cearense, já augmentado dos que voltavam da expedição ao interior e dos contingentes das provincias do Piauí e Maranhão, poz cerco ás forças do ex-commandante, que no 1º de Agosto capitulou e entregou-se a Filgueiras com 700 praças, que acompanhavam seu exercito.

A 20 de junho se havia organizado no Itapicuri-mirim o governo temporario, que proclamou a independência na capital do Maranhão.

DISSOLUÇÃO DA CONSTITUINTE

Voltando á provincia os chefes dos exercitos expeditionarios, encontraram conturbados os animos e com pretenções ao dominio um partido hostil aos indepen-

dentos. Esse desagradavel estado de cousas era devido à fraqueza do governo, confiado às mãos inhabeis do padre Landim e de seus companheiros.

O commandante da tropa de linha da capital e interino das armas, Francisco Felix de Carvalho Couto, havia ido com a força á frente do palacio do governo provisorio e obrigara este a consentir na deportação do advogado José Ferreira Lima (Sucupira) pretendendo tambem fazer passar pelas armas a João Carlos da Silva Carneiro e exercendo contra os partidarios do governo outras violencias.

Por esse tempo trabalhavam as côrtes constituintes.

Haviam sido deportados Nobrega e José Clemente, fugitivo em Buenos-Ayres se achava Ledo; presos o conego Januario, o padre Lessa e general Muniz Barreto, e Pedro José da Costa Barros, Costa Carvalho, Souza Queiroz, Feijó, Oeynhausén perseguidos, todos membros proeminentes do partido liberal e dos que mais haviam trabalhado pela causa da independencia.

D. Pedro, mostrando-se sentido e contrariado com tamanha perseguição a um partido, a quem tanto devia, demittiu os Andradas, que na assembléa se collocaram em opposição, dirigindo a maioria, que dominavam. As sessões tornaram-se tumultuarias, o povo enchia o recinto, as galerias e as ruas proximas ao edificio.

No dia 11 de novembro declarou-se em sessão permanente e a agitação augmentava na cidade.

D. Pedro, vendo que, si se conservasse inerte, seria devorado pelas facções, que tumultuavam, tomou a resolução de dissolver a assembléa no dia 12.

Não foi com o mesmo sentimento recebida a noticia da dissolução da constituinte entre os liberaes. No sul

suscitou esperanças de ver fundado o regimen constitucional; no norte, viram no facto um obstaculo às suas aspirações, e a dissolução despertou-lhes a idéa de um regimen republicano.

D. Pedro tratou de tirar ao seu acto todo vislumbre de absolutismo; ao contrario, procurava persuadir aos liberaes, que nada havia a suspeitar de seu procedimento, e, para conseguil-o, contiou a administração das provincias do norte a homens notoriamente dedicados às idéas liberaes e á causa da independencia. A da de Pernambuco coube ao morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, um dos que adheriram ao movimento de 1817; a do Ceará a Pedro José da Costa Barros, natural da provincia, seu ex-representante e eleito unanimemente, um liberal da escola de Ledo.

Mas essas duas provincias, pelo espirito militar, que nellas dominava, mostravam repugnancia ao governo civil. Demais, vivendo, ha já algum tempo, com uma certa autonomia, por isso que fraca, quasi nulla, era a acção governativa das côrtes ou do Rio de Janeiro, sentiam-se como que abatidas com o acto do governo, depois de quanto praticára.

REPUBLICA DO EQUADOR

A dissolução para Pernambuco e Ceará fôra um acto de injustificado absolutismo, e mais o consideraram assim após as apreciações feitas por aquelles que no Rio o estygmatizaram.

Viam em D. Pedro um traidor, de animo a entregar de novo o Brazil à antiga metropole.

Em Pernambuco Manoel de Carvalho proclama a republica ; em seguida fal-o o Ceará.

Na capital o governo provisório vivia como que annullado : tal o abatimento e descredito em que cahira ; e por isso os adversarios do partido dominante se animaram a reunir elementos para a resistencia. A mesma disposição mostravam os seus partidarios no interior.

Em Quixeramobim o padre Gonçalo Ignacio de Loyola, declarando D. Pedro I decaído do throno, adheire ao governo republicano.

Icô segue o exemplo de Quixeramobim ; o Crato recusa proceder á eleição de conselheiros da provincia e repelle o projecto da constituição, acceito pelo Jardim e Aracaty.

Em fins de fevereiro, chegam á capital Tristão e Filgueiras com uma parte do exercito expedicionario. Tristão, a quem parecia estar em perigo a liberdade de sua patria, apressa-se em reassumir a presidencia no governo provisório e trata de preparar-se para a luta com o governo imperial.

No 1º de abril começou a publicar-se o primeiro periodico, sob a redacção do padre Gonçalo, em uma typographia enviada de Pernambuco por Manoel de Carvalho, a pedido de Tristão, que conhecia a influencia da propagação das idéas.

No dia 14 chega ao porto da capital, na corveta *Gentil Americana*, o presidente Pedro José da Costa Barros, coronel graduado da artilharia de marinha e desembarca no dia seguinte. Sob a presidencia do ouvidor interino, J. Marcellino de Brito, reuniu-se a Camara e elegeu seis conselheiros de governo, a saber: Alencar, José Felix de Azevedo e Sã, vigario Antonio

José Moreira, Manoel do Nascimento Castro Silva, capitão Joaquim José Barbosa, Tristão e o coronel Vicente Alves da Fonseca com igual numero de votos.

Declarou decahida a junta provisoria, e á noite foi empossado Costa Barros.

Deposta a junta, passou para a povoação de Arronches, acompanhada de Filgueiras, que tratou de reunir tropa para marchar sobre a capital.

Costa Barros, vendo que nenhuma razão assistia aos liberaes para desconfianças e suspeitas, desde que tinham uma garantia em Filgueiras, nomeado commandante das armas, com honras de brigadeiro, depois de haver proclamado aos cearenses, assegurando as boas intenções de D. Pedro, se dirigiu a Arronches, afim de conferenciar com Tristão e Filgueiras, sabidamente revoltados já.

A camara, depois dessa conferencia, considerou nullo tudo quanto havia feito e perante a junta ratificou ao presidente o juramento e a posse (18 de abril).

Esse proceder de Costa Barros, que era uma prova de querer plantar na provincia uma politica de ordem, de moderação e de concordia, parece que devia tirar todo pretexto a hostilidades, todo motivo a desgostos e queixas, e no entanto foi de curta duração o periodo de paz e resignação.

Chegaram á capital emissarios do governo revolucionario em Pernambuco, e Manoel de Carvalho incitava Tristão e Filgueiras a adherir á republica.

Com effeito, elles logo partiram para a villa do Aquiraz a reunir gente.

Emquanto isto se dava, o official nomeado por Filgueiras para commandar a força existente na capital

prendia o ouvidor interino Marcellino de Brito e os conservadores mais importantes.

O presidente estava reduzido à inacção.

Voltando no dia 28 do Aquiraz Tristão e Filgueiras, é no dia seguinte justificada a revolução em sessão da camara, deposto Costa Barros, sem resistencia, e mandado seguir para o Rio com os prisioneiros politicos, entre os quaes Joaquim José Barbosa e João Facundo.

Tristão, eleito presidente temporario, trata activamente, não só de propagar as idéas republicanas, como de alistar e distribuir forças para acabar com as resistencias, que houvesse pelo interior e guarnecer as costas para repellir a invasão, que, segundo corria, se preparava e viria de Portugal.

Tudo disposto, declarados Tristão presidente, Filgueiras commandante das armas, reune-se em palacio um grande conselho e perante elle proclama-se a republica. Juram-n'a 455 cidadãos dos mais notaveis.

Foi adoptada provisoriamente, a exemplo do que se fizera em Pernambuco, a constituição da Colombia para reger a republica.

Os partidos nas provincias se transformaram logo em imperialistas e republicanos, e por toda a parte e cada dia feriam-se combates cruentos.

A Manoel de Carvalho não corriam bem os negocios em Pernambuco; grandes eram os apertos e difficuldades em que se via, e para amparal-o resolve Tristão enviar Filgueiras com o maior contingente de tropas que pudesse organizar no Crato, para onde seguiu a 3 de setembro, levando as forças regulares que havia na capital.

Por onde passou, foi impondo o governo republicano e fazendo fugir os imperialistas.

Os do Icó refugiaram-se na serra do Camará.

Do sitio S. Paulo partiu para o Jardim, onde se dizia haverem os imperialistas matado a ferro frio a todos os republicanos. No dia 1º de Outubro, em vingança, foi também grande o numero dos imperialistas sacrificados.

Marchou sobre Pernambuco no dia 8 o exercito de Filgueiras, composto de uns 2 mil homens, dividido em tres corpos.

Acompanharam-n'o os deputados à Constituinte, que devia se reunir no Recife para accordar nas bases da constituição da republica.

Eram elles: Luiz Pedro de Mello Cesar, José Francisco de Gouveia Ferraz, José Ferreira Lima Sucupira, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Joaquim da Costa Alecrim, e os padres Manoel Pacheco Pimentel, José da Costa Barros Jaguaribe e José Martiniano de Alencar.

A estrada que seguiam e que atravessava parte da Parahyba, estava tomada com postos avançados, enviados pelos imperialistas do Rio do Peixe (villa da Parahyba) limitrophe com a do Icó, os quaes por meio de guerrilhas dizimaram fortemente o exercito republicano.

Chegado este ao Brejo das Freiras e informado de que de nada mais servia a sua presença no Recife, contramarchou para o Icó e d'alli para o Crato, sempre perseguido pelos bandos de Pinto Madeira e do Rio do Peixe.

A noticia da derrota dos republicanos em Pernambuco e proxima chegada de lord Cochrane ao Ceará

precipitaram os acontecimentos. Eram innumeradas as deserções á causa republicana, e já o Aracaty, Russas, Inhamum, Viçosa, Icó e Crato acclamavam D. Pedro I e juravam a Constituição. No Icó estabeleceu-se um governo temporario, que ficou conhecido entre o povo por *commissão matuta*.

Julgava do modo summario os republicanos e os condemnados eram immediatamente fuzilados, no meio da rua. Compuzeram-n'a o vigario Philippe Benicio Mariz, presidente, padre Manoel Philippe Gonçalves, secretario, João de Araujo Chaves, Henrique Luiz Pedro de Almeida e João André Teixeira Mendes, vogaes.

Na sua marcha para o Crato o exercito republicano exterminou, no lugar *Emboscadas*, um corpo de imperialistas do Jardim e ao grosso do exercito infligiu tambem completa derrota, proximo á Missão Velha.

Tristão, que na capital sentia que a republica estava anniquilada, apesar de achar-se cercado de homens ambiciosos, sem coragem, que antes de tudo desejavam pôr-se fóra do perigo, não desanimava todavia.

Entregando a capital ao coronel José Felix de Azevedo e Sá, ordenou a Antonio Bezerra, que fosse suffocar uma revolta na *Uruburetama*, e para o Aracaty partiu a restaurar o regimen republicano, abolido por Luiz Rodrigues Chaves.

Tudo em pura perda.

Tristão, chegando á margem direita do Jaguaribe, mandou que sua artilharia varresse a cidade, que os imperialistas haviam abandonado, mas estes a ella voltaram tão depressa aquelle chefe se retirou.

Já na capital lord Cochrane, que ali chegara a 18 de outubro, com parte de sua esquadra, se entendia com José Felix, proclamava D. Pedro I e chamava os cearenses á concordia. Estava dissolvida a republica.

Chegando essa noticia ao Aracaty, as forças de Tristão se reduziram consideravelmente, mas, mesmo assim, elle, que recebera intimação para render-se, não quiz fazel-o.

Impossivel lhe era regressar á capital ou manter-se no Aracaty. Resolveu então unir-se ao exercito de Filgueiras, e, seguindo pela varzea do Jaguaribe, chegou á Santa Rosa a 30 de outubro, já muito reduzida a sua tropa.

Proseguindo na marcha, no dia seguinte pela manhã, foi envolvido pelas forças imperialistas de Amorim e José Leão da Cunha Pereira, vendo-se abandonado de quasi toda sua gente, que se negou a carregar sobre o inimigo e fazer fogo.

Fugindo, é Tristão assassinado por José Leão, á pequena distancia do campo da batalha.

Seu cadaver ficou insepulto por alguns dias, e o que é mais, mutilado e objecto do motejo da canalha!

Filgueiras, com o fim de apresentar-se ao Imperador, passou-se para o Exú, e dali empreheudeu a viagem por terra, pelos sertões da Bahia e de Minas até o Rio de Janeiro. Confiou-se á guarda do capitão Raymundo de Araujo Bezerra, que fora seu commandado em Caxias, mas não logrou o seu intento.

Morreu em viagem.

Estava finda a republica do Equador.

O que se seguiu a essa quadra de vertigens e de tempestades horrorosa.

Suspenderam-se as garantias constituicionaes, e a uma commissão militar se encarregou o julgamento dos compromettidos na causa republicana. Vieram o recrutamento, a sêcca e a peste como que aniquilar de uma vez a provincia. Tudo conspirava para sua destruição.

A 22 de abril a commissão iniciou os seus trabalhos, que terminaram a 20 de junho.

Compunham-n'a : tenente-coronel Conrado Jacob de Niemeyer, como presidente, ouvidor Manoel Pedro de Moraes Meyer, como relator ; e vogaes : major Queiroz Carreira e capitães Cabral, Sabino e Bloem.

A 30 eram executados o coronel João de Andrade Pessoa *Anta* e padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque Mello *Mororó*, secretario de Tristão.

A 7 de maio Francisco Miguel Pereira *Ibiapina*, a 16 o major Luiz Ignacio de Azevedo Bolão ; a 28 Feliciano José da Silva Carapinima, secretario que fôra de Rubim.

Tal horror inspiraram essas execuções aos proprios presidentes das commissões militares de Pernambuco e do Ceará, que chegaram a interceder em favor dos implicados na rebellião.

Seguindo o exemplo do coronel Francisco de Lima e Silva, presidente da commissão militar de Pernambuco, Conrado Niemeyer, em officio de 19 de maio, se dirigiu ao governo, em favor dos infelizes cearenses, que arruinados pela guerra civil, ainda tinham que lutar com uma sêcca horrorosa e com todo o seu funesto cortejo.

Eis o trecho de seu officio :

« Clemencia, Senhor, só um geral e generoso perdão é o mais efficaz e unico balsamo, que poderá cicatrizar tão profundas chagas ; e continuas remessas de viveres é que poderão salvar a provincia do abysmo de sua total aniquilação. »

Tardio o perdão; comtudo, ainda aproveitou a muitos dos que em sonhos entreviram a republica do Equador.

FIM

CHOR

de Lactis

Instrumenti -

Stipula

Umbra

Asper

Tempus

Plurimum

Ratio in M

Locus

Qua in M

De

Stratus

Mores -

Ratio in M

Epistola

Ratio in M

Ratio in M

CHOROGRAPHIA DO CEARÁ

INDICE

	Pags.
AO LEITOR	v
INTRODUÇÃO.— Noções preliminares.....	vij

CHOROGRAPHIA PHYSICA

Situação ou posição astronomica.— Limites....	1
Dimensões	2
Aspecto physico.....	3
Orographia.....	5
Potamographia.— Bacias de SE	13
Bacias de NO.....	17
Lagôas	20
Costa, sua direcção, pontas e portos.....	21
Ilhas.....	32
Estructura geologica.....	33
Mineraes.— Rochas de origem ignea.....	49
Rochas de origem sedimentar.....	51
Especies mineraes não metalliferas.....	58
Pedras communs para joias.....	62

	Pags.
Jazidas metallíferas.— Mineraes de ferro.....	63
Mineraes de cobre	67
» de chumbo.....	<i>ib.</i>
» de zinco.....	68
» de antimonio	69
» de mercurio.....	<i>ib.</i>
» de prata.....	70
» de ouro.....	71
Aguas mineraes.....	74
» thermaes	<i>ib.</i>
» sulphurosas	<i>ib.</i>
» gazosas.....	<i>ib.</i>
» ferreas.....	75
Flora	76
Fauna.....	84
Clima, temperatura media, estações, ventos dominantes.....	87
Salubridade, epidemias e molestias reinantes...	107

CHOROGRAPHIA POLITICA

Divisão politica.....	113
» administrativa	122
» ecclesiastica	126
» judiciaria.....	131
Instrucção publica.— Primaria.....	136
Secundaria.....	137
População.....	143
Industrias: Pastoril.....	150
» extractiva.....	155
» agricola.....	157

INDICE

321

	Pags.
Industria fabril e manufactureira.....	166
Commercio e navegação.....	167
Estradas de ferro.....	174
Estrada de Baturité	175
» de Sobral.....	177
Linhas telegraphicas.....	178
Porto da Fortaleza.....	179

TOPOGRAPHIA

Cidades.....	182
Villas.....	202
Povoações	228

ESBOÇO HISTORICO

O Ceará antes de ser colonisado.....	247
Tentativas de colonisação. — Fundação.....	248
Ocupação pelos hollaudezes.....	263
Como se povoou.	271
Governo civil.....	278
Grandes seccas.....	285
Capitania independente.....	290
No tempo de Rubin e das juntas governativas.	298
A independencia.....	304
Expedição ao Piauhy.....	306
Dissolução da constituinte.....	307
Republica do Equador.....	309

Na pag. 46. ...
Linha: ...
Pag. 128. ...
Conceito de ...
Sessão de 1781.
Linha: ...
patrias parciais.
de 5 de Setembro de ...
da paróquia ...
risão de 12 de ...
Pag. 137. ...
risão a 1.184 ...
de a 1.188 de ...
Linha: ...
cil a 47 de 11 de ...
de Vila de ...
de 1879; ...
pela lei a 1.189 ...
Pag. 138. ...
risão, ...
Linha: ...
Pag. 139. ...
Linha: ...
Pag. 140. ...
Linha: ...

CORRIGENDA

Na pag. 45, linha 16 ; em lugar de : Cabloco ;

Leia-se : Caboclo.

Pag. 126, linha 20 ; em lugar de : Nossa Senhora da Conceição do Acarahú, creada por provisão de 12 de Setembro de 1766 ;

Leia-se : Nossa Senhora da Conceição do Acarahú (outr'ora parochia da Barra do Acaracú) por decreto de 5 de Setembro de 1832 (comprehendendo o territorio da parochia supprimida da Almofala, creada por provisão de 12 de Setembro de 1766).

Pag. 187, linha 13 ; em lugar de : Villa por lei provincial n. 1.814 de 22 de Janeiro de 1879 ; cidade pela de n. 2.019 de 16 de Setembro de 1882 ;

Leia-se : Villa da Barra do Acaracú pela lei provincial n. 475 de 31 de Julho de 1849 e com a denominação de villa do Acarahú pela de n. 1814 de 22 de Janeiro de 1879 ; cidade com a mesma denominação de Acarahú pela lei n. 2.019 de 16 de Setembro de 1882.

Pag. 196, linha 6 : em lugar de : E' villa por lei provincial, etc.

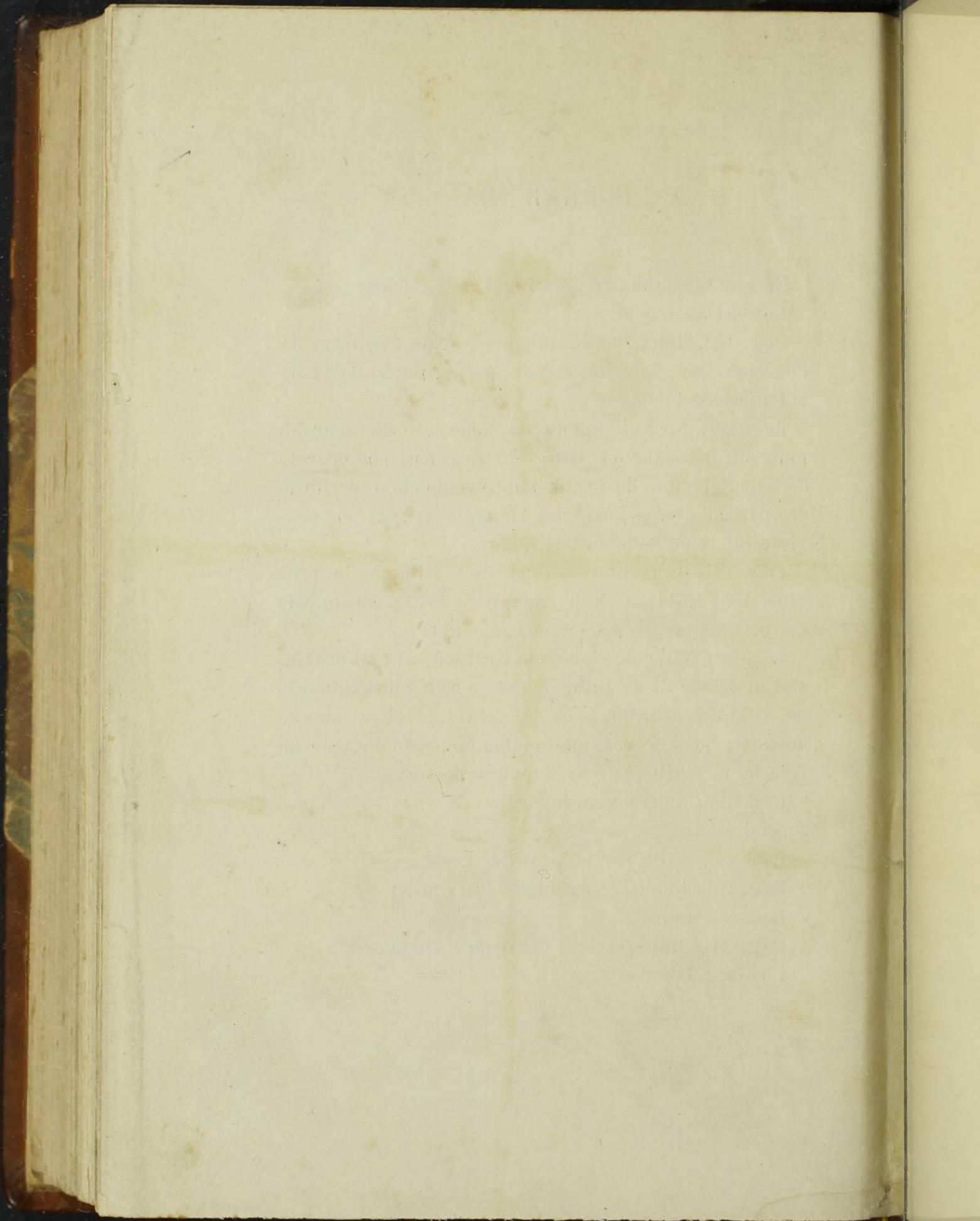
Leia-se : Villa por lei provincial, etc.

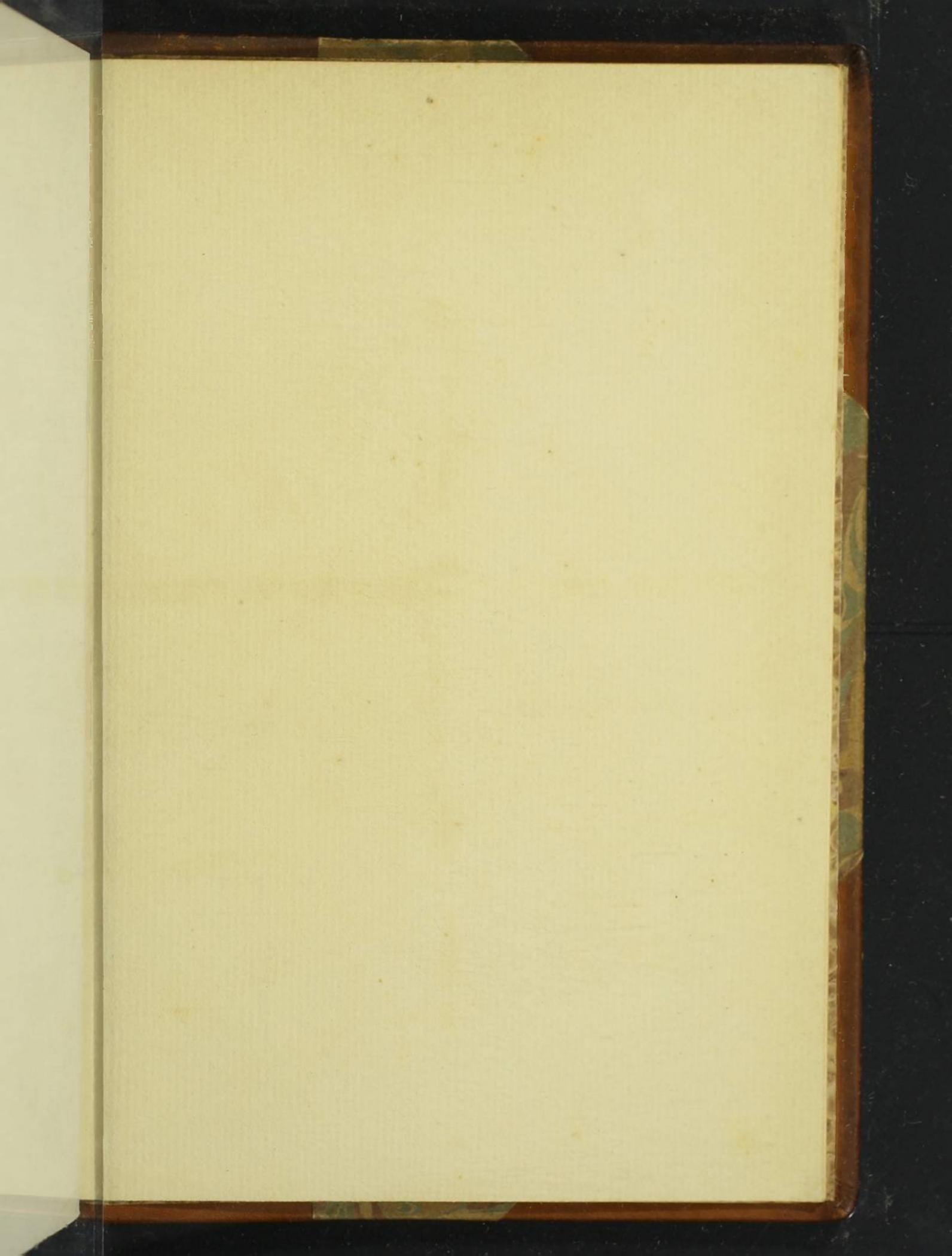
Pag. 229, linha 17 ; em lugar de : Duas ;

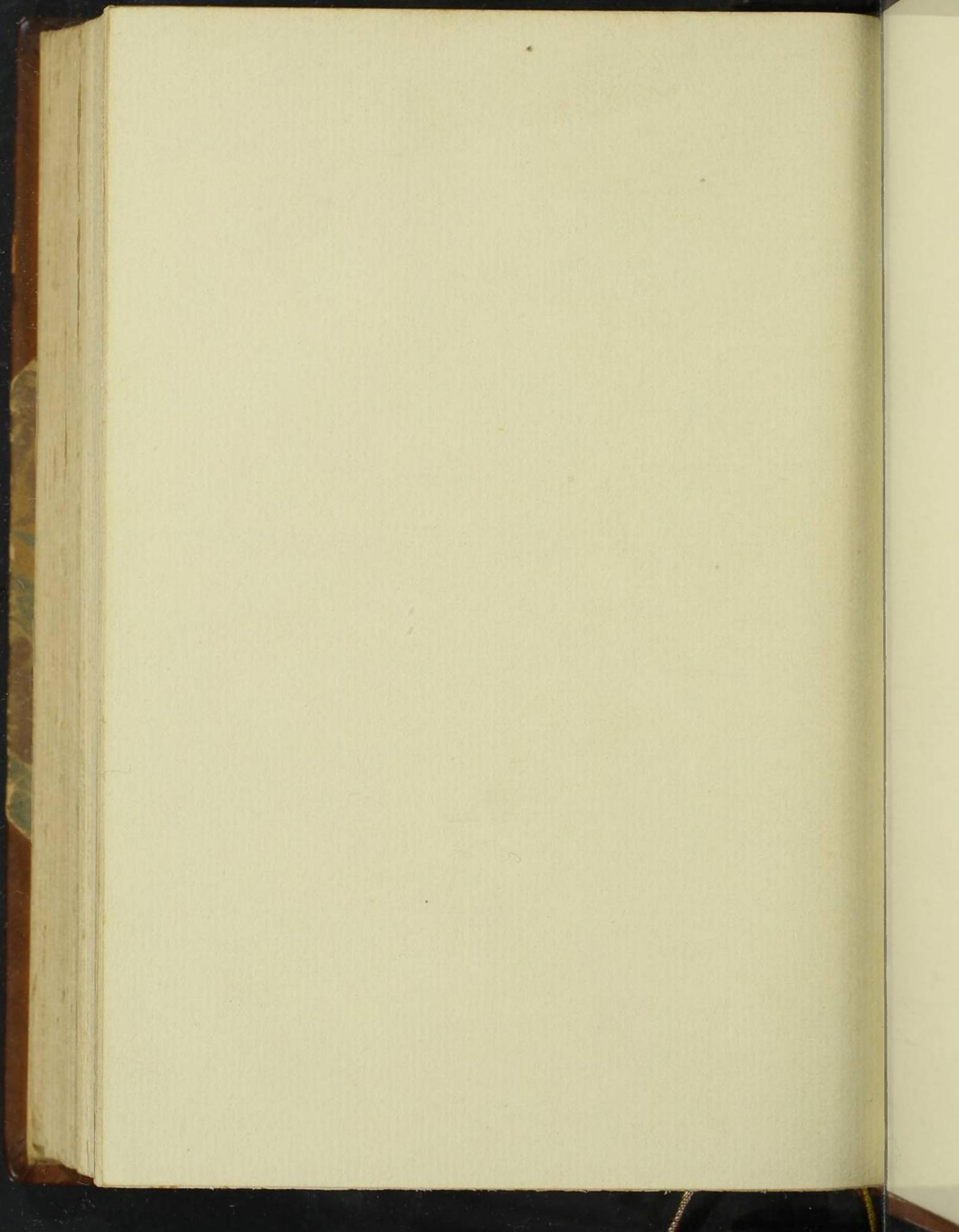
Leia-se : Dunas.

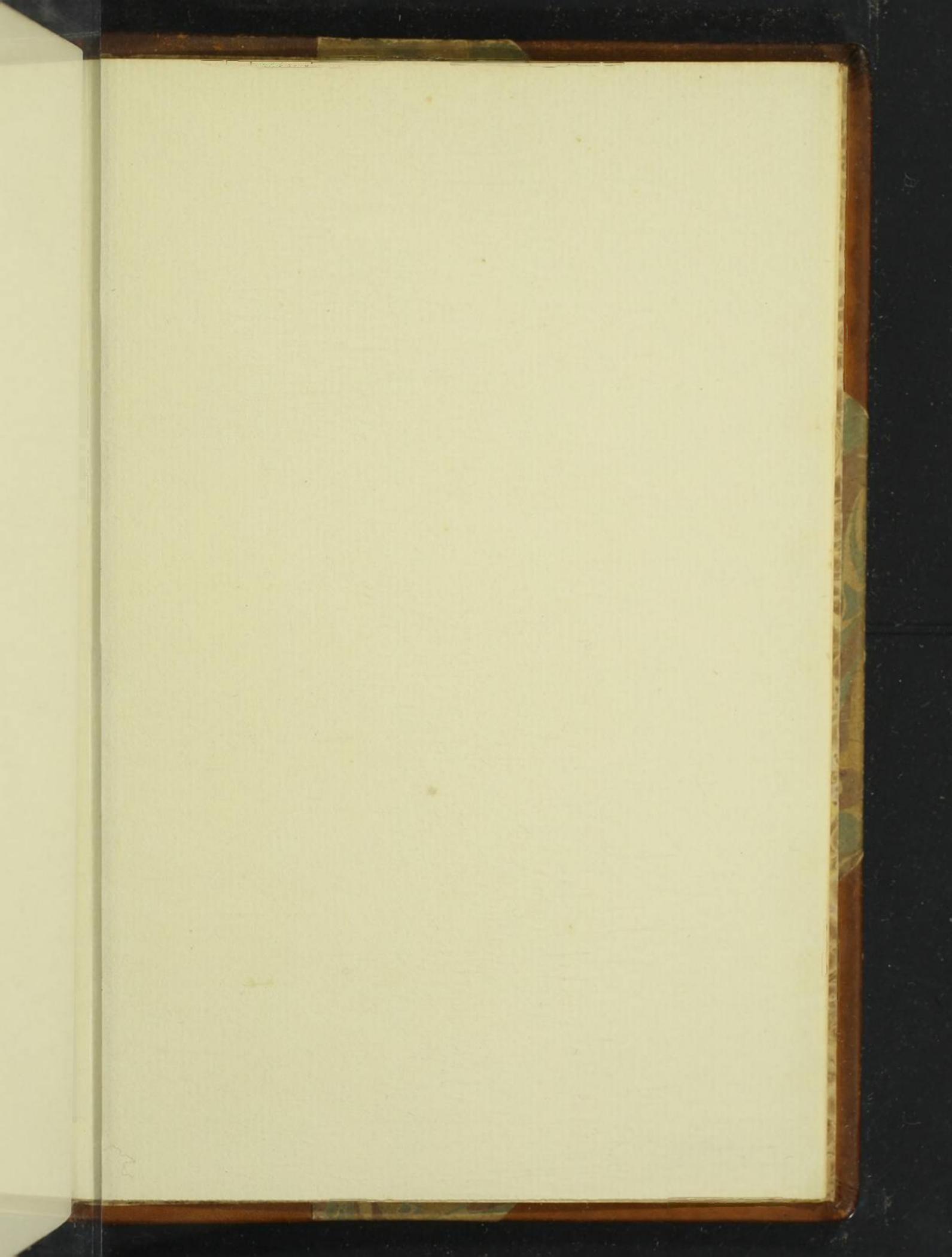
Pag. 241, linha 11 ; em lugar de : Caixassóo.

Leia-se : Caixassó.









17589

